

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A
IMPLEMENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE
TUTORIA NO DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO
CURRICULAR EM CURSOS DE LICENCIATURA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Liane Batistela Kist

Santa Maria, RS, Brasil
2007

**LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO
DE UMA PROPOSTA DE TUTORIA NO
DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR EM
CURSOS DE LICENCIATURA**

Por

Liane Batistela Kist

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a
obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Orientador: Prof. Dr. Eduardo A. Terrazzan

Santa Maria, RS, Brasil
2007

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

**LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA
PROPOSTA DE TUTORIA NO DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO
CURRICULAR EM CURSOS DE LICENCIATURA**

elaborada por
Liane Batistela Kist

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Eduardo A. Terrazzan, Prof. Dr. – UFSM
(Presidente/Orientador)

Stela Conceição Bertholo Piconez, Prof.^a Dr.^a - USP

Hugo Norberto Krug, Prof. Dr. – UFSM

Santa Maria, Agosto de 2007.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Eduardo A. Terrazzan, pelo convite para participação nos seus projetos de pesquisa, pela disponibilidade em participar comigo nessa caminhada, pelas oportunidades de reflexão, de crescimento profissional e de aprendizagem, pelas condições de trabalho oferecidas, pela preocupação em realizar um trabalho de qualidade... meu carinho, meu respeito, minha admiração.

Aos professores Hugo Krug, Stela Conceição Bertholo Piconez e Maria Inês de Freitas Petrucci, pela disponibilidade em contribuir com meu trabalho mediante valiosas sugestões e considerações.

Aos colegas do PPGE: Sônia Regina Pinheiro, pela sua amizade, atenção em ouvir, disponibilidade em ajudar, pelo carinho e pela compreensão... muito obrigada e o desejo de ter correspondido à altura; Sônia Suzana Weber, por dividir conosco os momentos difíceis, pelo carinho e companheirismo; Thaís Pagliarini e Sandra Rocha, que nos antecederam nesta jornada acadêmica, dividindo dúvidas, incertezas, realizações e conquistas. À Daiana Braga, pelas preciosas considerações, sugestões e pela ajuda decisiva na finalização deste trabalho de pesquisa, meu eterno e especial agradecimento. Aos colegas que nos sucederam – Sandra Agostini, Fabiana Fernandes, Paulo Roberto Rodrigues, obrigada pelo respeito, carinho, ajuda e companheirismo. À Edna Dutra e à Andréia Meneghetti, que também participaram desse trabalho, à Margarete Lichtenecker, à Daiane Pinheiro e aos colegas da sala 3289 e do NEC, minha gratidão e o desejo de sucesso profissional e, sobretudo, de realização pessoal.

Às professoras Mary Ângela Amorin e Naida Lena Pimentel, pela troca de experiência profissional e pessoal e pelas contribuições e sugestões feitas no início deste trabalho de pesquisa e pelo apoio especial nos momentos difíceis.

Aos docentes orientadores de EC - professores do MEN -, aos professores de EEB e aos estagiários de Licenciatura, os quais se dispuseram a colaborar e contribuir com esta pesquisa.

À UFSM e ao PPGE, pela oportunidade de ter feito uma pós-graduação numa instituição pública e comprometida com a qualidade.

À minha família – minha avó, meus tios, minhas irmãs, primos, ao Tiago e seus familiares -, pelo amor, pelo apoio, segurança, estímulo, sacrifícios, orgulho e certeza de estarem comigo em qualquer decisão e caminho a seguir.

A todos os amigos que compreenderam minha ausência, minha dedicação e meu compromisso com este trabalho de pesquisa.

Aos colegas de trabalho e aos meus alunos, pela consideração, apoio e incentivo ao longo desta caminhada.

A Deus, pela força, pela coragem, por ter me guiado pelos caminhos certos.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma nestes dois anos e meio. Sem a ajuda e a compreensão de todos, não chegaria ao final desta etapa.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE TUTORIA NO DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR EM CURSOS DE LICENCIATURA

Autora: Liane Batistela Kist
Orientador: Prof. Dr. Eduardo A. Terrazzan
Santa Maria, 10 agosto de 2007

Esta investigação teve como objetivos contribuir com a construção de alternativas para o processo de organização, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação de EC em Cursos de Licenciatura que estejam articulados à experiência resultante da atuação de um professor em serviço bem como identificar características pertinentes à organização, ao desenvolvimento, ao acompanhamento e à avaliação de EC em Cursos de Licenciatura que permitam a articulação e o atendimento a necessidades de diferentes ordens, tais como, legislação vigente, características das IES e necessidades dos sistemas de ensino. Nossa investigação partiu do estudo dos limites e das possibilidades de uma ação tutorial do professor de Escola de Educação Básica junto ao desenvolvimento dos EC em cursos de Licenciatura. Para tanto, nos propusemos a desenvolver uma pesquisa qualitativa, pautada num estudo desenvolvido a partir da formação de Grupos de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular (GTDACEC), os quais contaram com a participação de professores regentes de classe de EEB, por nós denominados de tutores, alunos de Licenciatura em situação de EC e Docentes Universitários (Orientadores de Estágio). Cada GT formado teve como tarefa reunir-se periodicamente com o professor tutor e o estagiário e mensalmente com todos os envolvidos. E para que pudessem fornecer informações sobre o trabalho de tutoria desenvolvido, propusemos um conjunto de instrumentos de pesquisa, tais como: atas das reuniões periódicas dos GT, pareceres mensais tanto do estagiário quanto do tutor e do orientador e entrevistas. Para o estudo proposto nessa investigação, formamos dez (10) GT e utilizamos um conjunto de cento e nove (109) instrumentos bem como dezenove (19) entrevistas. A partir da análise dos dados coletados nos diferentes instrumentos, foi possível perceber que o trabalho de tutoria proporcionou algumas vantagens para o desenvolvimento do EC, tais como, segurança, troca de experiência, avaliação tranquila e produtiva e acompanhamento compartilhado entre todos os envolvidos com o desenvolvimento do EC, etc. E também alguns limites, tais como, dificuldades dos professores de EEB em estabelecer critérios para observação e orientação dos estagiários, desvalorização da carreira docente no que tange à garantia de horários não só para os estagiários realizarem seus EC como para os professores de EEB fazerem um acompanhamento efetivo e produtivo para ambas as partes, entre outros.

Palavras-chave: Formação Inicial de Professores, Estágio Curricular, Tutoria

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA
PROPOSTA DE TUTORIA NO DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO
CURRICULAR EM CURSOS DE LICENCIATURA
(LIMITATIONS AND POSSIBILITIES FOR A TUTORIAL PROPOSAL IMPLEMENTATION IN
THE CURRICULAR TRAINING DEVELOPMENT IN LICENSE COURSES)

Author: Liane Batistela Kist
Adviser: Prof. Dr. Eduardo A. Terrazzan
Santa Maria, 10 agosto de 2007

This investigation had as objectives to contribute with the construction of the alternatives for the organization, development, follow-up and evaluation process of the CT (Curricular Training) in the License Courses which are articulated to the resulting experience from the teaching professional performance, in service as well as identifying the characteristics concerning the organization, the development, the follow-up and the evaluation of the CT in Licensing courses which allow the articulation and the different orders necessity attendance, such as current legislation, the formation agencies characteristics and the education system necessities. Our investigation started from the tutorial action limitations and possibilities study of the teacher in a Basic Education School – *Escola de Educação Básica (EEB)* - along the CT development in Licensing courses. For that, we proposed ourselves to develop a qualitative research, based on a developed study from the Work Group for the Curricular Training Shared Development and Attendance - *Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular (GTDACEC)*, which were part the class ruling teachers of EEB, denominated tutors by us, License students in CT situation and university professors (Training Counselors). Each formed GT had as task to gather periodically with the tutoring teacher and the trainee and monthly with all hose involved. And so that they could provide data about the developed tutorial work, we proposed a research instrument set, such as: GT periodical meeting reports, monthly reports from the trainee as well as the tutor and interviews. For the proposed study in this investigation, we formed ten (10) GT and used a one hundred and nine (109) instrument set as well as nineteen (19) interviews. From the collected data analysis in the different instruments, it was possible to notice that the tutorial work provided some advantages for the CT development, such as, security, knowledge exchange, serene and productive evaluation and shared attendance among all the involved with the CT development, etc. And also some limitations, such as, difficulties among the EEB teachers in establishing observation and guidance criteria of the trainees, educational career devaluing concerning schedule guarantee not only for the trainees to carry out their CT but also for the EEB teachers to make an effective and productive attendance for both parts among others.

Key words: Initial Formation of the Teachers, Curricular Training, Tutoring

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Relação de instrumentos de pesquisa e respectivas questões utilizadas para a análise dos mesmos.....	62
TABELA 2 -	Descrição dos GT formados no 2º semestre/2004.....	69
TABELA 3 -	Descrição dos GT formados no 1º semestre/2005.....	71
TABELA 4 -	Descrição dos GT formados no 2º semestre/2005.....	73
TABELA 5 -	Descrição dos GT formados no Ensino de Física.....	75
TABELA 6 -	Descrição dos GT formados no Ensino de Matemática.....	76
TABELA 7 -	Demonstrativo geral dos instrumentos coletados nos GT Ensino de Física.....	78
TABELA 8 -	Demonstrativo geral dos instrumentos coletados nos GT Ensino de Matemática.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANFOPE -	Associação Nacional pela Formação do Profissional da Educação
ANPEd -	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
COTESC -	Condicionantes para Tutoria Escolar no Estágio Curricular Supervisionado: Articulando Formação Inicial e Continuada de Professores
CNE -	Conselho Nacional de Educação
CNE/CP -	Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno
CONARCFE -	Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador
DIPIED	Dilemas e Perspectivas para a Inovação Educacional na Educação Básica e na Formação de Professores
EEB -	Escola de Educação Básica
EC -	Estágio Curricular
EL CAP -	Curso de Ciências para Educação Secundária
FORUMDIR -	Fórum de Diretores das Faculdades/ Centros de Educação das Universidades Públicas do País
GT -	Grupo de Trabalho
GTDACEC -	Grupos de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular
IES -	Instituição de Ensino Superior
INEP -	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB -	Lei de Diretrizes e Bases
MEC -	Ministério da Educação e Desporto
MEN -	Departamento de Metodologia de Ensino
NEA -	Núcleo de Estudos de Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores – Ensino Presencial e Educação à Distância- FEUSP
PNE -	Plano Nacional de Educação
RBE -	Revista Brasileira de Educação
UERJ -	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFSC -	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM –	Universidade Federal de Santa Maria
URI -	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai
USP -	Universidade de São Paulo

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 -	Roteiro para entrevista com tutores que participaram dos GT Ensino de Física e Matemática.....	140
APÊNDICE 2 -	Roteiro para entrevista com estagiários que participaram dos GT Ensino de Física e Matemática.....	144
APÊNDICE 3 -	Modelo de mensagem eletrônica utilizada na devolução das entrevistas.....	148
APÊNDICE 4 -	Orientações estabelecidas para o desenvolvimento dos GT no âmbito do projeto COTESC (2º semestre/2004).....	150
APÊNDICE 5 -	Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT formados no 2º semestre/2004.....	152
APÊNDICE 6 -	Orientações estabelecidas para o desenvolvimento dos GT no âmbito do projeto COTESC (1º semestre/2005).....	154
APÊNDICE 7 -	Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT formados no 1º semestre/2005.....	157
APÊNDICE 8 -	Conjunto de instrumentos de pesquisa utilizados junto aos GT no âmbito do projeto COTESC (2º semestre/2005).....	159
APÊNDICE 9 -	Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT formados no 2º semestre/2005.....	166
APÊNDICE 10 -	Conjunto de instrumentos de pesquisa utilizados junto aos GT no âmbito do projeto DIPIED (1º semestre/2005).....	168
APÊNDICE 11 -	Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT Ensino de Física/2006.....	183

APÊNDICE 12 -	Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT Ensino de Matemática/2006.....	185
APÊNDICE 13 -	Modelo de Transcrição de Reunião Geral de GT Audiogravada.....	187
APÊNDICE 14 -	Modelo de Transcrição de Entrevista com Tutores de GT.....	218
APÊNDICE 15 -	Modelo de Transcrição de Entrevista com Estagiários de GT.....	223
APÊNDICE 16 -	Modelo de Tabulação dos Instrumentos de Pesquisa Utilizados junto aos GT/2006.....	235
APÊNDICE 17 -	Tabulação dos dados dos instrumentos de pesquisa conforme as questões a que se destinaram.....	262

SUMÁRIO

Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Lista de Tabelas.....	viii
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	ix
Lista de Apêndices.....	xi
Apresentação.....	01
Considerações Iniciais.....	05
Capítulo I: O Estágio Curricular na Formação de Professores e o Regime de Tutoria.....	11
1. A Formação de Professores como Campo de Formação e de Pesquisa.....	12
1.1. A Formação Inicial de Professores: Fundamentos e Reflexões.....	21
2. O Estágio Curricular como Componente dos Cursos de Formação de Professores.....	26
2.1. O Estágio Curricular e as Atuais Normativas Legais.....	30
3. A Tutoria no Estágio Curricular.....	33
4. A Coletividade, a Cooperação e a Importância do Diálogo no Desenvolvimento da Tutoria.....	43
Capítulo II: Trajetória Metodológica Percorrida.....	49
1. Marco Inicial da Pesquisa: Objetivos, Problema e Questões de Pesquisa.....	49
2. Caracterização da Pesquisa: Abordagem Qualitativa.....	52
3. Fontes e Instrumentos de Coleta de Informações Utilizados.....	55
3.1. Fontes de Informação.....	55
3.2. Instrumentos de Pesquisa Utilizados.....	55
3.2.1. Atas das Reuniões dos GT.....	56

3.2.2. Pareceres sobre o Trabalho de Tutoria.....	57
3.2.3. Entrevistas.....	59
4. Tratamento das Informações Coletadas.....	60
Capítulo III: A experiência da Tutoria no Desenvolvimento e Acompanhamento de Estágio Curricular.....	64
1. A formação dos primeiros GT.....	68
2. GT formados no âmbito do projeto DIPIED.....	74
3. Apresentação dos dados coletados nos GT.....	78
3.1. Aspectos característicos nas avaliações dos professores de EEB sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de EC num regime de tutoria.....	79
3.2. Aspectos característicos nas avaliações dos estagiários de Licenciatura sobre os professores de EEB que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de EC num regime de tutoria.....	83
3.3. Aspectos principais que caracterizam os encontros entre professores de EEB e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de EC num regime de tutoria.....	87
3.4. Dificuldades comumente encontradas pelos professores de EEB que recebem estagiários de Licenciatura durante o desenvolvimento e o acompanhamento de EC num regime de tutoria.....	94
3.5. Dificuldades comumente encontradas por estagiários de Licenciatura no desenvolvimento de seus EC e a articulação do trabalho de tutoria no enfrentamento delas.....	97
3.6. Aspectos característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de EC em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de Licenciatura - envolvidos nesse processo.....	103
Capítulo IV: Limites e Possibilidades para o Desenvolvimento da Tutoria:	
Conclusões e Reflexões	117
1. Possibilidades de Funcionamento do Regime de Tutoria.....	119
2. Limites de Funcionamento do Regime de Tutoria.....	123

Considerações Finais.....	129
Referências Bibliográficas.....	133
Bibliografia Consultada	138
Apêndices.....	139

APRESENTAÇÃO

Ingressei na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no ano de 1996, como aluna do curso de Licenciatura em Letras. Cursei todas as disciplinas obrigatórias e ainda as chamadas, na época, disciplinas optativas, cuja carga horária deveria ser igual ou superior a 750 horas. Foi, no entanto, a disciplina de Prática de Ensino – disciplina dirigida à realização do Estágio Curricular (EC)¹ - uma das que mais me despertou interesse. Ao cursá-la, percebi o quanto era fundamental que, num curso de Formação de Professores, houvesse uma preparação mais sólida para as questões de sala de aula e, sobretudo, uma experiência e um contato maior com as escolas, nosso futuro campo profissional. Para minha frustração, fiz meu EC num período de 30 horas - apesar de constar em meu histórico escolar uma carga horária de 300 horas - e ainda dividindo a experiência da docência com outra colega de curso, uma vez que nossa turma era numerosa e não havia vagas de EC para todos os alunos nas Escolas de Educação Básica (EEB) de Santa Maria.

Com o diploma de professora licenciada em Letras comecei a lecionar em várias instituições, entre elas, escolas privadas de ensino médio e cursos preparatórios para concursos públicos. Entretanto, nunca esqueci o desejo de um dia poder atuar como professora de Prática de Ensino e, então, atuar de maneira diferente daquela que havia, até então, considerado equivocada, isto é, desenvolver o EC em dupla, em 30 horas apenas, permitir turmas com 50 alunos para estagiar, etc.

¹ A título de esclarecimento, utilizamos ao longo de todo o texto apenas a expressão Estágio Curricular (EC) ao invés de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) como comumente consta na legislação desse assunto e em algumas bibliografias especializadas. Assumimos essa posição por considerarmos que há necessidade de estudos que sinalizem as possibilidades e os mecanismos de acompanhamento do trabalho do estagiário, tanto por parte das IES como das EEB. Nesse sentido, para não cairmos ou retornarmos a uma visão tradicional da “supervisão” realizada apenas pelas IES, quase como uma forma de “influência” das IES numa outra instituição que não lhe está subordinada, ou seja, a EEB, preferimos não especificar nesse momento um qualificativo para este acompanhamento. Na nossa proposta tanto o professor responsável por parte da IES (orientador dos estagiários) como o professor da turma de estágio (tutor do estagiário) acompanham, avaliam individualmente e, em conjunto, o trabalho do estagiário. Poderíamos dizer, então, que, neste caso, ocorre uma dupla supervisão de modo articulado.

Para minha surpresa, contudo, no ano de 2003, a professora titular da cadeira de Prática de Ensino do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) da UFSM aposentou-se e, lembrando do meu desejo de ocupar a sua vaga, avisou-me que haveria concurso para professor substituto com vistas a preencher a vaga deixada por ela. Então, para minha alegria, prestei o concurso, juntamente com outros colegas, e fui aprovada em primeiro lugar, atuando como professora substituta no MEN da UFSM durante um período de dois anos (2003-2005), tempo máximo permitido para esse tipo de contrato.

Como professora substituta, fui contratada para trabalhar 20 horas semanais e, neste curto espaço de tempo, atender às disciplinas de Didática e Prática de Ensino para os alunos do Curso de Licenciatura em Letras. As turmas eram numerosas, de 40 a 50 alunos, os horários disponíveis dos alunos eram escassos, pois, além do EC, cursavam mais cinco ou seis cadeiras. A coordenação do curso de Letras alocava o horário do EC aos sábados. Nem todas as EEB aceitavam estagiários, alegando problemas com estagiários anteriores: abandono de classe, incapacidade para dominar turma, ausência dos professores orientadores na escola para acompanhar o desenvolvimento do EC, etc. E as que dispunham de vagas, dificilmente tinham condições de alterar os horários das turmas para adequar aos horários disponíveis dos estagiários.

Como professora substituta, pude, então, sentir a alegria de realizar algo que havia desejado muito, porém e, principalmente, perceber que o processo todo não era tão simples como eu imaginava.

Como professora substituta, entretanto, também pude participar, a convite de um professor, colega do MEN na época, hoje meu orientador nesta jornada chamada mestrado, de um projeto de pesquisa intitulado “Condicionantes para Tutoria Escolar no Estágio Curricular Supervisionado: Articulando Formação Inicial e Continuada de Professores” (COTESC), desenvolvido numa parceria entre CE/UFSM e CED/UFSC.

Assim, através das experiências como professora substituta, da participação no projeto COTESC e, a seguir, no projeto “Dilemas e Perspectivas para a Inovação Educacional na Educação Básica e na Formação de Professores” (DIPIED), fui me questionando cada vez mais sobre a complexa relação universidade-escola, sobre o desenvolvimento do EC e fui também me sentindo encorajada a investigar e, quem sabe, poder contribuir de alguma forma com a Formação de Professores.

Mediante essa pesquisa, portanto, procurei encontrar caminhos que pudessem permitir a investigação de algumas inquietações relativas aos EC em Cursos de Licenciatura, em especial, investigar os modelos de EC existentes e investigar uma proposta que atenda às exigências legais e esteja em consonância com uma prática pedagógica capaz de formar professores mais engajados e encorajados na profissão que escolheram.

Na verdade, minha idéia inicial e central foi investigar uma proposta de tutoria para o desenvolvimento do EC de forma a compartilhar as responsabilidades sobre o mesmo entre Agências Formadoras e Unidades de Ensino, e, sobretudo de forma que os professores de EEB possam desempenhar o papel de tutores dos professores em formação.

Assim, minhas primeiras palavras, nesta investigação, dizem respeito ao contexto geral dos cursos de Formação de Professores – Licenciaturas - no Brasil e a situação dos EC a partir da explicitação desse entorno.

A seguir, por constituírem-se os EC em componentes obrigatórios das grades curriculares dos Cursos de Formação de Professores de Educação Básica, em nível de graduação, (RESOLUÇÃO CNE/CP 1, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2000), inicialmente, no capítulo I - O Estágio Curricular na Formação de Professores: Possibilidades para o Desenvolvimento da Tutoria -, fiz algumas considerações sobre a Formação de Professores, situando este campo não só como um espaço de prática social como também de prática investigativa. A seguir, em função de o EC fazer parte, mais especificamente da Formação

Inicial de Professores, relatei alguns aspectos sobre a Formação Inicial, sobretudo, no que diz respeito aos Cursos de Licenciatura.

No capítulo I, apresentei ainda, algumas considerações relativas à legislação sobre EC, isto é, em relação às últimas resoluções e pareceres referentes ao EC. Além disso, relatei também algumas questões referentes à tutoria e à importância da coletividade, da cooperação e do diálogo no desenvolvimento desse tipo de processo.

No capítulo II - Trajetória Metodológica Percorrida -, expus os objetivos bem como o problema e as questões de pesquisa, as etapas de desenvolvimento desta investigação, procurando não só descrevê-las como também fundamentá-las conforme referencial teórico da área. Neste capítulo, fiz uma breve caracterização da pesquisa, situando o tipo de abordagem utilizada, apresentando as fontes e técnicas de coleta de informações bem como os instrumentos e a proposta de tratamento das informações.

O capítulo III - A experiência da Tutoria no Desenvolvimento e Acompanhamento de Estágio Curricular - trouxe, na seqüência proposta, todo o trabalho sobre o regime de tutoria desenvolvido por nosso grupo de pesquisa não só no âmbito do projeto COTESC como também no projeto DIPIED. Além disso, este capítulo mostrou também os dados coletados nos diferentes instrumentos utilizados durante a realização da investigação sobre o regime de tutoria.

Já os resultados obtidos bem como as reflexões e as considerações sobre o trabalho de tutoria no desenvolvimento dos EC foram apresentados no capítulo IV - Limites e Possibilidades para o Desenvolvimento da Tutoria: Conclusões e Reflexões.

Nas considerações finais, procurei retomar alguns pontos discutidos ao longo dessa pesquisa bem como apontar algumas dificuldades encontradas e alguns encaminhamentos futuros.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, tem sido bastante comum vermos um aumento considerável na procura de vagas em cursos de Educação Superior. Na tentativa, em geral, de se colocar no mercado de trabalho de forma mais qualificada e com maiores chances de ascensão profissional, milhares de pessoas, jovens e adultos de todas as idades, têm buscado o acesso a esse nível de ensino.

Recentes dados do Ministério da Educação e Desporto (MEC), através do Censo da Educação Superior realizado em 2004 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apontam que em 2004 foram oferecidas 2.320.421 vagas pelo sistema de Educação Superior, 317.688 a mais que no ano anterior (aumento de 15,8%). Inscreveram-se para disputar essas vagas, no ano de 2004, 5.053.922 candidatos, 152.487 a mais que em 2003, representando um acréscimo de 3,1% na demanda por vagas. Efetivamente, ingressaram na educação superior 1.303.110 novos alunos, perfazendo um total de 4.163.733 matrículas².

Entre os cursos normalmente mais procurados, há que se observar um aumento na procura por cursos de Licenciatura, o que se justifica, pelo fato de serem cursos financeiramente mais acessíveis e em alguns casos, oferecidos à noite, possibilitando uma possível conciliação entre trabalho e estudo.

Com efeito, desde 1998 cresce em nosso país o número de IES, aumentando significativamente o número de cursos nas áreas com maior demanda. A área da educação – cursos de pedagogia e algumas licenciaturas (letras e matemática) – é a área de maior crescimento, perdendo apenas para os cursos de administração. (...) Apesar de todos os esforços das comissões de especialistas no sentido de garantir a qualidade dos cursos a serem autorizados (...),

² Dados obtidos no sítio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) na internet, disponível em <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/default.asp>>, acesso em 30 de agosto de 2006.

observa-se a expansão desordenada e, portanto, com qualidade comprometida, de cursos e instituições de ensino superior para formação de professores. (FREITAS, 2002 p.144)

Esse aumento de demanda gera, entre outros aspectos, algumas preocupações básicas, sobretudo, em relação à valorização do magistério. O Plano Nacional de Educação (PNE), no que diz respeito ao diagnóstico do magistério da educação básica, acredita que:

(...) a melhoria da qualidade do ensino somente poderá ser alcançada se for promovida, ao mesmo tempo, a valorização do magistério. Sem esta, ficam baldados quaisquer esforços para alcançar as metas estabelecidas em cada um dos níveis e modalidades do ensino. Essa valorização só pode ser obtida por meio de uma política global de magistério, a qual implica, simultaneamente, a formação profissional inicial; as condições de trabalho, salário e carreira; a formação continuada (PNE, 2001)³.

E acrescenta ainda alguns problemas decorrentes do enfrentamento de dificuldades relacionadas ao campo profissional como base para as reflexões sobre a Formação de Professores:

(...) a simultaneidade dessas três condições, mais do que uma conclusão lógica, é uma lição extraída da prática. Esforços dos sistemas de ensino e, especificamente, das instituições formadoras em qualificar e formar professores têm se tornado pouco eficazes para produzir a melhoria da qualidade do ensino por meio de formação inicial porque muitos professores se deparam com uma realidade muitas vezes desanimadora. Ano após ano, grande número de professores **abandona o magistério devido aos baixos salários e às condições de trabalho nas escolas** (grifo nosso). Formar mais e melhor os profissionais do magistério é apenas uma parte da tarefa. É preciso criar condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico. É preciso que os professores possam vislumbrar perspectivas de

³ Texto extraído do PNE – Plano Nacional de Educação – aprovado pela Lei nº 10.172/2001, disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>, acesso em 04 de setembro de 2006.

crescimento profissional e de continuidade de seu processo de formação. (PNE, 2001)⁴

Essas considerações mostram um quadro amplo de mudanças necessárias em alguns setores da educação. Em relação à Formação Inicial, por exemplo, há que se levar em conta uma melhora significativa no que diz respeito aos aspectos relativos ao contato dos futuros profissionais com a sua profissão: o magistério.

Como bem mostra o diagnóstico do PNE, muitos profissionais da educação abandonam sua carreira em função de baixas remunerações e de condições inadequadas ou péssimas de trabalho ainda na Formação Inicial.

Muitos alunos de curso de Licenciatura abandonam a profissão escolhida, muito antes de exercê-la efetivamente. Em alguns casos, quando começam a ter contato com a escola através da realização de EC. Em outros chegam a concluir o curso sem pretensão de exercer a profissão escolhida.

Levando-se em consideração que o contato inicial do aluno de Licenciatura com a carreira escolhida, conforme dito anteriormente, se dá, em geral, através das atividades vinculadas à realização de EC, vale ressaltar a importância de se buscar, através dele, formas de aproximação entre a universidade e a escola com vistas a encontrar alternativas que viabilizem uma melhora quanto à expectativa e à permanência dos profissionais da educação em sua profissão.

Há muito, entretanto, a realização dos EC têm esbarrado em uma série de dificuldades, entre as quais se encontram a falta de esclarecimento e entendimento das EEB acerca deles, a escassa integração entre escola e universidade e o não comprometimento das escolas e dos professores regentes das turmas onde ocorrem os EC com o processo de Formação Inicial dos futuros professores:

⁴ Texto extraído do PNE – Plano Nacional de Educação – aprovado pela Lei nº 10.172/2001, disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>, acesso em 04 de setembro de 2006.

Tradicionalmente, a formação de professores, sobretudo para o Ensino Médio, é vista como de exclusiva responsabilidade das IES, que atuam como agências formadoras, sendo que as escolas costumam esperar que os docentes destas IES, supervisores de estágio, “visitem” os estagiários em sala de aula, procedendo às correções necessárias para o bom andamento de suas aulas. À escola e ao professor titular da turma de estágio cabe apenas entregar ao estagiário a lista de regras básicas a serem seguidas e esperar pelo seu bom desempenho. Com isso, a escola formalmente se “desobriga” em relação à formação daqueles que serão seus prováveis futuros profissionais (TERRAZZAN, 2003 p.78).

Esta última dificuldade é particularmente importante, pois significa uma desconsideração clara dos atuais profissionais de educação com a formação dos futuros colegas de profissão, ou seja, com a própria profissão.

Em relação às indicações das Agências Formadoras para realização de EC, é interessante ressaltar que, muitos cursos de Licenciatura apresentam o estágio tão-somente como uma atividade complementar à teoria, isto é, o estágio como o campo de aplicação da teoria recebida ao longo do curso.

Isto é, muitos estagiários programam e preparam suas aulas, escolhem os conteúdos que pretendem trabalhar antes mesmo de ir à escola, antes mesmo de conhecer a turma e os programas de ensino utilizados por ela, o que tem, por vezes, gerado um desconforto na relação universidade-escola e, além disso, tem sido causa para a falta de mais espaços para a realização de EC nas EEB.

Dessa forma, as orientações para sua realização, dadas pelos docentes das instituições formadoras, têm sido dirigidas em função de atividades programadas *a priori*, desconsiderando-se as futuras relações entre o estagiário e os alunos da escola básica, no cotidiano da sala de aula (PICONEZ, 2003c).

Outro aspecto a ser considerado em relação ao EC é a dupla estrutura de alguns cursos, divididos entre Licenciatura e Bacharelado e, na maioria dos casos, com ênfase a esta última modalidade. Isso, no que diz respeito aos

licenciandos/estagiários, gera uma falta de sentido durante a realização do EC, isto é, a maioria não vê o significado e a importância do estágio em sua formação profissional. Grande parte dos alunos de cursos que oferecem as duas modalidades – bacharelado e licenciatura –, tendo em vista as baixas remunerações dos profissionais da educação, tem a intenção de seguir a carreira de bacharel, pesquisador, etc. Por essa razão, encaram o EC como uma mera exigência curricular, como uma disciplina que exige nota suficiente para aprovação e conseqüente obtenção do diploma.

Vale ressaltar também que, em termos legais, a partir da RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002, os cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de Licenciatura, de graduação plena devem integralizar-se de 400 (quatrocentas) horas de EC a partir do início da segunda metade do curso.

Esse aumento amplia consideravelmente o tempo de contato do acadêmico/estagiário com a escola, modificando consideravelmente a tradição em vigor, a qual, na maioria dos casos, era de 30 horas de EC, concentradas no último semestre do curso.

Além disso, implica a necessidade de uma maior articulação entre universidade e escola, não só em função da necessidade de abertura de mais campos de estágio como também e, sobretudo, de uma relação de parceria entre esses segmentos no sentido de equalizar diferenças, dividir responsabilidades e desenvolver trabalhos conjuntos.

Assim, diante deste novo quadro, acima configurado, é que nos propomos a contribuir e identificar novas possibilidades para a realização de EC na Formação Inicial de Professores em curso de Licenciatura, de modo a favorecer a incorporação de mecanismos de desenvolvimento, acompanhamento e avaliação conjuntos de EC por parte tanto das Instituições

de Ensino Superior, que funcionam como Agências Formadoras, quanto pelas EEB, que funcionam como campo de EC.

Em suma, buscamos contribuir com soluções praticadas, estudadas e avaliadas para um compartilhamento das responsabilidades sobre o desenvolvimento de EC na Formação Inicial de Professores.

CAPÍTULO I

O ESTÁGIO CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O REGIME DE TUTORIA

Como componente curricular dos Cursos de Formação de Professores, o Estágio Curricular (EC) tem sido tratado como a “parte prática” dos cursos em oposição à “parte teórica”, denominação dada ao conjunto das demais disciplinas do currículo dos cursos de Licenciatura.

Essa oposição teoria-prática, entretanto, tem causado alguns equívocos, dentre os quais estão a inércia e/ou a desconsideração do caráter investigativo e de aprendizagem como componentes não só da “teoria”, como também da “prática”, relegando a esta última uma concepção realmente restrita de EC como o momento em que se vai à escola tão-somente “dar aulas”.

Conceber o EC, como mero momento de “prática”, provoca assim, duas ilusões que tradicionalmente têm permeado as concepções sobre ele: a primeira tem a ver com a ilusão de que, após cursar as “disciplinas teóricas”, o futuro professor está apto à prática da sua profissão e, portanto, pode ir ao campo profissional “aplicar” os conhecimentos adquiridos até então. A segunda consiste na crença de que, durante a realização do EC, ou mesmo depois dele, não há mais nada a ser aprendido, isto é, descaracteriza-se, comumente, o EC como um espaço que permite e gera uma aprendizagem prévia, momentânea e posterior ao seu desenvolvimento.

Parte desse tipo de pensamento, em geral, surge a partir de concepções distorcidas acerca do EC e, originalmente, concepções equivocadas quanto à formação profissional, sobretudo, no que se refere à Formação de Professores. Nesse sentido, antes de falar do EC propriamente dito, faz-se necessário

algumas considerações sobre a Formação, Formação de Professores e Formação Inicial, incluindo aqui algumas concepções que as norteiam.

1. A Formação de Professores como Campo de Formação e de Pesquisa

Pensar a Formação de Professores como campo não só de formação como também de pesquisa tem a ver inicialmente com a tentativa de centrá-la no palco das discussões entre educadores, as quais foram intensificadas a partir dos anos 90 em função da reorganização da economia, da produção e da sociedade em prol do processo mundial de globalização e do próprio crescimento de pesquisas na área.

Além disso, tem por objetivo situar a Formação de Professores como espaço fundamentalmente importante nas investigações que visam à busca pela melhoria da qualidade do ensino.

Falar em formação, entretanto, requer antes de tudo uma breve discussão acerca do que seja e do que implica essencialmente o uso dessa palavra. Em termos gerais a palavra formação, conforme dicionário Aurélio da Língua Portuguesa está diretamente relacionada ao ato, ao efeito ou ao modo de formar ou ainda à maneira por que se constitui uma mentalidade, um caráter ou um conhecimento profissional (FERREIRA, 1999, p.928).

Isto é, caracterizar o que seja formação inclui um amplo conjunto de situações, as quais incluem basicamente três momentos: ação, processo e efeito. 1) Ação no sentido de que se constitui em algo que é dinâmico que requer a realização de um ato. Ninguém experimenta um ato formativo, seja na posição de formador ou de quem é formado, num plano estritamente passivo. 2) Processo por tratar-se de algo que ocorre num continuum, numa ação que implica o desenvolvimento de etapas, ao que tudo indica, consecutivas e crescentes. 3) Efeito pelo fato de que toda ação, conforme explicam as leis da

Física, gera uma reação, ou seja, uma vez submetidos a um ato formativo, não só o formador como aquele que se forma sofrem, via de regra, transformações.

Quanto à literatura especializada da área, há a indicação de que se utilize o conceito formação relacionado a atividades dirigidas a adultos, isto é, a ações destinadas à aquisição de saberes e de “saber-fazer” (BERBAUN apud MARCELO GARCIA, 1999, p.19).

Além disso, a formação deve também ser entendida como algo que desempenha uma “função social”, como algo relacionado ao “processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa” e também como algo relativo a uma “instituição” propriamente dita. No que diz respeito à “função social” tem-se uma relação direta com a transmissão de saberes, de “saber-fazer” ou “saber-ser”, a qual implica um benefício direto ao sistema socioeconômico ou à cultura dominante, isto é, formar alguém significa prepará-lo para adaptar-se à sociedade vigente. Como “processo de desenvolvimento e estruturação” da pessoa tem-se a realização dupla de uma “maturação interna” e a possibilidade de “aprendizagem e de experiência de sujeitos”, ou seja, tem-se a possibilidade de formação do indivíduo em termos pessoais e concretos. Por fim, como “instituição” propriamente dita, tem-se uma referência à “estrutura organizacional que planifica e desenvolve as atividades de formação”, isto é, os processos de formação originam-se de estruturas organizadas, o que faz com que se associe comumente formação como instituição (FERRY apud MARCELO GARCIA, 1999, p.19).

Há também que se considerar o conceito de formação como uma “realidade conceitual”, como parte da “dimensão pessoal de desenvolvimento humano” e como algo intrinsecamente ligado à “capacidade e vontade de formar-se”. Formação como “realidade conceitual” tem a ver com o esforço de não se identificar e não se diluir o conceito de formação tão-somente com outros conceitos como educação, ensino, treino, o que implica relacioná-la também com a aquisição de conceitos. Como “dimensão pessoal do desenvolvimento

humano” contrapõe-se a idéia precária de formação como uma atividade exclusivamente técnica, isto é, formação também tem a ver com aspectos humanos, emocionais, cognitivos, etc. E, como algo ligado à “capacidade e vontade de formação”, tem-se a relação de formação associada aos sujeitos individualmente, isto é, o sujeito individualmente constituído é o responsável primeiro pela “ativação” e pelo desenvolvimento de processos formativos, o que não quer dizer, entretanto, que a formação seja algo que o indivíduo faça sozinho. “É através da interformação que os sujeitos – neste caso os professores – podem encontrar contextos de aprendizagem que favoreçam a procura de metas de aperfeiçoamento pessoal e profissional” (MARCELO GARCIA, 1999, p.22).

Somando-se a isso, cabe, portanto acrescentar que os atos formativos, por via de regra, geram a necessidade da existência de sucessivos cotejos, de espaços que propiciem um embate, no sentido amplo da palavra, saudável e construtivo, num movimento necessariamente coletivo, uma vez que

O caráter formador potencializa-se na oportunidade de socialização e intercâmbio de experiências, elucidação, confronto e afinamento de concepções, exercício de tomada de decisão, enfrentamento e resolução de conflitos, produção de eventos e busca de soluções (KRUG, CRISTINO; 2006, p.03).

Tecidas essas considerações sobre formação a partir de alguns indicadores da literatura especializada, há que se observar também uma definição acerca do que seja essencialmente Formação de Professores. Não são raros os casos em que se confunde, por exemplo, Curso de Formação de profissionais para a área da educação com Cursos de Bacharelado, inserindo-se no mercado profissionais com uma formação técnica, porém descomprometidos com os demais aspectos envolvidos na profissão docente, entre eles, formação de profissionais para a educação formal.

No que diz respeito à formação dos profissionais da área de educação, isto é, dos professores e professoras em geral, falar em formação requer um olhar inicialmente sob a mesma perspectiva de Ferry (apud MARCELO GARCIA, 1999, p.19) no que se refere à formação como um “processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa”. Cabe à Formação de Professores não só a responsabilidade de transmitir saberes como de promover o desenvolvimento dos professores no sentido profissional e no sentido do amadurecimento pessoal. Há ainda que se pensar a Formação de Professores sob o olhar de Marcelo Garcia (1999), quando se refere à formação como algo intrinsecamente ligado à “capacidade e vontade de formar-se”. Por mais que existam Cursos e Processos de Formação de Professores, há também que partir do próprio indivíduo a vontade de formar-se, de buscar novas possibilidades de formação, novos conhecimentos, sem, entretanto, confundir vontade de formar-se com formação autônoma, como já foi dito anteriormente. Não são raros os casos nos quais se vê um número bastante expressivo de ingressos em cursos de Formação de Professores em função da reprovação em cursos mais concorridos, tais como Medicina, Farmácia, etc., provocando a formação de profissionais descontentes com a profissão escolhida.

A Formação de Professores consiste em uma área de conhecimento e investigação que deve se centrar no estudo dos processos através dos quais os professores aprendem e desenvolvem a sua competência profissional. Processos, que de modo algum podem ser assistemáticos, pontuais ou frutos do improviso, mas, ao contrário disso, necessitam de um caráter sistemático e organizado, os quais devem fazer parte das atividades tanto dos professores em formação quanto dos professores em serviço, podendo, nesse caso, haver diferença em termos de conteúdo, foco ou metodologia em relação ao público-alvo (ZABALZA apud MARCELO GARCIA, 1999, p.26).

Além disso, vale também ressaltar que a Formação de Professores deve capacitar seus profissionais para um trabalho que não é exclusivamente de aula,

tendo em vista, sobretudo, que a atividade docente não se esgota nesse espaço restrito (MARCELO GARCIA, 1999, p.27). Há que se levar em conta que a atividade docente está também relacionada a um conjunto de ações que carregam em si aspectos históricos, sociais, etc.

Em termos concretos, entretanto, devido às necessidades, exigências e contingências da sociedade contemporânea, essas concepções antes discutidas não têm permeado a realidade concreta da profissão docente. Cada vez mais, professores e professoras vêm buscando uma formação técnica e funcional que atenda e subsidie os diferentes espaços formativos no sentido de permitir e garantir a sua entrada no mundo do trabalho:

(...) as contradições sociais e as tensões surgidas no plano concreto das instituições em sua relação com o contexto social produzem formas de conceber a formação docente nem sempre condizentes com a melhoria efetiva dessa profissão. Em função da complexidade das necessidades que o mercado exige, o profissional docente procura uma formação capaz de habilitá-lo a identificar e resolver problemas, analisar, pensar estrategicamente, tornando-o uma mão-de-obra qualificada capaz de atender aos interesses da sociedade (KRUG, CRISTINO; 2006, p. 04).

Quanto ao caráter investigativo da Formação de Professores, há que se considerar que, como em outras áreas, a Formação requer uma constante busca e investigação dos processos que a permeiam com o intuito de questioná-la, aprimorá-la e/ou melhorá-la. Além disso, não se pode perder de vista a indicação de que:

Tomar a formação do professor como objeto de pesquisa é buscar o entendimento do fenômeno “formação”. É compreender algo que não está dado, não está posto. Tomar a pesquisa como atividade é buscar instrumentos que permitam satisfazer a uma necessidade: apreender o movimento que leva o profissional professor de uma qualidade a outra. Trata-se de identificar qualidades que possam ser indicativas do fenômeno formação e que nos permitem compreender o modo de formar-se professor (MOURA, 2004, p.264).

Além disso, vale acrescentar que, entre os anos 70 e mais intensamente nos 80, as reformas instituídas pelo governo ditatorial instigaram a mobilização e a organização dos educadores em associações e entidades, os quais centravam suas reflexões nas críticas à situação vigente (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Nesse período, com o intuito de articular os comitês regionais formados por educadores e estudantes universitários para discutir uma perspectiva sócio-crítica de educação, é criado o Comitê Nacional Pró-Reformulação dos Cursos de Formação de Professores que, mais tarde, tornou-se Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador (CONARCFE). Em 1990, entretanto, a CONARCFE transforma-se na Associação Nacional pela Formação do Profissional da Educação (ANFOPE) que, em seus encontros anuais tem estabelecido princípios para a estruturação e reestruturação dos cursos de formação dos profissionais da educação (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Em termos concretos, faz-se ainda, obrigatória e notoriamente, aqui uma referência ao trabalho desenvolvido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), cujas atividades estão relacionadas à busca do desenvolvimento e da consolidação do ensino de pós-graduação e da pesquisa na área da educação no Brasil. Ao longo dos anos, a ANPEd tem se projetado no país e fora dele, como um importante fórum de debates das questões científicas e políticas da área, tendo se tornado referência para acompanhamento da produção brasileira no campo educacional⁴.

A ANPEd é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1976 graças ao esforço de alguns Programas de Pós-Graduação da Área da Educação. Em 1979, a Associação consolidou-se como sociedade civil e independente, admitindo sócios institucionais (os Programas de Pós-Graduação em Educação)

⁴ Informações extraídas do site da ANPEd, disponível em <<http://www.anped.org.br/inicio.htm>>, acessado em 25 de setembro de 2006.

e sócios individuais (professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação em educação)⁵.

O trabalho desenvolvido pela ANPEd tem sido de extrema importância não só pela oportunidade de discussão de questões relativas à área da Educação através das suas reuniões anuais, nas quais pesquisadores de todo o país reúnem-se, como pelo espaço de divulgação científica que proporciona, atualmente, possuindo inclusive um periódico de divulgação científica: Revista Brasileira de Educação (RBE). Os principais objetivos da ANPEd são:

- Buscar o desenvolvimento e a consolidação do ensino de pós-graduação e da pesquisa na área da Educação no país;
- Fomentar a produção de trabalhos científicos e acadêmicos na área educacional, facilitando também sua difusão e intercâmbio;
- Estimular as atividades de pós-graduação e pesquisa em educação para responder às necessidades concretas dos sistemas de ensino, das universidades e das comunidades locais e regionais, valorizando a cultura nacional e contribuindo para sua permanente renovação e difusão;
- Promover a participação das comunidades acadêmica e científica na formulação e desenvolvimento da política educacional do país, especialmente no tocante à pós-graduação;
- Promover o intercâmbio e a cooperação com associações e entidades congêneres⁶.

No que diz respeito à participação, formulação e desenvolvimento da política pública nacional, vale ressaltar a importante colaboração da ANPEd, juntamente com a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), com a Associação Nacional de Política e Administração

⁵ Idem.

⁶ Idem.

da Educação (ANPAE), com o Fórum de Diretores das Faculdades/ Centros de Educação das Universidades Públicas do País (FORUMDIR) e com o Fórum Nacional em Defesa da Formação do Professor na formulação da "Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em Cursos de Nível Superior".

Em reunião realizada na UERJ/Rio de Janeiro em 03 de abril de 2001, essas entidades reuniram-se a fim de subsidiar discussão na Audiência Pública Nacional/CNE sobre a Formação do Professor para a Educação Básica em cursos de nível superior, contribuindo com algumas considerações, entre elas, com a importância do estabelecimento de uma base comum nacional para os cursos de Formação de Professores que, sem as limitações de um currículo mínimo obrigatório, centrado em matérias ou disciplinas, incorpore princípios que objetivem uma formação unitária que dê suporte a múltiplas experiências e situações de atuação. Essa base comum nacional explicita-se nos projetos pedagógicos dos cursos através de eixos norteadores dos currículos, a saber:

- Sólida formação teórica e interdisciplinar que favoreça uma ampla compreensão do processo educacional como prática social, com a identificação clara de seus determinantes;
- Articulação entre a teoria e a prática;
- Gestão democrática do trabalho e das relações pedagógicas como princípio e prática;
- Compromisso social do profissional da educação;
- Trabalho coletivo e interdisciplinar;
- Formação inicial articulada à formação continuada.

Considerando tais eixos, a formação em cursos de nível superior dos profissionais da educação para a Educação Básica, pode estruturar-se em torno de núcleos que desenvolvam:

- Uma compreensão do fenômeno educativo e de seus determinantes filosóficos, sociais, políticos e econômicos em dado contexto histórico, a partir do aporte das diversas ciências sociais e humanas;
- A construção de um instrumental teórico-metodológico das áreas específicas em estreita relação com o conhecimento das estruturas cognitivas e afetivas potencializadoras de aprendizagens, enfocando teorias, conteúdos e métodos das disciplinas, redes curriculares, processos comunicativos e culturais.
- A apreensão dos processos sociais, políticos e econômicos que delimitam/influenciam a ação educativa da instituição escolar e o significado das relações de poder que se reproduzem em seu cotidiano, devendo abranger as principais normas e políticas de interesse da educação, os processos de planejamento, a gestão e a avaliação da educação, tudo convergindo para a construção e desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola⁷.

Isto é, a formação dos profissionais da educação deve contemplar um conjunto bastante amplo, entretanto, sólido de aspectos que digam respeito à interação do professor com seu lócus profissional. A pauta da formação docente deve incluir desde os aspectos gerais envolvidos no processo educativo, tais como, questões políticas, históricas, humanas e sociais até a apreensão dos detalhes que caracterizam e particularizam o ser humano como ser dotado de inteligência e capaz de compreender e interagir com o mundo. Além, é claro, de promover o estabelecimento de relações que permitam a compreensão da escola, como instituição, que agrega forças de naturezas distintas, mas para a qual convergem problemas comuns a outras instituições: relações de poder, relações

⁷ Informações extraídas do site da ANPEd, disponível em <<http://www.anped.org.br/docconjunto.htm>>, acessado em 12 de outubro de 2006.

políticas, dependência econômica, política, administrativa, entre tantos outros que permeiam o amplo espaço da atuação docente.

1.1. A Formação Inicial de Professores: fundamentos e reflexões

A Formação Inicial de professores no Brasil tem sido alvo de diversas discussões, entre as quais, estão normativas educacionais aparentemente avançadas em oposição à desvalorização da carreira docente, construção de uma identidade própria para os cursos de Pedagogia, relação teoria-prática, disputa por espaço através de disciplinas de caráter “pedagógico” e disciplinas de caráter “conteudista”, etc. Isto é, atualmente, vê-se um quadro novo repleto de velhas questões.

Ao que tudo indica, existem tradições no campo da Formação de Professores, campo este que se constituiu, no âmbito da educação, sobre uma contradição básica: a exaltação desta “profissão” tanto nos discursos cotidianos, como nos políticos e nos especializados, e, ao mesmo tempo, a sua extremada desvalorização em termos sociais concretos, por exemplo, em termos salariais (TERRAZZAN, 2003, p.78).

No que diz respeito aos cursos de Licenciatura para a docência secundária, tem-se a data de sua introdução no Brasil por volta de 1930. Quanto à Formação de Professores para os demais níveis, tem-se o registro de que nascem, inicialmente, de uma proposta de universidade que aliasse as dimensões do preparo profissional com os da “alta cultura”, modificando-se, entretanto, mais tarde para uma proposta centrada na Formação de Professores para tarefas alhures definidas ora pelo Governo Provisório, ora por alguns governos estaduais (MARQUES, 2003).

Mais tarde, após a consolidação do Decreto-lei nº1.190, de 4/4/1939, ocorre a separação entre a função universitária de preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem

desinteressada ou técnica, através do Bacharelado, e a função menos valorizada de preparar candidatos ao magistério secundário e normal, a partir de secção especial de Didática, acrescentada e concentrada em um ano posterior (MARQUES, 2003).

Nasce assim o modelo 3+1, cujo esquema tradicional ainda é visto em muitos cursos de Licenciatura ao lado de outros como: “primeiro Bacharelado depois Licenciatura” e “Licenciatura e Bacharelado”. O primeiro concedendo um pouco mais de liberdade para o desenvolvimento da licenciatura, evitando um pouco da disputa com os docentes das disciplinas de conteúdo. O segundo caracterizando independentemente cursos de Bacharelado e Licenciatura desde o início, conferindo a este último a preocupação com o ensino desde os primeiros semestres do curso (NAGLE, 1987).

Depois disso, através do Parecer nº 292/62, ocorre a definição dos currículos mínimos, os quais compreendem as matérias fixadas para o bacharelado e os estudos profissionais que habilitem ao exercício do magistério. Há ainda a definição de que as matérias pedagógicas deverão ser oferecidas não no final, mas ao longo do curso, entretanto, reduzidas de um quarto para um oitavo do currículo (MARQUES, 2003).

Nos cursos de Licenciatura que correspondem à formação didática para o magistério, exigia-se que o aluno tivesse cursado as chamadas disciplinas pedagógicas (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Depois disso, as reformas educacionais foram concentradas na Lei Federal n. 5540/68, da Reforma Universitária, e na Lei n. 5692/71 que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º Grau. Apesar de todas as mudanças provocadas na escola de 1º e de 2º Grau pela Lei 5692/71, as Licenciaturas exigiram novas proposições para a Formação de Professores, pois, a proposição pedagógica que norteava tais reformas seguia uma tendência “tecnicista”. Desse modo, os professores deveriam se restringir à elaboração de um planejamento direcionado

pela secretaria e a execução das atividades também sugeridas por essa secretaria (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Com a alteração da Lei n. 5692/71, ocorrida em 18 de outubro de 1982, por meio da Lei n. 7044, percebe-se, entretanto que pouco mudou em relação à estrutura curricular dos cursos de formação de professores, mantendo-se uma desarticulação didática e de conteúdos entre as disciplinas do Núcleo Comum e da Parte Profissionalizante. O estágio, por exemplo, prevalece definido como o do antigo Curso Normal: observação, participação e regência, desarticulados da realidade do ensino de 1º Grau e da formação do professor (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Nesse sentido, apesar de se reconhecerem outros modelos diferentes do esquema 3+1, nas publicações de artigos em periódicos nacionais sobre Formação Inicial de professores realizadas no Brasil, entre 1990 e 1997, as conclusões mostram que “as análises sobre a formação de professores no Brasil gravitam em torno de cinco eixos principais:

- a) A busca da articulação entre a teoria e a prática ou a busca da unidade/totalidade no processo de formação docente, tomando o trabalho pedagógico como núcleo fundamental desse processo;
- b) A necessidade de integração entre o Estado, as agências formadoras e as agências contratantes de profissionais da educação, tendo em vista a implementação de políticas públicas e de um projeto nacional de educação alicerçado na formação profissional, na participação docente e na valorização social do magistério;
- c) A construção da competência profissional, aliada ao compromisso social do professor, visto como intelectual crítico e como agente da transformação social;
- d) A ruptura com a fragmentação e o isolamento instituído entre o curso de Pedagogia e as demais licenciaturas;

e) "O caráter contínuo e a exigência interdisciplinar da formação de professores." (SIMÕES; CARVALHO, 2002).

Isto é, a busca por uma unidade que priorize as questões relativas ao ensino e articule teoria e prática não sofreu nenhuma mudança em 30 anos, ao contrário, continua permeando as discussões e as preocupações dos profissionais e pesquisadores ligados à área da educação. E, embora, tenha ocorrido um certo avanço em termos de legislação, através da Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, poucas mudanças significativas podem ser percebidas até o momento.

A Lei N° 9.394/96 assegurou claramente que a formação dos profissionais de educação deve ter como fundamento, entre outros aspectos, "a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço" e, além disso, garantiu que a "formação docente, exceto para a educação superior, deve incluir prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas".

Há, entretanto, uma indicação clara de que a associação entre teoria e prática só será efetivada mediante uma relação e uma estrutura curricular que oportunize esse tipo de ação. Caso contrário continuar-se-á a mascarar a existência dessa relação, ou o que é pior, continuará, como de costume, ficando a cargo do próprio aluno de Licenciatura, futuro professor, a tarefa autônoma de estabelecer essa relação, o que permite, por sua vez, a seguinte observação:

Para cumprir a LDB na letra e no espírito será necessário reverter essa situação. Se a lei manda que o professor de educação básica construa em seus alunos a capacidade de aprender e de relacionar a teoria com a prática em cada disciplina do currículo, como poderá ele realizar essa proeza preparando-se num curso de formação docente no qual o conhecimento de um objeto de ensino, ou seja, o conteúdo, que corresponderia à teoria, foi desvinculado da prática, que corresponde ao conhecimento da transposição didática ou do ensino desse objeto de ensino? (MELLO, 2000, p.100)

Embora seja possível identificar algumas poucas exceções, essa articulação não tem predominado na maioria dos cursos de Licenciatura para a Formação de Professores. As trezentas horas de prática, por exemplo, normalmente, tem sido diluídas e/ou mascaradas no interior de outras disciplinas dos chamados “conteúdos específicos”, através da apresentação de seminários ou exposição oral de trabalhos para os demais colegas de curso. Ao Estágio Curricular, propriamente dito, ao exercício concreto da profissão, tem restado uma pequena parcela que oscila entre 30 a 60 horas-aula em Escola de Educação Básica para o exercício da docência. Isto é, com pouco mais de dois ou três meses exercendo a docência em Escola Básica, tem-se formado e preparado para atuar na educação brasileira a maioria dos profissionais docentes:

Na preparação de professores para a atuação em disciplinas escolares específicas, o modelo básico praticado (salvo poucas exceções) continua sendo aquele que separa a formação conceitual específica na(s) matéria(s) de ensino (os chamados “conteúdos específicos”) da formação didático-pedagógica (as chamadas “matérias pedagógicas”). A primeira parte é feita normalmente nos dois ou três anos iniciais do curso e, via de regra, nos mesmos moldes da formação do bacharel correspondente. A segunda parte, normalmente muito mais curta, é feita somente no final do curso (durando entre um ano e um ano e meio). Nesta parte está incluída uma pequena passagem do(a) futuro(a) professor(a) pela escola, como uma espécie de “coroamento” de todo o processo, durante a qual pretensamente ele(a) poderá “colocar em prática tudo aquilo que aprendeu” (TERRAZZAN, 2002, p.62).

Ao que parece, portanto, tem-se aqui a sinalização de que formar um profissional docente capaz de exercer com qualidade e competência as atribuições próprias da profissão requer, antes de tudo, a superação de modelos desarticulados. O exercício pleno da profissão requer a consolidação de um processo novo de Formação Inicial, o qual valorize amplamente a profissão docente e leve em conta todos os aspectos que a constituem, o que não significa tão-somente domínio de conteúdos específicos.

A ampla valorização da profissão, por outro lado, tem a ver com a garantia de outros aspectos como a capacidade de gerenciar problemas de várias ordens, entre os quais estão gestão de classe, inclusão, questões de gênero, questões de caráter pedagógico, tempo adequado para a preparação e exercício da profissão, melhores condições de trabalho e remuneração suficiente e condizente com realidade, desenvolvimento da capacidade de reflexão da realidade vivenciada em articulação com a realidade ensinada, desenvolvimento da capacidade de gerenciar problemas e tomar decisões, etc.

2. O Estágio Curricular como Componente dos Cursos de Formação de Professores

O Campo de Estágio profissional tem se configurado de diferentes maneiras conforme a área profissional. Nas Licenciaturas, por exemplo, conforme Piconez (2003a, p.02), “os estágios sempre foram curriculares, mas nunca se reservou na grade distributiva semanal, espaço suficiente para que pudessem ser realizados”.

Há situações, infelizmente comuns, nas quais é previsto na grade curricular dos cursos apenas o horário da disciplina relacionada ao Estágio, isto é, há horário estabelecido apenas para o desenvolvimento das atividades de Estágio na Instituição Formadora, o qual inclui atividades com o docente orientador de estágio para o desenvolvimento dos tópicos estabelecidos na ementa da disciplina. No caso específico do campo estágio, não há previsão de horário disponível, o que implica aos alunos de Licenciatura preparar e desenvolver as atividades relacionadas ao campo de estágio em situações sequer previstas e, além disso, os obriga a realizar os estágio concomitantemente com outras disciplinas do curso, por sua vez previstas na grade curricular.

Em algumas áreas, entretanto, têm sido comuns práticas de estágio compartilhadas entre as Agências Formadoras e os campos de estágio: hospitais,

indústrias, empresas, etc. O estágio, nestas áreas, deve se realizar em uma organização legalmente constituída e de qualquer natureza a qual se responsabilize pela inserção do estagiário em seu futuro campo profissional, podendo até remunerá-lo, se assim o desejar. Somando-se a isso, em muitos desses casos, fica reservado o último semestre do curso, exclusivamente para a realização do Estágio, o qual pode, inclusive, ser feito em localidades distantes da Instituição Formadora.

Nesses modelos formativos, por via de regra, cabe à unidade concedente de Estágio a co-responsabilidade não só com o compromisso de situar o estagiário dentro da estrutura da organização, informando-o sobre as normas internas da empresa, como também de orientar o aluno, realizar a supervisão profissional, orientando-o no desenvolvimento de seu trabalho e auxiliando-o nas soluções das eventuais dificuldades surgidas no decorrer do estágio e avaliar o desempenho do futuro profissional.

À Agência Formadora, no papel do orientador de estágio, cabe a responsabilidade de preparar o aluno, orientar sua entrada no campo de estágio e fazer o gerenciamento burocrático do estágio: realização de reuniões iniciais e intermediárias com os alunos para comentários gerais relativos ao desenvolvimento prévio do relatório de estágio e avaliação mediante a leitura do relatório de Estágio.

Já nos Cursos de Licenciatura Plena, o que podemos verificar, freqüentemente, é uma situação um pouco diferente dessa em relação ao professor de Educação Básica (EEB) e o Estágio Curricular. Em geral, o professor de EEB, com o aval da direção da escola, cede turmas para que os alunos de Cursos de Licenciatura realizem seus EC. Eventualmente, o professor da EEB ou o serviço de supervisão emite, ao final do EC, um parecer avaliativo relativo às atividades desenvolvidas pelo estagiário. Na maioria das vezes, entretanto, cabe ao docente universitário - orientador ou supervisor de EC - a

responsabilidade de orientar, acompanhar, e avaliar o estagiário ao longo de todo o seu EC (KIST, 2006).

Quanto ao desenvolvimento propriamente dito do Estágio, vale ressaltar o rol de atividades por vezes inseridas na agendas nos estagiários nos atuais modelos de Formação Inicial, incluindo aqui, muitas vezes o simples gerenciamento de aspectos burocráticos, como elaboração de relatório, preenchimento de diários de classe, preocupação excessiva com a avaliação realizada pelo docente orientador de estágio, etc.

Entretanto, não se pode perder de vista que é, sobretudo, através do EC que melhor se configura a relação entre teoria e prática, já que é com a experiência da docência que o futuro professor poderá conhecer e experienciar sua futura profissão. Assim, atividades como as descritas anteriormente acabam por tornar inócua a experiência de Estágio do ponto de vista da formação de um profissional para atuar na Educação Básica.

Isto é, “a trajetória escolar é parte do desenvolvimento da dimensão profissional, assim como a aproximação da realidade através dos estágios, até o início da profissão nas escolas” (PICONEZ, 2003a, p. 03).

Além disso, há que se considerar ainda que é, através do EC, que o futuro profissional docente pode ter contato com sua profissão, relacionar as teorias que lhe foram apresentadas ao longo do curso com o processo de ensino e refletir sobre elas, pondo-as em cheque ou as confirmando e também pode ainda pensar na sua própria identidade profissional, o que reveste este momento de fundamental importância na Formação de Professores:

O estágio (...) e a partir daí, a construção de nosso próprio modelo de ação docente em um processo complexo de interligações entre experiência e conhecimento teórico-prático, é um dos caminhos para se alcançar a nossa própria identidade e autonomia de ação (KENSKI, 2003, p.49).

É interessante também que se destaque a importância dos EC, baseando-se, nas seguintes razões:

- a) Os professores reconhecem que os estágios de ensino constituíram o componente mais importante de sua formação, razão pela qual é de especial importância analisar esse componente formativo;
- b) Mesmo sendo considerável o volume de pesquisas, não podemos afirmar que exista um conhecimento sólido acerca dos estágios de ensino, de como se desenvolvem e que resultados conseguem;
- c) Estágios de ensino constituem o componente do programa de formação de professores mais destacado para estabelecer relações entre as escolas e a universidade;
- d) Há uma necessidade de se conhecer as características do professor tutor eficaz, bem como das relações com os alunos estagiários (GRIFFIN apud MARCELO GARCIA, 1998).

Não há dúvidas de que o Estágio merece ser entendido de forma diferente não só pelas Instituições Formadoras, as quais incluem diferentes instâncias como Pró-Reitorias, Colegiados, coordenações de curso, departamentos de ensino, alunos e professores em geral, Diretrizes Curriculares e Projetos Político-Pedagógicos. Como também pelas escolas campo de estágio na figura das coordenações e/ou supervisões pedagógicas, dos professores e alunos e pelas políticas públicas, às quais cabe a tarefa de elaborar, conduzir e organizar esse processo.

Nas palavras de Piconez (2003b), ao retratar as experiências de estágio desenvolvidas no Núcleo de Estudos de Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores – Ensino Presencial e Educação à Distância (NEA), o qual envolve projetos da Faculdade de Educação da USP ligados à formação de professores, lê-se a representação desse importante

processo e o resultado de ações relacionadas ao Estágio, planejadas e pensadas com zelo e responsabilidade:

Preparar e desenvolver concretamente, episódios-aula; organizar condições para que o professor possa estar discutindo e estudando, com profundidade e maior aproximação da realidade, os problemas das situações concretas de ensino, têm favorecido a tradução do nível retórico em ações didáticas. As atividades de estágio proporcionadas pelos projetos do NEA operacionalizam e conferem significado à perspectiva construtivista de construção de conhecimentos, de aprendizagens significativas, sob perspectiva multidisciplinar, válidas para os professores em formação, no entendimento da dinâmica entre teoria e prática (PICONEZ, 2003b, p.03).

Em suma, entendo o EC como uma parte do processo que constitui a formação de um professor para a Educação Básica, isto é, como uma parte do caminho que leva um sujeito a aprender a ser professor, é possível compreender-se dois aspectos básicos: 1) o fato de que simplesmente realizar o Estágio não significa garantia de competência ao longo do desempenho da profissão docente e 2) como parte de um processo, o aprender a ser professor implica outros aspectos igualmente relevantes da formação de um professor.

2.1. O Estágio Curricular e as Atuais Normativas Legais

Quanto às atuais normativas legais sobre Formação de Professores, há, em seus vários documentos, diversos aspectos que precisam ser observados pelas instituições que se propõem a atuar nesse campo. Dentre tais aspectos há a antecipação do contato dos futuros professores com os seus possíveis ambientes de trabalho, em particular, com ambientes escolares.

Há também uma clara sinalização da necessária articulação do estudo de conceitos e modelos, suas fundamentações históricas, sociológicas e filosóficas, com a análise de situações reais vivenciadas ou de situações-problema propostas (hipotéticas ou não). Em outros termos, reafirma-se a propalada articulação entre

as dimensões teóricas e práticas de uma formação profissional, o que exige uma nova compreensão e postura frente ao EC em função das normativas legais sobre Formação Inicial de Professores (KIST, 2005).

Nesse sentido, as Escolas de Educação Básica (EEB) são chamadas a colaborar com as Agências Formadoras, ou seja, as Instituições de Ensino Superior (IES). Na verdade, a RESOLUÇÃO CNE/CP 1, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2002 e o PARECER CNE/CP 27/2001 indicam mesmo a co-responsabilidade das EEB na Formação Inicial dos profissionais que nela trabalharão.

Art. 7º A organização institucional da formação dos professores, a serviço do desenvolvimento de competências, levará em conta que:

IV - as instituições de formação trabalharão em interação sistemática com as escolas de educação básica, desenvolvendo projetos de formação compartilhados;

Art. 13. Em tempo e espaço curricular específico, a coordenação da dimensão prática transcenderá o estágio e terá como finalidade promover a articulação das diferentes práticas, numa perspectiva interdisciplinar.

§ 3º O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio (BRASIL, Extrato da RESOLUÇÃO CNE/CP 1, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2002).

...é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação inicial e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino... (BRASIL, Extrato do PARECER CNE/CP 27/2001, item 3.6. alínea c).

Isto é, a proposição inicial do Parecer 9/2001, alterada pelo Parecer 27/2001 e a Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, com base nos pareceres 9/2002 e 27/2001, ao estabelecerem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível Superior, no curso de Licenciatura, de graduação plena, definindo os princípios,

fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino, destacam, entre outros aspectos, a importância da articulação da teoria com a prática e indicam a necessidade de novas configurações e relações entre Instituições Formadoras e escolas campo de estágio. Quanto as atuais normativas, há ainda que se levar consideração o aumento da carga horária prevista para o EC que, conforme RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002 passa a ter a exigência de 400 horas:

Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

- I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;
- II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;
- III- 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;
- IV- 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais (BRASIL, Extrato da RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002).

Com a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, respaldada no Parecer CNE/CP 28/2001, instituiu-se a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, enfatizando-se o estágio curricular supervisionado como outro componente do currículo obrigatório integrado à proposta pedagógica do curso, como coroamento formativo da relação teoria-prática (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Na visão das autoras, Barreiro; Gebran (2006), entretanto, estas regulamentações definiram novas concepções, organização e estruturação dos cursos de Formação de Professores, tendo exigido reformulações nos projetos pedagógicos dos cursos, em especial nas Licenciaturas, mas os resultados desse

processo ainda merecem aprofundamento. A qualidade da educação e da Formação de Professores está relacionada ao estabelecimento e implementação de políticas educacionais que valorizem o magistério e a Formação Inicial de Professores e sua contínua e melhor remuneração. Estas são as condições essenciais para se proporcionar um ensino de qualidade, acesso e permanência dos alunos na escola, tornando-a, de fato, democrática.

Além disso, cabe ainda ressaltar que não se pode desconsiderar o caráter inovador e o avanço positivo da legislação ao repensar não só o aumento do número de horas de Estágio para os cursos de Licenciatura, mas o seu aparecimento nas grades dos cursos na segunda metade dos cursos. Entretanto, é necessário e urgente o estabelecimento de relações mais sólidas entre as Agências Formadoras e as escolas Campo de Estágio com o intuito de: 1) estabelecer parcerias que possam discutir, viabilizar, concretizar e atender a demandas de diferentes ordens, mas, sobretudo, de uma Formação Inicial para os cursos de Licenciatura de qualidade e que responda ao seu princípio básico: a Formação de Professores para a Educação Básica; 2) garantir a permanência de um período mais longo para a realização dos Estágios, tendo em vista a proposição feita recentemente através do Parecer CNE/CP Nº 5/2006, o qual prevê a redução da carga horária dos Estágios para, no mínimo, 300 horas dedicadas ao EC.

Caso nossas parcerias e/ou programas para o desenvolvimento dos Estágios demorem a acontecer, em breve poderemos ver um novo parecer, reduzindo mais ainda a carga horária para o desenvolvimento dos Estágios.

3. A Tutoria no Estágio Curricular

Do ponto de vista das EEB, tradicionalmente a Formação de Professores, sobretudo para o Ensino Médio, é vista como de exclusiva responsabilidade das IES. Quando o assunto é Estágio, por exemplo, as escolas esperam que os

docentes das IES, supervisores de estágios, visitem os estagiários em sala de aula, procedendo às “correções” necessárias para o bom andamento de suas aulas. À escola e ao professor titular da turma cabe apenas entregar ao estagiário a lista das regras básicas a serem seguidas e esperar pelo seu bom desempenho. Com isso, a escola formalmente se “desobriga” em relação à formação daqueles que serão seus prováveis futuros profissionais. Aliás, não é essencialmente diferente a postura usual das EEB em relação à Formação Continuada de seus Professores. São raras as situações de incentivo e apoio a tais ações e ao desenvolvimento de projetos de inovação pedagógica, curricular ou didática (TERRAZZAN, 2003).

Também não se tem forte tradição de ações conjuntas entre Universidade-Escola na Formação de Professores. Quando ocorrem são relativas ao que se pode chamar de Formação Continuada, mas que, pela dispersão das intenções e pela descontinuidade no tempo, se tornam absolutamente ineficazes. Não se estabilizam, muito menos se institucionalizam.

Parece, entretanto, ser imprescindível uma relação não só mais dialógica entre escolas e universidade como também mais concreta, uma vez que é cada vez mais perceptível a necessidade de:

se movimentar o processo de aprendizagem docente na escola, tornando-a uma experiência interativa, prospectiva e, principalmente, um espaço temporal possível para discutir e refletir a respeito das práticas pedagógicas educativas da formação docente (KRUG, KRÜGER, CONCEIÇÃO, 2005, p.06).

Do ponto de vista da universidade, é pertinente também ressaltar que, nos últimos anos, tem se configurado um perfil mais ou menos comum dos estagiários que tem ido a campo realizar seu Estágio. Em pesquisa realizada na Universidade de Murcia na Espanha, conforme Bueno (1995), os pesquisadores conseguiram estabelecer um perfil representativo dos futuros professores de educação secundária, isto é, básica. Sem, entretanto, discutir os detalhes da

pesquisa, a qual investigou alunos da área de Ciências, os resultados obtidos parecem se aproximar da realidade vivenciada aqui. Assim, constituem-se como características dos futuros professores:

- Formação científica limitada a uma ou mais de uma disciplina, isto é, ausência de competências que permitam um trabalho interdisciplinar, o que gera a redução da profissão docente ao puro ato de ensinar um saber específico, distinguindo quem sabe ou não ensinar pelo simples fato de dominar ou não os conteúdos da disciplina;
- Maior facilidade ao usar os conhecimentos complexos do que ao usar conhecimentos básicos, explicar procedimentos básicos; pouco rigor na utilização de linguagem científica, sobretudo na fala em oposição à escrita;
- (...) Problemas na identificação ou elaboração de hipóteses, (...) na resolução de situações problemáticas do cotidiano;
- Concepção empirista, no caso investigado, sobre a Ciência (mitificação da observação, da objetividade e o uso do laboratório) e contradição com o modelo de transmissão que utilizam em suas práticas. Desconhecimento em relação ao conhecimento científico, sua evolução, (...);
- Resistência em relação ao conhecimento didático (acham que sabem e sabem também ensinar). Problemas em relação à linguagem psicopedagógica. Visão distorcida de alguns conceitos como motivação e das atividades relacionados aos alunos: os futuros professores acreditam que se ensinarem bem os alunos tem que aprender e que as atividades práticas devem ser realizadas sempre depois da aprendizagem das teorias;
- Conhecimento sobre a dinâmica da sala de aula a partir da sua experiência como aluno, o que, via de regra, é relativamente recente e provoca a valorização das críticas sobre o ensino. (...);

- Resistência à modificação de concepções e contradições entre os planejamentos que elaboram e suas atitudes (sua prática educativa). Dificuldade em utilizar a formação teórica sobre o ensino: acreditam que se aprende a ser professor na prática. (...)
- Sobreposição de atividades: alguns realizam outras atividades concomitantes com o Curso de Ciências para Educação secundária – *EL CAP* - e, além disso, nem todos desejam ser realmente professores. Há uma desvalorização da profissão docente (BUENO, 1995, p.377-378).

Esses apontamentos revelam um quadro penoso de trabalho para aqueles - escola ou universidade - que vão atuar diretamente na formação desses futuros professores. Mas, como diz Bueno (1995) é o quadro que se tem, portanto o simples ato de fazer críticas a esse perfil ou à postura das EEB em relação à Formação Inicial não resolverá os problemas decorrentes dessa situação e tão pouco mudará alguma coisa no sentido de qualificar a Formação Docente.

Por outro lado há que se considerar, entre outras possibilidades, a realização de ações tutoriais do professor regente de classe, ora denominado de tutor, junto ao aluno de Licenciatura em situação de Estágio mediante a realização de atividades coletivas e cooperativas entre escola e universidade. Isso poderia permitir, por exemplo, um espaço de discussão, reflexão e aprendizagem para todas as partes envolvidas com a Formação de Professores num movimento que pudesse minizar e/ou superar essas dificuldades apontadas no perfil dos professores e aproximar EEB e IES. Além disso, poderia proporcionar um compartilhamento da responsabilidade de desenvolvimento, acompanhamento e avaliação, especificamente do EC tanto pelas Agências Formadoras como pelas EEB, conforme indicação da legislação.

Desenvolver, acompanhar e avaliar, entretanto, tem aqui uma perspectiva diferente da que, em geral, tem se registrado nas disciplinas de EC, a saber:

- Desenvolver o EC a partir de uma perspectiva dialética, na qual exista um diálogo permanente entre os envolvidos: professores de EEB, estagiários de Curso de Licenciatura e docentes universitários, orientadores de EC. Isto é, de forma diferente daquela em que estagiário assume um turma de EEB, “ministra aulas nela” e depois a “devolve” ao professor regente;
- Acompanhar de forma compartilhada entre o professor regente e o docente universitário orientador, promovendo possibilidades de trocas e reflexões permanentes entre essas partes envolvidas;
- Avaliar de forma conjunta, permitindo um olhar do professor regente e do orientador, isto é, de forma diferente daquela em que o orientador vai à escola, senta ao fundo da sala de aula do estagiário e aponta pontos negativos e positivos da sua prática docente, ou daquela em que a escola fornece um parecer avaliativo, muitas vezes sem se quer ter conversado com o estagiário. Além disso, avaliar a partir de uma perspectiva que possa realmente contribuir com a formação do futuro professor e com a construção do seu conhecimento em relação ao ser-professor. E ainda avaliar num movimento que pressupõe a avaliação como elemento articular de processos de formação permanente dos profissionais da educação e como constituinte de grupos de estudos que reflitam a prática em desenvolvimento (BUSATO, 2005)

Apesar de não haver ainda muitos programas relacionados à ação de um tutor junto a um iniciante, os que já existem estão relacionados à possibilidade efetiva de inserção do iniciante no seu campo de atuação de forma menos traumática. Na literatura da área é possível encontrar a definição para este momento sendo designada como “choque de realidade”, isto é, como o momento em que ocorre o colapso dos ideais formados durante a graduação com a realidade nua e crua do cotidiano da sala de aula (VIEENMAN; LAAT; STARING, 1998, p. 412).

Por se tratar, assim, de um momento decisivo na vida do iniciante, alguns programas de tutoria configuram-se como o “elo imprescindível que deve unir a Formação Inicial ao desenvolvimento profissional ao longo da carreira docente” (MARCELO GARCIA, 1999, p.119).

Entre os programas existentes e as experiências com tutoria já realizadas, há que se destacar os programas centrados na escola, os programas centrados na assessoria através de mentores e o programa centrado na reflexão e análise permanente e crítica da própria prática do professor em sua maioria desenvolvidos na Holanda, Estados Unidos, Espanha, etc. (MARCELO GARCIA, 1999).

Os programas centrados na escola estão relacionados com uma concepção de formação de professores diretamente ligada às questões que decorrem da escola onde o iniciante realiza sua atividade profissional. Os programas centrados na assessoria através de mentores centram suas atividades em diferentes fases que vão desde a preparação dos professores que ocuparão a posição de mentores, preparação dos professores iniciantes para participar do programa, redução da carga horária dos professores iniciantes e contribuição salarial aos professores mentores até ao encontro, aos pares, entre mentores e professores principiantes, perpassando situações de observação do mentor nas aulas do principiante e observações de outros colegas (MARCELO GARCIA, 1999).

O programa centrado na reflexão e análise permanente e crítica da própria prática do professor diz respeito ao próprio programa que vem sendo desenvolvido por Marcelo Garcia no Centro de Professores de Alcalá de Guadaira.

A concepção de professor que permeia o programa está relacionada à formação de um profissional reflexivo – concepção amplamente difundida e utilizada por vários pesquisadores e formadores da área de educação.

É um programa de formação que decorre ao longo de um ano lectivo académico, com grupos reduzidos de professores participantes – não mais de quinze -, e que toma como eixo a análise e reflexão da própria prática de ensino. (...) o grupo de trabalho é coordenado por um monitor, que é um professor com uma vasta experiência e formação no mesmo nível académico em que ensinam os professores principiantes. (...) em cada grupo de trabalho participa um membro do grupo de apoio, composto por professores pertencentes ao Departamento de Didáctica e Organização Escolar (MARCELO GARCIA, 1999, p.131).

Entre os resultados obtidos junto à experiência realizada por Marcelo Garcia (1999), estão a avaliação positiva dos professores mentores na medida em que contribuem não só com questões de natureza didática como também com questões de fundo pessoal. Quanto aos professores principiantes, a experiência revelou que o programa ajuda a minimizar o “choque de realidade”.

Há, entretanto, que se observar ainda que o objetivo do programa não diz respeito tão-somente à superação de conflitos pessoais decorrentes do “choque de realidade”, mas, sobretudo com o “desenvolvimento nos professores de atitudes de abertura e análise reflexiva de sua própria prática”, o que, evidentemente, esbarra num segundo problema: “a ausência de inovações ou perspectivas de formação dos centros educativos”, as quais, enquanto não forem ultrapassadas, continuarão inviabilizando programas dessa ordem (MARCELO GARCIA, 1999, p.132).

No Brasil, pode-se citar, entre outros, os trabalhos de tutoria desenvolvidos por Cerri (2002), Rosa (2001) e (2003) e Terrazzan (2000).

Com o intuito de “inserir o aluno universitário na cultura escolar para investigar as possibilidades de um novo modelo de formação de professores, a partir da colaboração entre professor orientador, tutor e aluno bolsista”, Cerri (2002, p.202) desenvolveu um trabalho de tutoria. Essa experiência de compartilhamento de tarefas durante o desenvolvimento do Estágio Curricular permitiu concluir que o modelo de tutoria por ela desenvolvido abriu caminhos para a troca de conhecimentos, a partir de uma experiência, na qual os participantes contribuíram e receberam contribuições e, além disso, segundo

Cerri (2002), pode-se dizer que as práticas pedagógicas das professoras tutoras influenciam tanto os bolsistas quanto às professoras orientadoras ao planejarem suas próprias aulas, tendo-as como modelo.

Há ainda que se considerar que além da identificação de algumas competências, tais como, necessidades formativas a serem trabalhadas em cursos de formação, etc., o trabalho de Cerri (2002) permitiu ainda identificar um potencial positivo e crescente em relação ao trabalho com tutoria na medida em que o mesmo pôde oferecer um suporte pessoal, “conhecimentos e competências didáticas” e, além disso, uma possibilidade efetiva de aproximação à realidade escolar (CERRI, 2002, p.202).

Levando em consideração a melhoria da Formação Docente, Rosa (2001), por sua vez, focalizou limites e possibilidades de um modelo de tutoria no desenvolvimento de Estágio nos cursos de Licenciatura em Ciências. Em suas conclusões aponta o favorecimento das interações entre estagiários e tutora no sentido de contribuir com reflexões pedagógicas do estagiário sobre autoridade, comunicação em sala de aula, organização e coordenação de situações de aprendizagens, percepção da necessidade de conhecimento em relação aos conteúdos a serem ensinados e em relação aos caminhos a serem seguidos ainda compreensão da complexa realidade na qual se encontra inserido o ambiente escolar. Em relação à supervisora da universidade, Rosa (2001) acrescenta que a mesma

pareceu exercer um papel de mediadora do conhecimento acadêmico próprio dos saberes produzidos a partir das pesquisas em Educação em Ciências. A partir dessa mediação, a supervisora pôde problematizar os planejamentos propostos pelo estagiário, fazendo-o refletir sobre as ações a serem deflagradas e buscando a emergência de um saber teórico a partir da inserção nos problemas práticos. Na tensão entre o entendimento retrospectivo e a ação prospectiva, a supervisora e o estagiário puderam refletir sobre as limitações e os avanços inerentes a cada fase do processo (ROSA, SHIMABUKURU, MEDEIROS, 2001, p.10).

Quanto ao trabalho relatado por Rosa (2003), pode-se perceber que, entre outros aspectos, para que a tutoria se torne uma prática consolidada junto aos programas de Formação de Professores, é necessário que haja:

- Reorganização administrativa e curricular dos cursos;
- Ações conjuntas entre Agências Formadoras e Unidades de Ensino, conforme legislação vigente (BRASI, Resoluções CNE/CP 1, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2002 e CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002);
- Presença de professores universitários nessas ações conjuntas.

Além disso, Rosa (2003) aponta uma certa mudança de concepção em relação à percepção que se tem de professores regentes, em geral. A partir do trabalho de tutoria, os professores tutores passam a ser vistos como um modelo a ser seguidos e, em função disso, procuram aprimorar seu trabalho através de mais estudo. A experiência desenvolvida pela autora levantou ainda a necessidade de mais reflexão em torno desse tipo de ação, dada, sobretudo, a complexidade que envolve os processos formativos de professores.

Em pesquisa anterior, Terrazzan (2000) também trabalhando a partir de um modelo de tutoria desenvolvido junto a alunos do Curso de Licenciatura em Física e professores tutores de Escola de Educação Básica, observou quatro comportamentos distintos entre os professores que optaram espontaneamente em serem tutores:

- a) Professor efetivo com bastante experiência docente, com deficiências em termos de domínio de conteúdos conceituais, com forte percepção do compromisso de acompanhamento de estagiários, mas sem muitas possibilidades práticas de fazê-lo, sobretudo pela falta de tempo disponível na escola;

- b) Professor efetivo com bastante experiência docente, com deficiências mais evidentes em termos de domínio de conteúdos conceituais, com maior disponibilidade para o acompanhamento de estagiários, mas sem uma percepção clara do compromisso desta atuação;
- c) Professor efetivo, recém nomeado, quase sem experiência docente, com um domínio razoável dos conteúdos conceituais, com percepção clara do compromisso da tarefa de acompanhamento, mas sem muita disponibilidade de tempo na escola para tanto;
- d) Professor substituto/contratado, com deficiências evidentes nos conteúdos conceituais, percepção fraca do compromisso desta atuação e com pouquíssimo tempo disponível na escola para isso (TERRAZZAN, 2000).

Além dessa identificação clara de que existem professores com diferentes perfis profissionais atuando junto às Escolas de Educação Básica e das possibilidades, ainda que deficitárias, de atuarem como professores tutores, Terrazzan (2000) também salienta a necessidade de que não só as Instituições Formadoras como também as Unidades de Ensino tenham clareza em relação ao perfil do professor que desejam formar para que se consigam configurar cursos de Licenciatura que atendam à demanda atual de professores, isto é, professores preparados efetivamente para atuar na Educação Básica.

Essa consideração de Terrazzan (2000), por sua vez, também tem a ver com o fato de que no desenvolvimento de uma atividade como essa, na qual ocorrem trocas de experiências, de saberes, de valores, etc., não só o estagiário como também o professor tutor, ambos estão passando por um processo formativo, o que por sua vez também para o fato que

À medida que o professor se empenha pelo sucesso e/ou pelo fracasso dos alunos e dele mesmo, ele, gradativamente, vai buscar qualificar sua ação docente a partir da reflexão e da relação dos fatos. É evidente que para isso, vão ser percorridos caminhos muitas vezes penosos, pois, está se considerando a trajetória de aprendizagem docente, suas representações, seu imaginário e as relações sócio-culturais, enfim, a sua própria história de vida (KRUG, KRÜGER, CONCEIÇÃO; 2005, p. 05).

Isto é, a possibilidade de se desenvolver o Estágio a partir de um processo de tutoria traria benefícios e ganhos para todas as partes envolvidas. Claro que para isso é necessário que se trilha um caminho que vai, inicialmente, desde a disponibilidade e disposição dos professores que recebem estagiários em escolas básicas, vontade do estagiário em desenvolver uma atividade significativa para a sua vida profissional - e não o mero cumprimento de mais uma disciplina curricular - até a disponibilidade, disposição e vontade dos professores orientadores de estágio em desenvolver uma proposta como essa. Isso sem mencionar aspectos de outras naturezas, tais como os políticos, pedagógicos, burocráticos e técnicos.

4. A Coletividade, a Cooperação e a Importância do Diálogo no Desenvolvimento da Tutoria

Em pesquisa realizada junto a professores de Educação Básica com o intuito de “promover a interlocução de saberes docentes e dinamizar o desenvolvimento profissional no âmbito da formação continuada, da produção e divulgação de novos saberes”, Krug (2005) aponta como um dos primeiros sinais observados durante o desenvolvimento de sua pesquisa, a atuação individualista dos professores: “Neste contexto, percebemos uma ausência de competências coletivas que fazem muita falta para uma educação atual e de qualidade”. O que permite, minimamente, três observações:

- 1) Se os professores de Educação Básica apresentam dificuldade em trabalhar coletivamente, qualquer projeto ou atividade que preveja esse tipo de atividade deverá inicialmente tentar superar esse obstáculo para obter sucesso;
- 2) A ausência de disponibilidade e disposição à coletividade implica, entre outros fatores, uma queda na qualidade dos processos educativos, uma vez que, conforme Marcelo Garcia (1999, p.22), “É através da interformação que os sujeitos – neste caso os professores – podem encontrar contextos de aprendizagem que favoreçam a procura de metas de aperfeiçoamento pessoal e profissional”;
- 3) Pensar a tutoria, como forma de organização, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação para os EC, supõe, entre outros fatores, pensar na importância do diálogo, da cooperação e da coletividade como eixo articulador e elemento fundamental para o exercício da troca de experiência entre as partes envolvidas, uma vez que:

o fazer-se dos professores e professoras se dá num processo relacional, ou seja, constrói-se na interação com os outros, i.é, com os professores universitários, os colegas de trabalho, os alunos, com os autores dos livros, com a comunidade escolar, ou ainda, outros situados em diferentes *loci* da produção de saberes: na troca de experiências, no diálogo constante é que ocorre a feitura profissional do professor. Esse processo, portanto, dá-se de maneira social e nunca individual; e, em sendo social, não pode ser homogêneo (PAIM, 2005, p.166).

Isto é, a relação da tutoria com a importância da coletividade está inicialmente relacionada com a necessidade de que haja no interior de um processo de tutoria disposição dos envolvidos para trabalhar e desenvolver ações de forma conjunta. Todo trabalho que envolve uma ação tutorial requer senso e disposição para coletividade, uma vez que a eficácia do trabalho de um tutor

junto a alguém só será efetivada de forma qualitativa, quando ambos acertarem o passo rumo ao objeto de alcance: uma formação profissional de qualidade.

No caso específico da tutoria no Estágio Curricular em Cursos de Licenciatura, a disponibilidade para ações coletivas é de fundamental importância, uma vez que se deseja que com a tutoria, o estagiário, em situação de aprendizagem da docência, possa em conjunto com o seu tutor não só discutir, como planejar, conhecer, trocar experiência, etc. Objetivos que só serão alcançados mediante a disposição coletiva de ambas as partes:

Acreditar que o seu trabalho de educador é de grande importância na formação de um educando exige comunhão com um conjunto de ações coletivas que potencializarão as ações individuais para a concretização de um projeto formador. Ações isoladas dão pouca consistência e visibilidade aos resultados das atividades educativas (MOURA, 2004, p.262).

Da mesma forma, outro aspecto que requer igual importância no desenvolvimento da tutoria é a relação de cooperação entre as partes envolvidas. Cooperar, em seu sentido mais amplo, está diretamente relacionado ao ato de colaborar recíproca e simultaneamente com alguém ou alguma coisa. Nesse sentido, a colaboração entre os envolvidos numa proposta de tutoria para o desenvolvimento do Estágio Curricular é ponto não só de partida como também de chegada. Não haverá sucesso nesse processo, caso o tutor não esteja disposto a ceder seu tempo, encontrar-se com o Estagiário, perceber e compreender que o Estágio é também um momento de aprendizagem e que, portanto, o estagiário necessita de seu auxílio na resolução de suas tarefas. Assim, como também não haverá êxito num processo de tutoria em estágios, caso o estagiário não esteja disposto a aceitar sua condição de aprendiz, a compreender sua inserção num espaço novo que possui configurações próprias, talvez, diferentes daquelas com as quais estava acostumado a conviver.

Por outro lado, num sentido mais amplo, também não será possível desenvolver um trabalho como esse, caso Universidade e Escola não acertem o passo num movimento em direção à melhoria da qualidade do Ensino Básico e superior. Isto é, pensar, elaborar e desenvolver propostas em conjunto, deve ser algo presente nas agendas tanto das escolas campo de estágio como das Instituições Formadoras.

Rosa (2004), ao comentar sobre a trajetória profissional de professores iniciantes, aponta para o fato de que

Ao terminar sua formação inicial, professores, em geral, acabam se apoiando em referências anteriores de professores e/ou professoras que passaram pela sua vida escolar, ou seja, eles acabam se reportando ao seu tempo de alunos para tentar construir seu perfil docente (ROSA, SHIMABUKURU, MEDEIROS, 2004, p.19).

Nessa perspectiva, entretanto, surgem importantes questionamentos: a que tipo de professor os Professores Iniciantes estão se reportando para traçar o seu perfil profissional? Por que isso ocorre?

As respostas, entretanto, parecem bem óbvias: os Professores Iniciantes provavelmente tentarão pautar seu trabalho num modelo parecido com o do professor de que mais gostaram, com o do professor mais carismático e querido pelos colegas, enfim, com o do professor que mais marcou sua vida enquanto era aluno. Sem discutir aqui o perfil desejado para um professor de Educação Básica, esse movimento parece extremamente perigoso quando se pensa que a atividade docente não se esgota num simples ato de empatia para com os alunos.

É justamente nessa esteira que caminha a necessidade de uma articulação entre escola e Universidade, isto é, para que se pense em conjunto que tipo de profissional se quer atuando e formando pessoas por meio do ensino.

Além da importância da coletividade e da cooperação, vale salientar também o quão relevante é o diálogo no desenvolvimento de ações que envolvam tutoria. Dialogar com os pares faz parte do princípio básico da

pesquisa. Expor suas reflexões à comunidade científica é, no mínimo, condição precípua para se estabelecer a validação de um conhecimento novo, o que se faz, via de regra, em encontros, seminários, reuniões anuais, etc. Se isso ocorre entre os pares da comunidade científica, o que dizer da escola e da universidade? Talvez nem seja necessário dizer que é uma condição básica.

Buber (1982) aponta a existência de três tipos de diálogo: o autêntico, o técnico e o monólogo, a saber:

- Autêntico: onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva;
- Técnico: movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo;
- Monólogo: é o diálogo disfarçado, onde dois ou mais homens, reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e crêem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos (BUBER, 1982).

É claro que em relação às atividades de desenvolvimento da tutoria, o diálogo precisa ser autêntico, isto é, aquele em que todos os envolvidos voltam-se uns para os outros num movimento recíproco. Esse movimento, entretanto, não está na oposição em desviar-se do outro e voltar-se para o outro, mas sim num movimento de dobrar-se em si mesmo (BUBER, 1982). Isto é, dialogar significa, sobretudo, admitir a existência do Outro.

Nessa mesma esteira, cabe lembrar as palavras de Freire (1996) ao considerar o diálogo como algo indispensável à formação humana no sentido de permitir um caminho em direção à busca pela natureza inacabada do ser humana, como um caminho que passa, indiscutivelmente pela aceitação de que da inconclusão humana:

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática da abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente (FREIRE, 1996, p.153).

Numa atividade de tutoria, não haverá sucesso se todas as partes envolvidas não se aceitarem mutuamente e não se dobrarem umas as outras no sentido de se reconhecerem, primeiramente, como aprendizes tanto de algo que lhes é novo como de algo que já conhecem. É condição precípua que o diálogo permeie as relações de tutoria. Há, entretanto, que se acrescentar que, ao ser condição precípua, o diálogo também precisa ser uma via de mão dupla, na qual todos os envolvidos situam-se num mesmo patamar. O que significa, portanto, que todos os envolvidos devem ter direito ao diálogo, independente de sua condição: professor universitário, orientador de Estágio, professor de Educação Básica, regente de classe, estagiário, aluno de curso de Licenciatura.

CAPÍTULO II

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA PERCORRIDA

O problema de pesquisa e as questões que se deseja investigar, assim como os objetivos que se deseja alcançar estão diretamente relacionados às abordagens e aos procedimentos metodológicos que são utilizados em uma pesquisa. Assim, para fundamentar esses aspectos e esclarecer os procedimentos que foram adotados para esse processo de investigação, faremos a seguir a exposição dos objetivos, do problema e das questões de pesquisa juntamente com uma breve caracterização e justificativa das abordagens, das fontes, dos instrumentos e das técnicas de pesquisa e do tratamento e análise das informações coletadas.

1. Marco Inicial da Pesquisa: Objetivos, Problema e Questões de Pesquisa

Conforme foi dito anteriormente, a perspectiva de pesquisar sobre a possibilidade de desenvolvimento de EC tendo em vista um regime de tutoria, surgiu a partir da minha experiência como professora substituta - orientadora de EC do Curso de Licenciatura em Letras - e, a partir das experiências vivenciadas no projeto de pesquisa intitulado “Condicionantes para Tutoria Escolar no Estágio Curricular Supervisionado: Articulando Formação Inicial e Continuada de Professores” (COTESC) e, posteriormente, no projeto “Dilemas e Perspectivas para a Inovação Educacional na Educação Básica e na Formação de Professores” (DIPIED).

Nesse sentido, e, considerando-se que até o momento constatamos que a temática dessa investigação - tutoria no EC de Curso de Licenciatura - ainda se

mostra pouco comum nas pesquisas que envolvem Formação de Professores e, tendo em vista a possibilidade de continuação e/ou de ampliação de algumas ações já realizadas por nosso grupo de pesquisa envolvendo a temática em questão, apresentamos como objetivos desta investigação:

- Contribuir com a construção de alternativas para o processo de organização, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação de EC em Cursos de Licenciatura que estejam articulados à experiência resultante da atuação de um professor em serviço;
- Identificar características pertinentes à organização, ao desenvolvimento, ao acompanhamento e à avaliação de EC em Cursos de Licenciatura que permitam a articulação e o atendimento a necessidades de diferentes ordens, tais como, legislação vigente, características das IES e necessidades dos sistemas de ensino.

Com estes objetivos e tendo em vista os resultados obtidos em outros trabalhos relatados na literatura da área e naqueles obtidos nos trabalhos recentemente desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa, procuramos responder ao seguinte problema de pesquisa:

Quais são os limites e as possibilidades de uma ação tutorial do professor de Escola de Educação Básica junto ao desenvolvimento dos Estágios Curriculares em cursos de Licenciatura?

Para o desenvolvimento das ações que ajudaram no levantamento das possíveis respostas a este problema, consideramos importante ressaltar que:

- a) Há diversidade de sujeitos e espaços envolvidos em qualquer estudo sobre a temática em questão;
- b) A nossa experiência anterior nas ações desenvolvidas junto ao nosso grupo de pesquisa nos auxiliou na especificação das fontes e dos sujeitos participantes possíveis e suficientes para utilizar neste estudo;
- c) É necessário especificar algumas questões de pesquisa que orientaram a construção dos instrumentos adequados à coleta de informações e das técnicas a serem utilizadas para o tratamento das mesmas.

Assim, nos pareceu pertinente desenvolver atividades que procurassem responder às seguintes questões:

- Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de EEB sobre o trabalho desenvolvido por estagiários de Licenciatura em situação de EC num regime de tutoria?
- Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de Licenciatura sobre os professores de EEB que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de EC num regime de tutoria?
- Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de EEB e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de EC num regime de tutoria?
- Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de EEB que recebem estagiários de Licenciatura durante o desenvolvimento e o acompanhamento de EC num regime de tutoria?

- Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários de Licenciatura no desenvolvimento de seus EC e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
- Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de EC em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de Licenciatura - envolvidos nesse processo?

2. Caracterização da Pesquisa: Abordagem Qualitativa

Ao desenvolver um trabalho de pesquisa, faz-se necessária a definição do tipo de abordagem que possa se adequar à natureza do fenômeno e aos objetivos que se pretende alcançar. Em se tratando de pesquisa em educação, por exemplo,

...a partir da década de 70, a pesquisa e a análise qualitativa tomaram maior visibilidade, como foram os casos da pesquisa-ação e da pesquisa-participante, ambas usadas no Brasil com características de intervenção e transformação da realidade, em sintonia com o paradigma do materialismo histórico (MATOS; VIEIRA, 2002, p.33).

O advento da pesquisa qualitativa, entretanto, neste mesmo período, provocou um acirrado debate, pondo em cheque a credibilidade das pesquisas quantitativas, as quais há muito, eram as mais utilizadas pelos pesquisadores em educação e, por sua vez, tinham por objetivo dar um tratamento estatístico aos resultados obtidos a partir dos instrumentos utilizados.

De acordo com Gatti (2002), inúmeras críticas, desprovidas de uma análise mais profunda sobre suas implicações, foram feitas entre os pesquisadores em relação às pesquisas quantitativas, o que praticamente as

excluiu dos estudos em educação. As pesquisas quantitativas e qualitativas, entretanto, embora difiram quanto ao tipo, à forma de coleta e à forma de tratamento das informações, não guardam entre si relação de oposição. As diferenças existentes entre o método qualitativo e o quantitativo podem ser articuladas e empregadas conjuntamente pelo pesquisador em benefício do estudo, uma vez que a combinação de métodos distintos pode contribuir para o enriquecimento da análise.

Nas palavras de Lüdke (2006), a polarização entre abordagens quantitativas e qualitativas está muito mais voltada para os objetivos/foco, problema e questões de pesquisa, podendo-se, por vezes, se combinarem, do que para uma mera escolha formal:

Dependendo da questão estudada, a abordagem será quantitativa ou qualitativa. Elas podem até ser complementares, se o estudo assim o exigir. É preciso saber como tratar o problema que se está estudando e quais são os recursos metodológicos apropriados a esse tratamento (LÜDKE; 2006, p.420-421).

A autora segue sua linha de raciocínio explicando ainda que, para um trabalho extenso sobre alfabetização ou evasão escolar, por exemplo, é fundamental que se busquem dados numéricos para que se possa entender o que está acontecendo em relação a esses fenômenos. Entretanto, se a intenção é saber, por exemplo, quais os motivos pelos quais um aluno não se alfabetiza, é necessário que se vá para dentro da sala de aula; é necessário olhar o que se passa entre o aluno e a professora, isto é, não basta analisar as estatísticas (LÜDKE 2006).

Nesse sentido, e, procurando seguir esse caminho, é que optamos pela abordagem qualitativa, uma vez que nosso desejo é justamente investigar os condicionantes, ou seja, as limitações e as possibilidades para que um professor de EEB possa ser o tutor de um aluno de Licenciatura em situação de EC. Desejamos saber os entraves e/ou as vantagens que caracterizam o

desenvolvimento de um regime de tutoria, com base no desenvolvimento dele mesmo.

Cabe ainda ressaltar que, ao tratar-se de uma pesquisa que pretende investigar um fenômeno social, isto é, o desenvolvimento de EC, a abordagem qualitativa também parece ser a mais apropriada, dado que tem como objetivo compreender de forma detalhada os fenômenos sociais a partir da análise de diferentes formas de interação e convívio entre os próprios indivíduos e desses com o meio.

Isto é, nossa investigação não teve por intenção a utilização de metodologias que se apóiam em medidas operacionais, cuja intensidade pode ser traduzida em números, conforme Gatti (2002), mas sim a obtenção de dados a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos com o processo de desenvolvimento de EC.

No que diz respeito à condução do processo investigativo, partimos de uma proposta de intervenção, a qual se constituiu na formação de Grupos de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular (GTDAEC)⁸, ou seja, através da proposição de uma atividade de certa forma inovadora no contexto educacional brasileiro para o desenvolvimento de EC nas EEB.

Esses GT, portanto, constituíram-se num espaço que nos permitiu estudar o desenvolvimento de EC baseado num regime de tutoria e contaram com a participação de alunos de Licenciatura em situação de EC, professores de EEB responsáveis pelas turmas concedidas aos estagiários e docentes universitários, orientadores de EC, os quais se reuniram periodicamente em suas respectivas EEB para discutir questões relativas ao EC, a partir de um trabalho organizado, coordenado e desenvolvido a partir de uma lógica proposta por nós para o estudo do regime de tutoria.

⁸ Para facilitar a leitura, utilizaremos apenas a sigla GT.

3. Fontes e Instrumentos de Coleta de Informações Utilizados

Muitas são as fontes, os instrumentos e as técnicas de pesquisa disponíveis. Entendendo-se aqui como fontes de informação para a pesquisa não só pessoas (sujeitos de pesquisa), como também espaços diversos, documentos e textos em geral e, por instrumentos/técnicas, o conjunto de procedimentos realizados no desenvolvimento da pesquisa, a seguir, serão apresentadas e justificadas as fontes e os procedimentos de pesquisa adotados na realização dessa investigação.

3.1. Fontes de Informação

Esta investigação teve, pela sua própria natureza, uma série de informações coletadas, tratadas e analisadas. Essas informações procederam de diferentes espaços e, sujeitos e geraram um volume de informações satisfatório e representativo dentro das possibilidades de realização do pesquisador.

Assim, conforme dito anteriormente, definiu-se para essa pesquisa, como fontes de informação, os sujeitos que atuam nos diferentes espaços escolares: (1) professores orientadores de EC em cursos de Licenciatura; (2) alunos estagiários de Licenciatura; (3) Professores de EEB responsáveis pelas turmas cedidas aos estagiários.

3.2. Instrumentos de Pesquisa Utilizados

A pertinência e a adequação do uso de determinado instrumento e/ou técnica de pesquisa estão associadas ao tipo de fonte de informação empregada, bem como à definição dos sujeitos de pesquisa e à natureza e complexidade das

informações que se espera obter. Não caberia aqui, portanto, esgotar as possibilidades de tipos e usos de instrumento/técnica de pesquisa.

Serão ressaltadas apenas funções e particularidades daqueles que serviram e se adequaram a essa investigação, entre os quais estão atas e pareceres⁹ – instrumentos elaborados para a dinâmica de funcionamento dos GT - e entrevistas.

3.2.1. Atas das Reuniões dos GT

Os Grupos de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular (GTDACEC), conforme dito anteriormente, foram intervenções propostas por nós para o desenvolvimento de atividades de EC envolvendo o regime de tutoria que contaram com a participação de: 1) professores orientadores de EC em Cursos de Licenciatura; 2) alunos estagiários de Licenciatura; 3) Professores de EEB responsáveis pelas turmas cedidas aos estagiários.

Para que o regime de tutoria no desenvolvimento de atividades de EC pudesse ser posto em prática dentro da lógica proposta por nós, cada GT seguiu algumas normas acordadas no ato do convite para a participação espontânea e voluntária da proposta em questão, tais como, realização de reuniões periódicas entre professor responsável pela turma (tutor) e estagiário; realização de reuniões mensais entre o grupo todo – professor orientador, professor de EEB e estagiário de Licenciatura. Assim, para que pudéssemos ter registros formais dos acontecimentos e das situações vivenciadas e/ou discutidas durante as reuniões periódicas e mensais, elegemos como nossos primeiros instrumentos de

⁹ O trabalho sobre o regime de tutoria no desenvolvimento de atividades de EC teve seu início durante o desenvolvimento do projeto “Condicionantes para Tutoria Escolar no Estágio Curricular Supervisionado: Articulando Formação Inicial e Continuada de Professores” (COTESC) em agosto de 2004. Assim, tanto os modelos utilizados para os pareceres quanto para as atas foram sofrendo alterações e reelaborações decorrentes da análise do andamento do trabalho. Esses diferentes modelos, entretanto, serão apresentados no capítulo seguinte destinado à apresentação dos dados coletados

pesquisas atas das reuniões elaboradas e aprovadas conjuntamente pelos participantes dos GT.

Atas, a rigor, são documentos, cujo objetivo está relacionado ao relato de ocorrências, como discussões, propostas, deliberações ocorridas em assembleias, reuniões, congressos, etc. (PEIXOTO, 2001).

Como instrumento de coleta de informações da nossa pesquisa, as atas tiveram por finalidade emitir descrições dos acontecimentos ocorridos e dos assuntos discutidos durante as reuniões dos GT. Este instrumento foi implementado para que fosse possível o acesso ao relato dos assuntos discutidos (planejamentos didáticos, dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do EC e sugestões para a resolução dessas) ao longo das reuniões entre o tutor e o estagiário, assim como ao longo das reuniões gerais entre o tutor, o estagiário e o orientador.

Tendo em vista a natureza das reuniões, este instrumento, por sua vez, apresentou dois modelos distintos, isto é, foram coletados ao longo do desenvolvimento desta investigação dois tipos de atas:

- a) Atas dos encontros periódicos entre o professor de EEB e o estagiário (T-E: tutor-estagiário), elaboradas e aprovadas pelo estagiário em conjunto com o professor responsável pela turma;
- b) Atas das reuniões gerais, ou seja, dos encontros mensais realizados entre todos os participantes dos GT, elaboradas e aprovadas pelo grupo todo.

3.2.2. Pareceres sobre o Trabalho de Tutoria

Além da elaboração das atas, para que pudéssemos ter uma visão mais aproximada do regime de tutoria no desenvolvimento de atividades de EC, cada participante do GT ficou responsável pela elaboração de um parecer mensal, o

qual pudesse explicitar com mais detalhes a sua opinião em relação ao regime de tutoria. Assim, para que pudéssemos ter registros formais da posição dos envolvidos nos GT, elegemos como segundo instrumento de pesquisa, os pareceres sobre o trabalho de tutoria.

Conforme literatura da área há vários tipos de pareceres, entre eles, o administrativo, o técnico, o científico e o jurídico. O administrativo está relacionado à expedição de um juízo por parte de órgãos consultivos, especialistas, auditores, etc. O técnico e o científico são utilizados por diferentes áreas, como a medicina, na qual, por vezes, também é chamado de laudo. O jurídico, por sua vez, relacionado mais especificamente ao Direito, tem por finalidade emitir a opinião de um jurista, observando-se nesse caso a legislação, a jurisprudência, as doutrinas de Direito, etc. (PEIXOTO, 2001).

Como instrumento de coleta de informações da nossa pesquisa, o parecer teve por finalidade emitir, mensalmente, a opinião dos sujeitos envolvidos nos GT em relação ao trabalho de tutoria desenvolvido, o que subdividiu este instrumento, isto é, foram coletados ao longo do desenvolvimento desta investigação três tipos de pareceres:

- a) **Parecer mensal elaborado pelo aluno em estágio:** através deste instrumento, procurou-se avaliar o acompanhamento que o estagiário recebeu do seu tutor ao longo do desenvolvimento do EC. Além dos pontos positivos, o estagiário pôde informar as dificuldades encontradas ao longo do seu EC, bem como as alternativas que encontrou para superá-las. Além disso, este instrumento teve por objetivo observar em que medida a ação tutorial pôde ou não contribuir com as práticas escolares do estagiário;
- b) **Parecer mensal elaborado pelo tutor:** este instrumento teve por objetivo avaliar a participação do tutor no decorrer do EC. Além dos pontos

positivos, o tutor pôde informar as dificuldades encontradas tanto por ele quanto pelo estagiário ao longo do acompanhamento do EC. Este instrumento teve ainda o intuito de pontuar as alternativas encontradas para solucionar os problemas decorrentes do EC e a avaliação do tutor em relação à sua contribuição no desenvolvimento do EC;

- c) **Parecer mensal elaborado pelo orientador de Estágio:** através deste instrumento, procurou-se perceber como o orientador do EC avaliou o trabalho de tutoria realizado pelo tutor e em que medida a ação tutorial pôde colaborar não só com o desempenho do estagiário como também com a articulação entre Universidade e Escola. Além disso, solicitou-se ainda que o orientador descrevesse os resultados evidenciados a partir da ação tutorial do professor da EEB - tutor - junto ao estagiário em situação de EC.

3.2.3. Entrevistas

As atas das reuniões e os pareceres dos participantes do GT forneceram dados valiosos para o nosso estudo, entretanto, nos pareceu pertinente aprofundar algumas questões mais específicas sobre o trabalho de tutoria desenvolvido. Assim, entre os instrumentos disponíveis da literatura da área, nos pareceu mais adequado utilizar a entrevista como subsídio de aprofundamento e de intercâmbio entre as informações já coletados.

Como os tutores desenvolveram o trabalho de tutoria com um estagiário em especial, a entrevista nos permitiu que fizéssemos questionamentos específicos sobre o tutor e seu estagiário e vice-versa. Para isso, elaboramos dois roteiros de entrevista: um para que os tutores pudessem falar sobre seus estagiários e sobre o regime de tutoria (apêndice 1) e outro para que os

estagiários pudessem falar sobre seus tutores e também sobre o regime de tutoria (apêndice 2).

Na literatura, encontra-se uma quantidade considerável de classificações para as entrevistas conforme o grau de estruturação que essa apresenta. Essas classificações podem ser abordadas dentro de dois grandes grupos: entrevista não-estruturada e entrevista estruturada.

Nesta investigação utilizamos a entrevista estruturada, conforme Gil (1999) ou dirigida, de acordo com Richardson (1999), ou estruturada/orientada, segundo Matos; Vieira (2002), a qual é composta por perguntas pré-formuladas, organizadas em uma ordem pré-estabelecida e aplicadas igualmente a todos os entrevistados. Esta opção justifica-se pelo fato de que essa técnica permitiu que posteriormente pudéssemos categorizar as respostas dos entrevistados, uma vez que os dois grupos de sujeitos - tutores e estagiários - responderam as mesmas perguntas.

Esse instrumento também foi escolhido pelo fato de permitir a coleta de um número considerável de informações, por proporcionar aos informantes a liberdade de se expressar, isto é, os entrevistados podem falar à vontade e por quanto tempo desejarem, o que normalmente não ocorre, quando se utiliza um instrumento mais fechado e individual como um questionário, por exemplo: em geral, os respondentes escrevem respostas curtas com um volume muito pequeno de informação.

4. Tratamento das Informações Coletadas

Depois de recolhidos os instrumentos de pesquisa – atas das reuniões periódicas e das reuniões gerais, pareceres sobre o trabalho de tutoria dos sujeitos envolvidos - e de realizadas as entrevistas com os tutores e os

estagiários que participaram dos GT, os instrumentos foram organizados da seguinte forma¹⁰:

- **Atas das reuniões periódicas (T-E):** as anotações, em sua maioria feitas a mão durante as reuniões, foram digitadas e agrupadas com as demais atas do GT de origem;
- **Atas das reuniões gerais:** as anotações que estavam a mão também foram digitadas. As informações audiogravadas, no caso dos GT onde houve audiografações, foram transcritas. Posteriormente, ambas foram agrupadas com as demais atas do GT de origem;
- **Pareceres do estagiário sobre o trabalho de tutoria:** as anotações feitas a mão foram transcritas e agrupadas com as demais informações dos outros pareceres do estagiário no GT de origem. O mesmo foi feito com os demais pareceres: dos tutores e dos orientadores;
- **Entrevistas com os tutores e estagiários dos GT formados:** as audiografações das entrevistas foram transcritas e devolvidas aos entrevistados, via correio eletrônico, (APÊNDICE 3) para as devidas correções e/ou alterações. Posteriormente, foram tabuladas cada uma no seu GT de origem.

Após o agrupamento dos instrumentos do mesmo tipo, as informações contidas neles foram analisadas a partir das questões de pesquisa elaboradas para essa investigação.

¹⁰ O demonstrativo dos GTDACEC que foram formados e os que foram utilizados nesta investigação, bem como a quantidade de instrumentos recolhidos serão informados no próximo capítulo.

TABELA 1: Relação de instrumentos de pesquisa e respectivas questões utilizadas para a análise dos mesmos

		Fontes/Instrumentos						
		Sujeitos					Espaços	
		Tutor		Estagiário		Orientador	Reunião do GT	
Nº	QUESTÕES	PAR	ENTREV	PAR	ENTREV	PAR	ATA/T-E	ATA/GERAL
1	Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	X	X					
2	Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?			X	X			
3	Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?						X	X
4	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	X	X					
5	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?			X	X		X	X
6	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?	X	X	X	X	X		

Em seguida, todas as informações provenientes dos diferentes instrumentos, mas relativas a uma mesma questão foram agrupadas independente do GT de origem (todas as informações relativas à questão de número um de todos os pareceres dos tutores de todos os GT, por exemplo). Isso formou um grande conjunto de informações para cada questão de pesquisa. Assim, as informações que apresentavam idéias comuns em cada uma das questões foram novamente agrupadas para que pudessem ser apresentadas no próximo capítulo e discutidas posteriormente¹¹.

¹¹ Os exemplos com cada uma das tabulações citadas acima serão apresentados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

A EXPERIÊNCIA DA TUTORIA NO DESENVOLVIMENTO E ACOMPANHAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR

Conforme explicitado no capítulo anterior, essa investigação teve o intuito de buscar os limites e as possibilidades de uma ação tutorial do professor de EEB junto ao desenvolvimento dos EC em cursos de Licenciatura. Os estudos sobre essa temática, entretanto, começaram a ser desenvolvidos por nosso grupo de pesquisa um pouco antes da elaboração dessa Dissertação de Mestrado. Isto é, os estudos sobre um regime de tutoria no desenvolvimento de EC tiveram seu início, mais especificamente no âmbito do desenvolvimento das atividades do projeto “Condicionantes para Tutoria Escolar no Estágio Curricular Supervisionado: Articulando Formação Inicial e Continuada de Professores” (COTESC)¹².

O objetivo central do projeto COTESC era estudar as atuais formas de interação Universidade-Escola buscando obter informações que, uma vez analisadas, pudessem subsidiar a proposição de parâmetros para a criação de mecanismos flexíveis, porém estáveis para a realização dos Estágios Curriculares na Formação Inicial de Professores, de forma mais adequada e consistente com os resultados das pesquisas, dos estudos e das normativas legais no campo da Educação, do Ensino e da Formação de Professores (TERRAZZAN, 2006).

O projeto, desenvolvido numa parceria entre a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),

¹² Projeto desenvolvido com apoio do CNPq – Proc. 478078/2003-0

contou ainda com o apoio da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

As investigações sobre o regime de tutoria, propriamente dito, iniciaram por volta de agosto de 2004, quando parte do grupo de pesquisa envolvido no projeto, reuniu-se a fim de discutir as diretrizes que norteariam o desenvolvimento do trabalho de tutoria. Inicialmente a equipe discutiu a formação dos GTADCEC, na época simplesmente denominados de Grupos de Trabalho (GT)¹³, caracterizando-os como um intervenção, cujo objetivo era propiciar um espaço para troca de experiências entre professores em Formação Inicial e professores em serviço, para o desenvolvimento e acompanhamento compartilhado de EC e, sobretudo, para o desenvolvimento do regime de tutoria.

A proposta de tutoria tinha a ver com a possibilidade de aproximar o aluno-estagiário de Licenciatura não só do seu campo profissional, como já o faz através da realização do EC, como proporcionar a ele um contato com um modelo mais próximo da sua profissão, através do professor regente de classe na posição de seu tutor.

Essa perspectiva, entre outros aspectos, estava relacionada a uma preocupação que emergia de questões centrais da Formação Inicial. Ao apresentar uma formação fragmentada entre disciplinas técnicas e/ou conteudistas e disciplinas pedagógicas, estas em menor quantidade, o referencial, o modelo de professor até então conhecido pelo futuro professor de EEB tinha a ver com pesquisadores acadêmicos com formação na sua área específica, isto é, com pouca ou nenhuma interação com a Escola Básica, campo profissional do futuro professor em formação.

O questionamento que faço em relação à diversidade de modelos de formação de professores hoje existentes é que ela não responde a aspectos específicos da atuação de professores responsáveis pela

¹³ A alteração da denominação de GT para GTDACEC teve o intuito de especificar um pouco mais a função e o objetivo dos grupos. Lembramos, entretanto, que, para facilitar a leitura, usaremos apenas GT.

transmissão de saberes, oriundos em campos distintos da cultura humana, no âmbito da Escola Básica; mas resulta pura e simplesmente da forma como profissionais de outras áreas do saber, que não da educação, imaginam (por mais “bem-intencionados” que estejam) o que seja adequado para a atuação profissional de um professor da Educação Básica (TERRAZZAN, 2002, p.57)

Ao tomar como modelo professores, cuja formação não é especificamente a Educação, há que se considerar dois aspectos: primeiramente é possível verificar uma gama de professores iniciantes reproduzindo em sala de aula de EEB não só os conhecimentos produzidos na e pela academia como também fazendo uso das mesmas metodologias utilizadas pelos docentes universitários. Em segundo lugar, há que se considerar o desinteresse pela carreira de magistério de Educação Básica em função de uma procura imensa pela carreira do magistério superior.

Nesse sentido, apostando na eficácia de modelos que priorizam parte da formação de futuros professores aos agentes envolvidos no lócus profissional, o que estávamos propondo era uma espécie de ação tutorial por parte da escola. Acreditávamos, sobretudo, na possibilidade de o professor de EEB exercer o papel de “tutor” do futuro profissional; na possibilidade de o estagiário ser orientado por um docente de Agência Formadora, com especialização para esta função, e auxiliado por um professor atuante, em serviço, com experiência profissional na docência em Educação Básica e na possibilidade de que o orientador fosse um promotor da interação entre “tutor” e estagiário. Acreditávamos na possibilidade de o conjunto dessas atitudes e tarefas poderem:

- Proporcionar ao estagiário modelos de atuação profissional;
- Dar suporte ao estagiário durante um período crítico da Formação Inicial, tendo em vista sua definição pela carreira docente;

- Encorajar o estagiário a enfrentar os dilemas da profissão docente, mediante a discussão conjunta dos problemas e das dificuldades encontradas;
- Fornecer um “retorno” aos estagiários com o intuito de estimular a auto-reflexão e a auto-análise em relação às suas práticas escolares (VIEENMAN et. al., 1998);
- Capacitar, gradualmente, o estagiário para a resolução autônoma de problemas e para a tomada de decisões refletida, (escolha de metodologias de ensino, definições curriculares, gestão do tempo, preparação, implementação e avaliação de atividades didáticas);
- Sanar dúvidas, partilhar angústias e inseguranças do estagiário e, além disso, sugerir encaminhamentos para as dificuldades e os desafios encontrados durante a realização do EC;
- Conferir ao professor regente de classe o papel de guia, de alguém que, baseado em sua própria experiência docente, possa amparar o estagiário em sua “primeira experiência profissional”;
- Favorecer o trabalho cooperativo e uma maior interação entre Universidade e Escola;
- Possibilitar o enfrentamento conjunto dos deveres e dos dilemas éticos da profissão;

- Proporcionar o monitoramento do percurso pessoal de aprendizagem, tendo em vista o caráter não de aplicação prática de conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da Formação Inicial, mas o espaço de contínua aprendizagem conferido ao EC.

Somando a isso, é necessário acrescentar que uma ação tutorial do professor da EEB junto ao estagiário poderia oportunizar a formação em articulação com as situações de trabalho o que poderia também propiciar ao sujeito em situação de aprendizagem (estagiário) a produção de estratégias, dispositivos e práticas de formação que valorizassem fortemente a aprendizagem por via experiencial e o papel do sujeito que ensina (tutor) num processo de auto-construção como pessoa e como profissional (CANÁRIO, 1997).

O objetivo de se compartilhar a responsabilidade pelo desenvolvimento do EC com as EEB através de ações tutoriais também estava relacionado com o fato de que é a escola o ambiente onde surgem e se podem resolver a maior parte dos problemas relativos ao ensino e é o professor que atua nela que tem a maioria das respostas às dúvidas dos estagiários. Assim, a possibilidade de termos uma parte da Formação Inicial dentro do local de trabalho e durante o tempo escolar poderia fazer com que existisse inicialmente uma maior implicação dos professores (HEWTON apud MARCELO GARCIA, 1995).

1. A Formação dos Primeiros GT

A formação dos GT, no projeto COTESC, ocorreu numa etapa posterior à realização da análise de documentos (Projeto Político-Pedagógico, Regimento, Planos de Estudo, Calendário Escolar) de 18 Escolas da rede estadual de Ensino Médio do Município de Santa Maria/RS; posterior ao início da aplicação de questionários e da realização de entrevistas à equipe diretiva dessas escolas, bem

como ao início da aplicação de questionários aos professores dessas mesmas escolas.

Cada GT formado contava com a participação voluntária e espontânea de professores regentes de classe de EEB de Santa Maria em serviço – denominados de tutores –, os quais recebiam, acompanhavam e avaliavam os estagiários; de alunos de Licenciatura em situação de EC – professores em Formação Inicial - e de docentes Universitários (Orientadores de Estágio) e também coordenadores do trabalho de tutoria desenvolvido no GT.

A equipe responsável pela formação dos GT inicialmente foi composta por docentes das áreas de Física e Biologia da UFSM. Mais tarde, porém, com a participação de docentes de outras áreas, a equipe ampliou-se e passou a contar também com a área da Filosofia. Foi, no entanto, somente no mês de agosto de 2004, conforme dito anteriormente, que a equipe realmente conseguiu consolidar-se, ficando composta por docentes das áreas de Filosofia, Língua Portuguesa e Literatura, Biologia, Química e Física.

Foi também esta equipe que definiu os procedimentos que deveriam ser adotados em cada um dos GT formados (APÊNDICE 4), bem como fez o contato com os primeiros estagiários e professores-tutores dispostos a colaborar com o projeto, formalizando, após convites a professores e estagiários do Centro de Educação da UFSM, um total de 03 (três) GT:

TABELA 2: Descrição dos GT formados no 2º semestre/2004

Nº	GT	TUTOR	ESTAGIÁRIO	ESCOLA	ORIENTADOR	DISCIPLINA
01	EF01	Sô	Já	A	Ed	Física
02	ELP01	Mª	Na	B	Li	Português
03	EFII01	Ka	Ro	A	Ma	Filosofia

Conforme mostra o APÊNDICE 4, para o acompanhamento do trabalho de tutoria desenvolvido no GT, a dinâmica de funcionamento de cada um deles envolvia a realização de fases, constituídas a cada fechamento das reuniões quinzenais entre os tutores e os estagiários e a uma reunião mensal entre o grupo todo: tutores, estagiários e orientadores de EC.

O fechamento de cada fase/mês, bem como a quantidade delas, entretanto, variou de um grupo para outro, tendo em vista as particularidades da realização de EC nos diferentes cursos de Licenciatura da UFSM, envolvendo, sobretudo, diferenças no tempo de duração dos EC em cada curso.

Quanto à coleta de informações, optamos por instrumentos que pudessem fornecer informações não só sobre as reuniões periódicas dos participantes como também sobre o ponto de vista dos componentes de cada GT, o que compôs o seguinte conjunto de instrumentos:

- Parecer mensal elaborado pelo aluno em estágio, no qual constasse a sua percepção sobre o trabalho de tutoria ou um levantamento dos pontos positivos e negativos da ação tutorial;
- Parecer mensal elaborado pelo tutor no qual constassem as mesmas informações do parecer do estagiário;
- Parecer mensal elaborado pelo coordenador do GT, membro do projeto COTESC e, usualmente, também professor orientador de Estágio, no qual constassem informações semelhantes as do parecer do estagiário e do professor-tutor.
- Ata dos encontros quinzenais, elaborada pelo estagiário em conjunto com o professor responsável pela turma;

- Ata dos encontros mensais, elaborada pelo estagiário em conjunto com o professor responsável pela turma e pelo orientador de EC.

O trabalho desenvolvido pelos primeiros três GT formados (TABELA 2) nos permitiu ter acesso a um conjunto de 18 instrumentos, incluindo atas das reuniões entre tutor e estagiário, atas das reuniões gerais e pareceres (Apêndice 5), cujos resultados foram tabulados, analisados e apresentados em forma de trabalho¹⁴.

No ano seguinte, mas precisamente no primeiro semestre de 2005, a equipe responsável pela formação, desenvolvimento e acompanhamento dos GT sofreu novas mudanças, ficando composta por cinco integrantes: um professor adjunto da área de Física, duas docentes substitutas do Centro de Educação das áreas de Educação Física e de Língua Portuguesa, uma aluna do Curso de Licenciatura em Química, bolsista do projeto, e uma colaboradora, professora de Educação Física. Esta equipe deu continuidade ao trabalho que havia sido começado no ano anterior, elaborando um novo roteiro de procedimentos a serem seguidos pelos GT, o qual especificava e detalhava um pouco mais as atividades a serem desenvolvidas (Apêndice 6). Além disso, esta equipe formou um conjunto de 07 (sete) GT.

TABELA 3: Descrição dos GT formados no 1º semestre/2005

Nº	GT	TUTOR	ESTAGIÁRIO	ESCOLA	ORIENTADOR	DISCIPLINA
01	EEdFis01	An	Da	C	Vi	Educação Física
02	EEdFis02		Ju Ka			
03	EEdFis03	De	Ju Dé	D		
04	EEdFis04		Pa			
05	EEdFis05		Ma			
06	ELP01	Zu	Re	E	Li	Português
07	ELP02		Da			

¹⁴ KIST, Liane Batistela et al: (2005). 'A formação de grupos de trabalho (GTs) na investigação da tutoria escolar no estágio curricular supervisionado'. In: *Anais do IV Encontro Ibero Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que fazem Investigação na sua Escola*, 25 a 29 de Julho de 2005, UNIVATES, Lajeado/BRA, 7p.

A formação desses 07 GT contou com um número de participantes maior que o do ano anterior. Conforme mostra a Tabela 3, participaram 3 professores de EEB da rede estadual de ensino de Santa Maria, 07 estagiários de dois Cursos de Licenciatura da UFSM e dois orientadores de estágio, docentes da UFSM. Em relação às informações coletadas, ao final do primeiro semestre, recolhemos, incluindo atas das reuniões entre tutor e estagiário, atas das reuniões gerais e pareceres um total de 54 instrumentos (APÊNDICE 7), cujos resultados foram tabulados, analisados e apresentados em alguns eventos da área da educação¹⁵.

No segundo semestre de 2005, a equipe responsável pela formação, desenvolvimento e acompanhamento dos GT contou com a participação de um professor adjunto da área de Física, três docentes substitutas do Centro de Educação das áreas de Língua Espanhola, Matemática e Língua Portuguesa e Literatura e uma aluna do Curso de Licenciatura em Química, bolsista do projeto. Esta equipe, entretanto, antes de formar novos GT e, após a análise dos instrumentos recolhidos nos GT anteriores e, mediante as experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento dos GT anteriores, reelaborou os procedimentos a serem seguidos pelos GT.

Nos GT anteriores, os participantes haviam fornecido as informações nas atas e nos pareceres livremente, isto é, sem um roteiro a ser seguido e sem um instrumento específico para isso. Essa ausência de normatização, entretanto, impediu os participantes de fornecerem informações mais detalhadas, ou seja, a maioria dos instrumentos recolhidos apresentavam poucas informações. Os participantes falavam apenas sobre os acontecimentos mais recentes ou sobre aqueles que lembravam no momento em que faziam as atas e/ou os pareceres. Partindo disso e, sobretudo, pensando em elaborar instrumentos que pudessem

¹⁵ KIST, Liane B.; TERRAZZAN, Eduardo A.; DUTRA, Edna F.; MENEGHETTI, Andreia: (2005). 'A tutoria e o acompanhamento do estágio curricular no processo de formação inicial de professores'. In: *Caderno de Resumos do 15º Congresso Brasileiro de Leitura do Brasil*, de 5 a 8 de Julho de 2005, Campinas/Brasil. p.250.

KIST, Liane B.; FERNANDES, Fabiana P.; TERRAZZAN, Eduardo A.: (2006). 'O papel do Professor de Educação Básica no Desenvolvimento do Estágio Curricular Pré-Profissional'. In: *VI Encontro Sobre Investigação na Escola*, 29 a 30 de Setembro de 2006, FURG, Rio Grande/BRA, 5p.

fornecer mais informações e informações mais detalhadas, é que esta equipe elaborou um novo conjunto de seis instrumentos, os quais apresentavam alguns pontos a serem observados e espaço destinado às anotações (Apêndice 08).

Após a elaboração do conjunto de instrumentos, essa mesma equipe formou 11 (onze) novos GT que, conforme Tabela 4, contaram com a participação de nove professores de Educação Básica de Santa Maria, 13 estagiários de quatro Cursos de Licenciatura da UFSM e quatro orientadores de estágio, docentes da UFSM.

TABELA 4: Descrição dos GT formados no 2º semestre/2005

Nº	GT	TUTOR	ESTAGIÁRIO	ESCOLA	ORIENTADOR	DISCIPLINA
01	ELP01	Ro	De Ta	F	Li	Português
02	ELP02		Ma AC			
03	ELP03	Ne	Fe	F		
04	ELP04	Zu	Ca	E		
05	EE01	Ma	Da	G	Fa	Espanhol
06	EE02		Gle			
07	EE03	Lú	As	A		
08	EM01	Da	Si	G	Le	Matemática
09	EM02	Ma	Fá	F		
10	EF01	As	As	G	Ed	Física
11	EF02	Va	Na	H		

Ao final do segundo semestre de 2005, após o término das atividades dos 11 GT, foram recolhidos 71 instrumentos, incluindo as atas das reuniões entre tutor e estagiário, atas das reuniões gerais e pareceres (Apêndice 9), cujos resultados também foram tabulados, analisados e apresentados em alguns eventos¹⁶.

¹⁶ KIST, Liane B.; TERRAZZAN, Eduardo A.; MENEGHETTI, Andreia: (2006). 'Estudando novas possibilidades para a realização do estágio curricular em cursos de licenciatura'. In: *Anais da XX JAI/UFSM - Jornada Acadêmica Integrada da UFSM*, 8 a 10 de Março de 2006, Santa Maria/BRA. (CD-Rom, arq<XXJAI06\Jai.chm::/Trabalhos/ Htms/2673.html>).

KIST, Liane Batistela; MARSHALL, Leila R. S.; TERRAZZAN, Eduardo: (2006). 'A formação de Grupos de Trabalho (GT) no desenvolvimento do Estágio Curricular em Cursos de Licenciatura'. In: *Anais do XIII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, 23 a 26 de Abril de 2006, Recife/BRA. 10p. (CD-Rom, ISBN 85-0068-3, arq <T76-1.rtf>).

Assim, ao final do desenvolvimento das atividades do projeto COTESC, isto é, do segundo semestre de 2004 até o segundo semestre de 2005, foram formados 21 GT em 08 (oito) escolas de Santa Maria, perfazendo um total de participação de 06 (seis) docentes universitários, orientadores de EC, 14 (quatorze) professores da Educação Básica e 25 estagiários de Cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria em situação de EC. A formação desses GT foi de extrema importância para que pudéssemos no ano seguinte formar novos grupos, repensando os instrumentos de coleta de informações, a dinâmica de funcionamento, etc.

2. GT Formados no Âmbito do Projeto DIPIED

No ano de 2006, após o término das atividades do projeto COTESC, nosso grupo de pesquisa passou a desenvolver um novo projeto intitulado de “Dilemas e Perspectivas para a Inovação Educacional na Educação Básica e na Formação de Professores” (DIPIED)¹⁷.

O projeto DIPIED também desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria teve por objetivo dois grandes focos:

- Subsidiar o estabelecimento de parâmetros a serem oferecidos às diversas instâncias dos Sistemas Público de Ensino, que contribuam para a institucionalização de políticas públicas que viabilizem a construção autônoma ou adoção crítica de propostas inovadoras sustentadas pelas próprias unidades escolares, para o desenvolvimento **de práticas escolares de naturezas diversas**.

¹⁷ CNPq/Edital Universal 02/2006 - Proc. 486440/2006-0

- Sinalizar condicionantes para a implementação de inovações em Cursos de Licenciatura que articulem o atendimento a necessidades de diferentes ordens, tais como, legislação vigente, características de agências formadoras e necessidades dos sistemas de ensino, com particular atenção à organização e ao desenvolvimento das **Práticas como Componente Curricular (PCC)** e dos **Estágios Curriculares Pré-Profissionais (ECP)** previstas nas normativas legais.

Isto é, fazia parte das ações previstas no projeto DIPIED, entre outros aspectos, a continuidade dos estudos iniciados no projeto COTESC, o que nos permitiu a continuidade da formação de GT como forma de estudo sobre a organização e o acompanhamento de EC. Assim, no ano de 2006, no âmbito do projeto DIPIED, formamos 10 novos GT com estagiários de dois Cursos de Licenciatura da UFSM: Ensino de Física e Ensino de Matemática, os quais deram origem as informações analisadas nesta pesquisa.

Os GT formados no Ensino de Física funcionaram de março a dezembro de 2006 em função da organização do EC proposta pelo orientador, isto é, os estagiários permaneceram em sua respectiva escola durante um ano inteiro, acompanhando a mesma turma. Entretanto nem todas as fases previstas puderam ser concluídas em função de paralisações não só da Rede Pública Estadual de Ensino e da própria UFSM.

TABELA 5: Descrição dos GT formados no Ensino de Física

Nº	GT	TUTOR	ESTAGIÁRIO	ESCOLA	ORIENTADOR	DISCIPLINA
01	EF01	Va	An	H	Ed	Física
02	EF02	As	Ja	I		
03	EF03	An	Lu	I		
04	EF04	Cí	Ma	J		
05	EF05	Ta	Pa	A		
06	EF06	El	Sa	L		

Já os GT formados no Ensino de Matemática funcionaram de março a julho de 2006 em função da organização do EC proposta pelo orientador, isto é, os estagiários permaneceram em sua respectiva escola durante um semestre, acompanhando a mesma turma.

TABELA 6: Descrição dos GT formados no Ensino de Matemática

Nº	GT	TUTOR	ESTAGIÁRIO	ESCOLA	ORIENTADOR	DISCIPLINA
01	EM01	Vo	Ga	M	Le	Matemática
02	EM02	Re	Na			
03	EM03	El	Pa			
04	EM04	Eli	Gra			

Os GT formados em 2006, funcionaram com o mesmo objetivo dos GT organizados no projeto COTESC, isto é, investigar os limites e as possibilidades para a implementação de uma proposta de tutoria no desenvolvimento do EC no qual o professor regente de classe desempenhe o papel de tutor do estagiário de curso de Licenciatura; proporcionar uma intervenção que permita vivenciar uma experiência de acompanhamento compartilhado entre Universidade (Agência Formadora) e EEB para o desenvolvimento do EC e promover uma maior interação/articulação entre Universidade e Escola através do EC.

Quanto à composição, os novos GT mantiveram a proposta do projeto COTESC, isto é, também foram formados por professores tutores – professores de EEB que recebem estagiários -, alunos de licenciatura em EC e docentes universitários (orientadores de estágio).

Entretanto, no que diz respeito às reuniões periódicas entre os participantes, consideramos que seria mais proveitoso se ocorressem semanalmente, sobretudo, os encontros entre os estagiários e os tutores. Isso para que os encontros não ficassem tão espaçados e para que o tutor pudesse

acompanhar passo a passo as atividades do estagiário e, em especial, pudesse auxiliá-lo com um pouco mais de frequência.

E, quanto aos instrumentos para coleta de informações, consideramos que poderíamos detalhá-los ainda mais, isto é, poderíamos construir roteiros que pudessem nos fornecer mais detalhes e, inclusive, algumas reflexões sobre a dinâmica de funcionamento do EC, sobre o seu desenvolvimento, sobre o acompanhamento, sobre a avaliação, etc. Nesse sentido, elaboramos um novo conjunto de instrumentos, composto agora por cinco roteiros: normas de funcionamento, ata das reuniões - tanto semanais quanto mensais -, pareceres sobre o trabalho de tutoria para o estagiário, para o tutor e para o orientador (APÊNDICE 10). Além disso, também ficou acordado que, para que os encontros mensais com o grupo todo pudessem pôr em discussão os acontecimentos relacionados ao desenvolvimento do Estágio, seria necessário que os pareceres do estagiário e do tutor fizessem parte da pauta da reunião, isto é, seria necessário que estivessem prontos para essa reunião.

Através da dinâmica de funcionamento dos GT, foi possível recolher um conjunto de 65 instrumentos nos GT do Ensino de Física. No caso específico desses GT, algumas reuniões mensais foram audiogravadas e, posteriormente, transcritas (APÊNDICE 11). Nos GT do Ensino de Matemática foram recolhidos um conjunto de 44 instrumentos (APÊNDICE 12).

Além dos instrumentos recolhidos a partir da dinâmica de funcionamento dos GT, também foram realizadas entrevistas com os estagiários e os tutores tanto dos GT do Ensino de Física quanto dos GT do Ensino de Matemática, totalizando um conjunto de 19 entrevistas.

**TABELA 7: Demonstrativo geral dos instrumentos coletados nos GT
Ensino de Física**

GTDACEC	Instrumentos				
	Atas T-E	Reunião Geral	Pareceres	Entrevista Tutor	Entrevista Estagiário
EnsFis01	07	02	04	01	01
EnsFis02	-	02	-	01	--
EnsFis03	08	03	04	01	01
EnsFis04	11	03	05	01	01
EnsFis05	07	03	04	01	01
EnsFis06	-	02	-	01	01
Total	33	15	17	05	05

**TABELA 8: Demonstrativo geral dos instrumentos coletados nos GT
Ensino de Matemática**

GTDACEC	Instrumentos				
	Atas T-E	Reunião Geral	Pareceres	Entrevista Tutor	Entrevista Estagiário
EnsMat01	02	01	07	01	01
EnsMat02	06	01	06	01	01
EnsMat03	03	01	05	01	01
EnsMat04	03	01	08	01	01
Total	14	04	26	04	04

3. Apresentação dos Dados Coletados nos GT

Conforme explicitado no capítulo anterior, os instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de informações junto aos GT que funcionaram no ano de 2006, nos quais se utilizou a audiogravação, tais como atas das reuniões gerais e entrevistas com tutores e estagiários, foram transcritos (APÊNDICES 13, 14 e 15). Depois disso, todos os instrumentos foram agrupados da seguinte forma: inicialmente foram agrupados os instrumentos do mesmo tipo - atas T-E, atas da reunião geral, pareceres e entrevistas pertencentes a um mesmo GT -, os quais

foram analisados mediante as questões de pesquisa que diziam respeito a eles (Apêndice 16). Em seguida, todas as informações provenientes dos diferentes instrumentos, mas relativas a uma mesma questão foram agrupadas independente do GT de origem (Apêndice 17).

Cabe salientar ainda que durante o processo de tratamento dos dados, encontramos algumas dificuldades decorrentes do volume de informações e da diversidade das mesmas. Em função disso foi necessário que fizéssemos algumas escolhas de forma a selecionar apenas as informações que diziam respeito à temática em questão, isto é, que pudessem responder às questões de pesquisa propostas. Assim, a seguir, apresentamos as informações coletadas e tratadas através de subtítulos, os quais dizem respeito às próprias questões de pesquisa. No capítulo seguinte, apresentamos as análises dos mesmos através da resposta ao problema de pesquisa proposto nesta investigação.

3.1. Aspectos Característicos nas Avaliações dos Professores de EEB sobre o Trabalho Desenvolvido por Alunos de Licenciatura em Situação de EC num Regime de Tutoria

Para que se pudesse responder sobre os aspectos característicos nas avaliações dos professores de EEB sobre o trabalho desenvolvido pelos estagiários, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: os pareceres dos tutores e as entrevistas concedidas por eles sobre o trabalho de tutoria.

Com base nos pareceres de todos os tutores envolvidos, foi possível perceber que os aspectos mais observados pelos tutores durante o trabalho do estagiário estão relacionados à competência dele em relação ao domínio do conteúdo e da turma bem como em relação à recepção do estagiário pela turma e à empatia da turma pelo estagiário. Alguns tutores observaram ainda o nível de

segurança do estagiário e a fluência verbal dele ao explicar os conteúdos em sala de aula.

Outros aspectos, menos recorrentes, mas também avaliados/observados pelos tutores dizem respeito à relação do estagiário com a Escola em si. Alguns tutores avaliaram positivamente a participação integral do estagiário nas atividades da escola, o interesse em saber questões relativas ao funcionamento da escola e a preocupação com o alcance dos objetivos propostos no programa da escola. A responsabilidade do estagiário com o cumprimento dos horários, a disponibilidade para a elaboração conjunta dos planejamentos, replanejamentos e dos instrumentos avaliativos bem como o interesse em desenvolver metodologias diferentes das comumente utilizadas na respectiva área disciplinar e a vontade de melhorar o trabalho ao longo do desenvolvimento do Estágio, também foram aspectos pautados nas avaliações de alguns tutores em relação ao trabalho desenvolvido pelos estagiários.

Vale também ressaltar a avaliação positiva em relação à conduta de alguns estagiários no tratamento com os alunos. Alguns tutores relataram a importância de o estagiário se preocupar com o interesse dos alunos pelas aulas bem como buscar subsídios que pudessem motivar mais os alunos a participarem das aulas ou que pudessem contribuir com a resolução de casos mais particulares como o caso do estagiário que procurou ajuda para os problemas enfrentados na sala de aula em função do despreparo da maioria dos profissionais da educação no trato com alunos portadores de necessidades especiais.

Em contra partida, entretanto, também cabe salientar algumas observações relativas à falta de experiência de alguns estagiários em contornar problemas de comportamento dos alunos bem como a falta de atitude e desenvoltura deles no desenvolvimento das atividades em sala de aula, o que, para alguns tutores, poderia melhorar, caso todos os estagiários fizessem observações da classe antes do início do EC. A observação inicial da classe contribuiu para que o estagiário não tivesse tantas dificuldades e não para que não ocorressem tantos conflitos

entre o estagiário e aluno, sobretudo, em relação à metodologia de ensino utilizada pelo estagiário e as expectativas dos alunos em relação ao trabalho dele.

No que diz respeito às avaliações em relação ao trabalho desenvolvido pelos estagiários feitas nas entrevistas concedidas pelos tutores, foi possível observar, inicialmente, nas falas do tutores, dois aspectos bastante distintos entre si: há uma expectativa inicial dos tutores em relação ao trabalho dos estagiários bem como uma expectativa dos estagiários em relação à escola, às atividades que irão realizar. No primeiro caso, há uma expectativa muito grande de que o estagiário acrescente alguma “coisa nova”, de que traga “novidades”, de que faça um trabalho diferente, sobretudo, no que diz respeito ao uso de novas metodologias de ensino. Essa expectativa, entretanto, é modificada na medida em que percebem que a formação recebida pelo estagiário na universidade é praticamente a mesma que eles receberam, isto é, alguns estagiários levaram o mesmo tipo de atividade que o tutor havia aprendido na universidade durante sua formação e também é menor para os professores que já haviam recebido estagiários anteriormente. Professores que já haviam recebido estagiários não criaram muitas expectativas em relação à possibilidade de os estagiários trazerem novidades.

No que diz respeito ao segundo caso, há observações de que os estagiários, via de regra, apresentam uma expectativa muito grande em relação à escola pública, em relação ao trabalho que podem desenvolver, o que por vezes acaba gerando um processo de contínua decepção com a realidade atual da escola pública. Há outro caso também em que o tutor relatou o fato de o estagiário ter chegado com muitas expectativas muitos “sonhos” e também com muita segurança de que tudo funcionaria bem, o que por sua vez dificultou o enfrentamento e a resolução das dificuldades enfrentadas. Além disso, vale também ressaltar o comentário de que estagiários, ao assumirem turmas na escola, aliviam parte da carga horária dos professores.

Outro aspecto bastante recorrente na fala do tutores ocorre em relação à opinião deles sobre o EC. Muitos relataram a importância de haver espaço para oportunidades, isto é, estagiários precisam de espaço/oportunidade:

Eu acho que tem que dar, primeiramente, tem que dar oportunidade para o estagiário, também fazer a prática dele. Isso que é válido.

(Entrevista Tutor GT EM 04).

Essa observação, entretanto, é extremamente contraditória quando, em alguns momentos, os próprios tutores reclamam da falta de experiência dos estagiários em controlar a turma, da insegurança inicial em ceder turmas para os estagiários, sobretudo, pela pouca idade da maioria deles, da falta de experiência em relação à gestão de classe, etc.

Esse estagiário deste ano, eu não tiro como parâmetro para os outros. Até quando eu pegar outros estagiários eu não posso me espelhar muito nesse, porque há muitos que têm vindo assim sem experiência nenhuma e esse já tinha experiência, então é por isso que eu tenho que fazer um recorte.

(Entrevista Tutor GT EF05)

Esse aspecto, por vezes, é justificado pelos professores através de comentários em relação à IES que tem proporcionado a formação do estagiário, alegando que os estagiários não estão sendo bem preparados pela Universidade, sobretudo no que diz respeito ao trato com os alunos em sala de aula:

E deu pra perceber que a universidade, ela não tá dando aquela base para um estagiário chegar na sala e ter aquela firmeza diante dos alunos (...) O estagiário faz muito a vontade do aluno, daí o aluno deixa de aprender. Mas isso foi o que eu senti: a minha estagiária, ela realmente faltou, parecia que ela tinha muita vontade, ela se dedicava muito, (...). Só que faltou pulso de segurar a turma e aí faltou aquela experiência.

(Entrevista Tutor GT EM 04)

Em outros casos, alguns tutores tentaram justificar as dificuldades encontradas na desenvoltura dos estagiários em sala de aula em função do acúmulo de atividades deles, uma vez que, além do desenvolvimento do EC,

precisam assistir a aulas na universidade, estudar para provas, preparar aulas para o EC, deslocar-se para universidade, deslocar-se para a escola. Esse acúmulo de atividades também acaba gerando uma certa desorganização. No caso relatado: o estagiário demorava em anotar os acontecimentos ocorridos, provocando o esquecimento de muitos deles e, além disso, se atrasava ou faltava às aulas, produzindo efeitos negativos na turma na medida em que essa perdia a confiança nele.

Cabe ainda ressaltar o comentário de alguns tutores em relação ao fato de que o interesse dos estagiários pelo magistério e a excitação deles com o início da profissão motivam também os professores mais experientes, em alguns casos, acrescentando até uma certa energia no trabalho do tutor.

E, ao mesmo tempo, aprendi bastante, porque é aquela questão inicial: o despertar para uma nova profissão, o gosto pelo magistério. Isso, muitas vezes, o estagiário tem forte. Ele vem com isso bem forte.

(Entrevista Tutor GT EF04)

3.2. Aspectos característicos nas Avaliações dos Estagiários de Licenciatura sobre os Professores de EEB que os Recebem para Desenvolvimento e Acompanhamento de EC num Regime de Tutoria

Para que se pudesse responder sobre os aspectos característicos nas avaliações dos estagiários sobre os professores de EEB que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de EC num regime de tutoria, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: os pareceres dos estagiários e as entrevistas concedidas por eles sobre o trabalho de tutoria.

Com base nos pareceres de todos os estagiários envolvidos nos GT formados em 2006 no Ensino de Física e no Ensino de Matemática, foi possível

perceber que os estagiários consideram de fundamental importância dois aspectos: a disponibilidade e o acompanhamento dos tutores para com eles e as orientações recebidas.

Em relação à disponibilidade e ao acompanhamento dos tutores, os estagiários mencionam que a disposição destes a um diálogo permanente com os estagiários transmite segurança e tranquilidade no enfrentamento e na busca de soluções para as dificuldades encontradas. Como possuem experiência em regência de classe, os tutores sugerem modificações nas atividades, o que contribui decisiva e positivamente com o desenvolvimento das atividades do estagiário em sala de aula e, além disso, promovem reflexões no desenvolvimento das atividades desenvolvidas pelos estagiários, os quais têm a oportunidade de avaliar seu próprio trabalho e, posteriormente, passar a trabalhar de uma forma mais parecida com a do tutor.

A disponibilidade em acompanhar o andamento das atividades do estagiário, em ajudá-lo, em, inclusive, fornecer materiais, em compartilhar experiência e também, em alguns momentos deixar o estagiário livre para tomar suas decisões são atitudes que contribuem com a preparação e desenvolvimento das aulas bem como com a formação do estagiário. No caso específico em que a tutora deixou o estagiário mais livre, contribuiu também com o processo de ingresso e aceitação dele pela turma.

Em relação às orientações recebidas, os estagiários salientam de forma bastante recorrente, o auxílio do tutor com as questões relativas ao funcionamento da escola e também à gestão de classe. As orientações dos tutores no que diz respeito ao preenchimento do diário de classe, à participação nas reuniões com pais, na entrega de boletins, no conselho de classe e na resolução de problemas de comportamento dos alunos foram decisivas para que o estagiário pudesse se situar melhor e participar mais ativamente do cotidiano escolar.

Cabe também ressaltar que, em alguns casos, houve apenas uma disposição inicial do tutor em acompanhar, auxiliar e planejar as atividades em conjunto com o estagiário, isto é, ao longo do desenvolvimento do EC, esse acordo não foi cumprido, o que, na opinião do estagiário impediu que ele obtivesse um crescimento profissional maior no EC. Além disso, houve também o relato de que o tutor, infelizmente, não acrescentou nada além daquilo que o estagiário já sabia.

No que diz respeito às entrevistas sobre o trabalho de tutoria, é possível perceber que os estagiários, ao se dirigirem às Escolas, apresentavam uma expectativa muito grande em relação aos professores. Com o desenvolvimento do EC, eles foram observando os professores e relataram que, em alguns casos, os professores superaram suas expectativas iniciais, entretanto, em outros, tiveram contato com uma realidade diferente da que eles estavam imaginando.

Ao iniciar o seu EC, os estagiários acreditavam que os professores, tendo em vista suas longas experiências em sala de aula, tivessem muito a ensinar a eles, que pudessem auxiliá-los no desenvolvimento do seu EC e também pudessem contribuir com sua formação profissional no sentido de transmitir experiências para eles. Além disso, foram para a Escola esperando que os professores os ajudassem, falando sobre o perfil dos alunos, sugerindo condutas, transmitindo sua experiência e dando uma dimensão do trabalho com adolescentes bem como dos motivos que levam alguém a optar por uma profissão tão desvalorizada como a profissão docente.

Ao longo do desenvolvimento do EC, muitas das expectativas iniciais dos estagiários foram cumpridas uma vez que foram bem recebidos por professores experientes, os quais faziam sugestões sobre a condução de determinadas situações em sala de aula, estavam disponíveis para o estagiário, isto é, não assumiram outro compromisso no horário em que o estagiário estava em aula, o que permitia que o professor pudesse acompanhar as aulas do estagiário. Alguns professores foram vistos pelos estagiários como pessoas intermediárias, como

um apoio permanente entre eles e a escola na medida em que explicavam a dinâmica de funcionamento da Escola para o estagiário, permitindo que o estagiário fosse reconhecido como professor, inclusive, conferindo a ele a responsabilidade de falar sobre a turma no Conselho de Classe. Além disso, a receptividade do tutor para com o estagiário, a confiança do tutor no trabalho do estagiário, o qual inclusive o substituiu em outras turmas quando o mesmo não pôde comparecer e o interesse do tutor em fazer algo novo também permitiram a confirmação das expectativas iniciais dos estagiários em relação aos seus respectivos tutores.

Em alguns casos, entretanto, os estagiários chegaram a constatar situações um pouco diferentes daquelas que imaginavam encontrar, percebendo, por exemplo, que alguns professores já se acostumaram com a situação precária das escolas públicas e com a falta de interesse dos alunos, isto é, alguns professores achavam que depois de tanto tempo de serviço não valia a pena mudar, o que de certa forma fez com os estagiários pensassem na possibilidade de que isso também pudesse acontecer com eles. Em outro caso, a experiência do tutor não contribuiu com o enfrentamento das dificuldades do estagiário na medida em que o tutor já estava acostumado com muitos dos problemas vivenciados pelo estagiário, o que não causava nem espanto nem interesse em buscar soluções. A quantidade de compromissos de alguns tutores também foi um fato negativo observado por alguns estagiários dado que isso o impedia de fazer um acompanhamento periódico do trabalho desenvolvido pelo estagiário.

Além disso, vale ainda ressaltar que experiência dos professores em serviço avaliada como fator positivo para alguns estagiários, para outros foi motivo de decepção uma vez que, para alguns estagiários, professores com muito tempo de serviço não costumam levar atividades novas/diferentes para os alunos, muitos deles, pelo próprio tempo de serviço, se utilizavam de métodos tradicionais, o que impediu, por vezes, a discussão, nos encontros deles, dos planejamentos a serem implementados pelos estagiários.

3.3. Aspectos Principais que Caracterizam os Encontros entre Professores de EEB e Estagiários de Licenciatura e os Encontros entre Estagiários, Professores e Docentes Orientadores de EC num Regime de Tutoria

Na dinâmica de funcionamento dos GT, estava previsto que deveriam ocorrer dois tipos de encontros: um entre o tutor e o estagiário, preferencialmente semanal, e outro, mensal, entre o tutor, o estagiário e o docente orientador de EC. Esses encontros tiveram, entre outros, o objetivo de promover uma maior interação entre eles bem como permitir um acompanhamento mais formal do EC. Nesse sentido, e, para que se pudesse ter acesso aos aspectos principais que caracterizam os encontros entre professores de EEB e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de EC num regime de tutoria, foi utilizado um instrumento de pesquisa, denominado por nós de ata, a qual era elaborada pelo tutor e pelo estagiário nas reuniões deles e pelo orientador nas reuniões do grupo todo.

Com base nas atas das reuniões entre os tutores e os estagiários, em seus respectivos GT, foi possível perceber a discussão de quatro pontos centrais: aspectos relacionados à gestão de classe, ao andamento das aulas do estagiário, à avaliação e à dinâmica de funcionamento do GT e a própria tutoria.

Em relação à gestão de classe, os tutores e os estagiários discutiram questões relacionadas às dificuldades encontradas pelos alunos na realização das atividades propostas pelos estagiários, ao comportamento dos alunos (indisciplina na sala de aula), ao número relativamente grande de ausência dos alunos às aulas, à relação dos estagiários com a turma, incluindo os casos em que os estagiários conseguiram um aumento na participação dos alunos em sala de aula e as dificuldades encontradas por um dos estagiários no tratamento de

alunos portadores de necessidades especiais. Além disso, os tutores e os estagiários também usaram o espaço destinado à reunião do GT para discutir questões relativas ao funcionamento da escola, isto é, a atividades gerais da escola, como entrega de boletins, preenchimento do diário de classe, dinâmica de funcionamento do conselho de classe, resultados do conselho de classe.

No que diz respeito aos problemas decorrentes da gestão de classe, sobretudo em relação ao baixo índice de frequência dos alunos e ao caso do aluno portador de necessidades especiais, tutores e estagiários envolvidos buscaram resolver os problemas procurando a coordenação pedagógica da escola, no primeiro caso, o estagiário procurou a professora (educadora especial) responsável em acompanhar o aluno no turno inverso, a qual também não conseguiu ajudar o referido aluno com as atividades propostas, pois não tinha conhecimento sobre a área disciplinar do estagiário.

Sobre o andamento das aulas do estagiário, as discussões giraram em torno da metodologia de ensino utilizada pelo estagiário, das atividades desenvolvidas e das atividades que ainda seriam desenvolvidas pelo estagiário, incluindo aqui, a definição dos conteúdos a serem desenvolvidos, ajustes na ordem dos conteúdos definidos anteriormente. Em alguns casos, tutor e estagiário planejaram conjuntamente as aulas, discutiram posteriormente a implementação dos planejamentos e fizeram as adaptações necessárias, sobretudo, em função das reduções do número de aulas decorrentes não só de atividades extras realizadas pela escola, como pela greve do magistério público. Em alguns casos, tutores e estagiários procuraram buscar metodologias diferentes das comumente utilizadas com o intuito de melhorar o desempenho dos alunos e/ou prender mais a atenção deles nas aulas.

Outro ponto bastante recorrente nas discussões entre tutores e estagiários diz respeito à avaliação, a qual incluía vários aspectos, tais como: sugestões do tutor em relação a instrumentos de avaliação que poderiam ser utilizados pelo estagiário, ao tipo de questões que poderiam elaborar e também sobre as formas

de correção dos exercícios, procurando respeitar as normas em relação a cada uma das escolas sobre a quantidade de instrumentos, datas previstas para realização das avaliações, etc. Os tutores e os estagiários também procuraram discutir o rendimento dos alunos, o desempenho, ou o aproveitamento deles nas provas bem como, em alguns, os conteúdos a serem revisados em função do baixo aproveitamento dos alunos nas provas.

Em relação à dinâmica de funcionamento dos GT, tutores e estagiários fizeram pequenos comentários relacionados a ajustes dos horários das reuniões entre eles, a algumas dúvidas sobre o mecanismo de funcionamento do regime de tutoria bem como em relação a acordos sobre o acompanhamento das aulas do estagiário. Em um dos casos, o estagiário comentou com o tutor que se sentia melhor sem a presença dele na sala.

Já nas atas das reuniões gerais realizadas entre tutores, estagiários e docentes universitários, os pontos discutidos giraram em torno de seis aspectos principais: definição da pauta da reunião, avaliação, participação do estagiário nas atividades da escola, andamento das aulas do estagiário, gestão de classe e regime de tutoria.

Na definição da pauta da reunião, em geral, os participantes de cada GT selecionavam os pontos que seriam colocados em discussão de acordo com os acontecimentos ou os problemas enfrentados na fase de desenvolvimento em questão. Esses pontos, entretanto, não variaram muito, e se referiram, na maioria dos casos, aos pontos que serão apresentados a seguir.

Em relação à avaliação, tutores, estagiários e orientadores docentes universitários comentaram sobre instrumentos de avaliação utilizados pelo estagiário, exigência de instrumentos por parte da escola, resultados das avaliações feitas com os alunos, notas dos alunos depois da utilização do instrumento de avaliação, aspectos positivos da metodologia e das atividades propostas pelo estagiário junto à turma bem como critérios para avaliação dos alunos e valores atribuídos aos instrumentos de avaliação.

Sobre a participação dos estagiários nas atividades das escolas como, reuniões de pais, conselho de classe, atividades extras, como feira de ciências, por exemplo, um dos grupos discutiu sobre o descontentamento de um dos tutores em relação ao fato de que apenas professores efetivos participavam de reuniões na escola. Outros tutores mencionaram a falta de convite por parte da escola para a participação do estagiário nas atividades da escola em oposição à necessidade disso no sentido de integrá-lo efetivamente no contexto escolar:

Ele tem que participar de igual para igual como os outros, como um professor, deve estar integrado...

(Reunião Geral GT EF03)

Houve um caso em que a escola fez uma reunião inicial com todos os estagiários para explicar alguns procedimentos como o preenchimento do caderno de chamadas, procedimentos a serem adotados em caso de problemas com os alunos. Entretanto, nessa mesma escola a tutora avisou o estagiário e o orientador sobre uma possível intervenção da supervisão, caso os alunos fizessem alguma reclamação em relação ao trabalho do estagiário:

A Supervisão vai interferir se os alunos vierem reclamar dele: se não estiverem contentes, se não estiverem entendendo, alguma coisa assim. Aí a Supervisão chama o professor da disciplina e o estagiário pra conversar. Mas, por enquanto, está tranquilo, espero que não aconteça nada disso...

(Reunião Geral GT EF05)

Sobre o andamento das aulas do estagiário na escola, os grupos costumavam discutir sobre os conteúdos de ensino previstos para a área disciplinar em questão, sobre os planejamentos didáticos do estagiário, sobre a implementação desses planejamentos. Outro aspecto bastante discutido nas reuniões foi a adequação dos planejamentos dos estagiários às necessidades dos alunos: alguns estagiários estavam implementando atividades um pouco diferentes das comumente utilizadas no ensino da área em questão. Isso gerou um certo desconforto entre os estagiário e as turmas, as quais estavam

preocupadas com o desenvolvimento de conteúdos previstos nos programas de vestibular. Houve um caso em que o estagiário desenvolvia suas atividades no horário normal da turma e a tutora acrescentava e desenvolvia atividades para o vestibular no turno inverso ao da aula do estagiário para satisfazer às exigências dos alunos. Esse fato, entretanto, não ocorreu em um dos GT, no qual o tutor assistia às aulas do estagiário e procurava implementar as atividades dele nas suas demais turmas. Além disso, cabe também ressaltar as discussões relativas à falta de formação não só do tutor como do estagiário para trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais.

No que diz respeito à gestão de classe, tutores, estagiários e orientadores de EC discutiram sobre o comportamento dos alunos, sobre dificuldades dos estagiários em relação à indisciplina dos alunos, sobre a aceitação, segurança e desempenho dos estagiários nas respectivas turmas, sobre os avanços conseguidos por alguns estagiários em relação à reintegração de alguns alunos e à promoção de uma maior participação em função de atividades novas propostas por eles. Além disso, vale ressaltar sobre as discussões acerca da falta de experiência de alguns estagiários, justificada por um dos tutores pelo fato de haver uma diferença de idade muito pequena entre o estagiário e os alunos, o que dificultou o trabalho deles. Um dos tutores relatou que a pequena diferença de idade existente entre os estagiários e os alunos fez com que os alunos não respeitassem o trabalho deles como professor.

E, sobre o regime de tutoria, sobre a dinâmica de funcionamento dos GT, sobre o EC propriamente dito, os grupos levantaram questões importantes como a falta de espaço para EC nas Escolas de Ensino Médio. Um dos tutores comentou que em sua escola o trabalho de tutoria está motivando outros professores a receberem estagiários:

Um dos critérios que a gente já comentou e que agora começamos a trabalhar e eu acho que vai ser a tendência é receber estagiários desse jeito. A professora de português mesmo disse que não aceitava de jeito

nenhum estagiário, mas agora ela vai aceitar utilizando esse modelo que nós trabalhamos aqui.

(Reunião Geral GT EF04)

Nesse sentido, comentaram ainda a importância de um plano de recepção de estagiários pelas escolas campo de estágio com número de vagas pré-definidas, isto é, com uma certa formalidade, com pessoas responsáveis em recebê-los, com a percepção da escola como espaço de formação profissional para professores em Formação Inicial, com a previsão na grade de trabalho das pessoas de um tempo para o acompanhamento dos estagiários:

Então, o pessoal não tem usado esse espaço como formação profissional, como nas outras profissões. Se você vai ser um farmacêutico ou um advogado, lá no escritório de advocacia, o estagiário não chega e começa a fazer tudo. Inclusive nem vão dar alguma coisa para ele fazer, se não tiver o mínimo de orientação. Agora, para ter orientação, tem que ter funcionário para isso.

(Reunião Geral GT EF03)

A maioria dos tutores avaliou de forma positiva o trabalho de tutoria no acompanhamento de estagiários uma vez que estes não ficam “soltos”, sozinhos na escola, como costuma acontecer com alguns estagiários que não são acompanhados e, por sua vez, não sabem como proceder frente a imprevistos na sala de aula, entretanto, não consideram muito necessário o acompanhamento das aulas, a presença na sala de aula, nos casos em que os estagiários demonstram condições de trabalhar sozinhos e também para que a turma adquira respeito pelo estagiário:

E até eu perguntei para ele a satisfação dele de não estar sempre observando a aula dele, de não estar indo, ou se ele gostaria que ficasse sempre junto e ele me disse que se sente à vontade em ficar só ele na aula e eu ir lá de vez em quando observar algum tipo de atividade que ele está fazendo e tal.

(Reunião Geral GT EF05)

Em alguns casos, há solicitação por parte da escola de que o professor fique constantemente na sala com o estagiário, entretanto, um dos tutores explicou à supervisão a necessidade de o estagiário estabelecer uma relação de confiança e respeito com a turma sem a presença de uma pessoa junto a ele:

Até a orientação da supervisão é que o professor assista sempre às aulas. Eu conversei com eles e disse que não e coloquei os motivos: o professor que está lá na frente não vai se sentir bem se tiver uma pessoa ali vigiando. Os alunos não vão dar credibilidade para o professor que está ali na frente ministrando a aula, enquanto tiver alguém sempre olhando o que ele está fazendo para apontar se está errado ou se está certo.

(Reunião Geral GT EF05)

Houve ainda um caso em que a presença do tutor confundia os alunos, os quais não sabiam em quem prestar atenção, isto é, ora ouviam o tutor, ora o estagiário:

A partir daquele dia, eu acho que eles entenderam que eles têm dois professores. Dois planejando, dois avaliando, dois ajudando e eu fui a todas as aulas. Claro que procurando interferir o mínimo possível. Durante a explicação dele eu ficava no meu cantinho, na última classe para os alunos não ficarem olhando para mim em vez de olhar para ele, já que ele que estava explicando.

(Reunião Geral GT EF06)

Sobre a dinâmica de funcionamento dos GT, os tutores relataram problemas decorrentes não só em função de colegas da escola, os quais fizeram críticas em relação ao tempo que o tutor dispôs para fazer um acompanhamento regular junto ao estagiário, bem como em relação à necessidade de haver realmente um tempo previsto para a tutoria, isto é, de haver uma previsão de horário para que haja possibilidade de se reunir com estagiários, sobretudo, para a manutenção da periodicidade das reuniões T-E:

Esse tempo teria que ser maior. De repente até a escola poderia dispor de um período do professor para acompanhar o estagiário. Porque a gente fica numa saia justa no sentido de não dar conta. No fim fica o

estagiário ali dando aula, e a gente tem que ir pra outro lugar, tem que fazer outra coisa. Porque sabem que o professor está ali livre e o estagiário está dando aula. Aí, então assim, faltou um professor, chama: Vai lá pega aquela turma lá.

(Reunião Geral GT EF05)

Algumas coordenações pedagógicas fazem uma rígida supervisão em relação ao trabalho do estagiário, sobretudo, no sentido de encontrar um deslize que possa justificar uma repreensão a eles:

Ah elas reclamam de tudo: do estagiário, da aula, se tem um aluno fora e é da turma do estagiário, pronto, a culpa é do estagiário, aí chama o professor, chama o estagiário. É, uma nota que tenha errado, elas chamam e caem em cima por que é estagiário.

(Reunião Geral GT EF05)

3.4. Dificuldades Comumente Encontradas pelos Professores de EEB que Recebem Estagiários de Licenciatura durante o Desenvolvimento e o Acompanhamento de EC num Regime de Tutoria

As dificuldades comumente encontradas pelos professores de EEB que recebem estagiários de Licenciatura durante o desenvolvimento e o acompanhamento de EC num regime de tutoria foram analisadas a partir de dois instrumentos de pesquisa: do pareceres feitos pelos tutores durante o desenvolvimento dos EC dos seus respectivos estagiários e da entrevistas concedidas pelos tutores sobre o regime de tutoria no desenvolvimento de EC.

A partir do pareceres dos tutores, foi possível perceber que ao longo do acompanhamento dos estagiários, os tutores tiveram que enfrentar situações tais como: a não aceitação de estagiários por parte de alguns colegas em função da falta de horários e de experiências anteriores com problemas de falta de acompanhamento por parte do orientador, a indisponibilidade de horário para a

realização de encontros mais longos e formais com os estagiários e seus respectivos orientadores e a diferença na metodologia de ensino proposta pelos estagiários e as suas metodologia usuais. Nesse último caso, alguns tutores tiveram que buscar uma forma de compatibilizar as propostas de trabalho sugeridas pelos estagiários com as exigências dos alunos. Para isso, alguns tutores deram aulas no período inverso ao estagiário utilizando atividades exigidas pelos alunos, em outros, os estagiários tiveram que adaptar suas propostas iniciais de trabalho de forma a satisfazer aos alunos. Houve ainda uma situação em que o tutor precisou permanecer na sala de aula do estagiário praticamente durante todo o EC.

Já nas entrevistas, os tutores, além de problemas em relação à disponibilidade de tempo para o acompanhamento de estagiários e problemas relacionados à postura de alguns colegas e da própria escola em relação a estagiários, mencionaram também um certo receio no que diz respeito à preparação que os estagiários têm recebido para a realização de seus EC bem como do próprio acompanhamento previsto, sobretudo, por parte do docente orientador de EC.

Quanto às questões referentes à indisponibilidade de horários, os tutores mencionaram problemas em relação à coincidência de horários com outras atividades, o que não permitia que houvesse reuniões entre os tutores e os estagiários, isto é, tutores não tinham tempo disponível para a realização de reuniões e para acompanhamento junto ao estagiário. Um dos tutores mencionou, inclusive, a necessidade de uma previsão na grade de horário dos professores com tempo disponível para o recebimento e acompanhamento de estagiários de forma que fosse possível fazer planejamentos e discussões com os eles:

Só que a gente insiste de novo que a coordenadoria liberasse, por exemplo, duas ou três horas para isso. Daí a gente tem esse tempo livre para fazer uma coisa bem feita! Não só quando pode. Se isso constasse

na nossa grade de trabalho para poder fazer um trabalho bem feito, aí tu saberia que tem um horário para isto, para tu sentar e fazer isso aí. A gente, muitas vezes, tinha que substituir alguém, daí eu saia da sala...

(Entrevista Tutor GT EF01)

Outro aspecto observado pelos tutores diz respeito à dependência deles em relação à supervisão da escola para poder receber estagiários, a qual em muitas ocasiões não permite que isso ocorra e à rejeição de colegas em receber estagiários. Muitos tiveram que conviver com críticas dos colegas que não concordavam em receber estagiários ou que recebiam, mas não faziam um acompanhamento adequado/satisfatório:

Quando eu estava com o estagiário, diziam assim: mas como tu perde tempo! Porque a gente falava e às vezes eu tinha horário vago na escola, e a gente fazia as reuniões sempre em horários vagos, no furo de disciplinas. Daí, diziam: mas como tu perde tempo. Mas eu dizia assim: mas é o momento da gente sentar e parar. Daí tu se sente segura. Como eu já falei, as atitudes que eu tive com o estagiário no estágio, tudo que aconteceu, a gente estava tranqüilo, seguro, seguro para fazer. Agora, se eu tivesse que tomar uma atitude com esse menino que eu estou recebendo agora, eu não sei se teria essa segurança que eu tive com o estagiário, de sentar e ele se sentir seguro também... Então acho que para gente é forte...

(Entrevista Tutor GT EF01)

Por fim, em relação ao receio no que diz respeito à preparação que os estagiários têm recebido para a realização de seus EC bem como do próprio acompanhamento previsto, sobretudo, por parte dos docentes orientadores de EC, os tutores comentaram sobre a insegurança em relação à preparação dos estagiários e ao desenvolvimento do estágio, à condução das atividades escolares e sobre uma certa preocupação de que o estagiário talvez não faça um trabalho tão bom quanto o de um professor experiente. Somando-se a isso, muitos tutores, sobretudo, em função de experiências anteriores, mencionaram um certo medo de que o estagiário ficasse sem o acompanhamento do orientador, isto é, ficasse “solto” na escola. Além disso, cabe também ressaltar as dificuldades no que diz respeito à relação deles com os estagiários. Alguns tutores ficaram um pouco apreensivos ao serem observados por alguém – no

caso os estagiários antes de terem assumido efetivamente suas turmas – e também um pouco em dúvida sobre como conduzir o acompanhamento de um estagiário: dúvidas em relação a assistir ou não às aulas do estagiário, ao que exatamente observar em relação ao trabalho do estagiário.

3.5. Dificuldades Comumente Encontradas por Estagiários de Licenciatura no Desenvolvimento de seus EC e a Articulação do Trabalho de Tutoria no Enfrentamento delas

As dificuldades comumente encontradas pelos estagiários de Licenciatura no desenvolvimento de seus EC e a articulação do trabalho de tutoria num possível enfrentamento delas foram analisadas a partir de um conjunto um pouco maior de instrumentos de pesquisa. Isto é, foram analisadas a partir dos pareceres feitos pelos estagiários durante o desenvolvimento dos seus respectivos EC e das entrevistas concedidas por eles sobre o regime de tutoria no desenvolvimento de EC. Além disso, também foram utilizadas as atas das reuniões entre eles e seus tutores e entre eles, seus tutores e seus orientadores de EC, uma vez que essas reuniões tinham justamente o objetivo de pôr em discussão o andamento do EC dos estagiários, sobretudo, no que dizia respeito às dificuldades encontradas por eles.

As dificuldades apontadas pelos estagiários, entretanto, foram se repetindo, independente do tipo de instrumento utilizado. Em função disso, para responder a essa questão, apresentaremos os dados coletados a partir de tópicos gerais, os quais reuniram as principais dificuldades deles e não por instrumento de pesquisa, como vínhamos fazendo até aqui. Entre os tópicos gerais, podemos destacar: problemas/dificuldades relacionadas à preparação para o EC e ao desenvolvimento dele; à relação entre tutor e estagiário; à gestão de classe e ao andamento e desenvolvimento das aulas.

Em relação ao primeiro tópico, problemas/dificuldades relacionadas à preparação para o EC e ao desenvolvimento dele, foi possível perceber que a grande maioria dos estagiários apresenta uma série de preocupações relacionadas a primeira experiência em sala de aula como professor, ou seja, ao fato de ter que “dar aula pela primeira vez”, entre as quais destacamos: expectativa em relação à aceitação e ao respeito da turma pelo estagiário, insegurança em relação aos procedimentos, às atitudes e às posturas a serem adotadas em sala de aula, timidez, dificuldade em conduzir uma aula, em gerenciar o tempo na sala de aula, em se relacionar com os alunos, incluindo o fato de ser avaliado por eles e pela própria escola, “dar aula” na posição de estagiário, falta de experiência em conduzir situações inesperadas na sala de aula, como a reprovação dos alunos em relação à metodologia:

Na primeira aula eu cheguei pronto pra desenvolver uma técnica e no início, quando eu tentei fazer uma problematização, eu já vi uma certa resistência, porque eles não estavam acostumados com aquilo. Não era um método que eles estavam acostumados e aí eu já me perdi todo, porque eu tinha preparado, eu tinha uma estratégia, eu não tinha um plano “B”.

(Entrevista Estagiário GT EF04)

No que diz respeito à articulação do trabalho de tutoria com o enfrentamento dessas dificuldades, um dos estagiários comentou sobre a postura de seu tutor, o qual procurou sugerir condutas para o estagiário:

E eu ia discutindo com o professor (tutor) e ele ia me passando a experiência dele: “Ó, quando acontecer tal coisa, eu acho interessante que tu faça dessa forma, porque eu faço e tudo o mais”

(Entrevista Estagiário GT EF04)

Além dessas preocupações iniciais, entretanto, a grande maioria dos estagiários, relatou problemas referentes à falta de tempo ou ao acúmulo de atividades que eles têm durante a realização de seus EC. Alguns comentaram

sobre a falta de tempo para participar mais na escola, sobre falta de espaço na grade dos cursos tanto para a preparação quanto para o desenvolvimento das atividades de EC, o que diz respeito, na verdade, a uma falta de consideração e respeito das coordenações dos cursos de licenciatura com as disciplinas de estágio, cujos horários, por vezes, são alocados aos sábados, enquanto o restante da grade é destinado a outras disciplinas específicas do curso:

As disciplinas de estágio merecem mais respeito, um espaço melhor, alguma coisa para que o aluno possa desenvolver melhor o EC. Porque a coordenação diz: “Ah, vamos marcar o horário do curso de (...), mas é um horário virtual, é sábado. Então, vamos colocar mais uma cadeira de não sei o que três naquele horário. E não se pensa que tem que ter um tempo, também, para o estágio.

(Entrevista Estagiário GT EF04)

Há, na opinião dos estagiários, uma carga horária muito grande; um volume de atividades muito grande para o espaço de tempo disponível: preparação de aulas, reuniões (T-E), reuniões (T-E-O), aulas na escola; um excesso de atividades a serem desenvolvidas juntamente com o desenvolvimento do EC:

Eu acho que é interessante, mas a grande carga horária que precisa para isto está meio deslocada no nosso curso. Quando começa a fazer o estágio, quando tu tem que disponibilizar toda essa carga horária, tu ainda tem um bando de disciplina para fazer... Então se torna bastante pesado esse semestre...

(Entrevista Estagiário GT EF03)

É um problema também, de certa maneira. Pelo fato de ser uma experiência diferenciada, as pessoas não fazem, não existe uma acomodação da carga horária que tu tem para aquele semestre. Em função disso, tu tem que te virar para dar conta de todo esses materiais que tu tem que produzir e das aulas diferentes que tem que fazer, e tudo isso é tempo extra além do que tu teria de atividades de aulas, de atividades de graduação...

(Entrevista Estagiário GT EF05)

Além dessas questões, houve também o caso do estagiário que teve que trabalhar com um aluno portador de necessidades especiais. Nesse caso, tutor e

estagiário decidiram que o estagiário iria procurar a professora (educadora especial) que trabalhava com o aluno na escola no turno inverso. A professora, entretanto, não tinha conhecimento sobre a área disciplinar do estagiário e, por isso, também teve dificuldade em ajudar o aluno com as atividades propostas pelo estagiário, o que fez com que o próprio tutor tentasse ajudar:

Conforme combinado na última reunião, procuramos a professora que acompanha o aluno portador de necessidades especiais (...) Segundo a professora, ela também tem dificuldade de trabalhar com a disciplina de (...) Encerramos a reunião com algumas dicas por parte do professor (tutor) no desenvolvimento dos trabalhos com o aluno especial.

(Ata T-E GT EF03)

Na ocasião em que o GT todo estava reunido, o orientador também fez algumas sugestões, falando sobre a possibilidade de alunos do curso de Educação Especial ficar na sala de aula com o aluno, uma vez que também precisam fazer estágio e essa seria uma boa oportunidade. O tutor achou interessante a sugestão e se propôs a levá-la à direção.

Em relação ao segundo ponto, à relação entre tutor e estagiário, levantamos questões relacionadas à apreensão dos estagiários em função de possíveis conflitos gerados pela longa experiência de trabalho dos tutores e pelos métodos de ensino utilizados por eles e a inexperiência do estagiário bem como a introdução de metodologias não muito comuns na área disciplinar em questão. Outro aspecto bastante recorrente também foi a apreensão dos estagiários em relação ao acompanhamento dos tutores, à presença deles na sala de aula. Muitos estagiários manifestaram um receio em relação ao fato de ter que “dar aula” pela primeira vez e, além disso, ter alguém observando o seu trabalho no fundo da sala:

Qual é a sensação de além de eu ter que ultrapassar a barreira de falar para um grande grupo, ter um policial no fundo. Porque eu via o professor como um policial; nada além disso. Eu não conseguia enxergar a presença de um professor ali como algo benéfico; alguma

coisa que ia me ajudar. Eu via como um policial, que ia estar com uma caneta na mão pronto pra registrar qualquer falha que eu tivesse para depois me repreender.

(Entrevista Estagiário GT EF04)

A minha expectativa era no sentido avaliativo, que ia ter uma pessoa. O orientador colocou para nós que essa pessoa ia acompanhar a gente na aula. Então a minha expectativa era no sentido avaliativo, por ter um orientador na universidade e ter alguém te acompanhando na escola também. Não sabia como é que ia ser essa avaliação.

(Entrevista Estagiário GT EsnFis06)

Além disso, vale ainda ressaltar dificuldades dos estagiários decorrentes da falta de interação com alguns tutores, sobretudo, para que pudessem fazer um planejamento conjunto das aulas; dificuldades decorrentes da mudança de horários das escolas ou do excesso de compromissos dos tutores, o que diminuía as possibilidades de reuniões entre eles.

Quanto ao terceiro ponto, à gestão de classe, pudemos perceber dificuldades já citadas em outras questões, tais como: dispersão comumente apresentada pelos alunos na sala de aula, isto é, falta de interesse dos alunos pelas atividades propostas; problemas de indisciplina, mau comportamento, falta de respeito com eles mesmos e com os estagiários e até agressividade. Em um dos GT o estagiário pensou, inclusive, em desistir do EC em função disso. No que diz respeito à articulação do trabalho de tutoria com essas dificuldades encontradas, em linhas gerais, os tutores procuraram incentivar os estagiários a continuar, a procurar ajuda com o Serviço de Orientação Escolar (SOE) da escola, a elaborar atividades com o objetivo de despertar o interesse desses alunos. Em outro caso, um tutor teve que permanecer nas aulas junto com o estagiário. Em outro, o tutor sugeriu que descontasse nota dos alunos que entregassem atividades solicitadas pelo estagiário depois do prazo estabelecido. E, em outro, o tutor sugeriu que o estagiário fizesse negociações com os alunos, mas que, em alguns casos, não havia mesmo o que fazer e com o tempo o estagiário se acostumaria com isso.

Quanto ao último ponto, isto é, ao andamento e desenvolvimento das aulas, os estagiários fizeram uma série de considerações, entre as quais estão: carga horária da disciplina insuficiente para o desenvolvimento de todas as atividades programadas em função da greve do magistério estadual e de modificações no calendário da escola:

O tempo que parece ser o mais sério ali, porque tu prevê desenvolver um certo grupo de atividades, mas quando tu vai ver encontra um problema; surgem outras coisas que não estavam prevista em calendário e que apareceram momentaneamente: vai ter tal prova, foi decidido isso, não sei o que o lá. E aí, quando tu vê já perdeu outras aulas e no final das contas tu tem que replanejar o que já tinha sido planejado e (...) tentar desenvolver uma atividade sobre uma parte e dizer: infelizmente não tem como trabalhar essa outra parte e pronto.

(Reunião geral GT EF04)

De acordo com a própria fala do estagiário, a solução para esses problemas foram os constantes replanejamentos entre o tutor e o estagiário ou, como sugeriu um dos tutores, a seleção dos conteúdos mais importantes.

Ainda sobre essa questão, alguns estagiários mencionaram problemas decorrentes de imprevistos ocorridos na escola, os quais alteravam os horários dos estagiários, que, por sua vez eram avisados sem muita antecedência, isto é, houve casos em que os estagiários eram solicitados pelas escolas a adiantar o seu período de aula em função da ausência de outros professores pouco antes da aula começar:

Ai tu sai da aula meio quebrado, não consegue chegar. O meu período normal na quinta-feira, por exemplo, é das dez e vinte até meio dia. Só que de repente, o professor fulano de tal não vai, e tu está dormindo em casa e tem que dar uma aula dali a vinte minutos.

(Reunião Geral GT EF05)

Além disso, vale também ressaltar problemas decorrentes de incompatibilidades entre a proposta de trabalho apresentada pelo estagiário e os interesses dos alunos. Em alguns casos, os alunos ficaram com receio de que as

atividades desenvolvidas pelo estagiário não iriam ajudá-los nas provas de vestibular, inclusive, por ser, em muitos dos casos, uma orientação geral da escola a preparação para o vestibular.

Para essas situações, alguns tutores sugeriram modificações nos planejamentos e na metodologia de ensino do estagiário de forma a satisfazer os interesses dos alunos e outros, sugeriram uma conversa com os alunos sobre a importância das atividades propostas pelo estagiário.

Outros problemas mais gerais também foram relatados, incluindo, por exemplo, dificuldades na implementação de planejamentos, falta de recursos para implementação de determinados planejamentos, dificuldade em aplicar avaliação e mensurar o grau de aprendizagem dos alunos, pouco conhecimento dos alunos em relação a conteúdos vistos em séries anteriores, etc.

3.6. Aspectos Característicos nas Avaliações sobre o Desenvolvimento de EC em Regime de Tutoria Feitas pelos Diferentes Atores – Docentes Orientadores de EC, Professores de EEB e Alunos de Licenciatura - Envolvidos nesse Processo

Os aspectos característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de EC em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de Licenciatura - envolvidos nesse processo foram analisados a partir de um conjunto de instrumentos de pesquisa. Isto é, foram analisados a partir dos pareceres feitos pelos estagiários, pelos tutores e pelos orientadores durante o desenvolvimento dos EC e ainda a partir das entrevistas concedidas pelos estagiários e pelos tutores sobre o regime de tutoria no desenvolvimento de EC.

Os aspectos apontados, entretanto, dizem respeito especificamente a cada um dos sujeitos envolvidos nos GT e trazem uma opinião bastante particular

que, por sua vez, está relacionada a sua posição/função no GT do qual participou. Em função disso, para responder a essa questão, apresentaremos as informações coletadas a partir da fala de cada um dos sujeitos, ou seja, apresentaremos os aspectos característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de EC em regime de tutoria a partir dos alunos de Licenciatura, dos professores de EEB e dos docentes orientadores de EC envolvidos nesse processo.

No caso dos estagiários, pudemos perceber que o desenvolvimento do EC num regime de tutoria como este que foi proposto por nós, permitiu, primeiramente, que houvesse uma interação maior entre o estagiário e o tutor bem como entre o estagiário e o campo de EC. Alguns estagiários relataram a oportunidade de terem compreendido melhor a realidade escolar, uma vez que nos encontros com os tutores, estes explicavam sobre o funcionamento do Conselho de Classe, das reuniões com pais, atividades das quais o estagiário teria que participar pela primeira vez. Mencionaram também que o regime de tutoria proporcionou segurança, enriqueceu o trabalho deles e permitiu a troca de experiência entre as atividades que os estagiários desenvolviam na universidade e as atividades desenvolvidas pelos professores nas escolas.

Proporcionou o contato com o cotidiano da escola, isto é, com algo que a Universidade não pode proporcionar, com profissionais em serviço e com um longo tempo de experiência em sala de aula, os quais situaram os estagiários no contexto escolar de forma que eles pudessem se sentir bem no ambiente escolar:

O outro orientador via o estágio de uma maneira que eu nem sei se é a maneira tradicional, ele ia comigo na escola e eu ficava lá com ele na escola. Os professores da escola não falavam comigo. Lá dentro, eu tinha contato com o orientador, que me levava lá e com a supervisora da escola, quer dizer, eu nunca tive contato real com a escola, que era o objetivo do primeiro semestre de estágio. No segundo semestre, eu fui para a mesma escola, só que com o professor (...) como orientador e ele disse vai lá na escola, fala com a mulher, leva uma carta de apresentação. Depois ele marcou uma reunião lá, e quem me acompanhou dentro da escola foi a professora tutora. Bom daí eu era o

estagiário da professora tutora na escola. Quando eu comecei a perceber a diferença no tratamento dentro da escola em relação a mim, isso ai me motivou também a continuar o estágio.

(Entrevista Estagiário GT EF06)

Proporcionou ainda a oportunidade de discutir aspectos da profissão escolhida com alguém com experiência nela e a oportunidade de aprender com um professor experiente, de poder ir preparado para a sala de aula, inclusive para possíveis imprevistos:

Ele é bastante experiente. Então teve muitas coisas que eu levei para ele, em função de atividade, e ele já me apontou assim: toma cuidado que isso aqui pode não funcionar. O pessoal (os alunos) vai fazer esse tipo de pergunta em aula. Eles vão levantar essas questões. Então toda essa experiência ele acabou me passando. Através daquela atividade que estava programada, por exemplo, pela experiência dele, ele ia dizendo como é que os alunos iam receber aquela atividade, para mim ir indo já com uma outra versão, para ir remodelando ela para a realidade dos alunos. Acho que a experiência contou bastante.

(Entrevista Estagiário GT EF03)

Além disso, cabe também ressaltar, que, em relação à interação, o regime de tutoria pode proporcionar a oportunidade de os estagiários fornecerem subsídios didáticos para os tutores diferentes dos comumente utilizados por eles e ainda mostrar para os tutores que é possível fazer um trabalho diferente e positivo com estagiários, mudando um pouco a visão deles em relação ao trabalho com estagiários.

Somando-se à maior interação dos estagiários com os tutores e com o próprio campo de EC, o desenvolvimento de EC num regime de tutoria também pôde proporcionar, num segundo plano, na opinião de alguns estagiários, uma maior interação do docente universitário orientador de EC com o estagiário e, sobretudo com o campo de EC, o que, por vezes, é caracterizado como um dos motivos que impedem as escolas de receberem estagiários. Muitas escolas alegam que os orientadores da universidade pouco participam do desenvolvimento do EC de seus estagiários. Nesse sentido, o acompanhamento

conjunto do tutor e do orientador superou as expectativas de alguns estagiários, os quais acreditam que a simples presença do orientador tenha qualificado o EC, que foi desenvolvido de forma organizada. Além disso, o orientador deu suporte para o pleno desenvolvimento das atividades dos estagiários:

Qualifico positivamente o trabalho do professor orientador no GT, pois além de organizar e qualificar o estágio supervisionado está sempre pronto e disposto ao auxílio do estagiário com suporte de material e suporte teórico.

(Parecer Estagiário GT EF04)

O regime de tutoria permitiu ainda a aproximação do orientador com o tutor, isto é, proporcionou o contato direto do tutor com o orientador, o que impediu os estagiários de forjar ou omitir informações sobre seus EC, como ocorre em alguns casos:

Quem vai estar muito próximo do aluno é o professor tutor, então o orientador tem que ter um canal direto com esse professor (...) A ponte não vai ser o aluno que, às vezes, diz o que quer para o professor da universidade: “Ah!, está acontecendo assim” e para o da escola: “Ah!, a coisa acontece dessa forma, não precisa tudo isso”. E aí tu tem uma visão mais próxima do que realmente está ocorrendo na escola, se não vira uma fantasia.

(Entrevista Estagiário GT EF04)

Além disso, vale também destacar que em função da dinâmica de funcionamento, o regime de tutoria não caracterizou a avaliação do estágio como um processo invasivo, em que o orientador desempenha o papel de fiscalizador do estagiário, assistindo às suas aulas no fundo da sala e ainda permitiu ao orientador acompanhar e ter conhecimento sobre os estágios de todos os seus alunos, dado que em muitas ocasiões as turmas de estágio são bastante numerosas:

Eu achei bem interessante, porque tem uma proximidade muito grande do professor do ensino superior com o professor do Ensino Médio, de

forma que na escola não tem como o professor, o professor orientador, por exemplo, estar em todas as escolas nos horários de aula para supervisionar se os alunos estão fazendo isso ou aquilo.

(Entrevista Estagiário GT EF04)

Outro aspecto levantado pelos estagiários, num terceiro plano, tem a ver com a influência do regime de tutoria no bom desempenho deles ao longo do EC. Alguns estagiários mencionaram que o acompanhamento do tutor colaborou com os procedimentos a serem adotados em relação à gestão de classe e com a aquisição de uma postura profissional:

Em nossas discussões, compreendo cada vez mais a realidade escolar e adquire uma postura mais profissional.

(Parecer Estagiário GT EF04)

O trabalho de tutoria, segundo alguns estagiários, possibilitou a discussão sobre a preparação das aulas bem como a sugestão de alternativas para a solução dos problemas enfrentados e a troca de atividades a serem realizadas:

Em resumo, a tutoria está sendo fundamental para a realização do estágio, porque, todas as discussões que temos me ajudam a ir mais confiante para as aulas, afinal vou sabendo que por mais problemas que apareçam posso contar com o tutor para buscar soluções.

(Parecer Estagiário GT EF01)

Oportunizou um espaço para que os estagiários pudessem compartilhar problemas de gestão de classe bem como discutir os planejamentos de aula, refletir sobre a prática pedagógica, trocar experiências sobre a prática de sala de aula e amenizar ou resolver os problemas enfrentados pelos estagiários. Houve um estagiário que comentou o fato de que a tutoria evita constrangimentos para os estagiários, na medida em que as questões relativas ao desenvolvimento das aulas são discutidas em um momento destinado a isso:

Eu tenho colegas que têm orientador que vai na sala de aula, fica constrangendo ele, interrompe ele no período de aula, corrige o aluno, interfere diretamente, usa um método bem agressivo. Outros professores que não dão simplesmente a mínima, tu fica totalmente solto, tu pode fazer o que tu quiser.

(Entrevista Estagiário GT EF04)

Cabe ainda destacar, como quarto ponto, algumas observações dos estagiários sobre a dinâmica de funcionamento dos GT. O horário fixo para encontros entre tutor e estagiário proporcionou segurança para os estagiários, os quais sabiam que havia um horário previsto para conversar com o tutor sobre algumas condutas, tais como: como entrar em uma sala de aula, com se comportar frente ao aluno, como organizar, preparar a aula, em que momento se pode brincar, em que momento é necessário seriedade, qual é o melhor jeito para os alunos aprenderem, o que se pode fazer para eles aprendam mais.

Alguns estagiários consideraram também que os instrumentos do GT obrigavam que os encontros entre ele e o tutor acontecessem, entretanto, essa dinâmica era mais desgastante que as formas tradicionais de acompanhamento de EC e exigiam uma dedicação maior ao EC em função do trabalho em relação ao preenchimento dos instrumentos propostos. Houve um caso em que o estagiário não tinha dúvidas em relação ao desenvolvimento das atividades de EC e, por isso conversou poucas vezes com o tutor e ainda relatos de estagiários que acreditam ter motivado um pouco o tutor a realizar atividades diferentes (fazer mais trabalhos em grupo com os alunos) e outro em que o estagiário, apesar de não ter sido acompanhado efetivamente pelo tutor, acredita que pôde trocar alguma experiência, sobretudo, no que diz respeito à metodologia de ensino (estagiário acha que levou atividades que podem ser usadas pelo tutor).

Os tutores também se manifestaram bastante em relação ao trabalho de tutoria no desenvolvimento dos EC. Em primeiro lugar, os tutores relacionaram o trabalho de tutoria proposto por nós com um ótima oportunidade para a

inserção do estagiário no campo escolar, sobretudo, para o contato com os problemas do cotidiano de uma escola e com as possíveis formas de resolvê-los:

As reuniões do grupo de trabalho vêm a contribuir para que o estagiário se sinta entrosado no ambiente escolar, tornando possível a convivência com problemas do dia-a-dia de uma escola e como solucioná-los. É o momento de trocas de experiências e comentários sobre maneiras diferentes de abordagens de novos temas. O ponto positivo é a boa preparação que estagiário recebe que é um fator muito importante na realização do estágio.

(Parecer do tutor GT EF04)

Além de ter permitido que o estagiário se sentisse melhor dentro da escola, sem fugir da filosofia da escola e fazendo um bom trabalho de forma que o professor pudesse continuar mais tarde (depois da saída do estagiário) sem maiores problemas, o regime de tutoria permitiu o desenvolvimento satisfatório do estágio no que diz respeito à escola: o estagiário acompanhou todo o processo escolar da turma (conselho de classe, elaboração de avaliações, resultados das avaliações, planejamento de aula, replanejamento em função de mudança de calendário da escola ou para estimular os alunos, seleção de conteúdos, etc.):

Eu acho que ensinei muitas coisas que vem do dia-a-dia, que a gente aprendeu, que eu aprendi com a prática: selecionar melhor os conteúdos, estabelecer prioridades, quais são os mais importantes, pensar muito bem a ordem...

(Entrevista Tutor GT EF06)

Foi uma oportunidade que proporcionou a exposição da realidade da escola e o seu confronto com as expectativas criadas pelos futuros professores ao longo da formação inicial na universidade, através do contato com aspectos que só podem ser observados e vivenciados dentro de uma escola, isto é, proporcionou um espaço para a aprendizagem sobre o funcionamento da escola, sobre como agir na sala de aula:

O meu estágio foram 16 horas. Eu tive 16 horas frente ao aluno, só isso. Eu lembro que eu fui nomeado professor e, na minha primeira aula, como professor mesmo, não como estagiário, não sabia muita coisa. Não sabia porque eu não sabia mesmo. Eu não tive experiência, eu não tive treinamento e eu acho que para quem vai ser professor, vai estar frente ao aluno, tem que ter um treinamento. Ele tem que conhecer o aluno que ele vai trabalhar, e a única maneira que tem de conhecer o aluno e a diversidade de uma escola é estando dentro da escola. O professor tem que aprender na escola mesmo.

(Entrevista tutor GT EF03)

Cabe ainda salientar que o regime de tutoria e, sobretudo, a dinâmica de funcionamento proposta, permitiu que os estagiários ficassem mais tempo dentro da escola, isto é, acompanhassem uma turma durante um tempo maior que o de costume:

O estágio de seis meses, ao invés de três, permitiu que o estagiário acompanhasse o aluno por mais tempo. É meio ano que eles têm responsabilidade de ajudar o professor a ensinar, de nós ajudarmos eles, todo mundo se ajudar. Então ficou assim, uma coisa mais seria, para o aluno, para o estagiário e para o professor...

(Entrevista Tutor GTADCEC EF06)

Em segundo lugar, os tutores relacionaram o trabalho de tutoria à possibilidade de solução para os problemas em relação a não aceitação de estagiários nas escolas, sobretudo, pelo fato de ter proporcionado o contato da escola com a universidade, garantindo a certeza do acompanhamento do orientador. O regime de tutoria garantiu a superação das expectativas e das inseguranças dos tutores em relação a estagiários, mostrando aos demais colegas a possibilidade de se fazer um bom trabalho com estagiários e superando o preconceito que alguns professores têm em receber estagiários:

E foi uma das maneiras que a gente trabalhou aqui na escola, mostrando também que era possível trabalhar com estagiário. E que o estagiário não chega e simplesmente fica solto na escola, como era o receio do pessoal (...) Se toda vez que o estagiário viesse numa escola para tentar um estágio, ele fizesse uma proposta como essa de tutoria, a situação

seria bem diferente em relação ao preconceito que o pessoal tem com o estagiário.

(Entrevista tutor GT EF04)

Somando-se a isso, alguns tutores manifestaram um sentimento de tranquilidade e segurança ao receber um estagiário num regime de tutoria:

Eu fiquei bem mais tranquilo em trabalhar com os estagiários. E eu acho bem melhor trabalhar assim do que como nos anos anteriores em o estagiário trabalhava só comigo e não tinha ninguém auxiliando ele. Então, para mim, essa parte foi bem melhor de ajudar o estagiário sabendo que tem alguém (orientador) que está sempre observando, conversando e perguntando sobre o trabalho.

(Entrevista Tutor GT EF05)

Em terceiro lugar, o regime de tutoria, na opinião dos tutores, demonstrou-se um mecanismo, o qual proporcionou um espaço para discussão sobre o desenvolvimento/andamento das atividades dos estagiários e de aprendizagem para todos os envolvidos. Isto é, permitiu a discussão sobre as aulas dadas e a serem dadas pelo estagiário e para a busca de soluções para os problemas enfrentados, para a troca de experiências, para a exposição de idéias, para estudo e reflexão sobre a prática pedagógica, para a aprendizagem tanto do tutor como do estagiário, uma vez que permite o contato com novas metodologias de ensino.

Representou uma oportunidade para o estagiário sanar dúvidas com o professor, para a discussão dos sistemas de avaliação, da postura, do procedimento que o estagiário teria que adotar em sala de aula, sobre a gestão de classe, para que os estagiários pudessem conviver bastante com os tutores, os quais puderam transmitir informações, fazer sugestões sobre como se relacionar melhor com os alunos, como conduzir os problemas relacionados a eles:

Aí tinha coisa que também ele fazia e depois eu ensinava para ele, dizendo: viu como isso foi pesado, foi forte. Porque se o estagiário vem com tudo pronto e não tem aquela discussão antes, fica complicado.

Porque a gente conhece mais a turma do que eles, o desempenho, como o eles (os alunos) estão indo. Isso eu acho importante...

(Entrevista Tutor GT EF05)

Mostrou-se um espaço para os tutores utilizarem o material do estagiário, discutindo-o previamente, isto é, para se pensar em outros métodos de ensino, para ver outra pessoa “dando aula” (estagiário), para poder levar coisas novas para os alunos (no caso o tutor), para ver que há outras maneiras de se trabalhar em sala de aula, sobretudo, com o intuito de motivar mais os alunos, algumas maneiras inclusive melhores que as comumente utilizadas:

Ele conseguiu trazer de volta alguns alunos que já tinham praticamente desistido de serem aprovados com a maneira que eu estava dando aula. O estagiário (...) conseguiu trazer de volta esse aluno, conseguiu que ele tivesse bom rendimento.

(Entrevista Tutor GT EF03)

E, por fim, ainda em relação ao fato de ter proporcionado um espaço para discussão sobre o desenvolvimento/andamento das atividades dos estagiários e de aprendizagem para todos os envolvidos, alguns tutores mencionaram a validade do regime de tutoria tendo em vista a possibilidade de troca de experiência e/ou de aprendizagem com o orientador na medida em que o mesmo questionava sobre os problemas, tentava fazer com que todos buscassem soluções para os problemas enfrentados:

E vi como positivo a questão de a gente estar sempre discutindo os sistemas de avaliação, a maneira, o procedimento que ele (o estagiário) adotaria em sala de aula. No grupo e nas discussões dentro do grupo de tutoria o orientador (...) sempre, de alguma maneira, questionava e fazia com que a gente procurasse ter soluções positivas.

(Entrevista Tutor GT EF04)

Em quarto lugar, o regime de tutoria, para os tutores que se dispuseram voluntariamente a participar dos GT, conferiu uma oportunidade para o acompanhamento efetivo do EC do estagiário bem como participar de um

projeto, isto é, poder experimentar coisas novas, sobretudo no que diz respeito às novidades ligadas à universidade e avaliar a sua própria atuação profissional.

Alguns tutores consideraram o mecanismo da tutoria importante, uma vez que oportunizou que o professor titular da turma tivesse uma participação efetiva junto ao estagiário, o que na opinião de alguns é algo importante. Permitiu o engajamento/acompanhamento do tutor no desenvolvimento do estágio e a possibilidade de interação não só com o estagiário, como também com orientador. Permitiu que o tutor “controlasse” o estagiário no sentido de verificar se estava ou não trabalhando o conteúdo e, além disso, possibilitou a tomada de decisões em conjunto sem constrangimentos para nenhuma das partes, isto é, o acompanhamento de todo o trabalho do estagiário:

Eu estou substituindo um novo professor agora e tem estagiário que eu ainda não conheço, não converso, não sento com ele. É um processo bem diferente: ele está sozinho em sala de aula, não tenho noção... Agora eu percebo que quando eu estava com o estagiário (...) eu estava seguro, eu sabia o que ele estava fazendo.

(Entrevista Tutor GDACEC EF01)

A possibilidade de poder participar de um projeto, de poder experimentar coisas novas, sobretudo, no que diz respeito às novidades ligadas à universidade também foi outro aspecto observado pelos tutores que participaram dos GT. Os GT possibilitaram a oportunidade de um contato permanente com a universidade, a qual, segundo os tutores, sempre tem algo novo para oferecer. Oportunizou o conhecimento sobre o que esta sendo feito na universidade em termos de ensino e em relação às mudanças no desenvolvimento do EC, a possibilidade de participar de um projeto de um docente universitário, de ter novas experiências, de acrescentar algo novo à carreira.

Além disso, também vale acrescentar a menção dos tutores ao fato de terem podido, através da tutoria, avaliar seu próprio trabalho, refletir sobre o trabalho desenvolvido ao longo da carreira, promovendo uma revisão de alguns

conceitos e a percepção da importância de alguns procedimentos como maior organização, reorganização de alguns aspectos da área disciplinar, necessidade de mais estudo, de novas metodologias de ensino. Isto é, a tutoria permitiu uma evolução e até um aperfeiçoamento para quem está há bastante tempo em serviço:

Dentro desse trabalho de tutoria eu aprendi a avaliar o meu trabalho, porque no momento que tu observa uma pessoa, tu vê o que ela está fazendo e tu pensa no que tu faz também. Aí tu começa a te avaliar: eu podia ter dito isso e não disse; olha! Ele (o estagiário) comentou uma coisa que eu achei interessante. Ele poderia ter dito isso, eu falei na outra turma e foi legal. Então isso a gente começa a fazer.

(Entrevista Tutor GT EF05)

Eu aprendi a rever alguns conceitos que a gente tem: que tem organizar mais. Às vezes, tem que voltar e reorganizar a disciplina da gente, porque às vezes a gente já está há dez, doze, vinte anos no magistério, e quando tu vê já entrou no ritmo e esquece. Então, isso fez com que a gente estudasse, procurasse algumas alternativas novas, algum tipo de atividade diferenciada, isso contribuiu...

(Entrevista Tutor GDACEC EF01)

Somando-se a isso, alguns tutores comentaram o fato de a tutoria ter oportunizado um aumento no grau de motivação dos professores (estagiários motivam os professores a desenvolver novas atividades/metodologias):

O dinamismo do estagiário que a gente às vezes vai perdendo com o tempo, foi um ponto positivo. O estagiário dizia: Não, professor, vamos fazer assim, vamos tentar um experimento na sala de aula. E eu dizia: Ih! Tu vai perder teu tempo, tu vai pegar água no deserto. Mas aí a gente fazia e via que dava certo. Então essas coisas eu acho que foram muito positivas. Foi um trabalho muito bom, muito positivo, muito bom.

(Entrevista Tutor GDACEC EF02)

Por último, também pensamos que vale comentar alguns aspectos mais gerais relatados pelos professores sobre o trabalho de tutoria, tais como, o fato de que o regramento e a estrutura das reuniões permitiram o registro dos

acontecimentos logo que eles ocorreram, isto é, não houve perda de informações como normalmente ocorre quando se deixa para registrar os acontecimentos apenas no final do estágio, apesar, entretanto, de que havia muitos instrumentos a serem preenchidos. Um dos tutores chegou a comentar a possibilidade de não receber estagiários, caso tivesse que “preencher tantos papéis”, sugerindo que os instrumentos fossem simplificados:

Acabava sendo pior do que um planejamento. Demorava muito mais tempo para fazer relatório do que para planejar. Nós perdíamos menos tempo planejando, discutindo aula e conteúdo do que preenchendo aquela papelada toda. Isso cansou. Até afastou um pouco a possibilidade de pegar estagiário esse ano. Como eu estou com outros compromissos eu não quero porque eu sei que vou perder. Perder não! Gastar um tempo enorme em função da burocracia. Isso tem que ser simplificado.

(Entrevista Tutor GDACEC EF06)

Houve ainda o relato de um tutor que disse não ter acrescentado nada de importante para o seu trabalho e outro em que o tutor não entendeu a dinâmica da tutoria, e pensou que toda a avaliação e acompanhamento do EC deveriam ser feitos pelo orientador. Pensou que sua participação era só no sentido de verificar se estava ocorrendo tudo bem em relação ao comportamento dos alunos, à transmissão do conteúdo, à aceitação do estagiário pelos alunos.

No que diz respeito à opinião dos docentes universitários orientadores de EC sobre o trabalho de tutoria desenvolvido nos GT, pudemos perceber a relação do regime de tutoria com a possibilidade de ajuda aos estagiários no sentido de buscar soluções conjuntas para as dificuldades encontradas. Um dos orientadores mencionou, entretanto, que isso ocorreu somente depois de um tempo, isto é, inicialmente o tutor proporcionou somente a discussão de aspectos relacionados à gestão de classe, à metodologia e aos instrumentos de avaliação, havendo, nesse caso, uma evolução em termos de acompanhamento do tutor junto ao estagiário.

A tutoria também permitiu a troca de experiência, a discussão sobre planejamentos e oportunizou que os estagiários tomassem conhecimento sobre o desenvolvimento do conselho de classe e ficassem mais tranquilos em relação ao que fazer, a que informações levar. Além disso, também vale ressaltar que a tutoria permitiu que os tutores tivessem conhecimento sobre todas as atividades desenvolvidas pelos estagiários, evitando maiores problemas, sobretudo, com a supervisão e direção das escolas ou com a própria turma do estagiário.

CAPÍTULO IV

LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA TUTORIA: CONCLUSÕES E REFLEXÕES

O EC, componente obrigatório nas grades curriculares dos cursos de Licenciatura, constitui-se num elemento fundamental para a formação inicial de professores. Além de promover a inserção do professor no seu futuro campo profissional, espera-se que o EC proporcione a reflexão sobre a prática educativa, incluindo também a reflexão sobre o entorno onde ela ocorre, isto é, sobre a escola como instituição formal de ensino básico.

Para os professores em formação, o EC parece também ter um papel decisivo na escolha ou no coroamento da escolha feita. Nos relatos de alguns estagiários, por exemplo, o EC mostrou-se como um determinante na escolha da carreira profissional. Para um dos estagiários, o EC realizado ainda durante a formação em curso normal, foi o que decidiu a escolha pela profissão docente:

Eu não gostaria de ser professora. Eu nunca iria fazer uma licenciatura, mas depois de ter feito o estágio é que eu me decidi a ser professora. Então foi isso assim que me marcou e me fez decidir. Já estou trabalhando hoje e eu gosto muito. Me apaixonei, depois de ter feito o estágio...

(Entrevista Estagiário GT EM03)

Para outro a experiência da docência, mesmo não tendo sido exatamente em forma de EC, foi o que proporcionou a decisão pelo curso de Licenciatura, entre a velha dicotomia Bacharelado/Licenciatura:

Havia trabalhado em um projeto promovido por uma outra universidade dando aula pra uma turma de funcionários (...) no EJA. Acho que foi uma experiência que me ajudou a definir a ênfase que daria ao meu curso. Decidi realmente por licenciatura, desistindo do bacharelado.

(Entrevista Estagiário GT EF01)

Não podemos esquecer, entretanto, que, ao inserir-se no campo de EC, isto é, nas EEB que, via de regra, concedem turmas para os estagiários, os professores em formação mantêm uma relação direta com professores em serviço. Essa interação, por sua vez, resulta, em alguns casos, num processo formativo que vai além do professor em formação, chegando até o professor que já está em serviço:

Ele (o estagiário) apareceu com essa proposta nova, uma coisa diferente. Então, eu adaptei as minhas aulas: ele ficou com uma turma do terceiro ano e eu fiquei com a outra. Então, a partir do momento que ele entrou na escola, eu comecei a trabalhar na mesma metodologia dele. Ele fez a programação das unidades, dos módulos e sugeri também algumas modificações.

(Entrevista Tutor GT EF03)

Então agora, esse ano, o meu planejamento está dentro, mais ou menos assim, pegando as coisas boas que nós conseguimos tirar do ano passado...

(Entrevista Tutor GT EF03)

Nessa perspectiva, isto é, entendendo o EC como uma via de mão dupla, na qual o professor em formação inicial e o professor em serviço se beneficiam mutuamente através de um trabalho coletivo, é que nos propusemos a investigar o regime de tutoria como possibilidade para a organização, acompanhamento e avaliação de EC.

Através da formação dos GT, pudemos perceber, entretanto, que o desenvolvimento de EC, num regime de tutoria, é um caminho possível para que haja uma participação efetiva do estagiário no campo de EC, uma maior interação entre professores em formação e professores em serviço. No entanto, concluímos também que, para que propostas como essa sejam implementadas e funcionem efetivamente na direção de uma mútua formação, é necessária a observação de um conjunto de aspectos, os quais vão além da boa vontade dos professores de EEB em formar GT. Isto é, há possibilidades, mas também limites para a ação tutorial do professor de EEB junto ao estagiário de Licenciatura.

1. Possibilidades de Funcionamento do Regime de Tutoria

No que diz respeito às possibilidades de uma proposta de tutoria no desenvolvimento de EC, podemos considerar satisfatório o fato de ela ter, primeiramente, proporcionado aos estagiários maior segurança na realização do EC, uma oportunidade de troca de experiência, uma avaliação mais tranqüila e produtiva e um acompanhamento compartilhado entre todos os envolvidos com o desenvolvimento do EC.

A questão da segurança tem a ver com fato de a tutoria ter proporcionado a possibilidade de os estagiários terem podido contar com alguém (o tutor) no enfrentamento das dificuldades encontradas, sobretudo, em relação ao confronto inicial entre as expectativas sobre a escola pública e a realidade realmente vivenciada. Também tem a ver com fato de terem podido ir para sala de aula um pouco mais preparados em relação aos possíveis problemas com comportamento de alunos, condutas inadequadas deles, isto é, em relação à gestão de classe. E ainda tem a ver com a oportunidade de terem podido se preparar e sanar dúvidas sobre outras atividades da escola que também fazem parte da agenda dos professores em serviço, como preenchimento de diários de classe, participação em conselho de classe, reunião de pais, entrega de boletins, etc.

Em relação à troca de experiência, a tutoria proporcionou aos estagiários a possibilidade de discutir os planejamentos de aula ou replanejá-los sob a orientação de alguém (tutor) com experiência nisso e com conhecimento sobre o contexto escolar. A tutoria também pôde proporcionar um auxílio no que diz respeito aos procedimentos avaliativos utilizados nas escolas. Os estagiários tiveram oportunidade de, junto com seus tutores, tomar conhecimento sobre os instrumentos de avaliação comumente utilizados bem como de discutir sobre eles e sobre os resultados de sua utilização. E ainda puderam trocar atividades e material didático com os tutores.

Isso nos permitiu a corroboração das iniciativas de Piconez (2003b, p.03) ao salientar a importância do desenvolvimento de situações concretas de episódios-aula, preparação e vivência de situações concretas de ensino como forma de traduzir o nível tão-somente retórico da formação de professores em ações de fato didáticas.

No que diz respeito a uma avaliação mais tranqüila e produtiva, podemos afirmar que a tutoria rompeu com um paradigma bastante comum na avaliação de EC, mediante o qual a maioria dos estagiários era avaliada através da presença do orientador no fundo da sala de aula deles. Essa avaliação, por vezes, causava não só um desconforto aos estagiários como contribuía muito pouco na medida em que se resumia à avaliação de aspectos, tais como, utilização do quadro negro, postura em sala de aula, relacionamento com os alunos, etc. Sem mencionar ainda o fato de que avaliava o aluno apenas num determinado momento e não ao longo do desenvolvimento do EC. Através do regime de tutoria, não só os tutores como os orientadores puderam participar da avaliação do desenvolvimento do EC do estagiário, podendo contribuir com esse processo ao longo dele e, tendo um momento oportuno - encontros periódicos – para a discussão das condutas, do desempenho do estagiário bem como para fazer sugestões sobre isso.

Vale ainda acrescentar que o regime de tutoria pôde proporcionar aos estagiários uma inserção menos traumática no campo de EC e ter rompido com algumas tradições, de certa forma, negativas de desenvolvimento de EC, nas quais estagiários precisavam lidar sozinhos com um ambiente conhecido por eles no papel de alunos, mas desconhecido no papel de professores. A tutoria permitiu a interação e a participação do orientador juntamente com o tutor, evitando constrangimentos decorrentes da ausência do orientador durante a realização do EC de seus estagiários bem como a concessão de turmas a estagiários sem nenhum professor em serviço responsável por ela. O regime de tutoria pôde romper com algumas situações em que estagiários tiveram que

assumir turmas, sem professor responsável ou cujo professor responsável estava afastado ou algo parecido. Isto é, tiveram que assumir turmas praticamente na função de professores efetivos, quando, na verdade, estavam realizando sua primeira experiência profissional.

No que diz respeito às possibilidades de uma proposta de tutoria no desenvolvimento de EC, podemos também considerar satisfatório o fato de ela ter proporcionado aos tutores um espaço que permitiu a discussão conjunta sobre o desenvolvimento do EC do estagiário e ter, de certa forma, despertado a consciência da necessidade do acompanhamento aos estagiários. Somando-se a isso, o regime de tutoria também produziu uma avaliação dos tutores sobre sua própria carreira docente bem como uma oportunidade de reconhecimento da possibilidade de se desenvolver um trabalho satisfatório com estagiários.

Em relação à discussão conjunta sobre o desenvolvimento do EC do estagiário, podemos concluir que o regime de tutoria permitiu que os tutores tivessem não só pleno conhecimento sobre as atividades realizadas pelos seus estagiários como também oportunidade para sugerir modificações/adequações para que ficassem de acordo com a proposta deles e da escola. O regime de tutoria também permitiu que os tutores dividissem com seus estagiários a responsabilidade sob as demais atividades da escola como a participação nos conselhos de classe, reunião com pais, entre outras, uma vez que tiveram a oportunidade de explicar a eles os procedimentos comumente adotados nessas ocasiões. Isto é, o estagiário não representou uma sobrecarga para tutor, uma vez que este teve a oportunidade de dividir com o estagiário algumas de suas tarefas.

O regime de tutoria parece também ter despertado uma certa consciência em relação à importância de um acompanhamento efetivo junto aos estagiários. Os tutores puderam perceber a necessidade de as escolas abrirem um espaço para professores em formação desde que essa abertura seja acompanhada não só para a maior segurança deles em relação ao trabalho dos estagiários nas suas turmas como para a maior tranquilidade dos próprios estagiários. Nesse sentido,

podemos concluir que o regime de tutoria tranquilizou os tutores em relação ao receio de conceder turmas aos estagiários e depois recebê-las novamente sem o conhecimento sobre o que havia acontecido durante o trabalho do estagiário.

Também foi satisfatório o fato de a tutoria ter proporcionado uma avaliação e um incentivo à carreira docente dos tutores. A oportunidade de discutir com outras pessoas (estagiários e orientadores), de trocar atividades e/ou material didático, de observar outra pessoa (estagiário) atuando na mesma área disciplinar que a sua permitiu aos tutores que repensassem algumas condutas, algumas modificações para sua área de atuação, a importância de se ter planejamento, há muito esquecido em algumas escolas em função das grades de conteúdos decorrentes da preparação dos alunos para os processos seletivos de ingresso ao ensino superior. E, além disso, acrescentou um pouco de ânimo à carreira, por vezes, desgastada pelo tempo de serviço docente.

Isto é, pudemos perceber aqui as considerações de Marcelo Garcia (1999, p.22) ao referir-se à interformação, à necessidade de os profissionais encontrarem contextos de aprendizagem que favoreçam a procura de metas e aperfeiçoamento pessoal e profissional.

E, por fim, o regime de tutoria propiciou uma oportunidade para o reconhecimento de que é possível se desenvolver um trabalho satisfatório com estagiários nas escolas. O trabalho desenvolvido nos GT permitiu o rompimento com a tradição de que o recebimento de estagiários é prejudicial ao bom funcionamento das aulas e/ou da escola. Os tutores puderam perceber e, inclusive mostrar a seus colegas, que estagiários, se acompanhados, podem desenvolver um ótimo trabalho, podendo até acrescentar aspectos positivos às escolas no que diz respeito à troca de atividades/matérias/informações, etc. E, somando-se a isso, podemos também concluir que a tutoria permitiu novamente um contato dos tutores com as IES (orientador), nas quais fizeram seus cursos de graduação, mas das quais acabam se afastando em função do ingresso no

magistério público e do próprio acúmulo de atividades próprio da profissão docente.

Tendo em vista essas considerações, podemos concluir que a tutoria cumpriu seu papel no que diz respeito à realização de um EC, o qual realmente aproxime o estagiário de sua profissão e o faça pensar sobre ela bem como permitiu um acompanhamento compartilhado. Isto é, um acompanhamento cuja responsabilidade foi dividida entre todos os envolvidos, sobretudo, entre IES e EEB.

2. Limites de Funcionamento do Regime de Tutoria

No que diz respeito aos limites de funcionamento de uma proposta de tutoria no desenvolvimento de EC, na qual o professor de EEB em serviço exerça a função de tutor do professor em formação, isto é, do estagiário de Licenciatura, não podemos deixar de considerar, inicialmente, as dificuldades que alguns estagiários tiveram pelo fato de alguns tutores apresentarem uma certa acomodação em relação à situação das escolas públicas. Em nosso estudo, pudemos perceber, que, em alguns GT, não houve uma contribuição efetiva do tutor no enfrentamento das dificuldades encontradas pelo estagiário, uma vez que, para alguns deles, determinados problemas fazem parte de uma realidade, cuja mudança/melhora já não é mais possível.

Disso decorre um primeiro aspecto a ser observado: para que um trabalho de tutoria funcione na direção de uma formação efetiva do futuro professor, é necessário que tenhamos, no mínimo, na função de tutor, professores em serviço dispostos a discutir, refletir e, quem sabe, enfrentar as dificuldades encontradas na escola pública atual.

Outro aspecto que também pode ser mencionado diz respeito à falta de contribuição dos tutores em relação às atividades didáticas desenvolvidas pelos estagiários. Por estarem há bastante tempo em serviço, muitos professores já

criaram um seqüência didática, isto é, um conjunto de procedimentos, uma metodologia de ensino, da qual têm dificuldade em se desvincular. Isso provocou dois problemas básicos: um confronto entre os procedimentos, a metodologia de ensino dos estagiários e dos tutores e a falta de discussão sobre os planejamentos das aulas.

Isso nos fez confirmar os resultados obtidos por Krug (2005) em suas pesquisas com professores de EEB. Krug (2005) apontou uma ausência de competências coletivas, as quais implicam incisivamente o comprometimento de ações conjuntas como carece um sistema de tutoria. Se os professores de EEB apresentam dificuldade em trabalhar coletivamente no sentido de contribuir e também de se deixarem abertos às contribuições às suas práticas, qualquer projeto e/ou atividade que preveja este tipo de ação poderá nascer fadado ao fracasso.

Na maioria dos casos, os tutores concederam cada um uma turma a seu respectivo estagiário, ficando com as demais. Assim, muitos alunos de turmas diferentes trocavam informações sobre as aulas dos estagiários e as dos tutores, alegando, na maioria dos casos, que as aulas dos estagiários não estavam dando uma preparação para eles tão adequada quanto às dos tutores. Em um dos casos, por exemplo, a turma chegou a ir à supervisão fazer reclamações sobre as aulas do estagiário. E, em outro, o tutor complementava as aulas do estagiário no turno inverso.

O segundo problema teve a ver com a falta de discussão nas reuniões (T-E) sobre a implementação dos planejamentos. Nos casos em que foi necessário um replanejamento das aulas dos estagiários, o critério utilizado, na maioria das vezes, foi o simples corte de atividades a serem trabalhadas, isto é, como não havia discussões sobre isso também não havia critérios definidos para o replanejamento. Desses dois problemas decorre um segundo aspecto: o trabalho de tutoria só será efetivado mediante a disponibilidade dos professores em serviço, tutores, em adotar a mesma metodologia de ensino – sem dúvida,

fazendo discussões sobre ela -, as mesmas atividades do estagiário de forma a realmente fazer um trabalho que beneficie ambas as partes.

Somando-se a isso, nos pareceu também importante mencionar dois outros aspectos, entretanto, um pouco mais relacionados à dinâmica de funcionamento do regime tutoria proposta por nós para essa investigação: a falta de discussão ou a discussão excessiva de determinados pontos em detrimento de outros e a dificuldade dos tutores em relação ao acompanhamento dos estagiários.

A falta de discussão sobre aspectos relevantes no andamento do EC, como é o caso dos planejamentos e replanejamentos, e as discussões excessivas e até a supervalorização de fatos relacionados ao comportamento dos alunos, por exemplo, nos faz parecer de fundamental importância da existência de uma pauta de discussão para as reuniões tanto entre tutor e estagiário quanto entre o grupo todo.

Apesar de alguns tutores e alguns estagiários terem considerado bastante desgastante responder aos instrumentos elaborados para o estudo dessa investigação, acreditamos que para o funcionamento efetivo do regime de tutoria como proposta para desenvolvimento e acompanhamento compartilhado de EC também seja necessária a utilização de um mecanismo que possa promover, primeiramente, pontos de discussão sobre o EC, isto é, seria necessária uma pauta que apontasse pontos importantes, como aqueles que elencamos no nosso modelo de ata que funcionou como instrumento de pesquisa. Nos GT em que o orientador propôs a definição de uma pauta logo no início da reunião, pudemos perceber que as discussões foram bem além das questões de gestão de classe, havendo discussões/questionamentos, sobretudo, por parte do orientador acerca de vários aspectos, tais como, avaliação, participação do estagiário nas atividades da escola, planejamentos, etc.

Nos casos em que parece não ter havido essa definição prévia, alguns tutores disseram não ter discutido nada de importante, ou seja, parece não ter havido nenhuma discussão que tenha contribuído com a formação deles:

Se eu lembro alguma coisa, assim, que marcou das reuniões? De muito importante, nada. Por que senão eu lembraria. Coisa de conteúdo. A forma de dar o conteúdo e indisciplina. A gente falava bastante da indisciplina dos alunos.

(Entrevista Tutor GT EM01)

Outro aspecto que se soma a esse está relacionado à dificuldade dos tutores em relação ao acompanhamento dos estagiários. Para a contribuição da tutoria como mecanismo de desenvolvimento e acompanhamento compartilhado de EC, também seria necessário que os tutores pudessem passar por uma preparação antes de receber estagiários. Alguns tutores manifestaram uma certa dificuldade em relação ao que exatamente observar, que orientações dar aos estagiários, até porque os estagiários também têm um orientador da universidade, o qual tradicionalmente, na opinião dos professores em geral, é quem deveria dar instruções/orientações para o estagiário.

Vale também ressaltar o caso em que o tutor, ao frequentar as aulas do estagiário, acabou prejudicando o desempenho do mesmo, fazendo interferências, as quais desviavam a atenção dos alunos para o tutor. Nesse sentido, é que creditamos na possibilidade de uma preparação para o recebimento de estagiários.

Outro aspecto que merece importância diz respeito ao fato de os tutores esquecerem ou não compreenderem que os estagiários são professores em formação, que o EC é justamente a primeira experiência de docência deles. Muitos tutores fizeram reclamações nos diferentes instrumentos de pesquisa sobre a falta de experiência, sobre a insegurança dos estagiários, sobretudo, no que diz respeito à gestão de classe, à condução da turma, etc. Disso decorre um terceiro aspecto, para a efetivação do trabalho de tutoria, é fundamental que os tutores tenham uma concepção bastante clara do que seja o EC e compreendam

que certamente estagiários apresentam dificuldades e, se não as apresentassem nem precisariam fazer EC. Eles vão ao campo de EC justamente vivenciar essa experiência, errar, mas de preferência, com o tempo e a ajuda dos tutores, acertar.

Além desses, gostaríamos ainda de acrescentar alguns limites em relação ao funcionamento de um regime de tutoria, relacionados à postura das escolas em geral. Acreditamos que para um trabalho compartilhado de EC como esse que apresentamos, seja necessária uma mudança em relação, inicialmente, ao recebimento de estagiários pelas escolas. Não são raros os casos em que estagiários não são aceitos ou precisam praticamente implorar por vagas de EC.

Não estamos, com isso, querendo dizer que as escolas devam abrir suas portas para todos os estagiários, mas que haja um plano de funcionamento para isso, com a divulgação de oferta, com a definição do número de vagas, com critérios em relação ao número de estagiários por turmas e disciplinas, para que com isso também possamos ter uma noção entre a demanda de estagiários e o número de vagas disponíveis.

O estudo sobre a tutoria que ora apresentamos nos mostrou o quanto é possível desenvolver um trabalho que pode tanto beneficiar os estagiários quanto os tutores, desde que ocorra de forma organizada, acompanhada e compartilhada entre todas as partes envolvidas – IES e EEB. Nesse sentido, acreditamos que ao fechar as portas para os professores em formação as escolas não estão só deixando de contribuir com a formação inicial, mas também deixando de ganhar uma oportunidade a mais para pôr em discussão ou até, quem sabe, tentar encontrar soluções para problemas enfrentados e relacionados exclusivamente a elas.

Por fim, contudo não menos importante, não poderíamos deixar de mencionar a necessidade de uma ampla valorização da profissão docente melhorando suas condições de trabalho e encaminhando mudanças necessárias e urgentes aos tempos e espaços escolares, incluindo aqui, disponibilidade de

horários por parte de todos os envolvidos tanto no que diz respeito às EEB quanto à IES. Não foram poucas as vezes em que tutores e estagiários comentaram sobre a falta de horário disponível para o EC. No caso dos estagiários foram inúmeros os comentários sobre o tratamento dado ao EC pela maioria dos cursos de Licenciatura, os quais parecem desconsiderar todos os aspectos que envolvem a sua realização, tais como, preparação das aulas, deslocamento até as escolas, reuniões com os tutores e orientadores, participação nas atividades da escola e aulas propriamente ditas. A maioria dos cursos relega o EC a um segundo plano, reservando não só os horários nobres bem como a maioria deles a disciplinas específicas do curso em questão.

No caso dos tutores, também não foram poucos os comentários relativos ao excesso de carga horária, à falta de disponibilidade para esse tipo de trabalho bem como a substituição de colegas ausentes no horário em que o estagiário assumiu sua turma, impedindo o acompanhamento das atividades do estagiário em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o regime de tutoria no desenvolvimento de EC, realizado no âmbito do projeto COTESC, nos deu uma pequena visão sobre os limites e as possibilidades desse tipo de trabalho como forma de desenvolvimento e acompanhamento compartilhado de EC.

Através da formação de vinte e um (21) GT, pudemos perceber, como em toda experiência piloto, algumas dificuldades iniciais que foram desde a composição dos grupos até o entendimento de como deveriam funcionar. Em funcionamento, outros problemas foram evidenciados, tais como: relacionamento tutor-estagiário, divergências quanto ao conteúdo e à metodologia de ensino utilizada pelo tutor e pelo estagiário, e disponibilidade de horário de todos os envolvidos para os encontros. Em contrapartida, o trabalho de tutoria foi se colocando como espaço de trocas e discussões extremamente ricas, as quais confirmaram e afirmaram a viabilidade da proposta.

No âmbito do projeto DIPIED, quando formamos mais dez (10) GT, pudemos confirmar, reafirmar e também acrescentar mais informações aos resultados obtidos no projeto COTESC. Confirmamos o fato de a tutoria se mostrar como um espaço de discussão e reflexão sobre o trabalho desenvolvido pelo estagiário.

Além disso, pudemos também vislumbrar a tutoria como uma oportunidade de formação para o tutor, o qual pôde se valer das atividades utilizadas pelo estagiário, sobretudo, no sentido não só de poder ter acesso a novas metodologias como também e, principalmente, de poder utilizá-las junto a seus alunos:

Entretanto, pudemos também vislumbrar a necessidade de mudanças em nossos instrumentos de pesquisa a fim de nos aproximarmos ainda mais dos fatos investigados bem como de termos um número maior de informações. O que procuramos fazer através da reelaboração dos mesmos.

Mas, além disso, pudemos também perceber algumas necessidades de outras ordens a começar, por exemplo, pelo tratamento dado aos professores em formação inicial nas EEB que funcionam como campo de EC. Nessa segunda etapa de estudo sobre o regime de tutoria – projeto DIPIED -, vislumbramos algumas dificuldades decorrentes da falta de previsão para participação dos estagiários nas demais atividades das escolas.

A expectativa inicial das escolas é a de que os estagiários assumam turmas e tenham total responsabilidade sobre elas: conduzindo todas as aulas da área disciplinar em questão, preparando as aulas, elaborando, aplicando e corrigindo as avaliações utilizadas, entretanto, na maioria das escolas, nas quais os GT foram formados, não há uma previsão e/ou orientação quanto à participação do estagiário em atividades extraclasse, como reuniões, por exemplo. Em algumas escolas, os avisos de reunião ficam em um quadro-mural à espera da leitura e da participação dos professores, em outros a participação só é permitida para professores efetivos.

Assim, pudemos perceber o impacto de um sistema de tutoria como o nosso tanto às agências formadoras quanto às unidades de ensino. As primeiras implicando o estreitamento de relações entre EEB e IES com uma definição mais clara dos papéis de cada uma delas no desenvolvimento de EC, permitindo uma redefinição de atribuições até então tradicionalmente cabendo à agência formadora a responsabilidade de avaliação e acompanhamento de EC. As segundas implicando uma participação efetiva e direta na formação de futuros professores, podendo ainda estender-se a uma participação dessas na definição das diretrizes locais para formação de professores.

Pudemos perceber ainda o enfretamento das IES com a Resolução CNE 2/2002, incluindo aqui a necessidade delas em receberem subsídios para tal empreendimento, tais como, formação de seus próprios profissionais para as mudanças constantes na Resolução; aumento de efetivo com previsão e disponibilidade de acompanhamento e formação de futuros professores por mais

tempo (quatro semestres); estreitamento de relações entre as áreas disciplinares específicas e as pedagógicas com o intuito de valorizar ambas as partes da mesma forma e estabelecimento de parcerias mais concretas e em maior número com EEB para desenvolvimento de EC.

Somando a isso, pudemos também vislumbrar a necessidade de uma formação adequada aos tutores que recebem estagiários, incluindo além de disponibilidade para participação num sistema de tutoria a consciência da responsabilidade que as EEB devem ter sobre a formação inicial de professores; compreensão do caráter formativo do EC e conhecimento sobre as competências necessárias a um futuro profissional de EEB. Vale ressaltar que essa formação certamente poderia ser alavancada pelas IES através de cursos de atualização, especialização e/ou da própria formação continuada de professores.

Essas novas informações, portanto, nos fizeram vislumbrar um quadro promissor em relação ao trabalho de tutoria no desenvolvimento de EC visando a uma organização, acompanhamento e avaliação compartilhada entre os sujeitos/instituições envolvidos nesse processo. Entretanto também nos fizeram vislumbrar a necessidade de um redimensionamento na relação entre EEB e IES no que diz respeito ao EC.

Nossa expectativa em relação a esse redimensionamento está ligada a alguns aspectos básicos, tais como, criação de regras pelas EEB, constituição de políticas educacionais sólidas e maior interesse pela Educação Básica no interior dos cursos de Licenciatura.

A criação de regras para recebimento de estagiários por parte das EEB tem a ver com uma significativa mudança na formação inicial de futuros professores, a qual poderia contar de fato com as escolas campo de EC. Claro que para a execução de um trabalho conjunto, o ideal seria que essas regras fossem estabelecidas em parceria com as agências formadora de forma a atender não só a legislação, mas a demanda das partes envolvidas: experiência significativa e formação adequada não só para o estagiário, mas para o professor

responsável pela turma, para os alunos dessa turma, para a escola como um todo e para a agência formadora, sobretudo, para o professor orientador.

Acreditamos também que, para a efetivação desse tipo de trabalho, sejam necessárias políticas públicas que valorizem amplamente a profissão docente, melhorando suas condições de trabalho e encaminhando mudanças necessárias e urgentes aos tempos e espaços escolares, incluindo aqui, disponibilidade de horários por parte de todos os envolvidos, havendo garantia de horários.

Por fim, esse redimensionamento passa ainda por um interesse maior pela Educação Básica no interior dos cursos de Licenciatura. Isto é, enquanto os cursos de Licenciatura continuarem dando as costas para a Formação de Professores, estabelecendo grades curriculares voltadas para a formação de bacharéis, nenhuma melhora será efetivada.

Nesse sentido, é que se faz, portanto, necessário e urgente o estabelecimento de relações mais sólidas entre as agências formadoras e as escolas campo de estágio com o intuito de estabelecer parcerias que possam discutir, viabilizar, concretizar e atender a demandas de diferentes ordens, mas, sobretudo, de uma formação inicial nos cursos de Licenciatura de qualidade e que responda ao seu princípio básico: a Formação de Professores para a Educação Básica.

Para finalizar, entretanto, cabe salientar que apesar de todas as denúncias evidenciadas nesse trabalho de pesquisa e dos redimensionamentos necessários, pudemos também vislumbrar anúncios prospectivos decorrentes do trabalho de trabalho. Primeiramente não podemos desconsiderar a possibilidade das EEB como espaço de formação para todos os envolvidos: estagiários em formação inicial de professores, professores tutores de EEB e também professores de IES orientadores de EC; possibilidade de uma forte interação entre IES e EEB com vistas à participação de ambas as partes em ações formativas de professores e, por fim, formação mais próxima da realidade do professor com experiências reais diretamente ligadas ao futuro campo profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo/BRA: Avercamp, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília/DF/BRA: Diário Oficial da União, 23 Dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm> Acesso: 06 Mar.2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 27 de 02 de outubro de 2001 - Dá nova redação ao item 3.6, alínea c, do Parecer CNE/CP 9/2001, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Relatora: Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira. Brasília/DF/BRA: Diário Oficial da União, 18 Jan. 2002, Seção 1, p.31. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/027.pdf>>. Acesso: em 07 Mar. 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 1 de 18 de fevereiro de 2002 – Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior**. Brasília/DF/BRA: Diário Oficial da União, 04 Mar. 2002, Seção 1, p.8. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso: 06 Mar. 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2 de 19 de fevereiro de 2002 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília/DF/BRA: Diário Oficial da União, 04 Mar. 2002, Seção 1, p.9. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso: em 06 Mar. 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP de 05, 04 de abril de 2006 – Aprecia Indicação CNE/CP nº 2/2002 sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Formação de Professores para a Educação Básica**. Relator: Paulo MonteiroVieira Braga Barone. Brasília/DF/BRA: Encaminhado para homologação. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/005.pdf>> Acesso em: 22 Fev 2007.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do Diálogo**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo/BRA: Editora Perspectiva, 1982. (Coleção Debates).

BUENO, Antonio de Pro. ¿Formacion de Profesor de Secundaria Vs. Professor-Tutor de Práctica de Secundaria? In: NIETO, Lorenzo J. Blanco e JIMÉNEZ, Vicente Mellado (Coord.). **La Formacion del Profesorado de Ciencias e Matemáticas em España y Portugal**. Departamento de Didáctica de las Ciencias Experimentales y de las Matemáticas de la Universidad de Extremadura. Badajoz, Espanha, 1995. ISBN: 84-7796-802-0.

BUSATO, Zelir Salete Lago. **Avaliação nas Práticas de Ensino e Estágios: a importância dos registros na reflexão sobre a ação docente**. Porto Alegre/BRA: Editora Mediação, 2005.

CANARIO, Rui (Org.). **Formação e situação de trabalho**. Porto/PORT: Porto Editora, 1997.

CERRI, Yara Lygia Nogueira Sáes . O modelo de Tutoria na Formação de Professores. In: **Congresso de Iniciação Científica**, 10. UNIMEP, Piracicaba, SP, Brasil, 2002.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1838 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 10. ed. SP/BRA: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAS, Helena Costa Lopes de. **Formação de Professores no Brasil: 10 Anos de Embate entre Projetos de Formação**. In: PINO, Ivany Rodrigues (coord.). **Educação e Sociedade**. Campinas/SP/Brasil, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 136-167. Disponível em <<http://www.scielo.br/revistas>>. Acesso: 01 Jul. 2007. ISSN 0101-7330

GATTI, Bernardete A. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília, DF/BRA: Plano Editora, 2002. (Série “Pesquisa em Educação”, 1).

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo/SP/BRA: Atlas, 1999.

KENSKI, Ivani M. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICONEZ, Stela C. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 9. ed. Campinas/SP/BRA: Papirus, 2003. p.39-51

KIST, Liane B.; TERRAZZAN, Eduardo A.; BARICHELLO, Marta R. de Azeredo; PIMENTEL, Naida L.; TOMAZETTI, Elisete M.; AMORIM, Mary Ângela L. 'A Formação de Grupos de Trabalho (GT) da Investigação da Tutoria Escolar no Estágio Curricular Supervisionado'. In: **Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que Fazem Investigação na sua Escola**, 4. 24 a 29 de Jul. de 2005, UNIVATES, Lajeado, RS, Brasil.

KIST, Liane Batistela; MARSHALL, Leila R. S.; TERRAZZAN, Eduardo A. 'A formação de Grupos de Trabalho (GT) no desenvolvimento do Estágio Curricular em Cursos de Licenciatura'. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE**, 13. 23 a 26 de Abril de 2006, UFPE, Recife, PE, Brasil. ISBN 85-0068-3,

KRUG, Hugo Norberto; CRISTINO, Ana Paula da Rosa. 'Ensinar é o mesmo que ser professor? Reflexões sobre a formação de professores e as mudanças educativas'. In: **Jornada Nacional de Educação e 2º Congresso Internacional de Educação**. UNIFRA, 2006. Santa Maria, RS, Brasil.

KRUG, Hugo Norberto ; KRÜGER, Leonardo Germano; CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da. 'Aprendendo a ser professor na prática pedagógica educativa no Estágio Curricular Supervisionado: reflexões na Educação Física escolar'. In: **Congresso Internacional de Educação**, 4., UNISINOS, 2005^a. São Leopoldo, RS, Brasil: Editora da UNISINOS. Anais... 10p.

KRUG, Hugo Norberto . 'Compartilhando o desenvolvimento profissional entre professores de Educação Física através de uma rede de auto-formação participada'. In: **Revista Biomotriz**, Cruz Alta, v. 1, n. 3, p. 53-64, 2005b.

LUDKE, Menga. 'A pesquisa em educação ao encontro de sua complexidade'. In: MONTEIRO SILVA, Aida Maria (org.). **Educação Formal e não Formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social**. (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 23 a 26 de abril de 2006) Recife/BRA, p. 413-424. ISBN: 85-373-0087-X

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores. Para uma mudança educativa**. Tradução de Isabel Narciso. Porto/POR: Porto Editora, 1999.

MARCELO, Carlos. **Pesquisa sobre a formação de professores - O conhecimento sobre aprender a ensinar**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 9, p. 51-75, set./out./nov./dez. 1998.

MARQUES, Mario Osório. **Formação do profissional da educação**. 4.ed. Ijuí/BRA: Ed. Unijuí, 2003. ISBN 85-7429-045-9

MATOS, Kelma S. L.; VIEIRA, Sofia L. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. 2.ed. Fortaleza/CE/BRA: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MELLO, Guiomar Namó de. **Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical**. São Paulo/SP/BRA: Perspec., Mar. 2000, vol.14, no.1, p.98-110. ISSN 0102-8839.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de: (2004). Pesquisa colaborativa: um foco na ação formadora. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo/BRA: UNESP.

NAGLE, Jorge. 'As unidades universitárias e suas licenciaturas: educadores x pesquisadores'. In CATANI, Denice B.; MIRANDA, Herlícia T.; MENEZES, Luís C. de; FISCHMANN, Roseli (orgs). **Universidade, escola e formação de professores**. 2.ed. São Paulo/BRA: Editora Brasiliense, 1987 (p.162-172).

PAIM, Elison Antônio. **Memórias e experiências do fazer-se professor**. Tese de doutorado. FE/UNICAMP, 2005. Disponível em <<http://libdgi.unicamp.br>>. Acesso em 18 de março de 2007.

PEIXOTO, Francisco Balthar. **Redação na vida profissional: setores público e privado**. São Paulo/BRA: Martins Fontes, 2001.

PICONEZ, S. C. B. **Estágios Curriculares: Matriz epistemológica de integração entre saberes práticos e saberes teóricos na construção do conhecimento didático**. Portal do Núcleo de Estudos de Eja e Formação de Professores, www.nea.fe.usp.br, 2003a. Acessado em 11 de abril de 2007.

PICONEZ, S. C. B. **Formação de Professores: a Prática de ensino na modalidade de estágios curriculares contribuindo com a construção da identidade profissional**. Portal do Núcleo de Estudos de Eja e Formação de Professores, <http://www.nea.fe.usp.br>, 2003b. Acessado em 11 de abril de 2007.

PICONEZ, S. C. B. 'A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão.' In: PICONEZ, S. C. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 9 ed. Campinas, SP/BRA: Ed. Papyrus, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo/SP/BRA: Atlas, 1999.

ROSA, Maria Inês Petrucci. ; SHIMABUKURU, E. K. H. ; MEDEIROS, A. G. . Tutoria na formação de professores de Ciências - um modelo pautado na

racionalidade prática. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 3. Atibaia/BRA, 2001.

ROSA, Maria Inês Petrucci et al. Contribuição à formação inicial de professores de ciências: o modelo de tutoria. In: **Atas Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Bauru/BRA. 2003.

ROSA, Maria Inês Petrucci. **Investigação e Ensino: articulações e possibilidades na formação de professores de Ciências**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.

SIMÕES, Regina Helena Silva & CARVALHO, Janete Magalhães. 'Formação inicial de professores: uma análise dos artigos publicados em periódicos nacionais'. In: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de (org.). **Formação de professores no Brasil (1990-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, n.6) ISSN 1676-0565.

TERRAZZAN, E. A. Possibilidades para Formação Inicial de Professores de Física Estágios e Tutorias. In: **V ESCOLA DE VERÃO PARA PROFESSORES DE FÍSICA, QUÍMICA, BIOLOGIA E ÁREAS AFINS**, 2000, Bauru/SP/BRA.

TERRAZZAN, Eduardo A. 'Necessidades e perspectivas para os novos estágios curriculares na formação de professores: primeiras aproximações'. In: **Formação docente em Ciências – Memórias e Práticas**, Niterói/BR: EdUFF, 2003. p.77 - 91.

TERRAZZAN, Eduardo. A. 'As diretrizes curriculares para formação de professores da Educação Básica e os impactos nos atuais cursos de Licenciatura'. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - IGUALDADE E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO, ENDIPE, 11. 26 a 29 de maio de 2002, Goiânia, Goiás, Brasil.

TERRAZZAN, Eduardo A. (coord.): **Condicionantes para tutoria no estágio curricular supervisionado: articulando formação inicial e formação continuada de professores**. - COTESC. Santa Maria/BRA: Gabinete de Projetos/Núcleo de Educação em Ciências, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Nov. 2003 - Jul. 2006. 60p. (CNPq, Ed. Universal 01/2002, Proc. 478078/2003-0). Relatório Técnico Final.

VIEENMAN, S.; LAAT, H.; STARING, C. **Evaluation of a coaching programe for mentors of beginning teachers**. Journal of In-service Education, v.24, n.3, 1998. p.411-431.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa/POR: Edições 70, 1977.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto/POR: Porto Editora, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7.ed. Rio de Janeiro/RJ/BRA: Record, 2003

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo/SP/BRA: EPU, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 5º ed. São Paulo/BRA: Cortez, 2002.

TOMAZETTI, Elisete M.; CARLESSO, Dariane; SCHMIDT, Aline.: (2006). 'Cursos de licenciatura: uma nova realidade?'. **In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul** – ANPEDSUL, 6. 07 a 09 de Junho de 2006, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília/DF/BRA: Plano Editora, 2003. (Série Pesquisa em Educação, 5).

WINCH, Paula G.; DUTRA, Edna F.; SANTOS, Maria Eliza Gama; TERRAZZAN, Eduardo A.: 'A Interação entre Universidade e Escolas de Educação Básica e o Desenvolvimento do Estágio Curricular Pré-profissional'. **In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino** – ENDIPE, 13. 23 a 26 de Abril de 2006, UFPE, Recife, PE, Brasil. Anais... 12p. (CD-ROM, arq <T443-1.rtf>). ISBN 85-0068-3

APÊNDICES

APÊNDICE 1

**Roteiro para entrevista com tutores que participaram
dos GT Ensino de Física e Matemática**

ORIENTAÇÕES PARA CONDUZIR A ENTREVISTA

I. Explicando a entrevista:

- 1) Apresente a entrevista como uma parte dos procedimentos para auxiliar no aprofundamento do estudo sobre as informações coletadas nas atas e nos pareceres dos tutores, dos estagiários e dos orientadores;
- 2) Informe que as entrevistas estão sendo realizadas com todos os tutores que participaram dos GTDACEC no Ensino de Física e Matemática nos anos anteriores e que concordaram em nos conceder a mesma;
- 3) Informe que as entrevistas costumam ser transcritas por pessoas contratadas para isso e que depois de digitadas e organizadas serão devolvidas aos entrevistados para que façam verificações, sugiram modificações e autorizem seu uso;

II. Iniciando a entrevista:

- 1) Apresente o roteiro da entrevista, fazendo a leitura de todas as questões;
- 2) Leve 02 cópias do roteiro, para realizar a entrevista:
 - Utilize uma cópia para condução da entrevista;
 - Entregue a outra cópia à pessoa entrevistada para que ele possa acompanhar o andamento da entrevista;
- 3) Explique que, para efeito de organização posterior da transcrição, cada questão será apresentada separadamente e na ordem do roteiro, independente do entrevistado já ter tocado no assunto ou ter respondido a questão em respostas anteriores.
- 4) Lembre que uma vez apresentada a questão o(a) entrevistado(a) pode respondê-la livremente pelo tempo que desejar.
- 5) Inicie a gravação com a fala do(a) entrevistador(a), identificando:
 - a) Entrevista para o trabalho de tutoria desenvolvido nos GTDACEC;
 - b) Nome da Disciplina;
 - c) Nome e função da pessoa entrevistada;
 - d) Nome do(a) entrevistador(a);
 - e) Local da entrevista;
 - f) Dia e horário do início da entrevista (lembrar de marcar o horário de término da entrevista para encerrar).

III. Conduzindo a entrevista:

- 1) Após os acertos iniciais, tendo o aval do(a) entrevistado(a) para iniciar a entrevista, leia a primeira questão tal qual está no roteiro;
- 2) Permita que o entrevistado responda livremente.
- 3) Interfira apenas quando a resposta for vaga demais ou fugir do foco principal pretendido com a questão;
- 4) Ao término da resposta de uma questão, leia a questão seguinte, mesmo que o entrevistado já tenha pontuado minimamente sobre ela na resposta anterior;
- 5) Cuide para que as interferências na fala do entrevistado fiquem restritas às perguntas auxiliares, visando centrar a entrevista no foco da questão. Siga este procedimento para as questões seguintes;
- 6) Indique o momento em que fechar o primeiro bloco de questões e iniciar o bloco seguinte.

ENTREVISTA COM OS TUTORES QUE PARTICIPARAM DOS GTDACEC ENSINO DE FÍSICA E MATEMÁTICA

Objetivos da entrevista:

- auxiliar no aprofundamento do estudo sobre as informações coletadas nas atas e nos pareceres dos tutores, dos estagiários e dos orientadores que participaram dos GTDACEC;
- auxiliar na dissertação de mestrado desenvolvida pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, Liane Batistela Kist, intitulada de Limites e Possibilidades para a Implementação de uma Proposta de Tutoria no Desenvolvimento de Estágio Curricular em Cursos de Licenciatura;
- auxiliar nas investigações realizadas no âmbito do projeto Dilemas e Perspectivas para a Inovação Educacional das Práticas das Escolas de Educação Básica (DIPIED) desenvolvido no Centro de Educação da UFSM e coordenado pelo Prof. Eduardo A. Terrazzan.

Maiores Informações e contatos:

Liane Batistela Kist (entrevistadora)

e-mail: lianekist@yahoo.com.br

Fones: (55) 99843219 ou (55) 32254578

UFSM/CE – sala 3289 – fone (55) 32209413

ROTEIRO PARA REALIZAR A ENTREVISTA

- 1) Você tinha experiência anterior com estagiários antes deste trabalho de tutoria com o(a) _____ ?
- 2) O que você poderia destacar dessa experiência anterior?
- 3) Em caso positivo, você acha que essa experiência ajudou para o trabalho de tutoria desenvolvido?
- 4) Ao receber o(a) _____ para a realização do Estágio Curricular (EC), qual era a sua expectativa em relação a ele(a)?

- 5) Depois de realizado o EC, essa expectativa inicial em relação ao(à) _____ se modificou? De que forma? Em que sentido?
- 6) O desenvolvimento do trabalho de tutoria, via de regra, não está previsto nas atividades docentes a serem desenvolvidas pelos professores nas escolas, ou seja, é um trabalho voluntário que depende da participação espontânea deles. Nesse sentido, o que motivou você a participar das atividades de EC envolvendo o trabalho de tutoria?
- 7) O que você esperava desse trabalho de acompanhamento de EC num regime de tutoria logo que assumiu o(a) _____ ?
- 8) Que aspectos você destacaria como os que mais marcaram o trabalho desenvolvido com o(a) _____ ?
- 9) Depois de ter acompanhado o EC do(a) _____, o que mudou em relação a sua expectativa inicial sobre o regime de tutoria?
- 10) Você acha que ensinou algo ao(à) _____ durante este trabalho de tutoria? Poderia enumerar e comentar?
- 11) Você acha que aprendeu algo durante este trabalho de tutoria? Poderia enumerar e comentar?

APÊNDICE 2

**Roteiro para entrevista com estagiários que
participaram dos GT Ensino de Física e Matemática**

ORIENTAÇÕES PARA CONDUZIR A ENTREVISTA

I. Explicando a entrevista:

- 1) Apresente a entrevista como uma parte dos procedimentos para auxiliar no aprofundamento do estudo sobre as informações coletadas nas atas e nos pareceres dos tutores, dos estagiários e dos orientadores;
- 2) Informe que as entrevistas estão sendo realizadas com todos os tutores que participaram dos GTDACEC no Ensino de Física e Matemática nos anos anteriores e que concordaram em nos conceder a mesma;
- 3) Informe que as entrevistas costumam ser transcritas por pessoas contratadas para isso e que depois de digitadas e organizadas serão devolvidas aos entrevistados para que façam verificações, sugiram modificações e autorizem seu uso;

II. Iniciando a entrevista:

- 1) Apresente o roteiro da entrevista, fazendo a leitura de todas as questões;
- 2) Leve 02 cópias do roteiro, para realizar a entrevista:
 - Utilize uma cópia para condução da entrevista;
 - Entregue a outra cópia à pessoa entrevistada para que ele possa acompanhar o andamento da entrevista;
- 3) Explique que, para efeito de organização posterior da transcrição, cada questão será apresentada separadamente e na ordem do roteiro, independente do entrevistado já ter tocado no assunto ou ter respondido a questão em respostas anteriores.
- 4) Lembre que uma vez apresentada a questão o(a) entrevistado(a) pode respondê-la livremente pelo tempo que desejar.
- 5) Inicie a gravação com a fala do(a) entrevistador(a), identificando:
 - a) Entrevista para o trabalho de tutoria desenvolvido nos GTDACEC;
 - b) Nome da Disciplina;
 - c) Nome e função da pessoa entrevistada;
 - d) Nome do(a) entrevistador(a);
 - e) Local da entrevista;
 - f) Dia e horário do início da entrevista (lembrar de marcar o horário de término da entrevista para encerrar).

III. Conduzindo a entrevista:

- 1) Após os acertos iniciais, tendo o aval do(a) entrevistado(a) para iniciar a entrevista, leia a primeira questão tal qual está no roteiro;
- 2) Permita que o entrevistado(a) responda livremente.
- 3) Interfira apenas quando a resposta for vaga demais ou fugir do foco principal pretendido com a questão;
- 4) Ao término da resposta de uma questão, leia a questão seguinte, mesmo que o entrevistado já tenha pontuado minimamente sobre ela na resposta anterior;
- 5) Cuide para que as interferências na fala do entrevistado(a) fiquem restritas às perguntas auxiliares, visando centrar a entrevista no foco da questão. Siga este procedimento para as questões seguintes;

ENTREVISTA COM OS ESTAGIÁRIOS QUE PARTICIPARAM DOS GTDACEC ENSINO DE FÍSICA E MATEMÁTICA

Objetivos da entrevista:

- auxiliar no aprofundamento do estudo sobre as informações coletadas nas atas e nos pareceres dos tutores, dos estagiários e dos orientadores que participaram dos GTDACEC;
- auxiliar na dissertação de mestrado desenvolvida pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, Liane Batistela Kist, intitulada de Limites e Possibilidades para a Implementação de uma Proposta de Tutoria no Desenvolvimento de Estágio Curricular em Cursos de Licenciatura;
- auxiliar nas investigações realizadas no âmbito do projeto Dilemas e Perspectivas para a Inovação Educacional das Práticas das Escolas de Educação Básica (DIPIED) desenvolvido no Centro de Educação da UFSM e coordenado pelo Prof. Eduardo A. Terrazzan.

Maiores Informações e contatos:

Liane Batistela Kist (entrevistadora)

e-mail: lianekist@yahoo.com.br

Fones: (55) 99843219 ou (55) 32254578

UFSM/CE – sala 3289 – fone (55) 32209413

ROTEIRO PARA REALIZAR A ENTREVISTA



- 1) Você tinha experiência anterior com regência de classe antes deste trabalho de tutoria com o(a) professor(a) _____ ?
- 2) O que você poderia destacar dessa experiência anterior?
- 3) Em caso positivo, você acha que essa experiência ajudou para o trabalho de tutoria desenvolvido?
- 4) Antes de iniciar seu Estágio Curricular (EC) sob a orientação do(a) professor(a) _____ qual era a sua expectativa em relação a ele(a)?

- 5) Depois de realizado o EC, essa expectativa inicial em relação ao(à) professor(a) _____ se modificou? De que forma? Em que sentido?
- 6) O desenvolvimento do trabalho de tutoria, via de regra, não está previsto nas atividades docentes desenvolvidas por todos os docentes orientadores de EC da UFSM, ou seja, é uma proposta de desenvolvimento de EC que vem sendo investigada, organizada e planejada pelo Prof. Eduardo e, além disso, é um trabalho voluntário que depende da participação espontânea dos estagiários. Nesse sentido, o que motivou você a participar das atividades de EC envolvendo o trabalho de tutoria?
- 7) O que você esperava desse trabalho de acompanhamento de EC num regime de tutoria logo que iniciou seu EC sob a orientação do(a) professor(a) _____ ?
- 8) Que aspectos você destacaria como os que mais marcaram o trabalho desenvolvido com o(a) professor(a) _____ ?
- 9) Depois de ter sido acompanhado durante o seu EC pelo(a) professor(a) _____, o que mudou em relação a sua expectativa inicial sobre o regime de tutoria?
- 10) Você acha que ensinou algo ao(à) professor(a) _____ durante este trabalho de tutoria? Poderia enumerar e comentar?
- 11) Você acha que aprendeu algo durante este trabalho de tutoria? Poderia enumerar e comentar?

APÊNDICE 3

**Modelo de mensagem eletrônica utilizada na devolução
das entrevistas**

MENSAGEM ELETRÔNICA UTILIZADA NA DEVOLUÇÃO DAS ENTREVISTAS

Data: Wed, 20 Jun 2007 10:20:42 -0300 (ART)
De: "Liane Batistela Kist" <lianekist@yahoo.com.br>  [Ver detalhes do contato](#)
Assunto:  entrevista sobre a tutoria
Para: cicero.nogueira@xxxxxxxxxxx

Olá, Professor(a) _____ :

Conforme combinamos, estou lhe enviando, em anexo, um arquivo com a transcrição da entrevista que o senhor me concedeu sobre o trabalho de tutoria desenvolvido ao longo do ano passado no Ensino de _____.

Peço a gentileza de que verifique se a transcrição está de acordo com o que o senhor disse.

Caso o senhor deseje fazer alguma alteração, por favor me comunique.

Gostaria de lembrar ainda que todas as informações que, por ventura, forem utilizadas não constarão o nome do entrevistado, isto é, criaremos códigos para cada entrevistado de forma que seja mantida em sigilo a sua identidade.

Obrigada pela sua atenção.
Aguardo seu retorno.

Att.
Liane Batistela Kist

(55) 3225 4578
(55) 99843219

APÊNDICE 4

**Orientações estabelecidas para o desenvolvimento dos
GT no âmbito do projeto COTESC (2º semestre/2004)**

FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS DE TRABALHO (GT)

- Cada par tutor-estagiário deve ter um encontro periódico (semanal ou quinzenal) para o trabalho de acompanhamento do estágio.
- O GT de cada área/disciplina deve reunir-se mensalmente para trocar experiência e avaliar o trabalho de tutoria. Esta reunião deve ser coordenada pelo pesquisador da equipe do projeto responsável pela disciplina.
- Ao final do semestre deverá ser programado um seminário geral para avaliação do trabalho de todos os GT's.

TAREFAS DO ESTAGIÁRIO

1. Elaboração de um *DPP* (Diário da Prática Pedagógica – modelo do Porlán).
2. Apresentação dos *planejamentos* feitos para cada aula.
3. Elaboração de um *parecer mensal* sobre o trabalho de acompanhamento do aluno pelo tutor (relato técnico-profissional).
4. Elaboração de uma *ata*, em conjunto com o professor-tutor, de cada encontro periódico, onde será relatado, de forma livre, o desenvolvimento do mesmo.

TAREFAS DO TUTOR

1. Elaboração de um *parecer quinzenal* sobre o desenvolvimento da prática pedagógica do estagiário.
2. Elaboração de um *parecer mensal* sobre o trabalho de tutoria.
3. Elaboração de uma *ata*, em conjunto com o professor-estagiário, de cada encontro periódico onde será relatado, de forma livre, o desenvolvimento do mesmo.

TAREFAS DO COORDENADOR DO GT

1. Elaboração de um *parecer avaliativo mensal* do desenvolvimento do trabalho de todo o GT.

APÊNDICE 5

**Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos
GT formados no 2º semestre/2004**

APÊNDICE 6

**Orientações estabelecidas para o desenvolvimento dos
GT no âmbito do projeto COTESC (1º semestre/2005)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

COTESC

**CONDICIONANTES PARA TUTORIA ESCOLAR NO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO:
ARTICULANDO FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES**

FUNCIONAMENTO DOS GT

- ✓ Cada par tutor-estagiário deverá ter um encontro periódico (semanal ou quinzenal) para o trabalho de acompanhamento do estágio;
- ✓ O GT de cada área/disciplina deverá se reunir mensalmente para trocar experiência e avaliar o trabalho de tutoria. Esta reunião será coordenada pelo pesquisador da equipe do projeto responsável pela disciplina;
- ✓ Ao final do semestre haverá um seminário geral para avaliação do trabalho de todos os GTs.

TAREFAS DO ESTAGIÁRIO

1. Elaboração de um DPP (Diário da Prática Pedagógica – modelo do Porlán);
 - ✓ Neste DPP deverá constar o relato comentado das aulas ministradas;
 - ✓ O tutor terá acesso a este DPP cujos dados também serão utilizados como material de pesquisa.
2. Apresentação dos planejamentos feitos para cada aula;
3. Elaboração de um parecer mensal sobre o trabalho de acompanhamento do aluno pelo tutor (relato técnico-profissional);
 - ✓ O tutor não terá acesso direto a este parecer.
4. Elaboração de uma ata, em conjunto com o professor-tutor, de cada encontro periódico onde será relatado, de forma livre, o desenvolvimento do mesmo.

TAREFAS DO TUTOR

1. Elaboração de um parecer quinzenal sobre o desenvolvimento da prática pedagógica do estagiário, observando os seguintes aspectos
 - 1.1. Pessoais/individuais
 - 1.1.1. apresentação pessoal
 - 1.1.2. habilidade de comunicar-se
 - 1.1.3. senso de responsabilidade
 - 1.1.4. comprometimento com o estágio
 - 1.1.5. pontualidade
 - 1.2. Prática pedagógica do estagiário
 - 1.2.1. planejamento antecipado das situações de ensino
 - 1.2.2. conhecimento suficiente sobre a matéria de ensino
 - 1.2.3. domínio e/ou uso de terminologias adequadas
 - 1.2.4. capacidade de decisão frente a novas situações
 - 1.2.5. utilização de recursos disponíveis na escola
 - 1.2.6. relacionamento com os alunos
 - 1.3. Envolvimento/integração com o ambiente escolar
 - 1.3.1. relacionamento com os funcionários e professores da escola
 - 1.3.2. informação a respeito dos critérios e normas da escola
 - 1.3.3. participação em eventos promovidos pela escola (palestras, cursos, etc.)
 - 1.3.4. participação em reuniões programadas pela escola
2. Elaboração de um parecer mensal sobre o trabalho de tutoria;
3. Elaboração de uma ata, em conjunto com o professor-tutor, de cada encontro periódico onde será relatado, de forma livre, o desenvolvimento do mesmo.

TAREFAS DO COORDENADOR DO GT

- ✓ Elaboração de um parecer avaliativo mensal do desenvolvimento do trabalho de todo o GT.

APÊNDICE 7

**Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos
GT formados no 1º semestre/2005**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROJETO DE PESQUISA
COTESC
CONDICIONANTES PARA TUTORIA ESCOLAR NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
ARTICULANDO FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT formados no 1º semestre/2005

GTDACEC	FASE 1					FASE 2					FASE 3					FASE 4																								
	ATAS			PARECER		ATAS			PARECER		ATAS			PARECER		ATAS			PARECER																					
	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O																				
EnsEdFis01	x	x						x			x	x	x																											
EnsEdFis02	x	x						x			x	x	x																											
EnsEdFis03	x							x	x	x																														
EnsEdFis04	x							x	x	x																														
EnsEdFis05	x							x	x	x																														
EnsLP01	x																																							
EnsLP02	x																																							

APÊNDICE 8

**Conjunto de instrumentos de pesquisa utilizados junto
aos GT no âmbito do projeto COTESC
(2º semestre/2005)**

GRUPOS DE TRABALHO

1. Objetivos

- ❖ Proporcionar um espaço para vivenciar uma experiência de acompanhamento compartilhado entre Universidade (agência formadora) e Escola de Educação Básica para o desenvolvimento do Estágio Curricular.
- ❖ Promover uma maior interação/articulação entre Universidade e Escola através do Estágio Curricular.

2. Composição

- ❖ Professores tutores que recebem estagiários
- ❖ Alunos de licenciatura em Estágio Curricular
- ❖ Docentes universitários (orientadores de estágio)

3. Encontros

- ❖ Quinzenais entre tutores e estagiários
- ❖ Mensais com o grupo

4. Instrumentos de coleta de informações

- ❖ Planejamentos didáticos do estagiário
- ❖ Diários da prática pedagógica do estagiário
- ❖ Atas das reuniões periódicas do GT
- ❖ Parecer do estagiário sobre a tutoria
- ❖ Parecer do tutor sobre a tutoria
- ❖ Parecer do coordenador do GT sobre a tutoria

5. Apoio

- ❖ Auxílio para a reprodução do material utilizado no GT (xerox dos planejamentos, diários, etc).

6. Certificado

- ❖ Certificado de participação no GT tanto para o estagiário quanto para o tutor.

PROJETO DE PESQUISA

COTESC

CONDICIONANTES PARA TUTORIA ESCOLAR NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
ARTICULANDO FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Modelo de Ata de Reunião Quinzenal do GT

Data: _____/_____/_____

Local: _____

Participantes _____

Estagiário (s): _____

Tutor: _____

Ata da reunião quinzenal do GT

Nesta ata deve constar o relato dos assuntos discutidos ao longo da reunião: discussão dos planejamentos de estágio, dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do estágio, sugestões para resolução dessas dificuldades, etc.

Assinaturas:

PROJETO DE PESQUISA

COTESC

CONDICIONANTES PARA TUTORIA ESCOLAR NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
ARTICULANDO FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Modelo de Ata Reunião Mensal do GT

Data: ____ / ____ / ____

Local: _____

Participantes

Estagiário (s): _____

Tutor: _____

Orientador: _____

Ata da reunião mensal do GT

Nesta ata deve constar o relato dos assuntos discutidos ao longo da reunião: discussão dos planejamentos de estágio, dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do estágio, sugestões para resolução dessas dificuldades, etc.

Assinaturas:

APÊNDICE 9

**Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos
GT formados no 2º semestre/2005**

Demonstrativo geral dos instrumentos recolhidos nos GT formados no 2º semestre/2005

GTDACEC	FASE 1					FASE 2					FASE 3					FASE 4																				
	ATAS		PARECER			ATAS		PARECER			ATAS		PARECER			ATAS		PARECER																		
	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O																
EnsLP01					X											X	X												X							
EnsLP02					X											X														X						
EnsLP03	X				X	X	X	X								X	X												X							
EnsLP04						X	X			X	X	X	X			X																				
EnsEsp01	x				x	x	x				x				x																					
EnsEsp02	X				x	x					x				x																					
EnsEsp03	x				x	x	x				x				x																					
EnsMat01	x				x	x	x				x	x			x				x		x	x														
EnsMat02	x				x	x	x				x	x			x	x			x	x			x													
EnsFis01						X	X			X	X	X	X																							
EnsFis02						X				X	X	X																								

APÊNDICE 10

Conjunto de instrumentos de pesquisa utilizados junto aos GT no âmbito do projeto DIPIED (1º semestre/2005)

NORMAS DE FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS DE TRABALHO (GT)

1. Objetivos

- ❖ Investigar os limites e as possibilidades para a implementação de uma proposta de tutoria no desenvolvimento do Estágio Curricular no qual o professor regente de classe desempenhe o papel de tutor do estagiário de curso de Licenciatura;
- ❖ Proporcionar uma intervenção que permita vivenciar uma experiência de acompanhamento compartilhado entre Universidade (agência formadora) e Escola de Educação Básica para o desenvolvimento do Estágio Curricular.
- ❖ Promover uma maior interação/articulação entre Universidade e Escola através do Estágio Curricular.

2. Composição

- ❖ Professores tutores que recebem estagiários
- ❖ Alunos de licenciatura em Estágio Curricular
- ❖ Docentes universitários (orientadores de estágio)

3. Encontros periódicos

- ❖ entre tutores e estagiários (semanais)
- ❖ com o grupo (mensais)

4. Instrumentos de coleta de informações

4.1. Instrumentos geralmente utilizados no desenvolvimento de Estágios

- ❖ Planejamentos didáticos do estagiário
- ❖ Diários da prática pedagógica do estagiário (modelo próprio)

4.2. Instrumentos utilizados na dinâmica de funcionamento dos GT

- ❖ Atas das reuniões periódicas do GT (modelo próprio)
- ❖ Parecer do estagiário sobre a tutoria (modelo próprio)
- ❖ Parecer do tutor sobre a tutoria (modelo próprio)
- ❖ Parecer do orientador sobre a tutoria (modelo próprio)

Obs.: Para que os encontros mensais com o grupo todo possam pôr em discussão os acontecimentos relacionados ao desenvolvimento do Estágio, é necessário que os pareceres do estagiário e do tutor façam parte da pauta da reunião, isto é, é necessário que estejam prontos para essa reunião.

5. Certificado

- ❖ Certificado de participação no GT tanto para o estagiário quanto para o tutor.

MODELO DE ATA DE REUNIÃO PERIÓDICA

Natureza da Reunião: reunião de GT () tutor-estagiário () grupo todo

Projeto/grupo/subgrupo:

Dia da Semana: Data: Hora Início: Hora Fim:

Fase: 1ª () 2ª () 3ª () 4ª () Período: / / a / /

		Assinatura
Estagiário:	Curso/Universidade:	
Tutor:	Escola:	
Orientador:	Depto/Universidade:	

• Pauta estabelecida para reunião

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____
- 4) _____
- 5) _____

• Resumo das discussões e das decisões tomadas, por item da pauta (no verso)

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____
- 4) _____
- 5) _____

GTDACEC

Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

• Encaminhamentos e Responsáveis

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____
- 4) _____
- 5) _____

• Data, horário, local e pauta da próxima reunião

• Pontos a serem considerados na ata

1) Planejamento das aulas

- a) mecanismos/rotinas adotadas para (re)planejamento das aulas
- b) pontos específicos usualmente discutidos
- c) diversificação de recursos, estratégias e atividades diferentes
- d) tratamento das possíveis inovações
- e) nível de compatibilidade entre o planejado e o executado (dar exemplos)

2) Acompanhamento das aulas pelo tutor

- a) mecanismos/rotinas adotadas para o acompanhamento das aulas do estagiário
- b) pontos específicos usualmente observados

3) Avaliação dos alunos

- a) mecanismos/rotinas usados para avaliação dos alunos
- b) restrições/condicionantes colocados pela escola e/ou pela área disciplinar
- c) elaboração dos instrumentos
- d) discussão dos resultados

4) Uso dos diversos espaços escolares (laboratório, quadra, biblioteca, salões, salas de informática, etc.)

5) Gestão da classe

6) Participação dos estagiários nas atividades da escola

7) Desafios/dilemas enfrentados durante o desenvolvimento do Estágio Curricular

- a) identificar e caracterizar desafios e dificuldades
- b) sugestões e encaminhamentos dados para as dificuldades

8) Processo/trabalho de tutoria

GTDACEC

Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

- a) avaliação geral da interação tutor-estagiário
- b) avaliação da dinâmica e dos instrumentos utilizados
- c) dificuldades identificadas para o trabalho de tutoria
- d) sugestões para melhorias

LOCAL E DATA: _____

ASSINATURAS: _____

**MODELO DE PARECER SOBRE O TRABALHO DE TUTORIA
PROFESSOR TUTOR**

Estagiário:	Curso/Universidade:
Tutor:	Escola:
Orientador:	Depto/Universidade:

Projeto/grupo/subgrupo:

Fase: 1ª () 2ª () 3ª () 4ª () **Período:** / / a / /

SUGESTÃO DE PONTOS A SEREM CONSIDERADOS NA ELABORAÇÃO DO PARECER

1) Planejamento das aulas

- a) mecanismos/rotinas adotadas para (re)planejamento das aulas
- b) diversificação de recursos, estratégias e atividades diferentes
- c) tratamento das possíveis inovações
- d) nível de compatibilidade entre o planejado e o executado (dar exemplos)

GTDACEC

Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

2) Avaliação dos alunos pelo estagiário

- a) mecanismos/rotinas usados para avaliação dos alunos
- b) restrições/condicionantes colocados pela escola e/ou pela área disciplinar
- c) elaboração dos instrumentos
- d) discussão dos resultados

3) Uso dos diversos espaços escolares (laboratório, quadra, biblioteca, salões, salas de informática, etc.) pelo estagiário

4) Gestão da classe

5) Participação dos estagiários nas atividades da escola

6) Desafios/dilemas enfrentados pelo estagiário durante o desenvolvimento do Estágio Curricular

- a) identificar e caracterizar desafios e dificuldades
- b) sugestões e encaminhamentos dados para as dificuldades

GTDACEC
Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

7) Desempenho geral do estagiário (identificar itens e comentá-los)

8) Participação do orientador no decorrer do Estágio Curricular de seu estagiário

9) Participação do tutor no decorrer do Estágio Curricular de seu estagiário

10) Contribuição efetiva da tutoria na realização do Estágio Curricular de seu estagiário

11) Processo/trabalho de tutoria

- a) avaliação geral da interação tutor-estagiário
- b) avaliação geral da interação tutor-estagiário-orientador
- c) avaliação da dinâmica e dos instrumentos utilizados
- d) dificuldades identificadas para o trabalho de tutoria
- e) sugestões para melhorias

LOCAL E DATA:

ASSINATURA:

**MODELO DE PARECER SOBRE O TRABALHO DE TUTORIA
ESTAGIÁRIO**

Estagiário:	Curso/Universidade:
Tutor:	Escola:
Orientador:	Depto/Universidade:

Projeto/grupo/subgrupo:

Fase: 1ª () 2ª () 3ª () 4ª () **Período:** / / a / /

SUGESTÃO DE PONTOS A SEREM CONSIDERADOS NA ELABORAÇÃO DO PARECER

1) Planejamento das aulas

- a) mecanismos/rotinas adotadas para (re)planejamento das aulas
- b) diversificação de recursos, estratégias e atividades diferentes
- c) tratamento das possíveis inovações
- d) nível de compatibilidade entre o planejado e o executado (dar exemplos)

GTDACEC

Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

2) Avaliação dos alunos

- a) mecanismos/rotinas usados para avaliação dos alunos
- b) restrições/condicionantes colocados pela escola e/ou pela área disciplinar
- c) elaboração dos instrumentos
- d) discussão dos resultados

3) Uso dos diversos espaços escolares (laboratório, quadra, biblioteca, salões, salas de informática, etc.)

4) Gestão da classe

5) Participação nas atividades da escola

6) Desafios/dilemas enfrentados durante o desenvolvimento do Estágio Curricular

- a) identificar e caracterizar desafios e dificuldades
- b) sugestões e encaminhamentos dados para as dificuldades

GTDACEC
Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

7) Desempenho geral do estagiário (identificar itens e comentá-los)

8) Participação do tutor no decorrer do Estágio Curricular de seu estagiário

9) Participação do orientador de Estágio no decorrer do Estágio Curricular de seu estagiário

10) Processo/trabalho de tutoria

- a) avaliação geral da interação tutor-estagiário
- b) avaliação geral da interação tutor-estagiário-orientador
- c) avaliação da dinâmica e dos instrumentos utilizados
- d) dificuldades identificadas para o trabalho de tutoria
- e) sugestões para melhorias

LOCAL E DATA:

ASSINATURA:

**MODELO DE PARECER SOBRE O TRABALHO DE TUTORIA
ORIENTADOR**

Estagiário:	Curso/Universidade:
Tutor:	Escola:
Orientador:	Depto/Universidade:

Projeto/grupo/subgrupo:

Fase: 1ª () 2ª () 3ª () 4ª () **Período:** / / a / /

SUGESTÃO DE PONTOS A SEREM CONSIDERADOS NA ELABORAÇÃO DO PARECER

1) Planejamento das aulas

- a) mecanismos/rotinas adotadas para (re)planejamento das aulas
- b) diversificação de recursos, estratégias e atividades diferentes
- c) tratamento das possíveis inovações
- d) nível de compatibilidade entre o planejado e o executado (dar exemplos)

GTDACEC

Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

2) Avaliação dos alunos

- a) mecanismos/rotinas usados para avaliação dos alunos
- b) restrições/condicionantes colocados pela escola e/ou pela área disciplinar
- c) elaboração dos instrumentos
- d) discussão dos resultados

3) Uso dos diversos espaços escolares (laboratório, quadra, biblioteca, salões, salas de informática, etc.)

4) Gestão da classe

5) Participação nas atividades da escola

6) Desafios/dilemas enfrentados durante o desenvolvimento do Estágio Curricular

- a) identificar e caracterizar desafios e dificuldades
- b) sugestões e encaminhamentos dados para as dificuldades

GTDACEC
Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

7) Desempenho geral do estagiário (identificar itens e comentá-los)

8) Participação do tutor no decorrer do Estágio Curricular de seu estagiário

9) Participação do orientador de Estágio no decorrer do Estágio Curricular de seu estagiário

10) Processo/trabalho de tutoria

- a) avaliação geral da interação tutor-estagiário
- b) avaliação geral da interação tutor-estagiário-orientador
- c) avaliação da dinâmica e dos instrumentos utilizados
- d) dificuldades identificadas para o trabalho de tutoria
- e) sugestões para melhorias

LOCAL E DATA:

ASSINATURA:

APÊNDICE 11

**Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos
GT Ensino de Física/2006**

Demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT Ensino de Física/2006

GTDACEC	FASE 1					FASE 2					FASE 3					FASE 4														
	ATAS				PARECER	ATAS				PARECER	ATAS				PARECER	ATAS				PARECER										
	T-E		GT	E	T	O	T-E		GT	E	T	O	T-E		GT	E	T	O	T-E		GT	E	T	O						
EnsFis01	X	X	X	X		X	X		X	X	X	X ¹	X	X									X ²							
EnsFis02					X ³							X ⁴																		
EnsFis03	X	X	X	X	X ⁵	X	X		X	X	X	X	X ⁶	X	X				X ⁷											
EnsFis04	X	X	X		X ⁸				X	X	X					X	X	X	X	X ⁹	X			X			X ¹⁰	X		X
EnsFis05	X	X	X		X ¹¹	X	X		X	X			X ¹²		X								X	X		X ¹³		X		
EnsFis06					X ¹⁴								X ¹⁵																	

¹ 01 Fita

² 01 Fita

³ 02 Fitas

⁴ 02 Fitas

⁵ 01 Fita

⁶ 02 Fitas

⁷ 02 Fitas e registro escrito

⁸ 02 Fitas

⁹ 01 Fita e registro escrito

¹⁰ 01 Fita e registro escrito

¹¹ 01 Fita

¹² 01 Fita e registro escrito

¹³ 01 Fita e registro escrito

¹⁴ 01 Fita

¹⁵ 02 Fitas

APÊNDICE 12

**Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos
GT Ensino de Matemática/2006**

Quadro demonstrativo dos instrumentos recolhidos nos GT Ensino de Matemática/2006

GTDACEC	FASE 1						FASE 2						FASE 3					
	ATAS			PARECER			ATAS			PARECER			ATAS			PARECER		
	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O	T-E	GT	E	T	O			
EnsMat01	X	X	X	X	X	X	---	----	----	X	--	X	----	----	----	--	X	X
EnsMat02	X	X	X	X	X	--	X	X	----	X	X	--	X	X	----	X	X	--
EnsMat03	X	X	X	X	X	--	X	----	----	X	X	--	----	----	----	--	X	
EnsMat04	X	X	X	X	X	X	----	----	----	X	X	X	X	----	----	--	X	X

APÊNDICE 13

Modelo de Transcrição de Reunião Geral de GT
Audiogravada

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

Reunião Periódica do GT

Aluno Estagiário	Márcio Janner Martins
Professor Tutor	Cícero Urbemetto nogueira
Escola	Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria - CASM
Professor Orientador	Eduardo Adolfo Terrazan
Data da Entrevista	05/09/2006
Transcritor	Daiane Pinheiro
Fase	1º

(E) São 15:h10min, dia cinco do nove, Cícero Márcio e Eduardo. Ta então é isso. A idéia é a gente implementar alguns aspectos, eu to sugerindo esses, se tem algum outro que vocês quiserem apresentar? Pode ser?

(M) Pode ser.

(E) Então vamos lá. Com relação ao desenvolvimento das atividades, o que seis discutiram ai nesse bimestre?

(M) É para mim falar ou ele?

(C) Não pode começar, eu só complemento o Márcio. Pode ser?

(M) Bom como já ta, consta em ata, hã, do módulo onde agente tratou, de geradores elétricos, hã, a gente conversou em relação a um problema que eu encontrei com a atividade experimental sobre, aquela pilha de limão.

(E) Hum.

(M) Ai eu não consegui, não consegui desenvolver de forma satisfatória, ai o professor me indicou o professor de química da escola pra, pra tentar conseguir um auxílio, só que mesmo assim a gente não conseguiu fazer o tal gerador funcionar de forma satisfatória, ai eu acabei tendo que descartar ele, só que naquele momento ele era a atividade experimental que eu estava utilizando no meu módulo, então ele ficou sem uma atividade experimental.

(E) Qual era o problema? Com a pilha que se falou.

(M) Eu não consegui, eu não consegui fazer funcionar o, a pilha de limão.

(E) Fazer funcionar.

(M) É não, não, não obtinha uma corrente que desse pra ti fazer um legue, por exemplo, seria uma, uma percepção.

(E) Um legue?

(M) é um legue.

(E) Mas qual a voltagem do legue?

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(M) Um.

(E) 1w só?

(M) Um, ou um ponto alguma coisa, é bem pequeno.

(E) Hum.

(M) E ai infelizmente naquele módulo ai ficou meio.

(E) Hum.

(M) Criou um problema. Já no outro módulo que a gente entrou, que é o que trata de campo magnético e força magnética, a gente fez algumas alterações como, eu posso mostrar pro senhor aqui. Hã, esse módulo foi feito pelo Luiz.

(E) Ta então não foi feito atividade, é isso?

(M) Não, não foi feita aquela atividade.

(E) Não tem substituição pra, como é que resolve?

(M) Não teve.

(E) Isso aqui foi retirado de algum livro?

(M) Na realidade eu tinha aquela atividade sá que eu não tinha referencia da onde ela foi retirada antes, eu tinha a atividade em si, só que eu não tinha referencia, então eu só consegui.

(E) Livro da Beatriz Alvarenga, pode por ai.

(M) Beatriz Alvarenga? Eu vou procurar, vô fazer uma anotação.

(E) Tem vários outros livros, mas o da Beatriz é o tradicional.

(M) Ham.

(E) Por isso que é estranho não ter encontrado.

(M) Pois é não consegui fazer. Já nesse de campo magnético o trabalho foi bem mais satisfatório, porque embora a gente tenha discutido e formado esse módulo, quem fez na realidade foi o Luiz, ai a gente discutiu, mas quem estruturou foi ele, ele colocou as experimentações.

(E) Ele é o responsável pela estruturação final, é isso?

(M) Sim. Hã, ele colocou as experimentações como aplicação do conhecimento ele tinha uma ADT e várias ADP atividade de exposição do professor.

(E) Hum.

(M) Hã, só que conversando com o professor, a gente achou que seria interessante colocar a atividade experimental junto com a, com a atividade de organização do conhecimento. Então o

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

que que foi feito? A problematização, seguiu a organização prevista, só que na primeira atividade que tinha, que era de campo magnético e pólo dos ímãs, que tinha previsto uma atividade de exposição do professor, hã, eu trouxe ímãs e limalha de ferro e cartão pra colocar a limalha em cima. Toda aquela experimentação, é uma, uma, uma atividade simples onde eles verificariam a ação das linhas de campo, através da limalha de ferro, e depois primeiro a gente organizou cinco grupos, dividiu o material, junto com a tarefa né. Ai o pessoal desenvolveu observou, e depois da observação veio a discussão sobre isso, e essa ADP virou uma discussão sobre a observação deles e foi, foi muito, foi uma das melhores aulas em relação aos outros módulos, aonde o pessoal participou em massa. Bom, como a gente discutiu também campo magnético terrestre ele anexou, eu tenho aqui o, em anexo um texto que fala de campo magnético da terra. Só que eu li o texto e não, não achei que ele seria um texto bom pra, pro pessoal, eu não, eu olhei e vi, eles não vão se interessar por esse texto. E o pessoal.

(E) Qual o critério que você usou ai?

(M) Esse texto aqui ele retirou de um sit.

(E) Não qual o critério que você usou pra.

(M) Descartar esse texto?

(E) É.

(M) Eu achei ele, ele não tem o, eu achei assim, a linguagem que ele usa não, não é uma linguagem assim que chame a atenção deles, e não é tão acessível, ele usa alguns termos que eu não, e ele faz umas citações de, de alguns nomes que até eu não conheço. Então eu não achei assim que ia acrescentar. Sendo que hã.

(E) Nome aos termos é isso?

(M) É.

(E) Ou nome de pessoa?

(M) Também nome de pessoas. Aqui tem várias referências que nem eu saberia explicar a eles se caso eles: _ Quem é esse cara? Infelizmente eu não tenho conhecimento. E ai eu achei que não seria interessante quem sabe, par uma leitura posterior em casa assim.

(E) Qual o termo que você considerou difícil ai que você marcou?

(M) Há, em primeiro em relação a, a, ele cita várias pessoas aqui ele faz várias citações em relação a cientistas que não, hã, que eu não sei explicar em relação a obras em inglês que eu não li. Então eu não tenho, não tinha, ta em todo texto, não tenho referencia, não, não fiz uma marcação em especial. Aqui Dr. Thomas Barnes, não tenho a mínima idéia de quem seja. Hã, eu poderia ter problemas.

(E) Quem é Beatriz Alvarenga?

(M) Beatriz Alvarenga?

(E) É.

(M) É professora de física.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) (rsrsrs). Até ai tudo bem, é a mesma coisa. Entendeu? O critério é o mesmo, você conhece a Beatriz?

(M) Pessoalmente não.

(E) Então? Qual a diferença?

(M) É que, bom, na hora eu li eu achei, eu posso ta, eu posso ta errado, você pode provar que.

(E) Não, não to provando nada.

(M) Não, não, não.

(E) Só que o critério de descartar porque você não conhece a pessoa, não é um critério que depois você vai poder sustentar. Porque qualquer um que se não conhece, eu também não conheço.

(M) Pois é. E também eu achei assim que a parte do, do gel magnetismo, eles já haviam questionado, a gente já tinha conversado, então não, não sei do que que é acrescentado. Ia tomar mais tempo e eu, em que eu poderia.

(E) Ta, mas deixa eu dizer uma coisa. Vocês não prepararam esse módulo ai junto então? Porque o que vocês estão falando é sempre o Luiz.

(M) Ta esse módulo aqui foi feito pelo Luiz.

(E) Então vocês não discutiram em conjunto.

(M) Ele me trouxe a, a, essa tabela, a gente deu uma olhada junto. No momento eu concordei só que ele não havia trazido o texto. Daí.

(E) Então vocês não fecharam o módulo juntos.

(M) Não. Na realidade.

(E) Há ta.

(M) Não, pra deixar bem claro não.

(E) Bom, ta então é um problema do trabalho de vocês em conjunto. Se vocês não fecharam o módulo em conjunto por isso que você não sabia que atividade tava dando.

(M) Esse é o problema. Bom, ai relação a, bom, perseguindo o trabalho depois, tem esse, ele criou uma atividade, há, de exposição do professor que, que trabalharia em cima da experiência do (...), depois evoluiria pra campo de espira e do condutor (...) de espira e solenóide. Eu achei interessante, bom daí, numa sexta feira que eu fui dar aula, o pessoal tava muito disperso e a aula não fluía de jeito nenhum, eles tinham um problema, eles tinham uma prova de biologia e a outra metade não queria saber nem da de biologia nem na de, nem no trabalho de física. E ai eu vi que a atividade não estava sendo produtiva, e, e como eu só tinha uma aula, eu, eu acabei, eu não achei outra alternativa, eu acabei cedendo o resto do tempo pra eles estudarem pra tal biologia, e repensei que atividade eu poderia fazer pra poder trabalhar isso, há, na segunda feira que eu teria dois períodos, ai eu adiantei essa outra aplicação do conhecimento que foi colocada aqui que é a

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

experiência do Hanster, pra essa aula. O que aconteceu? Hã, houve uma, eu corriji alguns problema que ocorreram na outra aula experimental. Qual, qual foi o problema? Hã, eu dividi os grupos só que tinha integrantes dos grupos que não, que ficam esperando que os outros façam, que ficam ali na deles. E ai como eu já tinha dito que cada grupo entregaria um trabalho, ficou, criou um problema que eu tentei corrigir nessa outra atividade. Eu tentei criar uma organização, eu cheguei em cada grupo distribui o material e, hã, coloquei alguém pra coordenar o trabalho dentro do grupo, o responsável pelo grupo. E se caso a atividade decorresse satisfatoriamente, não havia necessidade de cada um entregar um trabalho à parte, desde que houvesse participação do. E no momento de escolha de quem ia organizar o grupo, eu acabei escolhendo aqueles que haviam tido uma, que tinham criado mais problemas na outra atividade. De forma eu eles ficaram responsável pela organização do grupo. O trabalho rendeu mais ainda do que o outro, houve grande participação. Qual foi a atividade? A atividade foi uma atividade clássica do terra fio condutor, aplica um a diferença de potencial, e com uma bússola tu, tu verifica ação do campo magnético e tenta relacionar, relacionar o movimento das cargas com o campo. E junto com essa atividade essa ADP ela foi desenvolvida, claro que não deu pra terminar porque eu juntei duas atividades, então eu não consegui chegar na, no, no trabalho com as espiras. Mas como é que seria a atividade? Eles desenvolviam a primeira parte de experimentação, a gente discutia sobre aquilo, depois eles registravam eles me entregam, a gente, eu falava do contexto histórico, do de quando esse experimento foi descoberto, qual a importância pra, pra física que ele tem. E ai eles continuavam o experimento, quando chegava em uma parte que falava da regra da mão direita, que eles não tinham visto ainda. Então eu disse pra eles: _ Vocês fazem até onde vocês sabem depois vocês, hã, depois a gente vai discutir. Ai a gente teve uma aula, eles ainda em grupo, hã, trabalhando regra da mão direita e depois o campo me espira. E eles iam desenvolvendo a atividade conforme, conforme, hã, conforme eles sabiam. Quando chegavam no ponto onde eles não tinham mais conhecimento pra poder desenvolver a atividade eles me questionavam, e ai a gente tinha uma, tinha uma, atividade de exposição onde a gente dialogava e seguiam a atividade. E assim a gente concluiu, essa aula foi a de segunda feira. Foi a última aula que a gente teve. Ai a previsão pra próxima aula vai ser a seqüência dessa atividade que eles vão trabalhar com, com espiras. E hã, eu achei interessante com relação a, eu não terminei ainda de aplicar, esse módulo, que essas modificações elas ficaram, elas trouxeram a experimentação junto com a, com a, com as aulas expositivas, que nós não, eu encontrei, a muito tempo eu to encontrando problema com as aulas expositivas, só que eu não tava conseguindo desenvolver uma outra atividade alternativa. Porque no momento que tu faz uma aula expositiva o pessoal não tem assim muito interesse por aquilo, nem sempre tu ta com aquele pik com aquele ânimo que tu consiga despertar interesse sobre o assunto. E ai tenho autos e baixos, as vezes a aula ela era interessante tinha bastante participação, as vezes ela não tinha tanta participação. E ai eu descobri que quando tu organiza o pessoal em grupos, eles tem uma , eles conseguem trabalhar melhor, porque se surge alguma dúvida, algum problema que eles não perguntariam pra mim eles perguntam pros colegas e pra desenvolver, sei lá qual atividade vai ser feita eles vão conseguir resolver os problemas entre eles, mas eu vou estar sempre transitando entre os grupos, e ai eu posso auxiliar também. Ai a aplicação do conhecimento a gente tava pensando em deixar o motor elétrico e essa atividade de lápis e papel, só essas duas. E o restante que foi colocado aqui como aplicação do conhecimento a gente, hã, na prática a gente vai utilizar como organização do conhecimento junto com a, como o desenvolvimento da teoria. Resumindo basicamente seria isso.

(E) Ta, então o que se contou ai, é questão da alteração da programação. certo?

(M) Certo.

(E) É isso?

(M) Ham.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Ta. Então vê se é assim que vocês resolveram. O módulo não foi elaborado em conjunto no GT 3S certo?

(M) Certo.

(E) Então, Luiz elaborou sozinho. E adaptações foram feitas então nas ADS, né. Hã, como é que vocês estabeleceram critérios ai pra fazer essas modificações?

(M) Hã.

(E) O que que é que gerou a necessidade de modificação, quando tinha esse módulo na mão?

(M) O problema prático de aplicar. No momento que eu tentei aplicar essa atividade, a primeira atividade de organização do conhecimento, foi o problema, eu não tive, eu não consegui, aplicar ela de, o pessoal, não, não, não se sentiu estimulado em ter uma atividade de expressão do professor sobre campo magnético e pólo dos Imãs, não houve um interesse. E ai eu pensei, se a parte legal que ficava interessante a atividade.

(E) Você expôs, é isso, e depois verificou que não teve interesse.

(M) Hum. E ai, hã, sei lá a gente achou interessante colocar uma atividade experimental junto, e ai o que tava o que a gente viu qual é a atividade experimental que poderia ser feita? Atividade que trabalhe observação do campo magnético a ação com bússolas e quando tu coloca a bússola tu já pode fazer a discussão do gel magnetismo que já vai, alguém vai sempre questionar em relação do gel magnetismo. E dentro do próprio roteiro em que foi desenvolvida a técnica também havia questões do porque da orientação da bússola, como funciona a bússola, até na própria problematização já, já consta, aqui a gente já trabalhou em cima da problematização. E foi assim, depois como deu certo, ai time que ta ganhando não se meche, ai a gente pensou.

(E) E o indicador de que deu certo é?

(C) Em Eduardo, posso?

(E) Ham.

(C) Até uma questão assim ó, eu comentei com o Márcio, que a dificuldade que a gente encontra é como chamar a atenção do aluno, e essa foi uma maneira que ele experimentou e, nós conversamos, pelo jeito deu um bom resultado, porque ele cria a curiosidade no aluno, e aquela curiosidade ele, o aluno começa a perguntar, e nessa pergunta do aluno, ele conseguiu expor o conteúdo né, o que antes ele, ele tinha pensado ao contrário, ele ia expor o conteúdo depois ele ia fazer a parte experimental e coisa né. Mas até chegar na parte experimental, tem alunos que ficam totalmente dispersos né, eles, eles, não tão nem, nem se questionando, e o momento que faz primeiro um experimento eles criam vários questionamentos, e dentro dos questionamentos ai o Márcio começou a estruturar.

(E) Então aqui é uma inversão de ordem na questão de experimento e exposição. É invertida a exposição é isso?

(C) Hum. Junto com, junto com o experimento.

(M) Tanto é que o experimento termina o experimento não é concluído.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) O experimento é o foco ou é a exposição da atividade?

(M) O experimento.

(E) Então é o experimento que eles fazem?

(M) Sim é o experimento que eles fazem.

(E) Eles fazem o experimento.

(M) Eles tem, do material do roteiro, eles desenvolvem, encontram as dificuldades. A primeira coisa que.

(E) Esse é o experimento aberto e tal, como vocês tão organizando?

(M) É o experimento.

(E) Tem o roteiro aí?

(M) Infelizmente eu acho que eu não tenho o roteiro. É o mesmo que ele deixou em anexo.

(E) Então você usou o mesmo roteiro só que.

(M) Sim o mesmo roteiro.

(C) Só que em ordem.

(M) Exato. É o experimento de (...).

(E) Não o experimento de (...) é só o experimento, a atividade ela é organizada de maneira diferente pra cada situação. É isso que eu queria saber só pra poder registrar. Quer dizer, houve uma inversão na ordem, ma não na repartição da atividade é isso?

(M) Exato.

(E) Hum. Quer dizer, essa atividade tava em outro local?

(M) Tava, como aplicação do conhecimento.

(E) Há, se inverteu a ordem e puxou ela pra cá, é isso?

(M) É, só botei ela como organização.

(E) Então na verdade só muda a ordem das atividades, mas não é que mudou a atividade. Não é demonstração que acopla a exposição é isso?

(M) Não, é.

(E) É esse aqui?

(M) Acho que é esse ai.

(E) Hum.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(M) Aqui colocou só os interesses.

(E) Então não tem atividade? Quer dizer, não tem planejamento pra atividade? É isso?

(M) Não tem, o problema é. Não tem sim, há, só que infelizmente eu não to com ela em mãos.

(E) Então não tem, módulo é o que tem.

(M) Pois é, o módulo é o que não tem, mas eu peguei a referencia.

(C) O Cícero já viu todo o material de vocês, que ficou pronto agora? Viu já?

(M) Nós conversamos.

(E) Não, já mostrou o material todo? Esse que ficou pronto na sexta feira passada?

(M) Não o último não.

(E) Então (...) do último. Quantos módulos são?

(M) seis.

(E) E os cinco já foram vistos?

(M) Sim.

(E) Não só pra saber, porque teve um problema de defasagem ai pra eles terminarem, então agora ficou acertada toda a programação, então agora todos os módulos estão prontos. Agora isso aqui não ta programado, ta certo? Só pra lembrar. Aqui não tem atividade?

(M) É ele não anexo, mas eu tinha atividade em mãos na hora eu apliquei..

(E) Ta, mas seis tem fora daqui? Porque agora eu não to entendendo. Vamos estabelecer assim, senão eu falo alguma coisa o outro fala outra e eventualmente vem uma terceira que vocês escutam.

(M) É verdade.

(E) Ai fica confuso. Existem módulos de referencia certo? Eu to entendendo que quando isso daqui é sistematizado, já tem um problema aqui que a gente ta percebendo que vocês não fecham módulo em conjunto. Então fica difícil aqui, é melhor tirar o nome né, e cada um faz o seu e passa pro outro. Ai é outro modelo, só pra saber qual é o modelo que a gente ta praticando. O modelo proposto é o modelo que vocês são responsáveis pelo material, o responsável aqui é pela organização final. Então não da pra assinar isso daqui em baixo e o teu nome aparecer se o Luiz é que fez sozinho.

(M) Ta, mas no caso eu li e eu concordei come ele no momento.

(E) Pois é, só que daí.

(M) Só que depois eu descobri que eu tava errado né, na prática a coisa não funciona.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Não eu vou falar de outra parte, isso aqui vira um módulo de referência. Então se é um módulo de referencia, ele tem que ter o registro completo, não pode não ter pedaço que vai ficar depois, entendeu, porque, o, o que fica registrado é isso aqui, então não da pra falar que tem atividade fora daqui porque eu não posso considerar isso, eu só vou considerar o que ta dentro da pasta. Entendeu? Não sei se ta claro?

(M) Sim. Não eu compreendi.

(E) Agora, se. Então são várias coisas, uma é o módulo de referência é o que ta, a discussão sobre como que isso vai pra sala de aula é feito justamente em forma de adaptação, certo? Que é o que você esta colocando, vocês fizeram e ai em conjunto, que é o modelo como vocês estão trabalhando. Ta certo? É fazendo as adaptações necessárias pra adequar o número de horas a situação do aluno, a turma toda, aquela história, que são as condições e as possibilidades dentro de cada local. Certo? Aliás isso aqui tem virar o teu planejamento, ta, isso daqui é o de referencia que fica lá, isso daqui tem que virar o teu planejamento, então é isso que a gente ta tentando ver, na hora que vira o teu planejamento, daí é o teu, daí não é mais assinado pelos dois. Ta então tem dois momentos ai, um que fecha os módulos de referência, a programação de referencia, e ai em princípio é isso, ta assinado em baixo, percebeu que tem modificações, ta certo? É, obvio e necessário que façam modificações. Mas isso precisa ficar registrado entendeu? Pra gente ver o que que mudou. Então na verdade só pra lembrar, isso aqui, agora ta ficando claro pra mim, vocês alteraram esse, esse como é que ta aqui? Esse caso em particular, vocês alteraram só a ordem isso?

(M) Só a ordem.

(C) Isso.

(E) Então essa atividade ela mudou de número, mas ela foi tal qual como tinha sido planejada.

(M) Sim.

(E) Ou seja, não tinha sido planeja. Por que não tem o planejamento aqui. Então a tua adaptação já foi um planejamento que não ta aqui.

(M) Não é que ele, colocou a referencia e eu tenho o livro da referência, então.

(E) Mas isso não é um planejamento, sinto muito. Se entendeu? Pegar o que ta no livro não é um planejamento.

(M) (...)

(C) As etapas tudo.

(E) Tem que colocar como você pensou.

(M) Não eu olhei.

(E) Porque aqui vocês estão colocando a referencia que é outra coisa né, referencia do módulo não, a referencia de origem né, quer dizer, vocês foram olhar nos livros e nesse caso aqui é, de quem que é isso aqui é do ramalho é isso?

(M) Sim.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Então no livro do Ramalho tinha lá uma sugestão, é isso? Agora isso é uma sugestão do Ramalho, como você operacionalizou é o teu planejamento. Então isso precisa registrar entendeu, porque senão eu vou conversar como Ramalho (rsrsrs) ta certo? Agora o que o ramalho pensou ou não, aliás ele não pensa nada porque ele é um autor fictício, ele é um cineasta, vocês sabem, ele só assina o livro porque o nome dele fica na praça né, e o nome do cursinho universitário é que prevaleceu. Então não adianta nem querer conversar com o Ramalho que provavelmente ele não sabe nem o que ta acontecendo com os livros. Tem esse detalhe ainda, certo? Então só pode ficar claro senão a gene não tem coisas revistas. Então essas modificações que né, foram planejadas, ai depois tem a implementação que é esses relatos que você falou que foi, hã, ai você falou que incluiu a demonstração. Eu achei que era demonstração então. Ta errado. Vamo ver, isso aqui então, na verdade ele não incluiu, então houve uma mudança de ordem né.

(M) aham.

(E) Essa aqui então foi precedida, é isso?

(M) É.

(E) Pela.

(M) Experimentação.

(E) Ta, mas tem um número aqui, vamo ver. Por essa daqui então pela D08 é isso?

(M) aham.

(E) Ta e isso é o que vocês planejaram pra, da conta do que vocês viram que era insuficiente que estava falho, não é isso? Proceder e inverter essa ordem, é isso, né?

(C) É.

(E) Pra poder depois fazer a exposição.

(C) Não que seja sempre dessa maneira né.

(E) Não, nesse caso.

(C) Por que o que que aconteceu? Ele constatou que não tava conseguindo fazer com que os alunos. se envolvessem com a aula né.

(E) Isso. Claro.

(C) Ai uma sugestão dele, e conversou comigo, aceito tranquilo né.

(E) É. Ta então.

(C) Tem momento as vezes que, que é difícil, que nem eu disse pra ele, as vezes a gente se programa planeja, e chega na escola. Essa semana mesmo, teve semana, como é? Da pátria, tantos minutos da aula, a primeira aula tu vai perder uns minutos né. O pessoal vai lá né, tem atividade cívica aquela história.

(E) Há é?

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(C) Então é uma programação que.

(E) Reduz.

(C) Já, né, tem as falhas.

(E) Claro.

(C) E ai é necessário correções né.

(E) Exatamente. Ta então, de maneira geral é assim.

(C) De vez em quando pega também a semana de prova também né.

(E) Reduz os períodos.

(C) Não, não é a questão de reduzir o período,

(E) Não? Há tem escola que reduz.

(C) É aquela briga. O aluno acha eu estudar na última hora do resultado.

(E) (...)

(C) Então ele fica ali na tua aula só pela presença, sem se envolver né.

(M) Ou fazendo as atividades de casa, das outras disciplinas.

(E) Ta, a ADT foi suprimido então, foi trocado o texto, deixou de ter uma atividade baseada em texto então. É isso mesmo, é isso? Foi suprimida. Ta, aqui você tinha falado, hã, de problema com aulas expositivas, quais eram os problemas que vocês localizaram ali na conversa, o que era o problema?

(M) Não, hã, não há um, não tem um interesse assim geral da maioria dos alunos pelo, pelo objeto das aulas expositivas.

(E) Hum.

(M) Tu tem uma dispersão maior.

(E) Ta, mas vocês não tiveram as aulas expositivas?

(M) Por que eu não consegui, eu não consegui me organizar de forma a fazer uma coisa que eu achasse certo, porque pra mim, hã, até as primeiras aulas experimentais pra mim eu tava meio assustado, eu não sabia se eu ia conseguir fazer a aula funcionar, eu, eu tava, a aula expositiva eu, embora eu soubesse que poderia não ser satisfatória, tem aqueles autos e baixos, nem sempre tu ta com o pique pra fazer alguma coisa, ou o aluno ta animado, e ai eu não, mas eu conhecia, e a aula eu, experimental, bhá se não der certo, eu ouvia assim como um, como alguma coisa assim que pudesse me desestimular ou desestimular o aluno em relação ao possível experimento que eu possa fazer depois. Há experimentação que o professor faz não é legal, não funciona, e ai foi um, foi uma tentativa, e deu certo, gostei, ai eu comecei a tentar a entender o porquê, o que que tava por traz daquilo. E ai eu fiquei pensando, o aluno ele ta numa aula, ele ta individualizado e eu to passando alguma coisa pra ele que talvez não seja muito o interesse dele. No momento que tem mais interesse, que causa mais atração pra ele, vai conversar com outras

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

pessoas, com os colegas dele. Então ele precisa ter a necessidade de, de se aproximar de um grupo. Ai eu pensei então em organizar uma atividade com grupos, ai ele vai ter proximidade com outras pessoas. Ai eu pensei, bom mas ai o objeto do, do, da atenção dele talvez não seja a minha aula ainda, pode continuar sendo, to só facilitando pra que ele troque outras informações. Então eu tenho que pensar como é que eu vou fazer o objeto da discussão dele, do interesse dele, ser, há, o mesmo da aula? Atividade experimental, atividade experimental. Bom, pra todos, ai depois quando eu cheguei na segunda atividade experimental da, desse módulo ai eu p]fiquei pensando. Mais tem aqueles que ficam só esperando porque tem uns mais ativos que são aqueles que já vão direto na mesa do professor, já buscam o material, por conta, já tão pesquisando e ai ficam um ou dois fazendo a experimentação e os outros ficam, só esperando terminar. Ai eu pensei, como é que eu faço? Há, então cada um entrega um, mas ai eu achei que eu tava, que eu tava praticamente; bom que, eles iam acabar, um faz depois os outros copiam no finalzinho rapidinho lá e entregam, e eu ainda ia ta coagindo eles a alguma coisa, não tava estimulando. Ai eu pensei então eu vou ter que tentar criar uma certa idéia de organização dentro do grupo. Ai a alternativa que eu não sei se foi a mais correta, mas a que eu achei no momento, foi de estipular que dentro do grupo deveria ter alguém responsável pela organização do grupo, e no final eu acabei de certa forma, há, criando, aquela, aquela, aquela coisa de há, tem que entregar, o que interessa é que depois no final tu vai ter que entregar a atividade, porque eu não achei outra forma, então tinha alguém que se responsabilizava pela organização da atividade no grupo, e que todos soubessem a, a atividade, e, mas que no final da atividade, no final da aula a atividade deveria ser concluída, não poderia ficar a atividade pendente, e ai assim, funcionou, teve uma, teve um resultado mais satisfatório. Eu não sei se eu não, até se o senhor tivesse alguma sugestão de.

(E) Que seis tão chamando de entrega da atividade?

(M) Tu tem uma atividade, um roteiro, roteiro.

(E) Hum.

(M) Pra se desenvolver a atividade.

(E) Há ele tem que produzi alguma coisa é isso?

(M) é isso ai. E fazer observações.

(E) Então é a entrega das produções dele. É isso?

(M) É isso ai.

(E) A atividade é o, é o conjunto.

(M) É.

(E) Então o que ele tem que entregar são as produções?

(M) São as produções.

(E) Ta essas produções estão mantidas mudando essa ordem ai?

(M) Sim, são as mesmas.

(E) Em relação as aprendizagens.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(M) Aham.

(E) Então mantém essa mesma, não tem modificação antiga.

(M) Não, não teve causa que ele já, ele já tinha a atividade já em função da, das aprendizagens.

(E) Ta e essa final aqui que vocês modificaram então, é essa, esse deslocamento. É isso?

(M) Exato. Ai fica essa como aplicação do conhecimento.

(E) Hã.

(M) E mais a, a atividade dele de lápis e papel. Não, não vi assim uma outra coisa pra colocar como aplicação do conhecimento, não tive, eu particularmente uma outra idéia.

(E) Então, então seria bom, hã. Bom, tem várias coisas ai pra gente né, depois fazer uma análise completa, que esses registros das modificações tivessem claro né. Isso deve estar registrado na ata de vocês, mas é pra depois a gente olhar com mais calma né. E e essa repartição, ta certo, do, do plano né. Então só pra lembrar, quer dizer a gente tem o módulo didático de referencia que é o primeiro passo, que é um, material. Claro que e ele é um material de autoria, mas ele ainda é um material que precisa de adaptações, é diferente de um livro didático, certo? Porque um livro didático na verdade ele é pronto acabado e você não tem é, possibilidade de assumir autoria ali. Ta certo? Você não pode copiar né. Aqui não, aqui é você e o grupo resolve. Agora é claro, na questão de adaptação eles são, digamos assim, possíveis de serem mexidos, se esse material de referência ele tem uma participação de autoria (...)

(E) (...) A questão de modificação a partir de um módulo, ou qualquer outro material, no caso é módulo pra nós aqui, em que você tenha participação ele fica facilitado. Ai ele é diferente da questão do livro né, ou de qualquer outro material que também seja de alguém, o módulo que seja feito, um outro material que seja feito por terceiros. Então essa é a primeira parte, digamos, pelo menos do modelo que a gente ta sugerindo. Depois a segunda parte é que você faz uma adaptação, certo? Desse daqui, das coisas que achar que vale a pena ta certo? Pelas condições né, pelas necessidades do local da realidade certo? Então aqui vamo colocar da escola e da turma. Então feito isso então isso significa que você tem o módulo didático efetivo para uso naquela situação. E disso daqui na verdade que é o que né, vocês discutiram ai, tem as modificações a partir da implementação né, porque isso daqui é o que vão pra implementação, se isso vai pra implementação, isso aqui gera na verdade um módulo didático reformulado e adequado a essas condições né. E obviamente isso daqui é de uma outra autoria né. T acerto? E ai no caso se vocês estão trabalhando em conjunto a autoria passa a ser a de vocês ai né, marcando na implementação, hã, antes da implementação quanto aqui a partir dessas incorporações e da reformulação. Isso aqui é em relação ao material né, agora pra análise é importante isso né, que esses registros tivessem ali pra gente poder tentar, digamos assim, não chega a ser uma teorização né, porque não é o caso, mas tentar pelo menos estabelecer critérios e porque que as coisas, hã, de como que as coisas se mudam, que caminhos são tomados e que a gente possa, não sei se generalizar também que é muito forte, mas tem indicadores pra determinadas situações, que mudanças a gente prevê, certo? Então por exemplo, essa discussão acho que é importante sobre a questão da, da atividade de exposição né. Então se o foco muda, se o foco passa a ser o experimento, então na verdade seria interessante reconfigurar pra que o foco no experimento; se é uma questão de deslocamento, como né aparentemente parece que vocês fizeram, então essa atividade aqui ela permanece como exposição, certo? Ela assume uma outra, digamos, configuração do ponto de vista de que ela é precedida pela

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

exposição, pela, pela atividade com experimento, baseada em experimento, mas ela permanece como exposição, ela é reconfigurada, a partir de uma reorganização geral, mas ela continua com o foco na exposição, ou suprime a exposição, essa é a discussão.

(M) Bom, a aula de exposição continua só que, hã, o pessoal continua organizado nos seus grupos.

(E) Hum.

(M) O pessoal continua organizado porque eles ainda, a atividade ela não se encerra, pelo menos até o momento eu consegui fazer, não sei se vou conseguir fazer sempre.

(E) Hum.

(M) A atividade não se encerra, então eles precisam, hã, do, eles me questionam em relação a termos que eu vou usar na minha atividade. E ai eu, eu tenho que desenvolver essa atividade com eles, eles prestam atenção, pra poderem desenvolver a técnica, a atividade experimental deles até o final. Então.

(E) Mas ai do jeito que você ta colocando, o sujeito não precisa se ver (...) porque parece que o foco é o experimento, não tem mais exposição.

(M) Falar sempre a gente fala.

(C) É.

(E) Mas ela deixa de ser o foco.

(C) Ela se tornou um complemento.

(E) É, qualquer atividade com texto e tal, você não é mudo, sempre você ta falando. Então precisa ver se o foco é o experimento, isso é que ta ali é que gera né, as solicitações, as produções, ou se o foco é uma instrução que é meramente expositiva.

(M) Pois é.

(E) Entendeu?

(M) O que eu senti assim.

(E) E se for o foco a experimentação, não tem problema nenhum, ela passa a ser uma atividade de experimentação e que tenha alguns momentos que você faz um a reorganização, que você faz né, uma sistematização, que você faz uma parada e que você tem que falar.

(M) E olha que parece, pelo menos, parece ser mais interessante na verdade do aluno pelo que eu notei, do que simplesmente tu ter uma, uma atividade que dure uma aula, no mínimo, aonde tu vai só falar,

(E) Hum.

(M) Porque tu vai querer trocar alguma idéia com ele.

(E) Sim.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(M) E tu vai ter um, uma meia, quase a metade da turma que não ta nem ai, é que tem um grupinho ali na frente que ta interessado ou por outros objetivos, talvez ele não tenha um interesse rela sobre, sobre o conhecimento, mas ele precisa. E tem um grupo que ta totalmente disperso com outras atividades, não tem um, ele não se sente comprometido com nenhuma atividade, ele se sente solto no, no meio da sala.

(E) é isso ai também tem várias questões, aqui do modelo que vocês estão procurando. É essa, essa, digamos assim, reorganização a cada momento pra que eles estejam envolvido, ela é obviamente, tem que acontecer é importante e tal, mas essa sinalização de envolvimento né, do ponto de vista de eles terem né, alguma identificação, é, que ta sendo colocada, né, pra eles poderem acompanhar, avançar, ou seja o convite que é feito é a partir da problematização né. Então ai teria que retornar pra ver essa, digamos assim, diferença grande entre grupos né, se não tem uma origem no problema de fechamento da problematização né. Porque a problematização, em princípio a função é essa. A função é que todos, em graus diferente é claro, mas que eles se sintam envolvidos e chamados a essa próxima etapa, ou seja, chamados a participar desse processo aqui né. Então esta é a finalidade básica dela, claro que tem algumas aprendizagens envolvidas né, e agente pode sinalizar, e ai tem que, inclusive tem os indicadores, mas ela, a função em princípio a primeira é essa, de chamar a participação no restante das atividades. Então precisa ver se essa, né, digamos disparidade assim né, do que se ta contando não tem origem nessa organização final né, na sistematização aqui da problematização. Bom, então isso dai era só pra a gente ter claro o esquema, que se mantém assim, ou se vocês produziram modificações em relação a isso. Se for manter então era bom que vocês tivessem os registros né. Ter o módulo de referência que vocês fecharam, esses módulos planejados, na configuração necessária, Ta certo? Suprimindo, acusando e reorganizando, e depois da implementação e dos, das discussões, daí sim é um módulo reformulado que possa servir para uma próxima oportunidade.

(M) Eu to pensando em reestruturar esses módulos que eu to aplicando que eu to anotando assim, que não, pelo menos comigo assim, não funciona dessa forma, eu vou fazendo alterações, pegar e alterar ele, fazer um novo módulo que eu to falando.

(E) Sim, é isso que eu to falando. Você tem um módulo que é próprio, ta certo, dessa, de, de quer dizer, dessa condição dessa situação dessa escola dessa turma, quer dizer, é adequado pra essa situação. Bom, então dos planos de atividades do material é isso. A questão da aprendizagem, vocês chegaram a discutir alguma coisa mais especifica da aprendizagem propriamente dos alunos? Que tenha alguma, alguma colocação?

(M) Acho que a gente falou mais da questão dos resultados, porque a gente fez o, a gente fez algumas avaliações e teve a prova bimestral, e eai a gente só passou pela segunda prova bimestral, a primeira foi o professor que aplicou sozinho. E a gente discutiu um pouco em relação aos resultados o que, na prova, o que foram bons na prova e como, como as atividades que a gente tinha feito também, teve uma, uma, evolução. E ai eu não sei, eu, comprovou que o nosso trabalho tava, tva rendendo alguma coisa, eu não sei, da minha parte parece que há um interesse do, há, um interesse dos alunos, mas acho que é o perfil do, dos alunos ali, porque diferentemente de uma outra escola pública que tu tem em outro local, que tem uma grande diversidade. Aqui parece que não tem uma grande diversidade, parece que assim.

(E) Perfil deles.

(M) É perfil. Ainda mais que tem prova de admissão, então, entra um pessoal que tem um, são, não são muito, não tem uma, é a palavra acho que é diversidade, não tem muita diversidade entre eles, e os interesses deles são mais ou menos em comuns.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Hum.

(M) A grande parte tem interesse em vestibular, PEIS, curso técnico, a própria escola do CTISM, ou então vinculado a um outro curso. Então pelo perfil deles belo interesse deles.

(E) O bom é exercer a profissão para a qual eles estão se preparando.

(M) Isso (rsrsrs). Isso é.

(E) É um problema com as escola.

(C) É né, é.

(E) É. Escola técnica em princípio era pra preparar mão de obra porque o Brasil precisa. (rsrsrs)

(C) Mas sabe que, é uma situação assim ó, o nosso aluno, não faz escola técnica na mesma escola. Então o que que acontece, ele ta fazendo ali o terceiro ano do ensino médio.

(E) O regular?

(C) O regular. E ele é aluno da outra escola.

(E) Qual?

(C) Do industrial.

(E) Há, do industrial.

(C) Lá ele faz a parte técnica.

(E) Há é mesmo?

(C) É ele não, o nosso aluno não pode fazer a parte técnica ali, concomitante não tem mais.

(E) Há não?

(C) Então o que que acontece.

(E) E porque que chama colégio politécnico?

(C) (rsrsrs) É, são as coisas que eu não consigo entender também.

(E) Ele deixou de ter curso agrícola ou mantém?

(C) Não, não deixou. É o seguinte ó, o aluno primeiro tem que terminar o ensino médio, porque todos os cursos ali são pós médio.

(E) Há, não tem mais cursos de nível médio?

(C) Não tem.

(E) No agrícola não tem mais?

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

- (C) Não, tem no agrícola, mas no nível pós médio.
- (E) Então, cursos de, da área agrícola, do nível médio não tem mais?
- (C) Não não, isso não tem mais.
- (E) Então virou regular?
- (C) Regular, regular, tanto.
- (E) Agora é regular.
- (C) Isto, tanto que ele tem uma turma, uma turma que ele chama né.
- (E) Há, então ai tudo bem.
- (C) Tem um dos cursos, são sete cursos, um dos cursos é ensino médio.
- (E) Ta isso ai é opção da escola então?
- (C) É. Opção da escola.
- (E) Não tem mercado, o que que é? Pra manter curso agrícola no médio?
- (C) Eu acho que foi mais pra evitar problemas.
- (E) Aham.
- (C) Né. O aluno chegava, e segundo o que diziam na época que eu cheguei ali na escola, é que ele não seria bom nem no curso técnico nem no ensino médio. Ta, só que isso ai nunca ninguém colocou no papel, comprovou, isso ai não tem uma comprovação.
- (E) Sim, mas tem uma, uma estrutura de mercado, de demanda pra nível médio na área agrícola? Ou num sabe?
- (C) O que foi comentado quando eu cheguei aqui, que seria o que? O aluno não era muito bem aceito fora, porque ele ainda é menor de idade, tem os problemas de, vamos supor ele vai trabalhar, ele pode ser responsável se ele tem menos de dezoito não? Então mais em função disso ai.
- (E) Então ele não tem mercado. É isso?
- (C) É.
- (E) Não existe mercado pra isso.
- (C) É mais isso ai.
- (E) Ele não teria sentido em manter, mas isso ai tem que ser nacional. Não é um problema só local.
- (C) Não não, não é local.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Mas daí no industrial mantém média.

(C) No industrial, se ele já tem o primeiro ano do ensino médio ele pode concorrer, entrar né, e aí fazer concomitante.

(E) Pois é, mas aqui eles mantêm cursos de nível médio na área técnica, e nesse caso tem mercado pra eles?

(C) Tem.

(E) Mas eles também não (...) pelo que eu sei, vai tudo tentar vestibular pra nível superior.

(C) A maioria. A maioria, maioria vai pra curso superior.

(E) Isso é.

(C) Até é uma situação engraçada, porque quem termina ficando no ensino técnico, no, como profissional.

(E) Na área profissional.

(C) é porque não se deu bem no, no vestibular, não conseguiu o terceiro grau. E ele tem aquela esperança, no momento que ele tiver acesso ao terceiro grau, é o objetivo dele o terceiro grau.

(E) Mas ele não passa nas médias, a nível de terceiro grau e aí?

(C) Há, sim, e uma situação, no momento que foi criada só o ensino médio, não é mais concomitante, o foco nosso ali, é preparar pro PEIS e vestibular. Até ficou uma situação inicial meio contraditória né.

(E) Claro.

(C) Há mas a escola. Não, a escola é ensino médio, o curso é ensino médio, e assim.

(E) Então no PPP não pode colocar aluno crítico nada porque num dá.

(C) É, é né. (rsrsrs)

(E) Eu sei, tem isso no PPP, como são as coisas né. É uma loucura. Mas em fim né. Contingências. É, em relação a aprendizagem propriamente nos campos daqui, então isso daqui teve alguma sinalização?

(M) Hã, o senhor diz em relação aos resultados?

(E) É só aprendizagem, (...) os resultados, eu tô tentando manter aqui, quer dizer, reconhecer campo magnético.

(M) Sim, sim, sim.

(E) Essas coisas, tá certo? Identificar a terra como um grande ímã, se sabe, essas.

(M) Eu trabalho só em função disso.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Essas, essas digamos assim aprendizagens. Independente muito da correção disso, que nós temos que depois fazer a revisão e tal. Mas o que seis se propuseram aqui, isso aqui manteve?

(M) aham.

(E) Independentemente da modificação que foi feita.

(M) Até tem uma observação interessante em relação a isso. Hã, quando eu estruturei eles em grupos, antes de estruturar em grupos.

(E) Hum.

(M) Muitos, hã, diziam que entendiam, ou entendia errado alguma coisa um conceito, e acreditavam que tavam entendendo correto, e depois quando eu fazia alguma coisa, uma avaliação ele, hã, eles vinham defender que eles, defendiam que eles estavam corretos, e ai eu dizia não, há então eu não entendi nada. Ai quando a gente trabalhou em grupos, que que aconteceu?

(E) Hum?

(M) Hã, quando alguém tinha alguma dúvida, sempre tinha alguém que entendeu, e ele explicava, e eu percebia, eu descobria, eu conseguia, eu tinha mais transito hã, dentro dos grupos e eu conseguia perceber a dificuldade com ais facilidade. E ele também percebia, porque no momento que, ele achava que tava fazendo alguma coisa, no momento que ele via que acontecia outra, ele: _ Pera ai tem alguma coisa errada. E nessa parte que aonde eles foram fazer análise de campos, e que eles foram tentar entender porque que a bússola trocava, quando eles trocavam, na, na, na outra experimentação, quando eles trocaram o sentido da corrente. Porque que a bússola virava, que era até uma questão que eu, que eu colocava ali. Muitos, hã, antes, hã, colocavam assim, hã: _ Há, a princípio acho que ela vai continuar do mesmo jeito. No momento que viravam eles se surpreendiam, e ai eles me questionava, ai eu dizia: _ Não eu quero que vocês pensem porque virou. E ai eu obtinha, obtinha resultados, e depois eles queriam comprovar pra ver se realmente eles estavam certos, e ai no momento que, que, que eu tava dando, que eu tava usando o espaço da, da, da, da aula expositiva pra, pra passar pra eles, eles estavam prestando atenção, porque eles tinham aquela dúvida, e ai eu achei interessante. E assim eu conseguia perceber que eu tava trabalhando em cima das aprendizagens.

(E) Ta, então, resumindo, você tem indicadores.

(M) (...)

(E) Não, mas tem indicadores? Manter tudo bem, tem indicadores dessas aprendizagens aqui. Se tem lá indicador pra falar: _ Nesse momento aqui eu to evidenciando que ele sabe analisar o campo magnético. É isso?

(M) Não em, em avaliação. Porque eu to com as avaliações deles, mas eu não consegui concluir ainda, eu tenho uma, uma pilha de avaliação pra, pra analisar. Mas pela minha percepção, em relação a, ao trabalho.

(E) Ma não tem registro, não tem porque (...).

(M) Não, eu tenho registros, mas eu não consegui analisar todos os registros ainda. Eu tenho bastante registros já.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Deles?

(M) Deles.

(E) Ta.

(M) Mas eu ainda não tive tempo de analisar, mas pela minha percepção eu acredito que sim.

(E) Ta então isso era bom manter a questão do registro pra gente poder viabilizar né.

(M) Não, vamos viabilizar.

(E) Por exemplo aqui depois tem umas observações só pra lembrar, que vocês precisarem rever isso aqui né. Analisar o campo magnético terrestre eu não sei o que que é. Que que é analisar o campo?

(M) E analisar pelo que colocou, mas.

(E) Sim mas se você manteve, não adianta falar isso.

(M) É, eu coloquei compreendi.

(E) Não existe isso.

(M) É, eu compreendi o, o pela compreensão.

(E) E qual a manifestação do estudando que te dá indicador de que ele analise.

(M) Analisar o campo magnético terrestre. É o verbo não foi bem colocado. Não é o verbo certo.

(E) Vocês têm que ver o que que vocês querem né. Que seis querem que ele diga? Ele quer que ele defina campo magnético, que ele use a situação tal. Porque essas coisas ficam incompatíveis com estas. Veja que aqui é uma situação palpável. Dado uma situação problema apresentado uma linguagem de determinada área. Aqui também tem que modificar. Qual é a área que vocês estão trabalhando? Lembrando que as habilidade do ENEM são habilidades pra, qualquer área.

(M) Tem que colocar a área mesmo.

(E) De A a Z. Então é, dar uma situação problema. Qual? Né, que linguagem é essa? Qual a linguagem da área, relacionado a com formulação de outras linguagens. Certo?

(M) Aham.

(E) Então a linguagem matemática, sei lá, a linguagem física, e que com relação de que outras áreas esta sendo feita a atividade pra que ele possa?

(M) Como formular.

(E) Porque isso aqui num, num resolve. Mais uma coisa. Competência do ENEM ficou estranho aqui. A gente não tem colocado competência do EMEN porque como vocês sabem, cada competência do ENEM para ser avaliada, ela precisa de pelo menos umas quinze habilidades. Como só tem duas, ficou estranho, alguma coisa ficou equivocada aqui. Né, porque a competência do ENEM é conjunto de habilidades né, macro habilidades, digamos assim. Então

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

pra poder, se eu pegar competência quatro, eu não sei de qual, to sem material, mas aqui deve ter dez a doze habilidades pra configurar isso. Então por isso que a gente não ta nem se propondo a isso, não ta sugerindo pra vocês propor, a não ser que vocês especifique todas as quinze habilidades e tenha marcação aqui de quais. Que aí é outra questão, mas daí é um trabalho um pouco mais solidificado né? (...) reduzido pelo menos algumas habilidades que a gente pode ter indicadores claros que eles têm. Quer dizer só pra lembrar, o ENEM, como é que funciona mesmo? Pra cada habilidade, porque as questões são bem restritas por que à alternativas, questões de escolha e daí tem três questões. Então no mínimo se for fazer avaliações, tipo desempenho, com questões de múltipla escolha, se conseguir o padrão do ENEM, pra essa habilidade tem que fazer três, pra essa outra aqui tem que fazer três.

(M) Hã.

(E) No mínimo isso. É claro que isso aqui não fica restrito a uma prova de múltipla escolha porque você tem o conjunto das aulas pra poder dar indicadores. Mas precisa ter indicadores claros. Então colocar a competência é um pouco mais complexo, porque na verdade no próprio (...) dele, essa aqui demanda várias habilidades. Então sugiro que vocês também, revejam isso porque eu acho que vocês não operacionalizaram isso aqui. Ficou mais como sugestão, depois não teve o fechamento pra poder operacionalizar e aparecer aqui futuramente né, porque, não adianta colocar aqui na frente, se você não diz assim: _em que atividade isso tava acontecendo? Certo? É nessa daqui? Porque aqui só tem as aprendizagens né. Ta certo? Depois tem que, colocar claramente quais são as, a, os momentos que essa habilidade aqui ta sendo formada, pra depois da chance deles poder manifestar, pra poder manter a coerência, certo? Bom, mas então você tem os registros de todas as atividades ali pra, das aprendizagens melhor, pra vocês se, se, digamos assim, unirem né, das informações pra poder garantir.

(M) Uma pergunta que eu ia fazer em relação às atividades de exposição do professor.

(E) Hã?

(M) Hã, um anexo desse tipo de atividade, e eu to colocando geralmente a referencia como.

(E) Isso não resolve.

(M) Então o.

(E) Não resolve porque do meu ponto de vista eu, se eu tomar impresso o meu material, eu não sei o que que eu faria, entendeu? Vamos supor, essa daqui é uma atividade baseada em exposição. Vamo pegar uma que ta aqui.

(M) Ele só ta, não ele só ta, ta em referencia.

(E) Então, devera promover uma discussão dos pontos mais relevantes. Quais são os pontos mais relevantes? Eu não sei. Você saberia dizer de supetão? Eu não sei. Entendeu? Quer dizer, o que eu vou dizer aqui, eu vou parar um pouquinho eu acho, e vou dizer o que eu acho que taria parando pra pensar, magnetismo e campo magnético, mas eu ia fazer o meu. Ai eu não to falando sobre o seu.

(M) Não, hã.

(E) Se esse é o teu planejamento, se eu to dizendo é assim.

(M) Acho que não compreendeu.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) É, pois é. Então se, esse daqui o planejamento de alguém né, de uma pessoa, de um conjunto de pessoas, isso daqui tem que representar o que que foi efetivamente pensado, então os pontos mais relevantes, são esses né: professor deverá promover uma discussão sobre os seguintes pontos considerados relevantes nesse tema, são esses daí. Na verdade quando a gente vem destacando esse, então na verdade os relevantes são esses daqui, não são os destaques né. dentre os relevantes. Tipo assim, tem vinte relevantes que são esses, nós destacaríamos mais esse, insistindo ou alguma coisa assim né. Então acabou ficando esses daqui os relevantes. Agora eu não sei exatamente o que que é campo elétrico aqui. Campo elétrico é, é geral demais, pólo magnético tudo bem, parece que é o conceito de pólo, imantação é um processo, certo? Agora veja, imantação tem vários processos, então era importante dizer: _ Vamos apresentar os processos de imantação, estes estes e estes. Ta certo? Imantação, também tem desimantação, vai falar também como que desimanta, ta certo? Vai falar de imantação permanente, imantação né, provisória e tal né, não sei. Assim do jeito que ta eu não tenho condição de imaginar o que que vocês planejaram né.

(M) Eu posso anexar então uma, hã.

(E) Não é anexar.

(M) Uma nota de aula.

(E) Não anexar é, é o planejamento. O anexo é o planejamento, é o que que você vai ter.

(M) Há não, a o anexo eu não tenho.

(E) Pois é, se não (rsrsrs) vai ter o né, o anexo número quinze do dois. É isso aqui, o anexo tem que ter tudo, quer dizer, se isso daqui vai demorar uma hora aula, se tem que ter minimante, ta certo? Os esquemas os pontos importantes, se tem um texto básico, que é esse daqui, que é o que parece né, que são três páginas; inclusive o texto tem que tar junto e marcado. Há não ser que você é papagaio de pirata, que não é o caso né. Senão você vai reproduzir o texto e vai ler o (...) nuca mais né, ta bom, e daí gente que faz isso né mas é uma loucura né. Então isso daqui é importante pra gente saber qual é, porque aqui não é só uma questão de referência assim ó: _ foi usado o Ramálio como referência. Não, são essas páginas efetivamente, então aqui ele é um texto base para o qual você ta preparando o texto. Porque a tua exposição é uma preparação a partir daqui. Você não repete tal qual, você destaca, eventualmente você pede par ler ou eventualmente você faz uma demonstração né. Quando o foco mantém na exposição.se o foco mantém na exposição como parece que aqui mudou, então na verdade isso é como falou o Cícero, virou um complemento. Então na verdade não é isso daqui que é o essencial, o essencial é o uso experimento então o roteiro é outro. Em alguns momentos isso vai ser comentado, vai ser feito o fechamento, vai ser feito um (...), enfim, ai você decide.

(M) Ali na parte da exposição do professor, o, qual é o que que eu tava fazendo? No momento que eu boto uma referência ali é, ta indicando que eu através daquela referência eu fiz uma nota de aula, hã, com a minha visão em relação ao que é irrelevante da, da, tendo só como base.

(E) é o roteiro d atua exposição.

(M) E ai esse, esse material, é que eu não, é que eu analisei o trabalho dos outros e ficou semelhante então eu não anexe, ma então eu posso passar a anexar o, colocar no anexo. Era isso então.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Sim, o próprio (...) porque aqui ó: nesse momento deverão ser esclarecidas as possíveis dúvidas que tenham ficado a respeito das conceitualização. Não sei. Quais são essas questões, porque as questões (...) vocês já trouxeram a não ser aquelas que vão surgindo e aparecer e isso fica só registrado ta certo, como resultado e implementação, e que virá a ser incorporada ou não, num próxima versão, certo? Porque vocês começaram com quatro, mas pode ter surgido mais três, algumas podem ter se solidificado e achando que vale a pena consolidado, outras não. Nós vamos supor que sobraram duas outras que surgiram e que vocês acham importante na nova versão incorporada. Tudo bem, então isso não tem como prevê aqui, ta certo? O pré visão é encima dessas. Mas se são essas questões aqui, e aqui ta assim: possíveis duvidadas feita encima das questões, é isso daqui é meio inútil, porque isso daqui vai ser o tempo todo, se não vai se recusar a discutir o que tenha ficado na outra aula.

(M) Aham.

(E) Não é só nessa aula aqui. Então isso não é próprio dessa aula aqui, quer dizer essa aula não tem a função de tirar a dúvida disso porque na verdade ela o tempo todo ele ta sendo feita, ela tem uma outra função. Então isso aqui não esclarece o que que ta sendo feito mesmo. Do ponto de vista objetivo a única coisa que a gente pode, digamos, pegar né, pode né, concretizar é que vocês tiveram preocupação que, durante uma aula, campo magnético fosse falado ainda não se sabe o que né, porque não esta especificado, pólos magnéticos né. O que são pólos, qual a função né, enfim, imantação em termos de processo, mas ainda é genérico, isso demanda uma especificação.

(M) Hum.

(E) Né pra que um leitor aqui possa, um leitor obviamente entenda disso aqui né, de plano né, do assunto e fala: _ bom, eu tenho aqui como me inspirar pra fazer uma apresentação desse tipo. Aqui não, ele vai ter que ler o Ramalio vai ter que pegar, então na verdade não tem plano detalhado.

(M) Vou conversar com o Luiz.

(E) Ok?

(M) Hum.

(E) Bom, então pra fechar, sobre as reuniões mesmo, a dinâmica, vocês conseguiram manter então o a periodicidade é isso? Conseguiram fazer semanal? Que horário mesmo que é que vocês fizeram aqui?

(M) Nós estávamos fazendo segunda feira, as onze.

(E) Pela manha né?

(M) Onze e quinze eu acho.

(C) É, onze e quinze e ia até o meio dia.

(E) E agora que vai mudar né?

(M) Só que agora vai ser na sexta feira.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Mas aqui deu pelo menos pra manter nessa fase é isso? Tem alguma questão aí que vocês gostariam de comentar sobre a.

(C) A questão dessa de segunda, Eduardo, é assim ó, segunda a gente se encontra igual, ele termina a aula, geralmente existe aquele comentário: _ Olha, foi bom a aula, não foi né.

(E) Ta, ta há?

(C) Aquele, mais rápido, sem a preocupação.

(E) Em sistematizar.

(C) Ai na sexta sim, na sexta a gente já senta pra.

(M) E esse horário foi inicial.

(C) Por que muitas vezes o que que acontece, tu sai da aula se tu não faz algum comentário, quando chegar na sexta feira as vezes até tu.

(E) Por isso é importante o registro pra depois fazer os diários da prática né, porque, esse registro freqüente é importante pra, exatamente isso que o Cícero falou, né, manter um registro rápido pra depois você sentar e sistematizar.

(C) Por que aquele negocinho, no comentar com outra pessoa, tu já gravou: _Há isso aqui já aconteceu assim.

(E) É isso aí. É depois da pra.

(C) E aí surgiu nesse semestre agora, já ali por semestre né, surgiu nesse semestre a questão dessas aulas na sexta. Ai o Márcio conseguiu organizar tranquilo o horário que ele faz né.

(E) Certo. Aumentou o número de aulas é isso que vocês falaram?

(C) Isto.

(E) Alguém tá com uma aula a mais é isso?

(M) É uma troca né, tem disciplinas que também estão na mesma situação da física e aí fica.

(C) Por que geralmente assim, vamos supor, vamos colocar química e física, são duas aulas na grade. É pouco, então o que que acontece? O combinado ali é assim ó, se o professor de química trabalhou três aulas no semestre, no segundo ele baixa pra duas e física pra três.

(E) Mas isso já é uma dinâmica dali?

(C) É, é da li. (E) Há ta.

(C) Isso já é dali dentro.

(E) Sobre a participação na escola, teve outras atividades que você participou? Fora as aulas?

(M) Na dinâmica da escola?

(E) É, mais geral.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(M) Da dinâmica da escola não.

(E) Ta, mas isso ai teve solicitação convite reunião? Como é que isso ai?

(C) As reuniões são assim ó, há, não regulares, não regulares, geralmente quinzenal acontece as reuniões do ensino médio, na quarta feita, começa das dez, é das dez ao meio dia, começa as dez e vai até o meio dia. Só que claro, o que que acontece, tem vários professores, no caso o Márcio, se ele tem, tem compromisso com disciplinas e coisa.

(E) Ta, claro. Não por isso que eu to perguntando se teve convite ou se nem teve, tem conselho, essas coisas.

(C) Agora ta acontecendo planejamento estratégico na escola, mas o que que, critério da escola né, é só os efetivos.

(E) Há é. Então.

(C) É uma coisa até questionável, porque só os efetivos? Queira ou não queira ele ta ali participando, ta vivendo a história né.

(E) Não mas o que eu digo é assim. Quem esta em estágio provatório também não é isso?

(C) Aham.

(E) Ou quem é substitui?

(C) Não, o substituto não.

(E) Não.

(C) O estagiário não, e quem esta em estágio provatório.

(E) Ai sim.

(C) Ai é considerado efetivo.

(E) Há ta. Mas ai não, não é convite ou também é proibido?

(C) Não.

(E) Nem se fala.

(C) Eu acho que nem se fala, não sei se chegaria a ser proibido, acho que não.

(E) Sim, mas substituto não é convidado também?

(C) Não.

(E) Interessante. É diferente né, porque tem lugares que o pessoal quer até que eles votem que é coisa que não poderia, e ai é outro extremo.

(C) É.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Que nem aqui no meu departamento, ai fica aquela situação se vota ou não vota, as vezes horas pra decidir se o substituto vota ou não vota.

(C) Claro, é.

(E) Bom, então, em princípio todos poderia, mas não tem tido o convite é isso?

(C) É, normalmente, porque é uma situação assim ó, ali como é que funciona? Eles fazem lá, uma convocação, vamos supor.

(E) Hum.

(C) E ai na convocação só aparece o nome dos efetivos.

(E) Há ta, então já é.

(C) Então, passou, não botou o nome do Márcio, ele não vai assinar né.

(E) T acerto. Bom, sobre gestão da classe de maneira geral, vocês teriam algum comentário? Vocês chegaram a discutir algum, alguma dessas demandadas ai que foi ponto de pauta?

(M) Em relação ao.

(E) É na questão de planos as atividades de aprendizagem. Mas a questão mais de gestão da própria classe. Não chegaram a discutir? Não foi ponto?

(M) Não.

(C) Não.

(E) Ta então, vai ficar uma sugestão de derrepente de ter um dos momentos ai pra vocês conversarem sobre isso né. Bom e por fim assim, essa própria, interação entre vocês, vocês tem alguma avaliação do próprio trabalho me conjunto ai, dificuldades avanços?

(C) É, hoje, após as aulas sempre a gente da uma conversada e coisa né. É, um comentário que eu tava fazendo com o Márcio é o seguinte, até porque que eu defendo, e defendi né, o Márcio fazer estágio no terceiro ano e não no primeiro ta, porque já é um pouco mais trabalhoso pro estagiário, no terceiro tu pega um aluno um pouco mais maduro né.

(E) Hum.

(C) Ele já tem uma bagagem pra até pra fazer umas cobranças tudo né. O aluno no primeiro ano ele ta começando na escola, sem conhecer a escola praticamente, hã, o estagiário também ta (...)

(C) (...) Dentro da própria universidade vai.

(E) Aceitar.

(C) Aceitar, não vai, não vai abrir espaço pra estágio. É inconcebível isso ai né, na minha maneira de pensar não. Ai como é que depois: _ há, eu sou aluno da graduação dentro da Universidade

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

Federal de Santa Maria mas não posso fazer um estágio dentro da própria universidade né. Então não teria.

(E) É. Mas em fim.

(C) E uma situação assim ó, até eu defendo e defendi e sempre defendo ali com eles, é mais fácil a gente pegar um estagiário aqui na nossa escola que a gente ta dentro da universidade, surgiu um problema é mais fácil eu vim aqui no departamento conversar né.

(E) Há sim nesse ponto de vista é (...).

(C) É, então não né.

(E) É, mas é interessante essa observação sua da, que é um outro critério, essa de não ser do primeiro, o que é o contrário né, o que é muito freqüente né, essa coisa do, das escolas em geral, limitar em terceiro, em segundo não há problema, até acho que tem acontecido mais, pelo menos que.

(C) ta no segundo.

(E) É, que eu tenho observado no segundo, pelos dois motivos né, no primeiro tem alguns motivos no terceiro tem outros.

(M) Ai tem no meio.

(C) É.

(E) Talvez o menos sustentável seja realmente no terceiro porque, é só uma questão das pessoas acharem que não tem condições de preparar par ao vestibular porque do restante não tem, e ai eles falam do segundo né, ai fica uma concentração no segundo. E ai fica, também é um outro prejuízo, porque toda as ficam no segundo, derrepente então, só com, estagiário então só na visão também. Então é meio complicado.

(C) A, um dos critério já que a gente já abriu ali, agora começamos a trabalhar, eu acho assim ó, e vai ser a tendência, professore de português mesmo disse que não aceitava de jeito nenhum estagiário, agora já ela vai aceitar né.

(E) É.

(C) Utilizando esse modelo que nós trabalhamos ali.

(E) Sim.

(C) Aqui com vocês né, é mais ou menos essa idéia que ela vai concorda. E, ai o que que nós falamos? Derrepente não colocar estagiários todos no terceiro, ou no segundo, ou no primeiro, mais ou menos dividir, olha uma turma já tem dois estagiários, não seria interessante colocar quantos né. Fazer uma divisão mais ou menos né.

(E) É, eu acho curioso por que que o, o, independente dessas contingências ai da universidade e tal que agente saibam, né se conseguir definir que a função da escola no papel é uma mas na prática é outra que essa preocupação só com a questão do ensino superior, que é contraditório com uma escola técnica né, mas em fim, tudo bem, como o lugar de vocês é regular então essa discussão já não, não existe. Mas a tradição de ter os estagiários do curso técnico nas empresas,

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

nos campos profissionais é grande né. Aqui eu sei que eles fazem até encontro de estagiários né no CETISM então. E sabe que lá.

(C) Nenhuma (...) estágio.

(E) Sim pois é, e sabe que lá a questão do estágio não é uma coisa assim de, digamos assim, de, de, de só, só uma, uma preocupação do campo da do formação, é do campo do estágio, ai se ta falando por exemplo de ter um plano de recepção e de oferta de vagas pra estagiário, as pessoas sabem porque nas empresas é assim.

(C) É.

(E) Ta certo? Você não fica lá mendigando e tal, não sei o que, ta certo? Tem uma definição, se sabe que a empresa tal, ela oferece tais estágios né, de tal forma em tal período, ou tantas vezes por ano ta, e ela é que define né. Porque é a empresa que define seu plano de recepção de estagiários pra poder introduzir no mercado. Que normalmente eles ganham muito com isso né, porque é uma mão de obra muito, hã, digamos assim muito disponível, que ta afim né, e que não custa né. E as vezes tem até coisas que modificam dentro do sistema e que por conta disso o pessoal novo ta trabalhando.

E aqui fica essa coisa né. Por isso o que você falou acho interessante, quer dizer, não é pra concentrar nem aqui, nem aqui, nem aqui, tem que ter uma distribuição, distribuição por disciplina, série por turno, quando a escola funciona por turno. Porque não pode nem todo mundo estar no terceiro, nem todo mundo estar só ta à tarde, nem todo mundo só na disciplina de matemática né, então teria que ter uma distribuição assim, algumas vagas nas disciplinas, em turnos e também nas três séries, pra ter um plano né. Tipo assim, abre o ano de dois mil e sete e fala: _ O plano nosso pra esse ano d receber o estagiário é de cinco estagiário aqui, três ai, quatro ali. Pronto, divulga as vagas, ai os interessados vão procurar. Mas ainda não chegamos nessa configuração pra isso né.

(C) Mas eu acho que tem o caminho.

(E) É eu acho que no caso da escola técnica eu acho que eles tem o espelho que é como eles fazem, quando eles enviam o estagiário pra o campo profissional. Não é muito diferente disso que a gente ta falando, poderia fazer o seu próprio plano né, de recepção.

(C) Porque o que ficou discutido agora ali agora nas reuniões desse ano né é, vamos supor, como é que nós vamos começar ano que vem?

(E) Isso.

(C) Ta então, ali, na segunda quinzena de dezembro ta, olha, de física nós vamos aceitar um estagiário, de matemática, aí, aí vão dizer os estagiários que vão aceitar.

(E) Claro, faz o plano.

(E) Vamos onde? vamos passar nos departamentos, nos locais, oferecendo as escola pra local pra estágio né. E dentro daquelas responsabilidades que é necessárias né.

(E) Claro.

(C) Quem vai guentar, como é que vai ser quais os contatos, entendeu essa questão né. Essa é a idéia da (...)

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) É isso é interessante, eu acho que um caminho interessante, porque daí você define né, ai se sabe da oferta, sabe das limitações, das possibilidades, não é uma coisa que fica muito ao nível pessoal, sempre vai ter o nível pessoal de contado, pessoas que já tem uma tradução e tal, mas você sabe inclusive professores que vão disponibilizar porque tem uma afinidade com esse tipo de função. É como na industria também, nem todo o engenheiro de uma empresa é, digamos assim propício para poder introduzir o novo na produção, alguns sim outros não, então, a empresa já sabe inclusive quais que vão poder funcionar como né, conhecimento diante do próximo. Legal. Bom, mais algum comentário assim dessa, do funcionamento que vocês estão trabalhando agora?

(M) Acho que não.

(E) Bom, então acho que era isso, tudo bem?

(M) Sim.

(E) Bom, então a gente tenta manter essa dinâmica, certo? Ai eu faço também o registro disso daqui como vocês fizeram ta certo? E depois eu faço o meu parecer a partir da conversa com o Márcio, e ai a gente fecha, quer dizer, tamo fechando a primeira fase, só falta a sistematização, então tamo introduzindo já, por isso que era bom já pensar na dinâmica, ai a gente já ta introduzindo essa, já ta entrando nessa segunda fase né, com algumas reuniões, depois a gente se acha novamente pra ver nesse novo período né, algumas modificações ai como é que foi os planos, e algum outro ponto que vocês acham importante, isso aqui era só a primeira né, em geral nos primeiros ai eu sugeri esses pontos aqui. Se tiver algum outro ponto que vocês acham que vale a pena, a gente uma hora inclui pra conversar.

(C) Aham.

(E) Pode ser?

(C) Ta certo.

(E) Ta, então ta isso aqui pra gente já ter um plano e ter uma prévia. E aqui então, então da pra (...) depois a gente vai ter que dar uma conversada porque ai na terça, provavelmente já vai ter a disciplina né, e ai aqui a gente vai ter que achar um outro horário.

(M) A gente organiza.

(E) Mas nem adianta pensar agora porque.

(C) Há não, não é deixar é.

(E) Tem que esperar agora mudar o semestre.

(M) Eu trouxe pro senhor as atas os documentos.

(E) Deixa isso daqui que daí eu faço a minha parte e ai a gente sistematiza lá. Ta.

(M) A documentação, as atas mais antigas o senhor deixa lá, ou traz em anexo?

(E) pode deixar aqui, ai eu passo pra ti, depois que eu fizer a minha parte ai a gente põe lá. Bom agora então, eles tem todos os, os planos atrasou um pouquinho né,

(C) Claro.

GTDACEC

Grupo de Trabalho DE Ensino Para o Desenvolvimento do Estágio Curricular

(E) Até porque pra todos entrarem em sala de aula, ainda demorou. O Márcio foi o primeiro que acabou entrando né, por causa que o colégio daqui já tava em aula. Os que estão em escola estadual demorou, até o, o grupo de preparação se articular, mas agora na outra reunião de agosto eles conseguiram. Tão ta, então todos tem um planejamento, mas é como você falou, é módulo de referencia.

(C) Claro.

(E) Só que precisa (...)

APÊNDICE 14

**Modelo de Transcrição de Entrevista com Tutores de
GT**

ENTREVISTA COM OS TUTORES QUE PARTICIPARAM DOS GTDACEC ENSINO DE FÍSICA E MATEMÁTICA

Motivo da Entrevista	Entrevista para o trabalho de tutoria desenvolvido nos GTDACEC
Nome da Disciplina	Física
Nome e função da pessoa entrevistada	Professor Cícero. Professor do Colégio Agrícola da Universidade.
Nome do(a) entrevistador(a)	Liane
Local da entrevista	Colégio Agrícola da Universidade
Dia e horário do início da entrevista	Hoje são 28 de maio e agora são 16 horas
Término na Entrevista	16h12min

Liane: Esse GT foi formado pelo professor Cícero juntamente com o estagiário Márcio sob a orientação do professor Eduardo. Bom professor, então a primeira questão que a gente tem aqui é se o senhor tinha, né? Alguma experiência anterior de estágio aqui ou em outro lugar antes de o senhor ter feito esse trabalho com o Márcio, esse trabalho específico de tutoria? O senhor já havia recebido estagiário dentro de um outro processo?

Cícero: Trabalhando no Estado de Santa Catarina eu já tinha trabalhado com estagiários, não nesse sistema de tutoria.

L. Certo! E no caso, o senhor poderia destacar alguns aspectos dessa experiência anterior que não era dentro do regime de tutoria?

C. Era um sistema um pouco diferente, porque a gente recebia o estagiário, ficava todo o período de estágio muitas vezes sem o contato com o professor orientador.

L. Da... O professor orientador desse estagiário da universidade?

C. Desse estagiário da universidade. Ele chegava na escola, trabalhava um semestre ou um ano, as vezes, com a gente, com pouco contato com a universidade.

L. Certo! Certo! Mas o senhor acha que essa experiência que o senhor teve anterior, dentro desse formato, de certa forma ela contribuiu com essa de agora, dentro do regime de tutoria ou não? O que o senhor experienciou antes contribuiu para esse que ocorreu agora com o Márcio?

C. Eu acho que sempre contribui, de alguma maneira, né? Até pra fazer um comparativo com esse novo sistema, né?

L. Certo! Bom, Professor, ao receber o Márcio para fazer o estágio, em geral, a gente sempre cria expectativas em relação às coisas que a gente vai fazer. E antes de receber o Márcio o senhor havia, o senhor tinha alguma expectativa em relação a ele? Antes de conhecê-lo, antes de iniciar o trabalho? Quando lhe foi proposto, quando lhe foi feito o convite?

C. Existia uma certa rejeição por estagiários aqui na escola, então era um desafio grande, né? E foi receber qualquer tipo de estagiário e principalmente por esta dificuldade que a escola encontrava, achava que os estagiários, muitas vezes, não fazia um bom trabalho e coisa e tal, né? Então isso aí foi uma das coisas que deixou numa certa expectativa. Que maneira sairia esse trabalho? Que preparação do Márcio? Ou de outro estagiário, não específico, né? Isso foi uma coisa que colaborou bastante.

L. Muito bem! Mas e daí depois que foi realizado o estágio, isso que o senhor imaginava, esse certo receio, né? Na verdade, era de certa forma um receio em receber os estagiários? Depois que o Márcio fez o estágio dele, que o senhor recebeu e acompanhou, esse receio diminuiu, aumentou?

C. Não, diminuiu, diminuiu, né? Nesse modelo que trabalhamos com tutoria, né? Até uma situação assim, ó, pra gente mesmo, fica uma certa cobrança, né? De preparar os relatórios. A gente

conseguiu trabalhar aqui, a cada semana a gente fechava o relatório, né? Conseguimos até o final fazer isso, então saiu um procedimento bem melhor do que eu esperava, né?

L. Que bom! Bom, professor, essa... Agora a gente vai fazer algumas perguntas mais relacionadas ao regime de tutoria mesmo, né? A primeira pergunta é a seguinte: como o senhor mesmo falou, além de haver um certo receio em receber estagiários, né? Esse regime de tutoria, em geral ele não acontece, ele não tá previsto, né? Que um professor tenha que acompanhar um estagiário, ou seja, a participação do grupo, ela é espontânea, o senhor participou, porque o senhor quis? Então a pergunta que nós gostaríamos de fazer é o que que motivou o senhor a aceitar esse convite? Algumas pessoas não aceitam, né? Nós convidamos e as pessoas não aceitam. O senhor aceitou, desenvolveu todo o trabalho. O que que lhe motivou a aceitar o convite?

C. O primeiro motivo que me levou a aceitar a participar foi pra de alguma maneira mudar esse conceito que aqui nessa escola tinham de não receber estagiários. E participando desse grupo de tutoria a gente tinha um contato maior com o professor Eduardo, com o próprio Márcio, né? E foi uma das maneiras que a gente trabalhou aqui na escola, também, mostrando que era possível trabalhar com estagiário, né? E que o estagiário não simplesmente não chegava e ficava solto na escola, né? Como o pessoal tinha esse receio. Ah! O estagiário veio pra escola e depois ninguém mais tem conhecimento, ninguém tem responsabilidade com ele, então, nesse sentido.

L. Que bom! Como o senhor disse, o senhor já tinha tido experiências anteriores que não aconteciam dentro de um regime de tutoria. Quando o senhor recebeu o convite, eu não sei se foi o professor Eduardo que lhe convidou, se foi o Márcio que lhe convidou?

C. Eu recebi o convite através do Márcio, mas do professor Eduardo.

L. Do professor Eduardo, pois é. Quando o Márcio lhe apresentou a proposta do regime de tutoria. A pergunta é: o que o senhor esperava desse trabalho de acompanhamento dentro desse regime de tutoria, antes dele acontecer, quando o Márcio lhe propôs o que que o senhor imaginou que fosse ser esse trabalho?

C. Inicialmente é uma questão assim, eu achei que seriam mais coisas pra fazer, né? Envolveria tempo, mas ao mesmo tempo que a gente tá recebendo um estagiário ele tem toda uma expectativa, também, em função de uma escola, como é que funciona. Me coloquei disposição do professor Eduardo e do Márcio de participar, de ir, né? Fazer mais uma experiência.

L. Certo! Então inicialmente o senhor achou que ia dar bastante trabalho?

C. É que normalmente é aquilo, né? Bah, mais coisa pra fazer, mas não.

L. e depois de desenvolvido esse trabalho, então com o Márcio e junto com o professor Eduardo, também fez reuniões junto com o senhor. Que aspectos o senhor destacaria como os que mais marcaram o trabalho que o senhor desenvolveu com o Márcio? Que marcou dentro das atividades que o Márcio fez, do que vocês fizeram num conjunto, das reuniões, de todo o trabalho, o senhor poderia elencar alguma coisa?

C. E vi assim, como positivo, né? A questão de a gente estar sempre discutindo os sistemas de avaliação, a maneira, o procedimento que ele adotaria em sala de aula, né? Nos grupos e nas discussões dentro do grupo de tutoria o Professor Eduardo sempre, de alguma maneira, questionando, né? E fazendo com que a gente procurasse ter soluções positivas, né?

L. Aspectos negativos, também, se o senhor quiser ressaltar algum. O senhor mencionou os positivos. Alguma dificuldade do Márcio que o senhor tenha visto?

C. Tu sabes que se desse pra dizer assim, dificuldades mais no sentido da gente encaixar os horários, né? Que o Márcio até tava disponível, coisa e tal. Mas a gente tem outras atividades, então muitas vezes a gente não conseguiu fazer a contento o que gostaria, né? Como deveria ser feito, então em função de horários, né?

L. Esse é um problema bastante coletivo. Várias pessoas passam por esse problema. Professor, depois que o senhor acompanhou o Márcio dentro desse regime de tutoria. Inicialmente o

senhor achou que ia dar bastante trabalho quando ele lhe apresentou a proposta da tutoria, mas depois que aconteceu, o senhor mudou um pouco a sua visão? Deu mesmo muito trabalho?

C. Eu acho assim, ó. O que eu esperava, não, né? O que eu esperava de trabalho, não. Um trabalho inicial, porque a gente não tava acostumado a trabalhar nesse sistema, né? Mas os primeiros encontros, as reuniões, né? As primeiras atas, dali em diante se torna um hábito, né? Vai pegando um hábito, vai fazendo, né? Não deixamos nada pra fazer só no final. Lá no final tentar fazer, né? Que é aí que se perde as informações, né? Que a gente acha que depois vai lembrar e não lembra mais, então o sistema que adotamos foi de fazer semanalmente, não teve grandes problemas e o que a gente pensava que ia envolver muito tempo foi mais inicial, né? Depois...

L. Que bom! Pra gente encerrar nós temos mais duas perguntas, são bem pessoais, né? A primeira delas é: o senhor é um professor que está em serviço, não sei quantos anos o senhor tem de docência?

C. Eu to com vinte anos de docência.

L. Vinte anos de docência. Muito bem. Então a pergunta é a seguinte: o senhor acha que ensinou alguma coisa para o Márcio durante esse trabalho de tutoria de posse dos seus vinte anos de serviço, e se for possível o senhor enumerar e comentar o que o senhor acha que da sua experiência o senhor passou para o Márcio?

C. Eu acho que aprendi com o Márcio, né? Trocamos experiências. Eu mais no sentido de já ter bastante tempo em sala de aula, né? Bastante vivência com os alunos e o Márcio tava começando, né? Nessa profissão, então nisso a gente transmite um pouco de tranqüilidade pra ele, né? As vezes algumas ansiedades, alguns..., não digo medo, mas receios que ele tinha, a gente já com mais tempo terminava contornando a situação, mostrando que pode ser diferente, né? E, ao mesmo tempo, aprendi bastante, porque aquela questão inicial, né? O despertar para uma nova profissão, o gosto pelo magistério. Isso, muitas vezes, o estagiário tem forte, né? Ele vem com isso bem forte. E o Márcio realmente tava com isso aí bem...

L. Bom, eu acho que o senhor já me respondeu então a última pergunta, né? Não sei se o senhor acha que aprendeu alguma coisa durante esse trabalho de tutoria? Então de certa forma...

C. Com certeza, né?

L. ...o senhor já respondeu. Não sei se o senhor tem mais alguma coisa a acrescentar especificamente da questão da tutoria, do trabalho de tutoria. Se o senhor quiser acrescentar alguma coisa?

C. O que eu poderia dizer a respeito da tutoria é o seguinte: que se toda vez que o estagiário viesse numa escola pra tentar um estágio, ele fizesse uma proposta como essa de tutoria. A situação seria bem diferente em relação ao preconceito que o pessoal tem com o estagiário, né? Porque muitas vezes é assim ó, a gente tem uns anos já de magistério e acha que o estagiário não vai fazer um bom trabalho e não sei o que. Só que quem pensa assim tá esquecendo que um dia foi um estagiário, um dia teve um início, então é umas das situações que eu normalmente quando posso, eu recebo estagiário. Até as vezes meio contrário que as escolas pensam, porque se ninguém receber estagiário, não vai ter como fazer, né?

L. Como que a pessoa vai iniciar, né?

C. É.

L. Mais algum comentário professor?

C. Eu acho que seria isso aí.

L. Eu lhe agradeço muito pelo seu espaço, o senhor ter me recebido, com certeza essas informações vão ajudar bastante. Na verdade a minha dissertação ela tá estudando os limites e as possibilidades para a tutoria, então em que medida é possível que ela ocorra, mas também quais são as necessidades, como o senhor mencionou, a questão do horário. As pessoas terem um horário pra receber o estagiário é uma coisa fundamental.

C. Claro.

L. Então eu estou estudando justamente isso, né? Quais são os limites e as possibilidades pra que a gente pudesse ter esse regime funcionando com mais pessoas em mais espaço, então, sem dúvida, as suas informações vão me ajudar muito. E aí, então depois ela vai ser transcrita e eu lhe procuro novamente. Eu vou até anotar o seu e-mail que daí eu posso lhe passar o arquivo por e-mail, tá? Professor, muito obrigada! Agora são 16 e 12, mais ou menos foram uns doze minutos aí a nossa entrevista. Certo?

C. Tá certo!

APÊNDICE 15

**Modelo de Transcrição de Entrevista com Estagiários
de GT**

ENTREVISTA COM OS TUTORES QUE PARTICIPARAM DOS GTDACEC ENSINO DE FÍSICA E MATEMÁTICA

Motivo da Entrevista	Entrevista para o trabalho de tutoria desenvolvido nos GTDACEC
Nome da Disciplina	Física
Nome e função da pessoa entrevistada	Estagiário Márcio. Estagiário da Escola Politécnica da UFSM.
Nome do(a) entrevistador(a)	Liane
Local da entrevista	Escola Politécnica da UFSM.
Dia e horário do início da entrevista	Hoje são 26 de junho e agora são 18 horas e 05 minutos.
Término na Entrevista	18:47h.

Liane: Entrevista para o trabalho de tutoria desenvolvido no grupo de trabalho para desenvolvimento e acompanhamento compartilhado de estágio curricular no ensino de Física. Eu estou com o estagiário Márcio, hoje são 26 de junho e agora são 18h e 5min. Bom, Márcio, a primeira pergunta que eu tenho pra fazer é a seguinte: se tu tinha alguma experiência já de estágio antes de tu ter feito o teu estágio com o professor Cícero o ano passado? Tu já tinha experiência de regência de classe?

Márcio: Não, nem uma ainda. Foi a primeira.

L. E esse estágio que tu fez, então com o professor Cícero, ele era estágio I e II?

M. Eu fiz o estágio I antes do semestre. É que eu fiz em dois semestres eu fiz, teoricamente, eu fiz as quatro disciplinas, né? Que deu um probleminha no estágio IV. Eu fiz o I e o II que seria uma aproximação e tudo, aí teve aquele período de greve dos professores, então tinha outros alunos que estavam fazendo o III lá, aí não... Acho que ficou, assim, meio bagunçado. Aí eu fiz só uma aproximação com o professor, aí a gente discutiu sobre metodologia, sobre como poderia fazer, qual aula ficar melhor. Então mais um processo de apresentação e discussão pra gente se conhecer mesmo.

L. Tá, mas isso com o professor Cícero?

M. Com o professor Cícero, aí no outro semestre eu me matriculei no estágio III e IV, aí houve o, foi aí que eu realmente...

L. Foi pra sala de aula?

M. Fui pra sala de aula.

L. Então, nesse caso, a gente vai pular as questões, a dois e a três, porque como tu não teve nenhuma experiência anterior de regência de classe. Bom! Então, assim, quando tu foi acertar o teu estágio com o professor Cícero, certo? Eu não sei foi tu que foi procurar ou foi indicação de alguém? Tu foi procurar? Bom, daí tu conheceu o professor Cícero e tal e aí, assim, qual que foi a tua expectativa em relação ao professor Cícero, quando tu foi lá acertar o teu estágio co ele?

M. Bom, primeiro é que eu já fui com a imagem formada. Eu já fui, mais ou menos, preparado, porque eu sabia que não seria da mesma forma que uma escola normal de Ensino Médio. Achei que

seria até mais fácil por causa que é uma instituição Federal, e tudo mais, mas foi bem interessante. Ele me recebeu muito bem, a princípio ele já tinha me dito que a escola tem uma certa resistência se vai estagiário devido a problemas que ocorreram, mas que, ele achou que seria interessante investir na... Até ele tem uma idéia bem amadurecida em relação a isso, em ser uma escola dentro de uma instituição Federal, também instituição federal. Que ele achava, assim, estranho não aceitar estagiário. Houve algum problema, então se resolve o problema, se cria mecanismos pra que não surjam esses problemas novamente, mas não aceitar estagiário é meio contraditório, sendo que é uma instituição onde se formam profissionais que buscam o estágio. Aí ele foi bem receptivo, foi bem interessante.

L. Tá, e daí depois que tu realizou o teu estágio, né? Quando chegou no final lá do teu estágio, isso que tu pensou no início se confirmou, se modificou?

M. Não, eu acho que foi... Se manteve... A gente até criou alguns laços de amizade, tudo... Ele agia sempre bem receptivo à proposta e eu sempre via ele como uma pessoa com mais experiência, então foi bem interessante, eu tive um bom acréscimo... Bom, eu sou uma pessoa bem tímida, então na primeira aula eu cheguei pronto pra desenvolver uma técnica e no início, quando eu tentei fazer uma problematização eu já vi uma certa resistência, porque eles não tinham uma... Não era um método que eles estavam acostumados e aí eu já me perdi todo, porque eu tinha preparado, eu tinha uma estratégia, eu não tinha um plano “B”, então o que que eu fiz? Eu comecei a discutir com eles em relação a que que eles queriam pra... Eu praticamente me perdi na primeira aula. O que que eles queriam, de que forma eles achavam mais interessante a aula, então eu fiz uma aula de discussão de como as outras deveriam ser e aí eu me saí bem nessa parte. Aí, eu já preparado pra próxima aula, já fui com... Já tinha assim, na minha cabeça como é que eu ia fazer se não desse certo, já tinha um plano “B” pronto. E com o tempo eu fui evoluindo, amadurecendo essa parte de falar com mais de duas pessoas na frente, já não eram mais pessoas estranhas, já comecei a conhecer o pessoal e também já... E eu ia discutindo com o professor Cícero e ele ia me passando a experiência dele: “Ó, quando acontecer tal coisa, eu acho interessante que tu faça dessa forma, porque eu faço e tudo o mais”. E também a gente discutia bastante em relação às aulas, assim: “Ah, eu fiz tal coisa, deu muito mais certo do que se eu tivesse feito tal coisa”. E mesmo estando no plano fazer tal coisa eu achei mais interessante fazer dessa forma e deu certo. Aí a gente discutia e tentava ver porque que deu certo, aí depois com as reuniões com o professor Eduardo a gente passava isso pra ele. Até a gente achou mais interessante... Tinha uma forma de desenvolver a aula que eu achava diferente de como a gente tinha planejado, porque a gente planejava, conforme a gente tinha várias atividades onde tu utilizava textos, onde tu utilizava exposição, onde tu utilizava experimentação, mas tava tudo assim, mais ou menos separadinhos. “Ah, o que que é aqui”? “Ah, aqui é uma atividade de experimentação, pra explicar tal coisa”. Aí a gente achou interessante usar sempre a experimentação... A experimentação sempre vinha como confirmação dum fato. E a gente achou interessante, não. Mostrar a experimentação pra estimular a curiosidade e questionar sobre os resultados da experimentação, mas não assim: “Ah, faz um experimento e agora vamos pro próximo passo”, não. Aquilo era como se fosse quebrado, aí tu não tinha mais... Eu não conseguia mais distinguir uma aula expositiva, porque a gente começava uma experimentação aí discutia quais... De que forma, porque que isso aconteceu, de que forma a gente poderia resolver esse problema. Aí o pessoal ficava ali. Pronto, agora chegava num outro problema e eles não conseguiam mais responder, aí eles me questionavam e aí vinha uma aula expositiva naquele ponto, aí eu conseguia trabalhar uma aula expositiva, porque eles me questionavam, eles precisavam desenvolver a tarefa e aí, depois a gente passava pro próximo estágio da tarefa, mais uma outra atividade. E assim eu consegui, em alguns casos, não em todos, eliminar aquele problema da aula expositiva que é muito difícil tu tirar. Tu não vai conseguir achar atividades interessantes pra fazer...

L. Todas as aulas.

M. Todas as aulas, então tu pelo menos tenta colocar a aula expositiva de forma que alguém usa, alguém... Haja algum interesse.

L. Sim! Entendi. De forma que motive o aluno.

M. É, porque a aula expositiva, em si, ela não motiva em nada, mas tinha partes, assim, do conteúdo que não tinha como fazer... Eu não era criativo o suficiente pra fazer alguma atividade interessante, então eu pegava alguma coisa que tinha em haver, desenvolvia uma tarefa e chegava um ponto em que eles me questionavam pra poder desenvolver a tarefa... E aí vinha...

L. Aí tu entrava com a aula...

M. A exposição, mas era uma discussão.

L. Bom, mas assim, voltando um pouquinho. O que tu imaginou inicialmente que como seria o professor Cícero, isso se confirmou? Não houve nenhum problema?

M. Não, não, nenhum problema. Inclusive, como eu já te falei, até a gente criou uma certa amizade, que eu admiro ele, ele é uma pessoa que participa, dentro das possibilidades dele, ele tenta sempre participar. Tanto é... Até essa possibilidade dele se deslocar pra vim às reuniões com o professor Eduardo, em horários que eram até difíceis pra ele, mas ele vinha. Nunca reclamou, nunca houve um problema, assim... As nossas reuniões ele tava sempre pronto pra gente discutir, nunca, eu senti, uma certa rispidez ou problema, “Ah, com isso...”.

L. Ele me recebeu muito bem, também.

M. Inclusive teve... Tinha alguns eventos... Teve um evento que o professor Eduardo promoveu e ele disse: “Ah, seria interessante convidar o professor”. Eu acho que os colegas convidaram os professores, mas ele foi o único professor, de todos os estagiários que apareceu. Mesmo, eu sabia, que ele não podia aparecer e ele. Ele tinha atividade na escola e ele conseguiu deixar a atividade pra participar. Eu achei interessante. É uma pessoa, assim, que gosta... Bom, ele já desenvolvia na escola dele, eu acho que era em Santa Catarina...

L. É.

M. Ele já desenvolvia atividades mais, assim, mais alternativas dentro das possibilidades e ele usava um livro que é da Beatriz Alvarenga, que é meio difícil tu achar alguém utilizar. Eu vejo bastante o pessoal usando o Ramalho, que é um livro bem técnico. Eu acho até um livro interessante, mas um livro pra mim olhar, mas não um livro que dê pra estimular o aluno.

L. Usar como... Em sala de aula?

M. É. E ele trouxe Beatriz Alvarenga, até utilizou no colégio e não era o livro do colégio, então eu achei interessante, até. Ele é uma pessoa bem receptiva.

GTDACEC

Grupo de Trabalho para Desenvolvimento e Acompanhamento Compartilhado de Estágio Curricular

L. Tá bom. Márcio, agora eu preciso te fazer uma pergunta, mas antes eu vou fazer outra coisa. Por que na física é assim, a gente sabe que tem vários professores que orientam o estágio e aí dá aquela confusão com os alunos, lá, né? Confusão, não, mas há uma divisão dos alunos. Então é assim, eu precisava saber o seguinte: como que tu veio fazer o estágio com o Eduardo, como é que ocorreu esse processo? Foi tu que escolheu, ou foi naquele sorteio, me parece que ocorreu um sorteio?

M. Foi assim... É. O pessoal se reúne ali... É... Não é bem um sorteio, é meio um sorteio, mas os professores têm a possibilidade de escolher... É... Cada um pega um grupo... Ai, esse, eu tenho afinidade com esse, esse e aquele. Tá. Eu fiz as cadeiras de Didática com o professor Décio, a primeira cadeira foi com o professor Décio e o professor Eduardo, aí chegou uma certa parte que foi dividida a turma e eu fiquei com o professor Décio, aí depois a segunda cadeira de Didática foi com o professor Décio. E eu achei muito interessante a metodologia de trabalho tanto do professor Eduardo quanto do professor Décio. Eu não conhecia os dois antes. E lá na Física eu já conheço eles a um bom tempo e eu sei a metodologia deles e eu não concordo, eu não gosto e inclusive eles... Eu faço, eu fiz outras cadeiras com eles de instrumentação, tudo... O que é dito não condiz com o que é aplicado lá, então eu vim já certo com quem eu queria fazer. E já tinha até conversado lá na coordenação. Eu só ia fazer se fosse... Na realidade eu queria com o professor Décio, que eu já estava acostumado. Só que o professor Décio tinha outros alunos que já desenvolviam trabalho e aí ficou meio difícil pra ele pegar mais um. Aí ficou o professor Eduardo, porque já tinha assim... Eu não conhecia ele muito bem. No trabalho eu fui conhecendo ele mais aí eu fui admirando o conhecimento que ele tem nessa parte... Até lá na física se tem uma visão meio distorcida do que é feito aqui, se acredita que o que é feito aqui é uma, que o pessoal fica só discutindo e não se aplica nada. Que o que é feito aqui não é aplicado e não é aplicável, também. É uma falta assim, de comunicação, não sei o motivo, também, mas foi mais ou menos isso, foi pelo que eu ouvi nas cadeiras de Didática.

L. Tá. É porque na verdade o que eu queria te perguntar é assim ó: justamente, tu já respondeu a minha pergunta. Esse trabalho que o Eduardo vem desenvolvendo e que eu to estudando no mestrado sobre a tutoria, não é um trabalho comum, né? Os orientadores de estágio normalmente cada um se organiza de uma maneira, preservando as particularidades de cada curso, cada orientador organiza o estágio de uma maneira. E o Eduardo vem organizando o estágio através da tutoria, né? E aí o que eu queria saber é justamente isso, porque que tu quis desenvolver o teu estágio com o Eduardo sabendo que ia ser nesse regime de tutoria, mas na verdade tu, mais ou menos, já respondeu, porque tu achou, de certa forma...

M. Por que eu conheço... agora que eu conheço o método deles lá, agora eu tenho certeza que eu fiz a opção certa, embora eu tenha tido alguns problemas pessoais, assim, que dificultaram um pouco, né? Pra desenvolver a última cadeira, mas eu achei, assim, muito correto, é muito racional o método usado aqui, porque eu vejo outros métodos que são bem vazios como o professor, além de tu ter o professor da escola que vai trabalhar contigo, o professor do ensino superior dentro da sala de aula te interrompendo. Eu tenho colegas que têm professor que vai na sala de aula, fica constringendo ele lá, interrompem ele no período de aula, corrige o aluno, interferem diretamente, usam um método bem invasivo. Outros professores que não dão simplesmente a mínima, tu tá totalmente solto, tu pode fazer o que tu quiser. E depois... Por que tem alguns professores que têm a visão de que o estágio, ele é... O aluno na escola depois ele me trás a informação e eu faço, eu formalizo aquilo e ele e ele vai tá apto, por quê? Por que ele, simplesmente ele tá num ambiente escolar, ele vai se tornar um professor. Aí outra visão que eu também não concordo. Eu achei bem interessante, porque tem uma proximidade muito grande do professor do ensino superior com o professor do ensino médio, de forma que na escola não tem como o professor, o professor Eduardo, por exemplo,

tá em todas as escolas nos horários de aula lá, pra supervisionar se os alunos tão fazendo isso ou aquilo. Quem vai estar muito próximo do aluno é o professor do ensino médio, então ele tem que ter um canal direto com esse professor, ele tem que conversar de forma que o professor do ensino médio não vai... A ponte não vai ser o aluno, o aluno diz o que quer para o professor aqui da universidade. “Ah, tá acontecendo assim”, Para o do ensino médio “Ah, a coisa acontece dessa forma, não precisa tudo isso”. E aí tu tem uma visão mais próxima do que realmente tá ocorrendo na escola, se não vira uma fantasia.

L. Sim! Tenho duas coisas pra te falar a esse respeito, por exemplo, fui professora substituta aqui e eu orientei os estágios das Letras, porque a minha formação é em Letras. Eu tinha mais de cinquenta alunos para orientar, então é bem o que tu falou: “Como é que a gente vai acompanhar?”. E a outra observação é que a gente já viu casos de alunos que disseram que fizeram o estágio, mas que não fizeram o estágio. Inventaram um relatório, lá, mas que nunca botaram o pé dentro da escola, por causa disso que tu tá falando, né? Por que quando não há um certo vínculo, o estagiário vai falar o que ele quiser, né?

M. Não, e isso é um fato, se não tem uma certa formalização, um certo comprometimento. Era um projeto. A primeira coisa que eu falei com o professor Cícero foi uma coisa que o professor Eduardo falou, ele disse: “Deixa bem claro que isso é um projeto, que ele vai fazer, explica...”. Eu tinha um roteiro, “...explica bem como é que vai ocorrer, que vai ser um projeto, tá estruturado de tal forma, onde vocês vão estar participando do projeto”. Aí tinha o papel de um, o papel de outro. Qual seria a forma de interação entre um e outro. Tava tudo explicado pra que depois não se dissesse: “Ah, isso não funcionou... Não tava... Eu não sabia que isso seria assim, se soubesse não teria ocorrido dessa forma”. Foi bem... Ocorreu tudo dentro do programado, achei, assim, bem interessante, porque também houve problemas com outros professores do ensino médio, mas da área estadual...

L. De outro colégio?

M. É. Parece que tem uma certa diferença. Aqui, também tem uma outra diferença até na forma de aplicar o trabalho com o pessoal daqui com o pessoal do ensino médio de outro lugar, não dá pra comparar. Que tem o... Os objetivos são outros, a realidade social do pessoal... Tu vai num local onde é lá no meio de uma vila, aí tu vai aqui que passa... O pessoal aqui tem prova de seleção, aonde o pessoal que entra já tá tudo pensando: “Aí, eu vou fazer curso superior nisso e naquilo e não sei o que lá”. Então tem tudo isso.

L. Márcio, a gente conversou bastante, talvez algumas coisas você já tenha respondido, mas eu vou te perguntar igual. Quando, justamente, o Eduardo te apresentou essa proposta da tutoria, certo? E tu disse que tinha um roteirinho e tal, né? Tudo explicado. Eu queria saber assim: o que tu esperava desse trabalho de acompanhamento dentro do regime de tutoria? Qual foi a tua expectativa inicial quando o Eduardo te apresentou o trabalho?

M. A primeira coisa, assim, eu me assustei, não, eu sabia... Eu sabia que era racional, que era a melhor forma de ocorrer, mas eu tava assustado, porque eu pensei... A primeira coisa que me assustava não era fazer ou desenvolver, fazer os relatórios e fazer a papelada toda. Me assustou que eu teria que dar aula realmente, era o início, mas eu sabia que disso eu não ia fugir. Aí depois quando eu já tava me acostumando com a idéia, o que me assustava era a presença do professor no fundo da sala de aula, porque eu lembro quando eu tava no ensino médio. Tinha uma professora estagiária de história aonde tinha um professor, até era parecido com o Eduardo, sentado no fundo

da sala sempre com a cara fechada. E a gente ficava meio assim, porque tinha algumas aulas que ela tava sozinha, aí a gente ficava “Ah, estagiária, tudo”, mas a gente tinha uma noção que estagiária não pode reprovar, então... Mas a gente não incomodava, porque ela era a única professora nova, o resto era tudo professor de mais idade, então a gente achava, assim, “Ah, não vamos incomodar muito ela e tudo, assim”. Aí quando tinha aquele outro professor no fundo, a gente ficava pensando “Na dificuldade que ela tinha na presença daquele professor”, então a gente dava aquela ajudinha, era todo mundo quietinho, tudo nas aulas que tava o professor. Aí eu fiquei com aquilo gravado na minha cabeça, eu pensava assim: “Qual é a sensação... De além de eu ter que ultrapassar a barreira de falar para um grande grupo, ter um policial no fundo”. Porque eu via o professor como um policial, nada, além disso. Eu não conseguia enxergar a presença de um professor ali como algo benéfico, alguma coisa que ia me ajudar. Eu via como um policial, aonde ele ia estar com uma caneta na mão pronto pra registrar qualquer falha que eu tivesse pra que depois ele me repreendesse. Eu não conseguia tirar aquilo da cabeça. Até, uma vez eu estava na frente do Banco do Brasil, aí o professor Eduardo tava passando de bicicleta e ele disse: “E aí, vai dar aula?”, eu disse: “Vou, fazer o quê? Mas eu vou ter que ter um professor me policiando no fundo da sala?”, ele disse: “Olha, é o trabalho, tu vai ter que conversar com o professor e organizar uma estratégia de trabalho e a gente vai ver, como é que vai ficar isso”. Aí eu conversei com o professor Cícero até sobre isso. Aí a gente conversou e chegou à conclusão de que não precisava ele estar sempre no fundo... E ele nem precisava ficar no fundo, ele tando presente em alguma atividade, ou ele tendo uma... Ele tinha que ter uma noção do que tava ocorrendo na sala de aula. Eu convidei ele várias vezes pra participar de atividades, aí quando ele podia, ele dava uma olhada, mas ele mais deu uma olhadas, assim. Falar sério, assim. Ele não ficou presente até o final, mas ele tava sempre disponível, ele não pegou outra tarefa pra aquele período. Ele tava sempre disponível na sala. Inclusive a gente tinha uma dinâmica de trabalho de, até pra não perder o... A linha terminava a aula, a gente tinha uma reunião, aí a gente discutia, porque já tava...

Ele entrou no início e ficou até o final. Eu não sei se isso... Eu não sei opinar até se isso é, se isso seria bom... É uma abertura, assim, vamos dizer, pros estagiários, porque funcionou pra mim, me facilitou muito, porque eu consegui interagir com mais desenvoltura com os alunos. Eu superei mais rápido o meu problema, não foi tão traumático, mas eu não sei se isso é bom, se isso funcionaria com outras pessoas. Talvez, com outras pessoas seria até uma fuga pra que essa pessoa possa desenvolver o que quiser na sala de aula e depois chegar ali pro professor e dizer: “Olha, eu fiz tal coisa”. E na realidade, talvez, não tenha nem feito. Aí, talvez tenha certas alternativas que possam ser tomadas pra resolver esse problema, mas comigo funcionou.

L. Tá, Márcio, tu disse, então que de início tu ficou um pouco assustado, porque entrar em sala de aula e tal. Tá, mas daí depois, então que tu desenvolveu todo o teu estágio dentro desse processo aí de tutoria, aí essa tua expectativa inicial se modificou, saiu mais tranquilo?

M. Não! E descobri que aquilo era... Que todo aquele medo era uma bobagem bem grande, que depois eu fiz tantas amizades lá, que até hoje eu encontro os meus ex alunos na rua. Eu tenho alunos que são colegas... Eu faço técnico em informática agora. Eu tenho alunos que são colegas agora, e a gente discuti normalmente e é amigo, bom, a gente já era amigo na época. Tinha aulas, assim, que primeiro eu fiquei identificando os grupos, porque sempre tem grupos qual era a característica de tal grupo, de que forma eu deveria me aproximar dos grupos. Aí eu vi um grupo que era interessado em informática, era a minha área, então consegui me aproximar. Tinha um outro grupo que era mais, aparentemente mais desligado, mas era o grupo que se achava o grupo divertido da sala. Eu era mais extrovertido com eles, a gente já teve um canal de interação, então no momento em que eles iam atrapalhar, a gente conseguia, eu conseguia trazer eles de volta, fazia uma brincadeira e puxava eles de volta pra aula, então foi um ambiente bem tranquilo. Ah, de vez em quando surgia um

problema, assim, um estresse, não tinha, a turma não queria a aula e a aula não ocorria e aí todo o planejamento tinha que ficar na pasta, não tinha jeito. Eu não via a mínima possibilidade de dar aula. E tinha outros dias que a aula era uma tranquilidade, mas de qualquer forma eu acho que foi bem interessante. Houve uma evolução e no final eu vi que aquela parte era a parte mais tranquila do estágio, dar aula era a parte mais interessante, mais tranquila. Aí eu comecei a achar a parte mais chata a papelada. Eu comecei a me irritar com tanto papel que eu tinha que preencher, mas era necessário.

L. Tá certo! Entendi! Bom, então assim... A gente... Eu queria saber agora se tu poderia elencar alguns pontos que tu destacaria como os pontos que mais marcaram o teu trabalho com o professor Cícero?

M. O professor Cícero?

L. Com o professor Cícero.

M. Bom, no início a minha... A primeira vez que eu fui falar com ele, a forma educada que ele me recebeu, valorizando tudo o que eu dizia, já me aceitando como estagiário, já de início mesmo tendo aqueles problemas ele, por discordar da postura... Isso... Ele aceitar um estagiário, participar do projeto, aceitar todos aquele encargos que o projeto, toda aquela formalidade, tudo, que ele não precisava, ele tá ganhando o salário dele, ele não tem a mínima obrigação de estar participando de projeto nenhum, mas ele achou interessante, achou que seria produtivo pra ele participar do projeto. Depois a forma que ele foi sempre receptivo... Pra nossas discussões foi, assim, até meio paternal em várias ocasiões. Quando tinha reunião com o professor Eduardo, porque o professor Eduardo é uma pessoa bem formal, então eu tava muito atarefado, cheio de coisas... As vezes eu não tava com o papel que ele queria que eu tivesse na mão, no exato momento e ele é rígido em relação a isso, principalmente no final do dia. No início do dia até que ele não é tão rígido. E as nossas reuniões eram sempre à noite, então era quando ele tinha já passado por tudo aí surgiu um problema, aí o professor Cícero botava os panos quentes, dizia: “Não, mas a coisa não é assim e não sei o que, não sei o que lá”. Então foi bem interessante. Eu acho... Eu recomendo ele pra qualquer estagiário. Até eu conversei com ele, dei a minha opinião em relação a como o estágio é desenvolvido na Física, como é desenvolvido aqui. Ele disse até, que “Ó, se tiver algum outro estagiário, que desenvolva trabalho ali na Educação...”. Dá pra indicar que ele aceita estagiário. Já fiz a... Já dei a minha opinião e ele tá recebendo estagiário.

L. É, até ele comentou isso comigo.

M. Achei bom o trabalho dele.

L. Então pra gente encerrar eu queria te fazer mais duas perguntas. Essa eu acho difícil de responder, mas vamos ver o que que tu vai responder. Tu acha que tu... Foi teu primeiro estágio, né? Como tu disseste. Então, assim, tu acha que tu ensinou alguma coisa pro professor Cícero?

M. Pro professor Cícero!?

L. É!

M. Deixa eu ver! Talvez, assim, não em questões de conteúdo...

L. Claro.

M. Alguma coisa em relação a experimento a gente gostava de discutir, primeiro eu entrei na escola, eu vi que tinha um laboratório de física desativado. A primeira coisa: “Vamos ativar esse laboratório”. No final a gente conversou, conversou, conversou e não ativou o laboratório, mas a gente utilizou algum material e isso foi interessante, porque eu acredito que vai ser alguma coisa que ele ainda vai utilizar. Ele ficou com parte do material, assim, escrito, talvez, não sei se ele vai usar aquilo, se ele vai ler...

L. Mas ele ficou com o material?

M. Tá com o material. Aí talvez alguma coisa de alguma discussão que a gente tenha tido em relação ao... “Ah, seria mais interessante usar tal atividade”, quem sabe, não posso dizer, mas... Mais em relação a método, porque ele não tinha essa parte de... Eu acompanhei as aulas dele antes, então era uma aula tradicional, mas havia discussão e ele trazia experimentos pra sala de aula, mas mais assim pra despertar curiosidade através do efeito, não havia, assim, um... Uma atividade experimental onde o aluno desenvolva a atividade de forma que ele tenha que raciocinar pra entender o fenômeno, alguma coisa assim. Era mais assim uma contemplação de um fenômeno.

L. Tu diz assim, essa questão do, eu não sei se vou falar certo, dos módulos, desses que vocês prepararam tu diz, mais ou menos?

M. Não se... Acredito, pra falar a verdade, que ele não vá aplicar essa estrutura de módulo, ou que ele vá fazer um planejamento como módulo. Tanto é que o planejamento ele não precisa mais fazer, quantos anos que ele tem. Se ele fizer, se ele sentar e fizer um certo rascunho, ali ele já sabe exatamente o que ele tem que fazer, mas essa estruturação de problematização inicial, toda essa mecânica que a gente tinha dos três momentos pedagógicos, talvez ele não aplique, mas eu acho mais da nossa discussão de que, “Ah, deve-se despertar a curiosidade do aluno...”. Talvez ele reduza um pouco as aulas expositivas, eu acredito, acrescente mais experimentos, um pouco dessa parte de método, não vejo outra coisa. Ah, talvez a visão pessoal que ele tenha do estagiário, do que é ser... De como é um bom trabalho de estágio, como deve ser um trabalho de estágio, talvez ele tenha... Eu acredito que ele tenha uma visão, assim, de quando ele foi estagiário, que eu, particularmente, acredito que seja alguma coisa assim bem diferente do que é agora.

L. Bem tradicional?

M. É... Bem tradicional. Ele disse... Ele passou a experiência dele, que ele sofreu muito com o professor sentado lá no fundo. Ele disse que foi muito constrangedor e ele não queria passar, fazer a mesma coisa com o aluno, então ele tava aberto pra discussão de uma forma mais alternativa, mais eficiente, então, isso tudo, eu acho que foi, foi benéfico pra ele essa visão de como aceitar, como trabalhar com estagiário. Talvez essa... A forma que o projeto foi apresentado pra ele seja uma forma que ele possa, se caso ele for aceitar um estagiário de um outro professor. Sugerir, dizer: “Não, eu acho mais interessante essa forma pra ter mais responsabilidade”. Também eu acho interessante isso.

L. Jóia! Tá, e tu, assim, se tu puder elencar, também as coisas que tu aprendeu com ele?

M. Bom, forma... Assim da experiência que ele tinha na parte de conteúdos específicos, de como abordar o... Um assunto, de como eu me aproximar do aluno. Não foi muito difícil a aproximação

com aluno, porque eu ainda tenho bem gravado na minha mente do tempo que era aluno, parece que eu fui aluno ontem. Eu não consegui ainda separar a minha visão. É que eu sou aluno até agora, então eu não consegui ainda separar o período que eu tava no ensino médio, então eu lembro exatamente do que eu fazia, do que eu pensava, dos meus interesses. Eu olhava pra cara dos meus alunos, eu sabia exatamente que... O momento que eles não tavam... Olha, que aquilo era a coisa mais chata do mundo. Eu dizia: “Olha pessoal, eu realmente, eu sei exatamente o que vocês estão pensando agora, ou, pelo menos, o que que vocês estão sentindo, então vamos fazer uma outra atividade, vamos deixar isso pra outra aula, não tem jeito, não tem jeito mesmo”. Isso aí, então eu trouxe, mas ele me passou muita da experiência dele. Quando eu levava um problema, eu dizia: “Ah, tal aluno, eu acho que esse aluno tem um problema pessoal, porque ele se comporta de tal e tal forma. Será que eu converso com o aluno, tal coisa? O senhor tem alguma informação sobre o aluno?”, “Ah, esse aluno tem tal problema, ele não queria tar nessa escola, ele tá aqui obrigado pelos pais, ele não queria, não sei o que. Por causa do pai, ou mãe, ou fulano que tem, que trabalha na escola e não sei o que”. E aí a gente ia vendo caso por caso e essa era uma experiência que ele trazia do conhecimento anterior, porque ele já foi professor daqueles alunos desde do primeiro e segundo anos, então ele tinha um conhecimento bem maior do que o meu... Que mais? Particularmente... É mais na parte da experiência, mesmo, dele.

L. Assim, da gestão de classe, eu acho, né?

M. É.

L. De como funcionam as coisas dentro da sala de aula, da dinâmica?

M. Também. Ah, outra coisa, muito importante, a mecânica da escola, de como a coisa funciona, porque ra ele, ele era o meu intermédio ali. E eu conversava com os outros professores, toma cafezinho, comia bolacha, tudo, aquela coisa assim, mas quem me passava as informações mais formais, também, “Ah, tu deve entregar tal documento em tal período, esse aqui é o calendário, não esquece de tal coisa, tem reunião disso onde geralmente se discute tal coisa, traz tais informações”. Isso tudo, também essa parte formal da escola era ele que trazia pra mim.

L. Sim, tá certo!

M. E o interessante, uma coisa que não dá pra deixar de dizer, ele dava tanto abertura pra mim discutir, e eu era tratado como um professor na escola. Eu não era tratado, “Ah, o Márcio é o estagiário”, não eu era respeitado como qualquer outro professor. Eu não sei se isso é normal nas outras escolas. Até acredito que não, porque o meu irmão fez estágio de química numa escola aqui em Santa Maria e ele me falava de um outro tratamento que ele recebia. Eu achei até estranho, aqui o tratamento foi muito, foi assim de um bom nível. Que mais? Agora me passou uma coisa que eu ia falar, mas agora deixa, então. Já falei até de mais.

L. Não, tu começou a falar que não podia deixar de dizer que tu era tratado como professor...

M. Ah, no conselho de classe, a opinião do... Por que depois a gente leva as avaliações e aí tem que se discutir caso a caso dos casos problemáticos. E as vezes... E também a discussão... Eu também opino no momento que há discussão, por exemplo, fulano teve problema na disciplina de química. Eu tenho espaço pra falar a minha experiência em relação ao aluno mesmo na disciplina de química. Não que aquilo vai interferir... Na realidade interfere, porque eu vou passar a minha experiência de... Em relação de como o aluno é. Que no final, na escola, tu deve conhecer, conta muito... Não

conta só a nota que o aluno tirou, na hora do conselho de classe, “Ah, ele é um aluno esforçado, pelo menos na minha disciplina ele é esforçado”. Isso, no final, acaba influenciando o professor de outra disciplina, “Ah, mas eu sei que ele tem um problema pessoal, não sei o que lá, mas ele contornou”, aí também aí o outro professor e diz, “Ah, mas... como foi a evolução dele?”. “Ah, ele tirou tal nota, mas depois ele teve um período que ele foi mal”, “Mas ele evoluiu depois?”. Aí a gente fica largando questões pra fazer o professor pensar e refletir naquele ponto e no final a gente vai influenciar, também.

L. Tá, então, na realidade, assim, ó... A questão é que tu te sente valorizado nesse sentido?

M. Muito valorizado!

L. Por ter essa abertura...?

M. Eu tinha espaço, a opinião na disciplina de física do terceiro ano, embora o professor, ele deu a opinião dele, mas a opinião que ficou, que eu senti, foi a minha, porque quem foi o professor ali, fui eu e aí eu achei interessante, porque ele poderia, simplesmente, dizer: “Me deixa o material, que eu vou no conselho”. Ele não, ele disse: “Tem conselho tal dia, tu tem que aparecer e traz a documentação”. E me deixou a palavra, deixou eu... Eu também pensei, na hora eu vou ficar ali como o boneco no lado dele. Ele vai falar, até achei, não é coerente, ele é professor titular, não, ele deixou que eu falasse. Achei muito interessante.

L. Que bom! Tá. Márcio, as minhas perguntas eram essas, então, assim, se tu quiser valar mais alguma coisa sobre o trabalho de tutoria, sobre o professor Cícero ou todo o trabalho que foi desenvolvido tu fica a vontade, mas as minhas questões eram essas aí.

M. Não, eu achei muito interessante, é só referente ao trabalho de tutoria, né? Eu acho que eu já falei tudo, não tenho... Não me passa nada pela cabeça a mais. Fui bem recebido, consegui desenvolver um trabalho. Poderia ser melhor, porque sempre no final tu vê que ah, eu poderia ter feito de tal e tal forma, mas tu só pode ver isso depois de fazer. E, o que mais eu poderia falar? O projeto, em si, da forma que ele foi apresentado, que a gente trabalhou ele demonstrou ser eficiente, bem funcional, embora seja bem chato preencher papel, mas é necessário, porque se tu não deixar material de pesquisa tu não consegue, depois aprimorar pra que os novos estagiários possam discutir sobre... Já ter uma base, uma base bem sólida, uma base bem discutida, com grande número de pessoas e aplicado num grande número de escolas. Eu vejo que é importante, embora ocupe tempo, um tempo absurdo, mas é necessário.

L. É, tu vê assim ó, todo aquele material que vocês produziram, claro que ele foi um material bom, mas ainda tive que elaborar a entrevista, porque pra estudar mesmo a questão da tutoria, eu não consigo muitas informações lá, porque, na realidade, tem informações que vocês discutiam, sobre planejamento, sobre os alunos. Bem como tu falou, né? Mas, por exemplo, sobre a tutoria eu não tenho muitas informações lá, então pra tu ver como eu ainda tive que fazer a entrevista pra poder realmente ver algumas coisas, né? Então, como tu disse, dá trabalho, mas a gente precisa, né?

M. É necessário. Mas aí vem de que forma tu mantém, tu faz... É que a gente, tem um problema também aí, a gente se preocupa muito em discutir o material pra que haja uma, pra que tu possa desenvolver um bom trabalho na escola, mas no processo a gente não reflete de que forma a gente pode fazer um trabalho com estagiário, também, pra que ele não se sinta tão sobrecarregado e fissionado no desenvolvimento do projeto, também, porque isso aqui vai influenciar também lá. Por

que, as vezes, se o ambiente onde tu tá desenvolvendo toda essa papelada, ele não é tranquilo ou, até tem outros... A parte funcional, mesmo, de material e tudo mais. Se não flui aquilo com uma certa facilidade, até essas questões, assim de xerox e tudo o mais, se não for assim, tu não tiver uma disponibilidade necessária no momento. Isso vai influenciar lá e a gente se preocupa muito com o material pra lá, mas não no processo de desenvolver o material. Aí, as vezes, o ambiente, ele é estressante de mais, tu não consegue desenvolver no ambiente, mas tu tem que fazer naquele ambiente, aí o material sai ruim. As vezes tu tem outros problemas que são do curso, que dava também pra se discutir com o próprio curso de física, “Pera aí, o curso do... As disciplinas de estágio, elas merecem mais respeito, então a gente vai tentar oferecer um espaço melhor, alguma coisa pra que o aluno possa desenvolver”, porque as vezes “Ah, vamos marcar o horário do curso de física”, tá, mas é um horário virtual, puxa pra sábado, então. Então vamos colocar mais uma cadeira de não sei o que lá, três naquele horário. E não se pensa que tem que ter um tempo, também, para o estágio. E é um tempo bem grande, são várias coisas, assim, que parecem pequenas, mas elas são fundamentais no desenvolvimento do trabalho, parece que é bobagem, mas isso vai ter um reflexo bem grande lá, porque se tu não tiver tempo pra fazer o material ou se tu tiver, por exemplo, o material tem que ser feito em tal lugar, tal horário, com tal pessoa, no final tu faz uma coisa meio corrida e não vai ter a qualidade que poderia ter, aí ele vira uma réplica, no final das contas. O meu trabalho, eu acho que ele não ficou bom. Eu, sinceramente, eu acho... Não, o material bibliográfico que eu desenvolvi, eu acho que eu poderia fazer bem melhor, mas eu fui descobrir isso depois, bem no final do estágio, então eu acho que foi satisfatório nesse ponto, poderia ter feito de uma outra forma, acredito que se fosse fazer de novo agora, faria ele diferente e faria ele melhor, mas isso eu só vou ver agora quando eu me matricular de novo.

L. Pois é, isso então Márcio?

M. É isso.

L. Tá, então tá bom.

M. Não tem mais alguma pergunta?

L. Não, as minhas perguntas eram essas. Muito obrigada. São 18 e 47.

APÊNDICE 16

**Modelo de Tabulação dos Instrumentos de Pesquisa
Utilizados junto aos GT/2006**

**Tabulação das Atas T-E do GT
Ensino de Física 04**

Nº	ATAS T-E	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
1.	Nesta reunião discutimos sobre minhas impressões iniciais com a turma, e as possíveis dificuldades encontradas na aplicação do planejamento didático. Expressei meu contentamento com a participação dos alunos nas atividades propostas.	Gestão de classe	Implementação do planejamento
2.	Nesta reunião discutimos acerca da importância da utilização de atividades experimentais para fortalecer o processo ensino aprendizagem, bem como as dificuldades encontradas quando não há material adequado disponível para sua execução. O professor Cícero dispôs alguns recursos materiais de um laboratório de física desativado na escola, sobre os quais acertamos a possibilidade de organizarmos esses recursos em uma sala de aula disponível pra desenvolvermos atividades experimentais adequadamente. O professor Cícero também deu sugestões em relação a estruturação da avaliação bimestral da turma.	Metodologia de ensino Avaliação: sugestão do tutor em relação a instrumentos de avaliação a serem utilizados pelo estagiário	Falta de recursos para implementação Tutor dispôs materiais do laboratório da escola para o estagiário
3.	Nesta reunião discutimos sobre como deveria ocorrer a avaliação bimestral (prova) onde o professor Cícero esclareceu que não há impedimentos para o desenvolvimento de outras atividades didáticas para a avaliação dos alunos, como trabalhos feitos em aula e atividades experimentais. Acertamos alguns detalhes sobre a organização dos materiais de laboratório, a sala disponível (E6), cinco mesas, quadro negro, armário e cadeiras. Discutimos sobre a importância de termos os recursos mínimos para utilizarmos a sala o mais breve possível. Discutimos também sobre a atividade envolvendo a construção de uma pilha de limão, a qual já deverá ser realizada no novo laboratório de física, devido a simplicidade do experimento.	Atividades a serem desenvolvidas pelos estagiários	

Nº	ATAS T-E	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
4.	Nesta reunião discutimos sobre os resultados obtidos pelos alunos na prova bimestral e nas atividades propostas no bimestre. Posteriormente, expressei minha dificuldade na realização de técnicas experimental de construção de uma pilha de limão, onde o professor Cícero indicou-se o professor de química da escola. Infelizmente os resultados experimentais não terem sido satisfatórios e acabei descartando o experimento.	aproveitamento dos alunos na prova bimestral	Dificuldade na implementação de atividade envolvendo conhecimentos de outras áreas Sugestão do tutor de que o estagiário procure o professor da escola responsável pela área em questão
5.	Nesta reunião discutimos sobre os resultados de aula experimental desenvolvido nesta mesma data. Concordamos sobre o momento de aplicação da atividade de estudo de campo magnético e pólos dos ímãs ser realizado conjuntamente com a técnica experimental com ímãs, limalha de ferro, cartão de papel e bússola, pois a atividade seria mais interessante na organização do conhecimento e na sua aplicação, como havia organizado no módulo. O professor também fez sugestões acerca da próxima técnica experimental, como a utilização de bobinas com núcleos diferentes.	Atividades desenvolvidas pelo estagiário Atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário	
6.	Nesta reunião discutimos sobre os resultados de atividade experimental desenvolvida na mesma data. Expressei meu contentamento com a participação dos alunos experimento de ??? (não entendi). Modificamos um pouco a ordem do módulo “campo magnético e força magnética”. A referida atividade estava prevista para o final do módulo na aplicação de conhecimento, mas achamos mais interessante a utilizarmos na organização do conhecimento, sendo desenvolvida em paralelo com a teoria. Os resultados de aula foram muito bons, pois além de haver boa participação dos alunos nas atividades, as dificuldades individuais ficaram mais nítidas, já que os grupos eram menores e todos sabiam que deveriam participar da atividade. As dúvidas eram resolvidas dentro dos grupos por colegas mediados por mim.	Atividades desenvolvidas pelo estagiário Mudança na ordem das atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário	

Nº	ATAS T-E	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
7.	Nesta reunião, eu e o professor Cícero discutimos sobre a boa aceitação dos alunos a atividade experimental envolvendo a Lei de Ampère. Demonstrei minha satisfação com o fato da atividade experimental ter atingido seus objetivos.	Gestão de classe	
8.	Nesta reunião, eu e o professor Cícero discutimos sobre a dificuldade que encontrei em aplicar a avaliação bimestral aos alunos, e discutimos sobre o fato de alguns alunos desenvolverem com mais facilidade as atividades propostas, enquanto outros encontram grande dificuldade.		Dificuldade em aplicar avaliação e mensurar o grau de aprendizagem dos alunos
9.	Nesta reunião, o professor Cícero sugeriu que para trabalhar indução eletromagnética, eu uso um pequeno motor elétrico acoplado com uma correia ao moncal (???) de uma furadeira. Desta forma, quando acionamos, a furadeira, o eixo do motor entra em rotação, podendo-se mostrar com um multimetro (???) ou um led (???) preso aos pólos do motor, a ação do tem induzido. O professor emprestou-me também uma bobina e imãs.	metodologia	
10.	Nesta reunião, o professor Cícero apresentou-me um material bibliográfico da SBF, o qual apresenta algumas alternativas de atividades para serem implementadas em sala de aula, bem como reflexões sobre possíveis dificuldades encontradas pelos alunos.	Sugestão do tutor de material didático a ser utilizado pelo estagiário Reflexões sobre Dificuldade encontradas pelos alunos	
11.	Nesta reunião eu e o professor Cícero discutimos sobre qual a melhor forma para trabalharmos óptica geométrica restando poucas aulas para o término de ano letivo.	metodologia	

**Tabulação das Reuniões Gerais do GT
Ensino de Física 04**

Nº	REUNIÃO GERAL	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
1.A ¹	<ul style="list-style-type: none"> - desenvolvimento das atividades: de acordo com o módulo didático utilizado, problemas na implantação do experimento da pilha de limão, as outras atividades propostas foram implantadas sem problemas, mas o estagiário e o tutor optaram por fazer algumas alterações na ordem das atividades – alteração da programação; - indicadores de aprendizagem: os alunos demonstram e estar interessados nas atividades e na forma como o estagiário conduz a aula, houve progresso na aprendizagem; - trabalho de tutoria: reuniões semanais para discussão, elaboração dos planejamentos das aulas e avaliação das mesmas; - participação do estagiário nas atividades da escola: o estagiário não foi convidado a participar de reuniões e outras atividades da escola – norma da escola – só efetivos participam; - gestão de classe: não foi mencionado grandes problemas; 	Definição da pauta de discussão	
1.B ²	(M) Aqui tem várias referências que nem eu saberia explicar a eles se caso eles: _ Quem é esse cara? Infelizmente eu não tenho conhecimento. E ai eu achei que não seria interessante quem sabe, par uma leitura posterior em casa assim.		Insegurança em relação ao uso de materiais previstos no planejamento (nomes de autores desconhecidos) Sugestão do orientador no sentido de como resolver o problema

¹ Ata feita a mão durante à reunião

² Transcrição da Reunião Audiogravada

Nº	REUNIÃO GERAL	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
	<p>(C) Por que o que que aconteceu? Ele constatou que não tava conseguindo fazer com que os alunos. se envolvessem com a aula né.</p> <p>(M) Por que eu não consegui, eu não consegui me organizar de forma a fazer uma coisa que eu achasse certo, porque pra mim, hã, até as primeiras aulas experimentais pra mim eu tava meio assustado, eu não sabia se eu ia conseguir fazer a aula funcionar,... Ai a alternativa que eu não sei se foi a mais correta, mas a que eu achei no momento, foi de estipular que dentro do grupo deveria ter alguém responsável pela organização do grupo,</p>		Insegurança em relação à implementação de planejamento, em relação à condução de atividades durante a realização da aula Estagiário experimentou nova alternativa durante a aula
	<p>E: A questão da aprendizagem, vocês chegaram a discutir alguma coisa mais específica da aprendizagem propriamente dos alunos? Que tenha alguma, alguma colocação?</p> <p>(M) Acho que a gente falou mais da questão dos resultados, porque a gente fez o, a gente fez algumas avaliações e teve a prova bimestral, e eai a gente só passou pela segunda prova bimestral, a primeira foi o professor que aplicou sozinho.</p>	Avaliação: resultado das avaliações feitas com os alunos	
	<p>(C) Agora ta acontecendo planejamento estratégico na escola, mas o que que, critério da escola né, é só os efetivos.</p> <p>(C) É uma coisa até questionável, porque só os efetivos? Queira ou não queira ele ta ali participando, ta vivendo a história né.</p> <p>(E) T acerto. Bom, sobre gestão da classe de maneira geral, vocês teriam algum comentário? Vocês chegaram a discutir algum, alguma dessas demandadas ai que foi ponto de pauta?</p>	Descontentamento do tutor em relação ao fato de que apenas professores efetivos participam de reuniões na escola	
	<p>E: Bom e por fim assim, essa própria, interação entre vocês, vocês tem alguma avaliação do próprio trabalho me conjunto ai, dificuldades avanços?</p> <p>(C) Aceitar, não vai, não vai abrir espaço pra estágio. É inconcebível isso ai né, na minha maneira de pensar não. Ai como é que depois: _ há, eu sou aluno da graduação dentro da Universidade Federal de Santa Maria mas não posso fazer um estágio dentro da própria universidade né. Então não teria.</p>	Avaliação negativa do tutor em relação à falta de espaço para EC nas escolas de ensino médio da própria UFSM	

Nº	REUNIÃO GERAL	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
	<p>(C) E uma situação assim ó, até eu defendo e defendi e sempre defendo ali com eles, é mais fácil a gente pegar um estagiário aqui na nossa escola que a gente ta dentro da universidade, surgiu um problema é mais fácil eu vim aqui no departamento conversar né</p> <p>(C) A, um dos critério já que a gente já abriu ali, agora começamos a trabalhar, eu acho assim ó, e vai ser a tendência, professore de português mesmo disse que não aceitava de jeito nenhum estagiário, agora já ela vai aceitar né.</p> <p>(C) Utilizando esse modelo que nós trabalhamos ali.</p> <p>(C) Aqui com vocês né, é mais ou menos essa idéia que ela vai concordar. E, ai o que que nós falamos? Derrepente não colocar estagiários todos no terceiro, ou no segundo, ou no primeiro, mais ou menos dividir, olha uma turma já tem dois estagiários, não seria interessante colocar quantos né. Fazer uma divisão mais ou menos né.</p>	Entretanto o trabalho de tutoria está motivando outros professores a recebem estagiários	
	<p>(E) Sim pois é, e sabe que lá a questão do estágio não é uma coisa assim de, digamos assim, de, de, de só, só uma, uma preocupação do campo da do formação, é do campo do estágio, ai se ta falando por exemplo de ter um plano de recepção e de oferta de vagas pra estagiário, as pessoas sabem porque nas empresas é assim.</p> <p>(C) Mas eu acho que tem o caminho.</p>	<p>Necessidade de um plano de recepção de estagiários nas escolas campo de estágio com número de vagas pré-definidas</p> <p>Tutoria como um caminho para isso</p>	
2.A	<ul style="list-style-type: none"> - planejamento das aulas: troca de informações entre o tutor e o estagiário; dificuldade em planejá-las devido a problemas da escola, como horário, semana de provas e acontecimentos inesperados (como o roubo que aconteceu na escola); - acompanhamento das aulas pelo tutor: o tutor acompanha as atividades do estagiário, esta em sala de aula quando acha necessário, orientado e ajudando no que é necessário; - avaliação do aluno: o estagiário elabora o instrumento de avaliação e mostra para o tutor, depois conversam sobre as notas dos alunos e a necessidade de recuperá-las; 	Definição dos pontos da pauta de discussão	

Nº	REUNIÃO GERAL	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
2.B	<p>(E) Sobre o acompanhamento, mecanismos, rotinas adotadas para acompanhamento. Vocês conversaram sobre isso?</p> <p>C: eu e o Márcio o seguinte, agora mais específico nesse momento, nós temos discutido a questão do planejamento das aulas, por quê? Porque ta chegando o final do, do semestre, e tem um, tem um, é, um problema até bastante sério é semanas de provas onde o Márcio não vai ter aula. Né, então nós conversamos, rediscutimos, como é que ele vai fazer, e o acompanhamento das aulas de que maneira. Olha pra ele tentar recuperar aquela aula ali, ele vai usar que técnica? Que maneira de aula ele vai fazer agora pra tentar? Né.</p> <p>(E) Avaliação dos alunos vocês têm conversado alguma coisa? Nesse período?</p> <p>C: , ele, ele, vai, vai, utilizar um instrumento de avaliação, geralmente mostra, nós conversamos, olha.</p>	<p>Replanejamento das aulas em função de outras atividades não previstas no calendário da escola</p> <p>Instrumentos de avaliação utilizados pelo estagiário</p> <p>Notas dos alunos depois da utilização do instrumento de avaliação</p>	
	<p>(C) Ai após isso, ele traz, a gente olha as notas olha, olha, foi isso, não foi. Né. Até a escola tem um sistema de reavaliação né. Após isso tem a reavaliação, então olha. Né. Pr t i ter uma idéia de como é que é.</p>		
	<p>(E) Sobre essa coisa do acompanhamento das aulas né, como é que vocês procederam, pra fazer, como eu disse algumas vezes pra você antes, na sala ou discutindo só durante a reunião semanal, como é que é?</p> <p>(C) De inicio algumas vezes com o Márcio em sala de aula, depois o Márcio em sala e eu na, na minha sala né. No mesmo momento ali, mas ele pode estar dando aula e tal. Cada vez que ele sai da aula a gente sempre conversa comenta. Ele relata mais ou menos o que foi bom, não foi bom, a gente faz um comentário, ao Lau, e nas reuniões a gente tenta escrever. É isso mais ou menos o procedimento.</p> <p>C: Até eu, particularmente não, não, não sou muito assim ó, de ter que ir assistir todas as aulas do Márcio. Acho assim pó, que no momento que a gente vê que a pessoa ta com condições, né, acompanha, mas não, não presencial, não fica ali.</p>	<p>Considerações sobre o acompanhamento das aulas: tutor não considera necessário assistir às aulas do estagiário em função de que o mesmo demonstra condições de trabalhar sozinho</p>	

Nº	REUNIÃO GERAL	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
	<p>(E) Ta, então vou colocar assim: Não houve observação direta das aulas do estagiário pelo professor é isso?Nesse período que nós tamo falando aqui.</p> <p>(C) Agora não.</p> <p>(C) Uma questão assim ó, isso nós já comentamos eu e o Márcio. Geralmente, vamos supor, sexta feira, ele trabalhou com a turma conversamos, e ele já: _ Olha Cícero, segunda vou fazer tal atividade, vou começar dessa maneira. Geralmente a gente tem feito isso né. Uma aula, um período antes da aula a gente sempre conversa, mais ou menos ele me passa o que vai trabalhar.</p>	<p>Reuniões entre tutor e estagiário acontecem de maneira informal: discutem aspectos relativos aos planejamentos a serem implementados pelo estagiário um pouco antes da aula do mesmo</p>	
3.A	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação dos alunos (exigências da escola): a escola regra no mínimo dois instrumentos de avaliação, sendo que um é a prova, com semana de prova e bimestral; - Avaliação dos alunos realizada pelo estagiário: atividades experimentais, trabalhos e prova; - uso dos espaços escolares: laboratório de informática, mas o estagiário acabou não usando; - gestão de classe: a partir do planejamento da aula o estagiário procura trabalhar; - relação dos alunos com o estagiário: a turma do 3º ano tem liberdade na escola, criou-se um clima favorável dentro da sala de aula com atividades mais descontraídas, o estagiário preocupou-se em fazer todos os alunos participarem das atividades em sala de aula; - dilemas e desafios: dificuldade no planejamento e replanejamento de aulas 	<p>Definição dos pontos da pauta de discussão</p>	
3.B	<p>(E) Como a gente não conversou muito ainda sobre isso, podemos falar geral, a idéia é isso aqui, os quesitos que vocês atingem, os mecanismos que vocês tem usado né, que condicionantes a escola tem, entendeu, até começar por ai, o que vocês acham? Qual é o esquema da escola? Tem algum esquema que a escola propõe e fixa? Então, qual que é?</p> <p>(C) Na realidade no planejamento da escola, professor, tem assim ó no mínimo dois instrumentos de avaliação.</p>	<p>Avaliação: exigência de instrumentos por parte da escola</p>	

Nº	REUNIÃO GERAL	QUESTÕES DE PESQUISA	
		Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?
	(M) eu também tive um problema bem grande, em tentar juntar uma coisa com outra, porque, no resultado final eu tenho que ir atribuindo valor, querendo ou não eu tenho que fazer isso. Então, as vezes tu analisa, tu tem que ver qual é que tu vai analisar pra, pra, saber se a atividade obteve sucesso, ou não, em desenvolver aquela atividade. Ai o que seria obter sucesso com aquela atividade? Seria aprendizado final, porque aquilo seria só um instrumento.		Dificuldade em avaliar a aprendizagem dos alunos
	(M) Os alunos, eles é, é uma turma de terceiro ano, eles tem liberdade total na escola, então eles se sentem, hã, eles praticamente chamam os professores pelo nome, e eles entram nas salas conversam. Existe uma grande interação netre os professores, então as informações fluem bem rápido ali, qualquer broblema que der sempre vai chegar nos ouvidos de todo mundo.	Gestão de classe: comportamento dos alunos	
	(M) O tempo que é, parece ser o mais serio ali, porque tu prevê desenvolver um certo grupo de atividades, tu vai encontrar um problema, tu vai ter que rever depois, tu vai descolorir que mesmo assim tu vai, surgem outras, outras coisas que não estavam prevista em calendário e que apareceram momentaneamente, há vai ter tal prova, foi decidido tal isso, não sei o que o lá; e ai quando ver tu já perde outras aulas e no final das contas tu tem que replanejar o que já tinha sido planejado e (...) tenta desenvolver uma atividade sobre uma parte e dizer: ó infelizmente não tem como trabalhar essa outra parte e pronto. Ai o professor até sugeriu, não então trabalha bem uma parte.		Modificações no calendário da escola impedem a implementação de todos os planejamentos

**Tabulação dos Pareceres do Estagiário do GT
Ensino de Física 04**

Nº	PARECERES	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
1.	Qualifico positivamente o trabalho desenvolvido pelos prof. Cícero na posição de orientador na escola, pois além de transmitir tranquilidade e segurança nos momentos de dificuldade, mantém-se sempre disponível para dialogarmos sobre as dificuldades encontrados em sala de aula. Até o momento encontramos algumas dificuldades em nosso trabalho, como a dispersão tida como “natural” por muitos nas aulas de física. Onde pequena carga horária disponível para desenvolvermos atividades (duas horas aulas semanais). Sobre o primeiro ponto, discutimos várias vezes e concordamos que mais atividades experimentais são essenciais para tornarmos a disciplina mais próxima do mundo real, na visão do aluno. Sobre o segundo ponto, conseguimos a partir do dia 25 de agosto mais uma aula semanal de física (sexta-feira), o qual será de grande importância no desenvolvimento de nossas atividades.	Transmitem segurança e tranquilidade nos momentos de dificuldade Estão disponíveis para um diálogo permanente	Dispersão comumente apresentada pelos alunos na sala de aula Carga horária da disciplina insuficiente para o desenvolvimento de todas as atividades programadas Discussão entre tutor e estagiário sobre a possibilidade de se fazer mais aulas em que sejam desenvolvidas atividades, as quais prendem mais a atenção dos alunos	
2.	Avalio positivamente o acompanhamento que recebo do professor tutor no desenvolvimento do estágio. O professor, sempre que possível, opina, sugere modificações nas atividades que proponho. Bem como, baseado em sua experiência, sugere novas atividades. Em nossas discussões, compreendo cada vez mais a realidade escolar e adquiero uma postura mais profissional.	Como possui experiência em regência de classe, o tutor sugere modificações nas atividades o que contribui decisiva e positivamente com o desenvolvimento das atividades do estagiário em sala de aula		Compreensão maior da realidade escolar Aquisição de postura profissional

Nº	PARECERES	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
3.	<p>Planejamento das aulas: dificuldade de implementação devido ao pouco tempo para dar aulas. O planejamento inteiro com uma proposta minha, uma discussão com o professor sobre a proposta e a incorporação de sugestões ou supressões;</p> <p>Avaliação dos alunos: os mecanismos são trabalhas, provas. Os resultados são sempre discutidos como o professor Cícero.</p> <p>Gestão de classe: aulas expositivas com experimentos;</p> <p>Participação do estagiário nas atividades da escola: participei sempre que requisitado como banca em avaliações;</p> <p>Desafios/dilemas: o grande problema encontrado foi o tempo para o desenvolvimento das atividades, e a alternativa encontrada foi o constante replanejamento das atividades para adequá-las. Outro problema é elaborar atividades que estimule quem já pensa estarem em férias;</p> <p>Participação do tutor no estágio: qualifico positivamente o trabalho desenvolvido pelo prof Cícero no GT, pois está sempre disponível a discussão e sugestões frente as atividades e dificuldades, imprevistos;</p> <p>Participação do orientador no estágio: qualifico positivamente o trabalho do professor Eduardo no GT, pois além de organizar e qualificar o estágio supervisionado está sempre pronto e disposto ao auxilio do estagiário com suporte material e teórico;</p>	<p>Professor tutor sempre disponível para discussão e sugestão frente às dificuldades e imprevistos ocorridos no desenvolvimento das atividades do estagiário</p>	<p>Dificuldades na implementação dos planejamentos em função do curto tempo destinado à disciplina Elaboração de atividades que estimulem uma participação mais efetiva e significativa os alunos em sala de aula</p> <p>Solução: replanejamentos constantes entre o tutor e o estagiário</p>	

Nº	PARECERES	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>Processo/trabalho de tutoria: o trabalho desenvolvido entre eu e o prof Cícero resultou em reconhecimento por parte dos alunos que se reportaram a mim. Qualifico positivamente o trabalho. A presença do professor Eduardo no GT qualificou o estágio supervisionado pela organização e suporte fornecido para o pleno desenvolvimento das atividades didáticas. Tenho certeza de que se estivesse começando meu estágio agora, com mais experiência, utilizaria mais recursos pedagógicos que foram resultado de observações da experiência do prof Cícero e de minhas observações em sala de aula. As dificuldades maiores encontram-se no tempo para implementar, mas os planejamentos, a alternativa e replanejá-los sempre.</p>	<p>Experiência do tutor gera reflexões no desenvolvimento das atividades do estagiário, o qual avalia que poderia ter feito algumas atividades parecidas como as do tutor</p>		<p>Reconhecimento positivo por parte dos alunos em relação ao trabalho conjunto realizado pelo tutor e pelo estagiário Presença do orientador qualificou o EC, o qual desenvolveu-se de forma organizada Orientador deu suporte para o pleno desenvolvimento das atividades do estagiário</p>

**Tabulação dos Pareceres do Tutor do GT
Ensino de Física 04**

Nº	PARECERES	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
1.	Ao participar das atividades a serem desenvolvidas; reuniões semanais entre tutor e estagiário, as reuniões do grupo de trabalho, isto vem a contribuir para que o estagiário se sinta entrosado no ambiente escolar, tornando possível a convivência com problemas do dia a dia de uma escola e como solucioná-los, é o momento de trocas de experiências e comentários de maneiras diferentes de abordagens de novos temas. O ponto positivo é a boa preparação do estagiário que é um fator muito importante na realização do estágio. Um ponto negativo é a não aceitação de estagiários por parte de alguns colegas em função de horários e de experiências anteriores com problemas de falta de acompanhamento dos estagiários. A solução é que o estagiário tenha acompanhamento pelo professor da instituição, reuniões com o professor orientador, horário pré-estabelecidos e discutido com os professores e estagiários com disponibilidade de horários mais flexíveis.		não aceitação de estagiários por parte de alguns colegas em função de horários e de experiências anteriores com problemas de falta de acompanhamento por parte do orientador	Possibilidade de inserção do estagiário no campo escolar Contato com os problemas do cotidiano de uma escola e com as possíveis formas de resolvê-los Possibilidade de troca de experiências em relação ao uso de novas metodologias de ensino Possibilidade de solução para os problemas em relação a não aceitação de estagiários nas escolas

Nº	PARECERES	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
2.	<p>Planejamento das aulas: conteúdos relevantes que deveriam ser trabalhados e tempo disponível. Houve replanejamento devido a indisponibilidade de algumas aulas em função de atividades extras;</p> <p>Avaliação dos alunos pelo estagiários: realizou atividades superiores ao planejamento mínimo da escola. Sempre aconteceu elaboração conjunta da concepção e correção dos instrumentos avaliativos;</p> <p>Gestão de classe: aulas elaboradas após reuniões entre estagiário e tutor, divididas entre aulas expositivas e experimentais;</p> <p>Participação do estagiário nas atividades da escola: participação integral nas atividades;</p> <p>Desafios/dilemas: conciliar conteúdo a ser cumprido e carga horária disponível. Replanejamento das atividades;</p> <p>Desenvolvimento geral do estagiário: estagiário sempre disponível a melhorar as atividades e acompanhar os resultados;</p> <p>Participação do orientador no estágio: orientador sempre cobrando sugestões e tomadas de decisão pelo estagiário e como solucioná-las;</p>	<p>Avaliação positiva no que diz respeito à participação integral do estagiário nas atividades da escola e à elaboração conjunta dos planejamentos, replanejamentos e instrumentos avaliativos</p> <p>Disponibilidade do estagiário para aprimorar seu trabalho ao longo do desenvolvimento do estágio</p>		<p>Mecanismo que proporciona um espaço para discussão das aulas dadas e a serem dadas pelo estagiário e para buscar a solução dos problemas enfrentados</p> <p>Possibilidade para o desenvolvimento satisfatório do estágio no que diz respeito à escola: estagiário acompanhou todo o processo escolar da turma (conselho de classe, elaboração de avaliações, resultados das avaliações, planejamento de aula, replanejamento em função de mudança de calendário da escola ou para estimular os alunos, etc)</p>

Nº	PARECERES	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>Participação do tutor no estágio: reuniões diárias sempre após as aulas e descrição para realização das próximas aulas e soluções para problemas enfrentados;</p> <p>Contribuição efetiva da tutoria: sempre houve discussão sobre planejamento, discussão de resultados, modificações no próprio planejamento;</p> <p>Processo/trabalho de tutoria: trabalho foi desenvolvido de forma satisfatória em níveis de escola e departamento, Ter definições de horários e estagiário no início de cada ano letivo da escola, estagiário que tenha disponibilidade de acompanhar o trabalho durante um ano letivo na escola.</p>			

**Tabulação da Entrevista do Tutor do GT
Ensino de Física 04**

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
1.	<p>C: Trabalhando no Estado de Santa Catarina eu já tinha trabalhado com estagiários, não nesse sistema de tutoria.</p> <p>C. Era um sistema um pouco diferente, porque a gente recebia o estagiário, ficava todo o período de estágio muitas vezes sem o contato com o professor orientador.</p> <p>Ele chegava na escola, trabalhava um semestre ou um ano, as vezes, com a gente, com pouco contato com a universidade.</p> <p>Existia uma certa rejeição por estagiários aqui na escola, então era um desafio grande, né? a escola encontrava, achava que os estagiários, muitas vezes, não vazia um bom trabalho e coisa e tal, né? Então isso aí foi uma das coisas que deixou numa certa expectativa. Que maneira sairia esse trabalho? Que preparação do Márcio? Ou de outro estagiário, não específico, né? Isso foi uma coisa que colaborou bastante.</p>		<p>Rejeição de colegas em receber estagiários</p> <p>Insegurança em relação à preparação dos estagiários e ao desenvolvimento do estágio, à condução das atividades escolares</p>	<p>Proporciona o contato da escola com a universidade e garante o acompanhamento do orientador</p>

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>Nesse modelo que trabalhamos com tutoria, né? Até uma situação assim, ó, pra gente mesmo, fica uma certa cobrança, né? De preparar os relatórios. A gente conseguiu trabalhar aqui, a cada semana a gente fechava o relatório, né? Conseguimos até o final fazer isso, então saiu um procedimento bem melhor do que eu esperava, né?</p> <p>C. E participando desse grupo de tutoria a gente tinha um contato maior com o professor Eduardo, com o próprio Márcio, né? E foi uma das maneiras que a gente trabalhou aqui na escola, também, mostrando que era possível trabalhar com estagiário, né? E que o estagiário não simplesmente não chegava e ficava solto na escola, né? Como o pessoal tinha esse receio.</p>		<p>Medo de que o estagiário fique sem o acompanhamento do orientador, isto é, fique “solto” na escola</p>	<p>Superou as expectativa e as inseguranças do tutor em relação a estagiários</p> <p>Permitiu o engajamento/acompanhamento do tutor no desenvolvimento do estágio e a possibilidade de interação não só com o estagiário, como também com orientador</p> <p>Permitiu mostrar aos demais colegas que é possível fazer um bom trabalho com estagiários</p>

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>C. Inicialmente é uma questão assim, eu achei que seriam mais coisas pra fazer, né? Envolveria tempo, mas ao mesmo tempo que a gente tá recebendo um estagiário ele tem toda uma expectativa, também, em função de uma escola, como é que funciona. Me coloquei disposição do professor Eduardo e do Márcio de participar, de ir, né? Fazer mais uma experiência.</p> <p>C. E vi assim, como positivo, né? A questão de a gente estar sempre discutindo os sistemas de avaliação, a maneira, o procedimento que ele adotaria em sala de aula, né? Nos grupos e nas discussões dentro do grupo de tutoria o Professor Eduardo sempre, de alguma maneira, questionando, né? E fazendo com que a gente procurasse ter soluções positivas</p>			<p>Novas experiências para o tutor Espaço para discussão dos sistemas de avaliação, da maneira, do procedimento que o estagiário adotaria em sala de aula Possibilidade de interação e troca de experiência e/ou aprendizagem com o orientador na medida em que o mesmo questionava sobre os problemas, tentava fazer com que todos buscassem soluções para os problemas enfrentados</p>

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>C. Tu sabes que se desse pra dizer assim, dificuldades mais no sentido da gente encaixar os horários... Mas a gente tem outras atividades, então muitas vezes a gente não conseguiu fazer a contento o que gostaria,</p> <p>Um trabalho inicial, porque a gente não tava acostumado a trabalhar nesse sistema, né? Mas os primeiros encontros, as reuniões, né? As primeiras atas, dali em diante se torna um hábito, né? Vai pegando um hábito, vai fazendo, né? Não deixamos nada pra fazer só no final. Lá no final tentar fazer, né? Que é aí que se perde as informações, né? Que a gente acha que depois vai lembrar e não lembra mais, então o sistema que adotamos foi de fazer semanalmente, não teve grandes problemas e o que a gente pensava que ia envolver muito tempo foi mais inicial</p>		<p>Falta de horário disponível para a realização de reuniões e acompanhamento junto ao estagiário</p>	<p>O regramento e a estrutura das reuniões permitiu o registro dos acontecimentos logo que eles ocorreram, isto é, não houve perda de informações como normalmente ocorre quando se deixa para registrar os acontecimentos apenas no final do estágio</p>

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>C. Eu acho que aprendi com o Márcio, né? Trocamos experiências. Eu mais no sentido de já ter bastante tempo em sala de aula, né? Bastante vivência com os alunos e o Márcio tava começando, né? Nessa profissão, então nisso a gente transmite um pouco de tranqüilidade pra ele, né? As vezes algumas ansiedades, alguns..., não digo medo, mas receios que ele tinha, a gente já com mais tempo terminava contornando a situação, mostrando que pode ser diferente, né? E, ao mesmo tempo, aprendi bastante, porque aquela questão inicial, né? O despertar para uma nova profissão, o gosto pelo magistério. Isso, muitas vezes, o estagiário tem forte, né? Ele vem com isso bem forte. E o Márcio realmente tava com isso aí bem...</p>	<p>O interesse dos estagiários pelo magistério e a excitação deles com o início da profissão motivam também os professores mais experientes</p>		

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>que se toda vez que o estagiário viesse numa escola pra tentar um estágio, ele fizesse uma proposta como essa de tutoria. A situação seria bem diferente em relação ao preconceito que o pessoal tem com o estagiário, né? Porque muitas vezes é assim ó, a gente tem uns anos já de magistério e acha que o estagiário não vai fazer um bom trabalho e não sei o que. Só que quem pensa assim tá esquecendo que um dia foi um estagiário, um dia teve um início, então é umas das situações que eu normalmente quando posso, eu recebo estagiário. Até as vezes meio contrário que as escolas pensam, porque se ninguém receber estagiário, não vai ter como fazer, né?</p>		<p>Preocupação de que o estagiário não vai fazer um trabalho tão bom quanto o de um professor experiente</p>	<p>Solução para o preconceito que alguns professores têm em receber estagiários Solução para a insegurança em relação ao desempenho do estagiário em sala de aula</p>

**Tabulação da Entrevista do Estagiário do GT
Ensino de Física 04**

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
1.	<p>M. Não, eu acho que foi... Se manteve... A gente até criou alguns laços de amizade, tudo... Ele agia sempre bem receptivo à proposta e eu sempre via ele como uma pessoa com mais experiência, então foi bem interessante, eu tive um bom acréscimo... Bom, eu sou uma pessoa bem tímida, então na primeira aula eu cheguei pronto pra desenvolver uma técnica e no início, quando eu tentei fazer uma problematização eu já vi uma certa resistência, porque eles não tinham uma... Não era um método que eles estavam acostumados e aí eu já me perdi todo, porque eu tinha preparado, eu tinha uma estratégia, eu não tinha um plano “B”,</p> <p>Aí, eu já preparado pra próxima aula, já fui com... Já tinha assim, na minha cabeça como é que eu ia fazer se não desse certo, já tinha um plano “B” pronto. E com o tempo eu fui evoluindo, amadurecendo essa parte de falar com mais de duas pessoas na frente</p> <p>E eu ia discutindo com o professor Cícero e ele ia me passando a experiência dele: “Ó, quando acontecer tal coisa, eu acho interessante que tu faça dessa forma, porque eu faço e tudo o mais”. E também a gente discutia bastante em relação às aulas, assim: “Ah, eu fiz tal coisa, deu muito mais certo do que se eu tivesse feito tal coisa”.</p> <p>Eu tenho colegas que têm professor que vai na sala de</p>	<p>Receptividade e experiência do professor tutor</p> <p>Sugestões do tutor de como conduzir determinadas situações em sala de aula</p>	<p>Timidez</p> <p>Resistência dos alunos à metodologia do estagiário</p> <p>Falta de experiência em conduzir situações inesperadas na sala de aula, como a reprovação dos alunos em relação à metodologia</p> <p>Tutor: fez sugestões de como agir nessas situações</p>	

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>aula, fica constrangendo ele lá, interrompem ele no período de aula, corrige o aluno, interferem diretamente, usam um método bem invasivo. Outros professores que não dão simplesmente a mínima, tu tá totalmente solto, tu pode fazer o que tu quiser. E depois... Por que tem alguns professores que têm a visão de que o estágio, ele é... O aluno na escola depois ele me trás a informação e eu faço, eu formalizo aquilo e ele e ele vai tá apto, por quê? Por que ele, simplesmente ele tá num ambiente escolar, ele vai se tornar um professor. Aí outra visão que eu também não concordo. Eu achei bem interessante, porque tem uma proximidade muito grande do professor do ensino superior com o professor do ensino médio, de forma que na escola não tem como o professor, o professor Eduardo, por exemplo, tá em todas as escolas nos horários de aula lá, pra supervisionar se os alunos tão fazendo isso ou aquilo. Quem vai estar muito próximo do aluno é o professor do ensino médio, então ele tem que ter um canal direto com esse professor, ele tem que conversar de forma que o professor do ensino médio não vai... A ponte não vai ser o aluno, o aluno diz o que quer para o professor aqui da universidade. “Ah, tá acontecendo assim”, Para o do ensino médio “Ah, a coisa acontece dessa forma, não precisa tudo isso”. E aí tu tem uma visão mais próxima do que realmente tá ocorrendo na escola, se não vira uma fantasia.</p> <p>M. A primeira coisa, assim, eu me assustei, não, eu sabia... Eu sabia que era racional, que era a melhor forma de</p>			<p>Permite a aproximação do orientador com o tutor Não caracteriza o estágio como um processo invasivo em que o orientador desempenha o papel de fiscalizador do estagiário, assistindo às suas aulas no fundo da sala Evita constrangimentos para o estagiários, na medida em que as questões relativas ao desenvolvimento das aulas são discutidas em um momento destinado a isso Em função da dinâmica de funcionamento, permite ao orientador acompanhar e ter conhecimento sobre os estágios de todos os seus orientandos, dado que em muitas ocasiões as turmas de estágio são grandes Proporciona o contato direto do tutor com o orientador, isto é, não como os estagiários forjarem informações sobre seus estágios, como ocorre em alguns casos</p>

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>ocorrer, mas eu tava assustado, porque eu pensei... A primeira coisa que me assustava não era fazer ou desenvolver, fazer os relatórios e fazer a papelada toda. Me assustou que eu teria que dar aula realmente, era o início, mas eu sabia que disso eu não ia fugir. Aí depois quando eu já tava me acostumando com a idéia, o que me assustava era a presença do professor no fundo da sala de aula</p> <p>: “Qual é a sensação... De além de eu ter que ultrapassar a barreira de falar para um grande grupo, ter um policial no fundo”. Porque eu via o professor como um policial, nada, além disso. Eu não conseguia enxergar a presença de um professor ali como algo benéfico, alguma coisa que ia me ajudar. Eu via como um policial, aonde ele ia estar com uma caneta na mão pronto pra registrar qualquer falha que eu tivesse pra que depois ele me repreendesse</p> <p>Aí eu conversei com o professor Cícero até sobre isso. Aí a gente conversou e chegou à conclusão d que não precisava ele estar sempre no fundo... E ele nem precisava ficar no fundo, ele tando presente em alguma atividade, ou ele tendo uma... Ele tinha que ter uma noção do que tava ocorrendo na sala de aula. Eu convidei ele várias vezes pra participar de atividades, aí quando ele podia, ele dava uma olhada, mas ele mais deu uma olhadas, assim. Falar sério, assim. Ele não ficou presente até o final, mas ele tava sempre disponível, ele não pegou outra tarefa pra aquele período. Ele tava sempre disponível na sala. Inclusive a gente tinha uma dinâmica de trabalho de, até pra não</p>		<p>Ter que falar em público “dar aula” pela primeira vez medo da presença de um professor no fundo da sala dar aula e ao mesmo tempo ser avaliado por alguém</p>	

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>perder o... A linha terminava a aula, a gente tinha uma reunião, aí a gente discutia, porque já tava...</p> <p>Houve uma evolução e no final eu vi que aquela parte era a parte mais tranqüila do estágio, dar aula era a parte mais interessante, mais tranqüila. Aí eu comecei a achar a parte mais chata a papelada. Eu comecei a me irritar com tanto papel que eu tinha que preencher, mas era necessário.</p> <p>Ah, talvez a visão pessoal que ele tenha do estagiário, do que é ser... De como é um bom trabalho de estágio, como deve ser um trabalho de estágio, talvez ele tenha... Eu acredito que ele tenha uma visão, assim, de quando ele foi estagiário, que eu, particularmente, acredito que seja alguma coisa assim bem diferente do que é agora.</p> <p>M. Também. Ah, outra coisa, muito importante, a mecânica da escola, de como a coisa funciona, porque ra ele, ele era o meu intermédio ali. E eu conversava com os outros professores, toma cafezinho, comia bolacha, tudo, aquela coisa assim, mas quem me passava as informações mais formais, também, “Ah, tu deve entregar tal documento em tal período, esse aqui é o calendário, não esquece de tal coisa, tem reunião disso onde geralmente se discute tal coisa, traz tais informações”. Isso tudo, também essa parte formal da escola era ele que trazia pra mim.</p> <p>M. E o interessante, uma coisa que não dá pra deixar de dizer, ele dava tanto abertura pra mim discutir, e eu era tratado como um professor na escola. Eu não era tratado, “Ah, o Márcio é o estagiário”, não eu era respeitado como qualquer outro professor.</p> <p>M. Ah, no conselho de classe, a opinião do... Por que</p>	<p>Professor não participou de todas as atividades para as quais o estagiários o convidou</p> <p>Estava sempre disponível, isto é, não assumiu outro compromisso no horário em que o estagiário dava aula</p> <p>Professor tutor era o intermediário entre o estagiário e a escola; tutor explicava a dinâmica de funcionamento da escola para o estagiário</p>		<p>Muito trabalho em relação ao preenchimento dos instrumentos propostos</p> <p>A tutoria mudou a visão do tutor em relação ao trabalho com estagiários</p>

Nº	ENTREVISTA	QUESTÕES DE PESQUISA		
		Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?	Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?	Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?
	<p>depois a gente leva as avaliações e aí tem que se discutir caso a caso dos casos problemáticos. E as vezes... E também a discussão... Eu também opino no momento que há discussão, por exemplo, fulano teve problema</p> <p>As disciplinas de estágio, elas merecem mais respeito, então a gente vai tentar oferecer um espaço melhor, alguma coisa pra que o aluno possa desenvolver”, porque as vezes “Ah, vamos marcar o horário do curso de física”, tá, mas é um horário virtual, puxa pra sábado, então. Então vamos colocar mais uma cadeira de não sei o que lá, três naquele horário. E não se pensa que tem que ter um tempo, também, para o estágio. E é um tempo bem grande, são várias coisas, assim, que parecem pequenas, mas elas são fundamentais no desenvolvimento do trabalho, parece que é bobagem, mas isso vai ter um reflexo bem grande lá, porque se tu não tiver tempo pra fazer o material ou se tu tiver, por exemplo, o material tem que ser feito em tal lugar, tal horário, com tal pessoa, no final tu faz uma coisa meio corrida e não vai ter a qualidade que poderia ter, aí ele vira uma réplica, no final das contas.</p>	<p>discussões constantes entre o tutor e o estagiário fizeram com o estagiário fosse reconhecido como professor</p> <p>Tutor deixou que o estagiário falasse sobre a turma no conselho de classe</p>	<p>Falta de consideração e respeito das coordenações dos cursos de licenciatura com as disciplinas de estágio alocados do Departamento de Ensino do CE</p> <p>Falta de espaço na grade dos cursos tanto para a preparação quanto para o desenvolvimento das atividades de EC</p> <p>Horário de EC alocado aos sábados e restante da grade destinado a outras disciplinas específicas do curso</p>	

APÊNDICE 17

**Tabulação dos Dados dos Instrumentos de Pesquisa
conforme as Questões a que se Destinaram**

Tabulação dos dados dos instrumentos conforme as questões a que se destinaram GTDACEC Ensino de Física e de Matemática

Instrumentos	QUESTÃO 1
	Que aspectos são característicos nas avaliações dos professores de Educação Básica sobre o trabalho desenvolvido por alunos de Licenciatura em situação de Estágio Curricular num regime de tutoria?
Parecer do tutor	<p>Avaliação positiva no que diz respeito à participação integral do estagiário nas atividades da escola e à elaboração conjunta dos planejamentos, replanejamentos e instrumentos avaliativos</p> <p>Disponibilidade do estagiário par aprimorar seu trabalho ao longo do desenvolvimento do estágio</p> <p>Competência em relação ao domínio do conteúdo e da turma</p> <p>Interesse da estagiária em saber questões relativas ao funcionamento da escola</p> <p>Domínio de turma da estagiária</p> <p>Cumprimento dos objetivos propostos no programa da escola</p> <p>A observação da classe antes do início do EC é fundamental para o bom desempenho do estagiário</p> <p>interesse e atenção às dificuldades dos alunos</p> <p>domínio de turma e bom relacionamento com os alunos e com a escola</p> <p>A observação inicial da classe contribui para que o estagiário não tenha tantas dificuldades</p> <p>O cumprimento de horários, a clareza nas explicações, o atendimento individualizado aos alunos, a aceitação da estagiária pela turma estão propiciando que a estagiária cumpra os objetivos da disciplina</p> <p>Domínio de conteúdo e controle da turma</p> <p>Responsabilidade</p> <p>Interesse</p> <p>Condução da classe</p> <p>Interesse da estagiária em desenvolver novas metodologias de ensino</p> <p>Estagiária procurou desenvolver metodologias de ensino que motivassem os alunos</p> <p>Interesse em ajudar os alunos</p> <p>Estagiários têm dificuldade em contornar problemas de comportamento dos alunos</p> <p>Estagiários, apesar disso, a estagiário tem procurado soluções junto à tutora para solucionar os problemas encontrados</p> <p>O desejo que os estagiários têm de desenvolver novas metodologias, às vezes, provoca conflitos entre o estagiário e os alunos</p> <p>Tutora acha necessário que a estagiária seja mais enérgica e procure agilizar um pouco mais as atividades</p> <p>Estagiário conseguiu motivar alguns alunos que não demonstravam mais interesse nas aulas</p>

	<p>Estagiário teve um bom desempenho com a recuperação de problemas e, no caso do aluno portador de necessidades especiais, teve senso crítico e buscou a solução do problema Bom desempenho em ministrar aulas Bom relacionamento com os alunos Segurança e fluência nas explicações do conteúdo bom relacionamento com os alunos bom domínio de classe e dos conteúdos bom domínio do conteúdo e de classe ênfase nos conteúdos mais importantes</p>
<p>Entrevista do tutor</p>	<p>O interesse dos estagiários pelo magistério e a excitação deles com o início da profissão motivam também os professores mais experientes E, ao mesmo tempo, aprendi bastante, porque aquela questão inicial, né? O despertar para uma nova profissão, o gosto pelo magistério. Isso, muitas vezes, o estagiário tem forte, né? Ele vem com isso bem forte. E o Márcio realmente tava com isso aí bem... (Entrev tutor GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Estagiários aliviam a carga horária dos professores Estagiários precisam de espaço para que tenham oportunidades Insegurança inicial em ceder turmas para os estagiários, sobretudo, pela pouca idade da maioria deles Professores que já receberam estagiários não criam muitas expectativas em relação a possíveis novidades que os estagiários possam trazer Acham que os estagiários não têm pulso firme com os alunos, isto é, falta experiência para estagiários em relação à gestão de classe Sempre esperam que o estagiário acrescente alguma coisa nova Espera-se que estagiários sempre tragam novidades Trabalho de estagiário sempre acrescenta alguma coisa para o professor que o recebe Pensou inicialmente que o estagiário traria novas metodologias de ensino, entretanto, percebeu que a estagiária trouxe o mesmo tipo de atividade que ela havia aprendido na universidade há muitos anos Estagiária não procurava a professora Estagiária não procurava a professora A professora acredita que não houve empatia entre ela e a estagiária A estagiária não procurou a professora ao longo do desenvolvimento do EC Não há mudanças em relação à formação inicial da estagiária e a formação que a professora teve Estagiários precisam de espaço/opportunidade É, eu acho que tem que dar, primeiramente, tem que dar oportunidade, né? Para o estagiário, também fazer a prática dele, isso que é válido (Entrev Tutor GTDACEC EnsMat 04) Os estagiários não estão sendo bem preparados pela universidade; não tem firmeza diante dos alunos Estagiários não têm experiência em controlar a turma</p>

A universidade não tem preparado bem os estagiários

E deu pra perceber que a universidade, ela não tá dando aquela base para um estagiário chegar na sala e ter aquela firmeza diante dos alunos (...) O aluno sente mais, o estagiário faz muito a vontade do aluno, daí o aluno deixa de aprender. Mas isso foi o que eu senti, né? Aí em relação a minha estagiária, ela realmente faltou, parecia que,... ela tinha muita vontade, ela se dedicava muito, ela trouxe jogos diferentes, trouxe, fez cartazes, fez uma porção de técnicas diferentes, ela fez, muito esforçada. Só que faltou pulso de segurar a turma e aí faltou aquela experiência. (Entrev Tutor GTDACEC EnsMat 04)

Estagiários chegam com muitas expectativas “sonhos”e, no caso, com muita segurança de que tudo funcionará bem. Isso dificultou o enfrentamento e a resolução das dificuldades enfrentadas

Pequena diferença de idade entre a estagiária e os alunos dificultou um pouco a gestão da classe

Grau de responsabilidade dos estagiários

Aceitação dos estagiários pela turma

Grau de segurança dos estagiários

Estagiários vêm com uma expectativa muito grande em relação à escola pública e durante o desenvolvimento do EC costumam decepcionar-se

Acúmulo de atividades dos estagiários: além do desenvolvimento do EC, precisam assistir a aulas na universidade, estudar para provas, preparar aulas para o estagiário, deslocar-se para universidade, deslocar-se para a escola

Esperam metodologias novas

Utilização de novos materiais didáticos

Aceitação do estagiário pela turma

Capacidade do estagiário de motivar a turma

Muitos estagiários vêm sem nenhuma experiência

O Paulo, assim, eu não tiro como parâmetro para os outros, até quando eu pegar outros estagiários eu não posso me espelhar muito no Paulo, né? Porque tem muitos que têm vindo assim sem experiência nem uma e o Paulo já tinha experiência, então foi por isso que eu tenho que fazer um recorte

(Entrev Tutor GTDADEC EnsFis05)

Expectativa de que os estagiários façam um trabalho diferente

Estagiários, em geral, acumulam muitas tarefas e, por vezes, deixam o trabalho a desejar

Falta de organização: o estagiário demora para anotar os acontecimentos ocorridos, provocando o esquecimento de muitos deles

Atrasos e ausências do estagiário produzem efeitos negativos na turma na medida em que ela perde a confiança nele

QUESTÃO 2

Instrumentos	<p>Que aspectos são característicos nas avaliações dos estagiários de cursos de Licenciatura sobre os professores de Educação Básica que os recebem para desenvolvimento e acompanhamento de Estágio Curricular num regime de tutoria?</p>
Parecer do estagiário	<p>Transmitem segurança e tranquilidade nos momentos de dificuldade Estão disponíveis para um diálogo permanente Como possui experiência em regência de classe, o tutor sugere modificações nas atividades o que contribui decisiva e positivamente com o desenvolvimento das atividades do estagiário em sala de aula Professor tutor sempre disponível para discussão e sugestão frente às dificuldades e imprevistos ocorridos no desenvolvimento das atividades do estagiário Experiência do tutor gera reflexões no desenvolvimento das atividades do estagiário, o qual avalia que poderia ter feito algumas atividades parecidas como as do tutor Participação do tutor na dinâmica de funcionamento da escola: entrega de boletins, por exemplo Disponibilidade para diálogo Acompanhamento em relação ao andamento das atividades Disposição em ajudar Contribuição na formação da estagiária através da longa experiência no magistério Contribuição da tutora através de sugestões metodológicas contribuem para um bom desempenho da estagiária e proporcionam segurança Disponibilidade da tutora em fornecer materiais contribui com a preparação e desenvolvimento das aulas da estagiária Atenção e disposição do tutor em auxiliar o estagiário Auxílio do professor com as questões relativas à gestão de classe: caderno de chamada, conselho de classe tranquilizaram a estagiária Inicialmente a professora se dispôs a acompanhar, auxiliar e planejar as atividades em conjunto com a estagiária, entretanto, ao longo do desenvolvimento do EC, não houve essa interação Professor não acrescentou nada para o estagiário Disponibilidade em compartilhar experiência Professora tutora auxiliou no conselho de classe Professora orientou a estagiária em relação às atividades a serem realizadas em relação à falta de atenção dos alunos Auxílio e apoio da tutora tem sido decisivo no desenvolvimento do EC da estagiária Presença, apoio, sugestões e acompanhamento dos professores são aspectos decisivos para o bom desempenho do estagiário na escola Tutora deu liberdade para o estagiário e agir, o que na opinião do estagiário facilitou em muito o processo de ingresso e aceitação dele pela turma</p>
Entrevista do estagiário	<p>Receptividade e experiência do professor tutor Sugestões do tutor de como conduzir determinadas situações em sala de aula</p>

Professor não participou de todas as atividades para as quais o estagiários o convidou
Estava sempre disponível, isto é, não assumiu outro compromisso no horário em que o estagiário dava aula
Professor tutor era o intermediário entre o estagiário e a escola; tutor explicava a dinâmica de funcionamento da escola para o estagiário
discussões constantes entre o tutor e o estagiário fizeram com o estagiário fosse reconhecido como professor
Tutor deixou que o estagiário falasse sobre a turma no conselho de classe
Esperam que o tutor os auxilie no desenvolvimento do seu EC e também contribuam com sua formação profissional no sentido de transmitir experiências para eles
A longa experiência dos professores das escolas motiva os estagiários, os quais acreditam na possibilidade de aprender com isso
O professor da escola é um apoio permanente para o estagiário
Estagiários esperam que os professores os ajudem, falando sobre o perfil dos alunos, sugerindo condutas, transmitindo sua experiência e se sentem seguros quando isso acontece
Esperava que a tutora pudesse fornecer uma dimensão do trabalho com adolescentes e dos motivos que levam alguém a optar por uma profissão tão desvalorizada como a profissão docente
Professora já se acostumou com a situação precária as escola pública e com a falta de interesse dos alunos: a tutora achava que depois de tanto tempo de serviço não valia a pena mudar, o que de certa forma fez com a estagiária pensasse na possibilidade de que isso também pudesse acontecer com ela
A experiência da tutora não contribuiu com o enfrentamento das dificuldades da estagiária na medida em que a tutora já estava acostumada com muitos dos problemas vivenciados pelas estagiária
Receptividade do tutor para com o estagiário
Quantidade de compromissos do tutor o impediam de fazer um acompanhamento periódico do estagiário
Professores com muito tempo de serviço não costumam levar atividades novas/diferentes para os alunos
Expectativa de que os professores têm muito a ensinar aos estagiários
Professor se utilizava de métodos tradicionais, assim, como o estagiário estava trabalhando com atividades diferentes das comumente utilizadas, não discutiam muito sobre atividades de ensino
Confiança na professora no trabalho do estagiário, o qual inclusive a substituiu em outras turmas quando a mesma não pôde comparecer
Interesse da professora em fazer algo novo

QUESTÃO 3

Instrumentos

Que aspectos principais caracterizam os encontros entre professores de Educação Básica e estagiários de Licenciatura e os encontros entre estagiários, professores e docentes orientadores de Estágio Curricular num regime de tutoria?

Ata T-E

Gestão de classe
Metodologia de ensino
Avaliação: sugestão do tutor em relação a instrumentos de avaliação a serem utilizados pelo estagiário
Atividades a serem desenvolvidas pelos estagiários
aproveitamento dos alunos na prova bimestral
Atividades desenvolvidas pelo estagiário
Atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário
Atividades desenvolvidas pelo estagiário
Mudança na ordem das atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário
Gestão de classe
Metodologia
Sugestão do tutor de material didático a ser utilizado pelo estagiário
Reflexões sobre Dificuldade encontradas pelos alunos
Metodologia
Conteúdos do trimestre
Instrumentos de avaliação da escola
Metodologia
Funcionamento da escola
Avaliação: rendimento dos alunos
Atividades da escola: estagiária responsável pela entrega de boletins
Conteúdo a ser desenvolvido
Metodologia de ensino
Gestão de classe: comportamento dos alunos
Avaliação: tipo de exercício das provas
Discussão de uma metodologia de ensino diferente das usuais com o intuito de melhorar o desempenho dos alunos
Gestão de classe
Discussão conjunta de metodologia de ensino
Avaliação: aproveitamento dos alunos ao final do trimestre
Gestão de classe: comportamento dos alunos
Avaliação: como corrigir exercícios

Gestão de classe: preenchimento do caderno de classe
Comportamento dos alunos
Avaliação: análise das provas dos alunos
Conteúdos a serem revisados em função do baixo aproveitamento dos alunos nas provas
Resultados do conselho de classe
Metodologia de ensino que possa chamar mais atenção dos alunos
Baixa frequência dos alunos nas aulas
Procuraram conversar com a coordenação pedagógica sobre a frequência dos alunos
Gestão de classe
Conteúdos de aula
Professora tutora fez sugestões para a estagiária em relação a conteúdos
Atividades a serem desenvolvidas
Conteúdos
Planejamento do ano
Adoção de livro didático
Conteúdos a serem adotados
Gestão de classe: comportamento dos alunos
Planejamento do estagiário
Distribuição do conteúdo de acordo com o número de aulas previstas
Avaliação: instrumentos
Avaliação da reunião com os pais dos alunos
Gestão de classe: preenchimento do diário de classe, dinâmica de funcionamento do conselho de classe
Desempenho dos alunos
Gestão de classe: comportamento dos alunos
Metodologia de ensino
Avaliação: instrumentos utilizados pela escola
Gestão de classe: comportamento dos alunos
Discussão sobre algumas dúvidas a respeito do mecanismo do regime de tutoria
Andamento das atividades em sala de aula
Participação dos alunos nas aulas: aumentou após o estagiário ter assumido a turma
Planejamento inicial do trimestres
Planejamentos do estagiário
Implementação dos planejamentos do estagiário
Replanejamento das atividades do estagiário

	<p>Aluno portador de necessidades especiais: professora (educadora especial) responsável em acompanhar o aluno no turno inverso não consegue ajudar o referido aluno com as atividades propostas, pois não tem conhecimento sobre a área disciplinar do estagiário</p> <p>Horário das reuniões</p> <p>Avaliação: discussão sobre as notas dos alunos</p> <p>Aumento das notas dos alunos</p> <p>Andamento das aulas do estagiário</p> <p>Importância da participação dos alunos no desenvolvimento das atividades do estagiário em sala de aula</p> <p>Auxílio do estagiário nas atividades extras realizadas pelos alunos</p> <p>Análise das atividades a serem realizadas pelo estagiário</p> <p>Acompanhamento do tutor: estagiário sente-se melhor sem a presença do tutor na sala</p> <p>Análise as atividades desenvolvidas pelo estagiário</p> <p>Segurança do estagiário bom relacionamento com a turma</p> <p>Discussão sobre o andamento das aulas e sobre o acompanhamento do tutor</p> <p>Implementação das atividades</p> <p>Modificações nos planejamentos do estagiário</p> <p>Reelaboração das atividades a fim de adequá-las ao número de aulas previstas</p> <p>Fechamento das notas do trimestre</p> <p>Avaliação: critérios para o fechamento das notas</p>
<p>Ata Reunião Geral</p>	<p>Definição da pauta de discussão</p> <p>Avaliação: resultado das avaliações feitas com os alunos</p> <p>Descontentamento do tutor em relação ao fato de que apenas professores efetivos participam de reuniões na escola</p> <p>Avaliação negativa do tutor em relação à falta de espaço para EC nas escolas de ensino médio da própria UFSM</p> <p>Entretanto o trabalho de tutoria está motivando outros professores a receberem estagiários</p> <p>(C) A, um dos critério já que a gente já abriu ali, agora começamos a trabalhar, eu acho assim ó, e vai ser a tendência, professore de português mesmo disse que não aceitava de jeito nenhum estagiário, agora já ela vai aceitar né.</p> <p>(C) Utilizando esse modelo que nós trabalhamos ali.</p> <p>(Reunião Geral GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Necessidade de um plano de recepção de estagiários nas escolas campo de estágio com número de vagas pré-definidas</p> <p>Tutoria como um caminho para isso</p> <p>Definição dos pontos da pauta de discussão</p> <p>Replanejamento das aulas em função de outras atividades não previstas no calendário da escola</p> <p>Instrumentos de avaliação utilizados pelo estagiário</p> <p>Notas dos alunos depois da utilização do instrumento de avaliação</p> <p>Considerações sobre o acompanhamento das aulas: tutor não considera necessário assistir às aulas do estagiário em função de que o mesmo</p>

demonstra condições de trabalhar sozinho
Reuniões entre tutor e estagiário acontecem de maneira informal: discutem aspectos relativos aos planejamentos a serem implementados pelo estagiário um pouco antes da aula do mesmo
Definição dos pontos da pauta de discussão
Avaliação: exigência de instrumentos por parte da escola
Gestão de classe: comportamento dos alunos
Conteúdo do trimestre
Aulas de reforço no turno inverso para os alunos com dificuldade
Metodologia
Desenvolvimento das atividades do EC
A tutora reportou o bom desempenho da estagiária em relação ao domínio da turma e do conteúdo
Avaliaram positivamente o acompanhamento da tutora no desenvolvimento do EC da estagiária
Gestão classe: preenchimento do caderno de chamada (diário de classe), comportamento dos alunos, avaliação (rendimento dos alunos nas provas)
Discussão conjunta e alteração dos planos de aula da estagiária
Metodologia de ensino: adaptação dos planejamentos da estagiária
Comportamento dos alunos
Tutora acredita que a pequena diferença de idade existente entre a estagiária e os alunos faz com que os alunos não respeitem a estagiária como professora
Mecanismos de condução da aula
Falta de acompanhamento de alguns professores que recebem estagiário
Colegas de escola criticam professores (no caso a tutora) por fazer um acompanhamento regular junto à estagiária
Pequena diferença de idade entre a estagiária e os alunos têm dificultado o trabalho da estagiária: os alunos não a respeitam
A tutoria tem permitido que a tutora acompanhe todo o trabalho da estagiária: a estagiária não está “solta”, sozinha na escola, como costuma acontecer com alguns estagiários
Necessidade de um tempo para a tutoria
Discussão sobre problemas com estagiários que não são acompanhados
Alguns estagiários não sabem como proceder frente a imprevistos na sala de aula
Desenvolvimento do EC
Reuniões entre T-E
Acompanhamento do tutor
Falta de experiência da estagiária em conduzir a turma às aulas
Planejamentos de aulas
Adaptação dos planejamentos de acordo com solicitação dos alunos

Avaliação: resultados das provas
Preocupação da professora em ceder uma turma menos complicada para que o estagiário pudesse desenvolver suas atividades com mais tranquilidade
Avaliação: exigências da escola, instrumentos para avaliação
Gestão de classe: tutora comentou sobre alguns problemas enfrentados por alguns alunos
Atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário
Critérios usados no replanejamento das aulas
Acréscimo de atividades para o vestibular no turno inverso ao da aula do estagiário para satisfazer às exigências dos alunos
Implementação dos planejamentos
Mecanismos de acompanhamento da tutora: encontrava com o estagiário depois que ele saía da aula
Dificuldade com a utilização de metodologia diferente da usual
Avaliação: instrumentos
Gestão de classe: problemas particulares enfrentados por alguns alunos
Falta de convite por parte da escola para a participação do estagiário nas atividades da escola
Avaliação do regime de tutoria: tutora acha que tudo depende do horário da escola também, isto é, de haver uma previsão de horário para que haja possibilidade de se reunir com estagiário.
Implementação dos planejamentos do estagiário
Reintegração de alguns alunos em função de atividades novas propostas pelo estagiário
Avaliação positiva do tutor em relação ao trabalho do estagiário
Rendimento dos alunos
Gestão de classe: condução das aulas pelo estagiário, relacionamento com os alunos
Resultados positivos da metodologia e das atividades propostas pelo estagiário junto à turma
Rendimentos dos alunos
Horário das reuniões T-E
Relato sobre a participação do estagiário em outras atividades da escola
Necessidade da participação do estagiário nas diferentes atividades da escola no sentido de integrá-lo efetivamente no contexto escolar
(A) Ele tem que participar de igual para igual como os outros, como um professor deve estar integrado...
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis03)
Resultados positivos da tutoria no desenvolvimento do EC do estagiário
Falta de formação para se trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais
Atividades desenvolvidas pelo estagiário em conjunto com o tutor
Troca de material/atividades entre tutor e estagiário: tutor assiste às aulas do estagiário e procura implementar as atividades do estagiário nas suas demais turmas
Estagiário foi solicitado para dar algumas aulas no lugar do tutor, quando este teve problemas e precisou faltar

Avaliação: valor atribuído aos instrumentos de avaliação
Gestão de classe: bom relacionamento do estagiário com os alunos, respeito da turma com o estagiário
Definição e anotação da pauta da reunião
Planejamentos e replanejamentos das atividades do estagiário
Participação do tutor nisso: discutem em conjunto, uma vez que o tutor tem realizado as mesmas atividades que o estagiário
Instrumentos utilizados na dinâmica do GTDACEC contribuem para que se observe pontos específicos nas atividades realizadas
Entretanto, reuniões semanais entre T-E são pouco viáveis dado o número de compromissos do tutor
Recepção de estagiários pelas escolas: necessidade de normas, de pessoas responsáveis em recebe-los, de percepção da escola como espaço de formação profissional para professores em formação inicial, de previsão na grade de trabalho das pessoas
E) Então, o pessoal não tem usado esse espaço como formação profissional mesmo como nas outras profissões. Você vai ser um farmacêutico ou um advogado lá no escritório de advocacia, ele não chega lá e começa a (...) tudo. E nem vão dar alguma coisa pra ele fazer, se não tiver o mínimo de orientação. Agora, pra ter orientação, aquele funcionário que orienta vai tá usando horas de trabalho, não é?
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis03)
Algumas coordenações pedagógicas têm receio em receber estagiários
Possibilidade de se fazer um projeto na escola juntamente com a Coordenadoria de Educação que possa promover uma recepção mais regrada/organizada de estagiários
Manutenção da periodicidade das reuniões T-E
Sugestão do tutor de iniciar as atividades dos estagiários nas escolas através da realização de atividade conjuntas (T-E) como de forma de auxiliar o estagiário na gestão da classe, na condução das aulas, etc.
Aceitação do estagiário pela turma
Segurança do estagiário na turma
Tranquilidade da tutora em relação ao trabalho do estagiário
Avaliação: instrumentos utilizados
Avaliação da tutora sobre o trabalho do estagiário, o qual tem promovido uma maior participação dos alunos e tem apresentado segurança e fluência na explicação dos conteúdos
Participação do estagiário nas atividades da escola: conselho de classe, entrega de boletins
Escola fez reunião inicial com todos os estagiários para explicar alguns procedimentos: preenchimento do caderno de chamadas, procedimentos a serem adotados em caso de problemas com os alunos
Explicação da tutora sobre uma possível intervenção da supervisão, caso os alunos façam alguma reclamação do estagiário
(T): É, a Supervisão vai interferir se os alunos vier reclamar dele, né, se não tão contentes, se não tão entendendo, alguma coisa assim. Aí a Supervisão chama o professor da disciplina e o estagiário pra conversar. Mas, por enquanto, está tranquilo, espero que não aconteça nada disso...
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis05)

Pontos discutidos na reunião (T-E): andamento das aulas, relacionamento com os alunos
Acompanhamento do tutor: procura verificar se os alunos estão contentes com o estagiário para evitar problemas com a supervisão
Acerto entre tutor e estagiário para que o tutor não fique na aula com o estagiário
(T): Isso. E até eu perguntei pra ele a satisfação dele de não ta sempre observando a aula dele, de não ta indo, ou se ele gostaria que ficasse sempre junto, né, e ele me disse que se sente à vontade em ficar só ele na aula e eu ir lá de vez em quando observar algum tipo de atividade que ele ta fazendo e tal.
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis05)
Mudança nos horários da escola dificultam as reuniões T-E
Tutora sentiu-se à vontade para solicitar ao estagiário que repetisse uma atividade que não ficou clara para os alunos
Formas de acompanhamento do tutor em relação ao estagiário
(T): Até a orientação da supervisão é que o professor assista sempre as aulas. Eu conversei com eles e4 disse que não e coloquei os motivos, né, que o professor que está lá na frente não vai se sentir bem que a pessoa tá ali vigiando, o aluno não vão dar credibilidade pro professor que tá ali na frente ministrando a aula, por causa que vai ter sempre um olhando o que ele tá fazendo pra apontar se tá errado, se tá certo.
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis05)
Definição da pauta a ser discutida na reunião
Tutora perguntou para os alunos sobre as aulas do estagiário
Atividades extras organizadas pela escola reduzem os períodos de aula do estagiário
Avaliação: critérios para avaliação dos alunos, instrumentos de avaliação
Pontos discutidos na reunião T-E: funcionamento da escola
(T) Há elas reclamam de tudo né, do estagiário, da aula, se tem uma aluno fora e é do estagiário, ai pronto, a culpa é do estagiário, ai chama o professor chama o estagiário. É, uma nota que tenha errado uma virgula elas chamam e ai em cima por que é estagiário.
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis05)
Tempo para acompanhamento do estagiário
(T) Esse tempo, teria que ser maior, de repente até a escola dispõe de um período do professor né e tal, pra acompanhar o estagiário. Porque a gente fica numa saia justa né, de não dar conta, no fim ta o estagiário ali dando aula, e aí tu tem que ir pra outro lugar tem que fazer outra coisa.
(T) Porque sabem que o professor ta ali livre né, porque o estagiário ta dando aula, então assim, faltou um professor, chama: _ Vai lá pega aquela turma lá.
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis05)
Atividades solicitados aos alunos pelo estagiário
Avaliação: instrumentos a serem utilizados
Solicitação da professora ao estagiário para que mantenha alguns procedimentos utilizados por ela antes de o estagiário assumir a turma
Replanejamento das aulas do estagiário

Avaliação: critérios a serem utilizados

Acompanhamento do estagiário pelo tutor: tutor tem assistido às aulas do estagiário, mas, às vezes, faz comentários e os alunos prestam atenção nela ao invés de prestar atenção no estagiário

À partir daquele dia, eu acho que eles entenderam que eles têm dois professor. Dois planejando, dois avaliando, dois ajudando e eu fui todas as aulas. Claro que procurando interferir o mínimo possível, né? Porque senão, na explicação dele eu ficava no meu cantinho, né, na última classe. Prá não, prá eles não ficar olhando prá mim em vez de olhar prá ele, que ele que tá explicando.
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis06)

QUESTÃO 4

Que dificuldades costumam ser encontradas pelos professores de Educação Básica que recebem estagiários durante o desenvolvimento e o acompanhamento de Estágios Curriculares num regime de tutoria?

Instrumentos	
Parecer do tutor	<p>não aceitação de estagiários por parte de alguns colegas em função de horários e de experiências anteriores com problemas de falta de acompanhamento por parte do orientador Indisponibilidade de horário para a realização de encontros mais longos e formais Tutora precisa intermediar as propostas de trabalho sugeridas pela estagiária com as exigências dos alunos</p>
Entrevista do tutor	<p>Rejeição de colegas em receber estagiários Insegurança em relação à preparação dos estagiários e ao desenvolvimento do estágio, à condução das atividades escolares Medo de que o estagiário fique sem o acompanhamento do orientador, isto é, fique “solto” na escola Falta de horário disponível para a realização de reuniões e acompanhamento junto ao estagiário Preocupação de que o estagiário não vai fazer um trabalho tão bom quanto o de um professor experiente Como conduzir o acompanhamento de um estagiário (dúvidas em relação a assistir ou não às aulas da estagiária Coincidência de horários com outras atividades não permitia que houvesse reuniões entre a professora e a estagiária Receio de ser observado por alguém Falta de acompanhamento por parte dos orientadores Previsão na grade de horário dos professores de tempo disponível para o recebimento e acompanhamento de estagiários de forma que seja possível fazer planejamentos e discussões com os estagiários só que a gente insiste de novo que a coordenadoria liberasse, por exemplo, duas ou três horas para isso para sentar, daí a gente tem esse tempo livre para fazer uma coisa bem feita né! Não só quando pode, se isso constasse na nossa grade de trabalho para poder fazer um trabalho bem feito, daí tu sabe que tem um horário para isto, para tu sentar e fazer isso ai, a gente muitas vezes tinha que substituir alguém, daí eu saia da sala... (Entrev tutor GTDACEC EnsFis01) Críticas dos colegas que não concordam em receber estagiários ou que recebem mas não fazem um acompanhamento adequado/satisfatório quando eu estava com a Andréia, diziam assim: mas como tu perde tempo, né, porque a gente falava e as vezes eu tinha horário vago na escola, que a gente fazia as reuniões sempre em horários vagos, né, no furo de disciplinas né, daí a gente fazia, diziam mas como tu perde tempo, daí eu dizia assim, mas é o momento da gente sentar e parar né, daí tu se sente segura, como eu já falei, as atitudes que eu tive com a Andréia no estágio, tudo que aconteceu, a gente estava tranquila, segura, segura para fazer agora se eu tivesse que tomar uma atitude com esse menino que eu to recebendo agora, eu não sei se teria essa segurança que eu tive com a Andréia, de sentar e ela se sentir segura também... Então acho que para gente é forte né... (Entrev tutor GTDACEC EnsFis01) Falta de horário para fazer reuniões com o estagiário</p>

Dificuldade em acompanhar o estagiário: o que exatamente precisa ser observado Dependem da supervisão da escola para poder receber estagiários, a qual em muitas ocasiões é contra

QUESTÃO 5

Instrumentos	<p>Que dificuldades costumam ser encontradas por estagiários no desenvolvimento de seus Estágios Curriculares e como um trabalho de tutoria pode se articular com o enfrentamento delas?</p>
<p>Parecer do estagiário</p>	<p>Dispersão comumente apresentada pelos alunos na sala de aula Carga horária da disciplina insuficiente para o desenvolvimento de todas as atividades programadas Discussão entre tutor e estagiário sobre a possibilidade de se fazer mais aulas em que sejam desenvolvidas atividades, as quais prendem mais a atenção dos alunos Dificuldades na implementação dos planejamentos em função do curto tempo destinado à disciplina Elaboração de atividades que estimulem uma participação mais efetiva e significativa os alunos em sala de aula Solução: replanejamentos constantes entre o tutor e o estagiário Insegurança em relação aos procedimentos, atitudes e posturas a serem adotadas as sala de aula Comportamento dos alunos Professora tutora fez algumas sugestões Vontade de desistir do EC em função de dificuldades com o comportamento dos alunos Tutora procurou incentivar a estagiária a continuar Equalizar a proposta de trabalho prevista com o interesse dos alunos (ensino tradicional) Tipo de atividade desenvolvida pelo estagiário: alunos têm receio de que as atividades desenvolvidas pelo estagiário não vão ajudá-los nas provas de vestibular Sugestão do tutor: conversar com os alunos sobre a importância das atividades propostas pelo estagiário Falta de interesse dos alunos Sugestão: elaborar atividades com o objetivo de despertar o interesse desses alunos mudança de horário da escola complicou as reuniões e assim houve poucos encontros entre T-E dificuldade em trabalhar com alunos especiais e adaptar a programação à carga horária disponível</p>
<p>Entrevista do estagiário</p>	<p>Timidez Resistência dos alunos à metodologia do estagiário Falta de experiência em conduzir situações inesperadas na sala de aula, como a reprovação dos alunos em relação à metodologia Tutor: fez sugestões de como agir nessas situações na primeira aula eu cheguei pronto pra desenvolver uma técnica e no início, quando eu tentei fazer uma problematização eu já vi uma certa resistência, porque eles não tinham uma... Não era um método que eles estavam acostumados e aí eu já me perdi todo, porque eu tinha preparado, eu tinha uma estratégia, eu não tinha um plano “B”, (...)E eu ia discutindo com o professor Cícero e ele ia me passando a experiência dele: “Ó, quando acontecer tal coisa, eu acho interessante que tu faça dessa forma, porque eu faço e tudo o mais”</p>

(Entrev Estag GTDACEC EnsFis04)

Ter que falar em público

“dar aula” pela primeira vez

medo da presença de um professor no fundo da sala

dar aula e ao mesmo tempo ser avaliado por alguém

Qual é a sensação... De além de eu ter que ultrapassar a barreira de falar para um grande grupo, ter um policial no fundo”. Porque eu via o professor como um policial, nada, além disso. Eu não conseguia enxergar a presença de um professor ali como algo benéfico, alguma coisa que ia me ajudar. Eu via como um policial, aonde ele ia estar com uma caneta na mão pronto pra registrar qualquer falha que eu tivesse pra que depois ele me repreendesse

(Entrev Estag GTDACEC EnsFis04)

Falta de consideração e respeito das coordenações dos cursos de licenciatura com as disciplinas de estágio alocados do Departamento de Ensino do CE

Falta de espaço na grade dos cursos tanto para a preparação quanto para o desenvolvimento das atividades de EC

Horário de EC alocado aos sábados e restante da grade destinado a outras disciplinas específicas do curso

As disciplinas de estágio, elas merecem mais respeito, então a gente vai tentar oferecer um espaço melhor, alguma coisa pra que o aluno possa desenvolver”, porque as vezes “Ah, vamos marcar o horário do curso de física”, tá, mas é um horário virtual, puxa pra sábado, então. Então vamos colocar mais uma cadeira de não sei o que lá, três naquele horário. E não se pensa que tem que ter um tempo, também, para o estágio

(Entrev Estag GTDACEC EnsFis04)

Menosprezo dos alunos em relação ao esforço, à dedicação dos estagiários e às atividades preparados para eles

Insegurança em relação à condução das atividades em sala de aula

Questões burocráticas da escola

Conduzir uma turma pela primeira vez

Falta de interação com a professora, sobretudo, em relação a um planejamento conjunto

Dificuldade em conduzir uma aula, gerenciar o tempo na sala de aula, se relacionar com os alunos

Ser estagiária

Avaliação dos alunos e da escola em relação ao trabalho desenvolvido

Carga horária muito grande: volume de atividades muito grande para o espaço de tempo disponível: preparação de aulas, reuniões (T-E), reuniões (T-E-O), aulas na escola

Ter sempre que correr atrás do tutor em função dos compromissos extras dele

Excesso de atividades a serem realizadas junto com o desenvolvimento do Ec

eu acho que é interessante mais a grande carga horária que precisa para isto ela tá meio deslocada no nosso curso, quando começa a fazer o estágio, quando tu tem que disponibilizar toda essa carga horária tu ainda tem um bando de disciplina para fazer... Então se torna bastante pesado esse semestre...

	<p>eu acho que de repente ele tomou contato com uma realidade assim, diferente da realidade de todos os estagiários que vão normalmente para os colégios, que é aquela coisa assim... Ah vai para lá e fica lá lendo, acho que ele tomou um pouco de contato com a realidade de gurizada que vai com outras propostas (Entrev Estag GTDACEC EnsFis03)</p> <p>Receio de que os vícios de trabalho de professores há bastante tempo em serviço entrassem em conflito com a forma de trabalho dos estagiários</p> <p>Receio de ser observado</p> <p>Excesso de atividades a serem desenvolvidas juntamente com o desenvolvimento do EC</p> <p>é um problema também, de certa maneira, pelo fato de ser uma experiência diferenciada as pessoas não fazem, existe uma acomodação da carga horária que tu tem para aquele semestre em função disso tu tem que te virar para dar conta de todo esses materiais que tu tem que produzir e das aulas diferencias que tem que fazer, e tudo isso é tempo extra além do que tu teria, digamos de atividades de aulas, de atividades de graduação... (Entrev Estag GTDACEC EnsFis05)</p> <p>Expectativa em relação à avaliação: professor na sala observando o aluno</p> <p>A minha expectativa era no sentido avaliativo, que ia ter uma pessoa, o prof. Eduardo colocou para nos que essa pessoa ia acompanhar a gente na aula, no sentido avaliativo, por ter um orientador na universidade e ter alguém te acompanhando lá também, não sabia como é que ia ser essa avaliação, (Entrev Estag GTDACEC EsnFis06)</p> <p>Medo de enfrentar os alunos</p> <p>Apreensão em função da possibilidade de haver conflito entre a forma de dar aula do professor e a do estagiário</p>
<p>Ata T-E</p>	<p>Implementação do planejamento</p> <p>Falta de recursos para implementação</p> <p>Tutor dispôs materiais do laboratório da escola para o estagiário</p> <p>Dificuldade na implementação de atividade envolvendo conhecimentos de outras áreas</p> <p>Sugestão do tutor de que o estagiário procure o professor da escola responsável pela área em questão</p> <p>Dificuldade em aplicar avaliação e mensurar o grau de aprendizagem dos alunos</p> <p>Dificuldades dos alunos em realizar operações matemáticas simples</p> <p>Os alunos não conseguem interpretar questões que envolvam situação-problema</p> <p>Falta de iniciativa dos alunos em ler os enunciados das questões propostas</p> <p>Falta de atenção dos alunos com a entrega de trabalhos programados</p> <p>Sugestão da tutora de que a estagiária descontasse nota dos alunos que entregassem atrasado</p> <p>Parte dos alunos não obteve a nota média na disciplina da estagiária</p> <p>Sugestão da tutora de que a estagiária converse com os alunos e/ou pais</p> <p>Pouco conhecimento dos alunos em relação a conteúdos vistos em séries anteriores</p>

	<p>Indisciplina dos alunos Tutora e estagiária decidiram procurar o SOE da escola Falta de interesse e agressividade de alguns alunos Ausência dos pais na reunião da escola Tutora comentou que com o passar do tempo a estagiária se acostumará com isso Comportamento dos alunos: indisciplina Tutora e estagiária acreditam que é necessária uma ação conjunta de todos os professores da escola Comportamento dos alunos Trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais Tutor e estagiário decidiram que o estagiário iria procurar a professora (educadora especial) que trabalha com o aluno na escola no turno inverso Número de aulas insuficientes para a implementação de todos os planejamentos do estagiário em função da greve do magistério estadual Tutor sugeriu que o estagiário selecionasse os conteúdos mais importantes Trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais Tutor sugeriu algumas dicas para o estagiário desenvolver com o aluno Conforme combinado na última reunião, procuramos a professora que acompanha o aluno portador de necessidades especiais. Relatamos a dificuldade do estagiário em trabalhar com alunos especiais e também a dificuldade do não retorno dos trabalhos individuais e avaliação do aluno. Segundo a professora, ela também tem dificuldade de trabalhar com a disciplina de física (...) Encerramos a reunião com algumas dicas por parte do professor no desenvolvimento dos trabalhos com o aluno especial (Ata T-E GTDACEC EnsFis03) Mudanças nos horários da escola prejudicam as reuniões entre T-E Dificuldades dos alunos em determinados assuntos Sugestão: falar sobre o assunto novamente e levar mais exemplos</p>
Ata Reunião Geral	<p>Insegurança em relação ao uso de materiais previstos no planejamento (nomes de autores desconhecidos) Sugestão do orientador no sentido de como resolver o problema Insegurança em relação à implementação de planejamento, em relação à condução das atividades durante a realização da aula Estagiário experimentou nova alternativa durante a aula Por que eu não consegui, eu não consegui me organizar de forma a fazer uma coisa que eu achasse certo, porque pra mim, hã, até as primeiras aulas experimentais pra mim eu tava meio assustado, eu não sabia se eu ia conseguir fazer a aula funcionar,... Ai a alternativa que eu não sei se foi a mais correta, mas a que eu achei no momento, foi de estipular que dentro do grupo deveria ter alguém responsável pela organização do grupo (Reunião geral GTDACEC EnsFis04) Dificuldade em avaliar a aprendizagem dos alunos Modificações no calendário da escola impedem a implementação de todos os planejamentos</p>

O tempo que é, parece ser o mais sério ali, porque tu prevê desenvolver um certo grupo de atividades, tu vai encontrar um problema, tu vai ter que rever depois, tu vai descolorir que mesmo assim tu vai, surgem outras, outras coisas que não estavam prevista em calendário e que apareceram momentaneamente, há vai ter tal prova, foi decidido tal isso, não sei o que o lá; e aí quando ver tu já perde outras aulas e no final das contas tu tem que replanejar o que já tinha sido planejado e (...) tenta desenvolver uma atividade sobre uma parte e dizer: ó infelizmente não tem como trabalhar essa outra parte e pronto.

(Reunião geral GTDACEC EnsFis04)

Dificuldade em lidar com a dificuldade de aprendizagem dos alunos

Sugestão: desenvolver as atividades de forma gradual (primeiro os conteúdos mais simples, depois os mais complexos)

Dificuldade em desenvolver aulas diferentes, como no laboratório de informática, por exemplo

Aceitação da turma em relação à metodologia de ensino da estagiária

Tutora sugeriu modificações nos planejamentos e na metodologia de forma a satisfazer os interesses dos alunos

Falta de respeito da turma com a estagiária

Tutora tem permanecido nas aulas junto com a estagiária

Falta de interesse dos alunos

Tutora sugeriu que fizesse negociações com os alunos e que, em alguns casos, não há mesmo o que fazer

Alunos reclamaram do trabalho da estagiária para a supervisão, a qual não sabia que a estagiária estava sendo acompanhada regularmente pela tutora e que esta estava inclusive assistindo às aulas da estagiária

(A) E eu falei: mas como que eu vou vir aqui se a senhora não sabe o que acontece na minha sala de aula, não tinha conversado comigo antes e já veio falar um monte de problemas que eu estou tentando solucionar com a Vanir que sabe bem o que está acontecendo, ela disse: Ah, ela me pediu desculpa, ela não sabia que eu conversava com a Vanir, e que ela só tinha visto o lado dos alunos, que os alunos tinham ido lá e ela não sabia o quê que eu tava fazendo para arrumar as coisas...

(reunião Geral GTADCEC EnsFis01)

Imprevistos ocorridos na escola alteram os horários dos estagiários, os quais são avisados pouco antes das aulas começarem

Falta de tempo para os estagiários participarem mais na escola

Insuficiência de carga horária para o desenvolvimento das atividades previstas para a disciplina

Falta de condições financeiras dos alunos para aquisição do material didático proposto pelo estagiário

Falta de recursos didáticos na escola

Solicitação de providências à direção

trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais

Professora que atende o aluno portador de necessidades especiais no turno inverso não tem conhecimento sobre a área disciplinar do estagiário e, por isso também tem dificuldade em ajudar o aluno com as atividades propostas

Orientador sugeriu que alunos do curso de Educação Especial da UFSM poderiam ficar na sala de aula com o aluno, pois também precisam fazer estágio e essa seria uma boa oportunidade

Tutor disse que levaria a sugestão à direção

Mudanças nos horários da escola impedem a implementação de todos os planejamentos dos alunos
Expectativa em relação à aceitação e ao respeito da turma pelo estagiário
Programação da escola troca de horários das aulas, a qual era comunicada sem muita antecedência
Tratar a existência de um aluno portador de necessidades especiais na turma
Tratar a redução drástica da carga horária
Tratar a orientação geral da escola de preparação para o vestibular e a atividades propostas
Tratar a falta de integração de alguns alunos na turma
Dificuldade do estagiário em trabalhar com alguns materiais didáticos
Solução: procura auxílio em livros que possam ajudá-lo
Dificuldade do estagiário em trabalhar com alguns materiais didáticos
Solução: procura auxílio em livros que possam ajudá-lo
Estagiário é solicitado pela escola a adiantar o seu período de aula em função da ausência de outros professores
(P) Ai tu sai da aula meio quebrado , não consegue chegar por exemplo o, o meu período normal na quinta feira é das dez e vinte até meio dia né. Só que derrepente, há, o professore fulano de tal não vem , daqui a pouco tu, tu dormindo em casa, há, tem que dra um aula daqui a vinte minutos, ai.
(Reunião Geral GTDACEC EnsFis05)

QUESTÃO 6

Instrumentos

Que aspectos são característicos nas avaliações sobre o desenvolvimento de Estágios Curriculares em regime de tutoria feitas pelos diferentes atores – docentes orientadores de EC, professores de EEB e alunos de curso de Licenciatura - envolvidos nesse processo?

Parecer do estagiário

Compreensão maior da realidade escolar
Aquisição de postura profissional
Em nossas discussões, compreendo cada vez mais a realidade escolar e adquiero uma postura mais profissional.
(Parecer Estag GTDACEC EnsFIs04)
Reconhecimento positivo por parte dos alunos em relação ao trabalho conjunto realizado pelo tutor e pelo estagiário
Presença do orientador qualificou o EC, o qual desenvolveu-se de forma organizada
Orientador deu suporte para o pleno desenvolvimento das atividades do estagiário
qualifico positivamente o trabalho do professor Eduardo no GT, pois além de organizar e qualificar o estágio supervisionado está sempre pronto e disposto ao auxílio do estagiário com suporte material e teórico;
(Parecer Estag GTDACEC EnsFIs04)
Acompanhamento/reuniões têm contribuído para o bom desempenho da estagiária
O acompanhamento da tutora tem colaborado para os procedimentos as serem adotados pela estagiária em relação à gestão de classe
Possibilidade de discussão sobre a preparação das aulas
O acompanhamento da tutora tem proporcionado uma formação satisfatória para a estagiária
Não funcionou muito bem uma vez que a estagiária não tinha dúvidas em relação ao desenvolvimento das atividades de EC
O acompanhamento da tutora no sentido de sanar dúvidas, a sugestão de alternativas para a solução dos problemas enfrentados têm contribuído para o bom êxito do estagiário
Oportunidade para a tutora fazer sugestões e para trocar atividades a serem realizadas
Oportunizou a discussão dos problemas enfrentados pela estagiária bem como possibilitou que a tutora fizesse sugestões
Em resumo, a tutoria está sendo fundamental para a realização do estágio, porque, todas as discussões que temos me ajudam a ir mais confiante para as aulas, afinal vou sabendo que por mais problemas que apareçam posso contar com ela para buscar soluções.
(Parecer Estag GTDACEC EnsFis01)
Oportunidade para o estagiário ter contato com o cotidiano da escola: tutor, durante os encontros, explicou sobre o funcionamento do conselho de classe e da reunião de pais, atividades das quais a estagiária teria que participar pela primeira vez
Oportunizou um espaço para que a estagiária pudesse compartilhar problemas de gestão de classe com a tutora bem como discutir os planejamentos de aula
Permite a reflexão e a previsão da prática pedagógica
mecanismo de reflexão e troca de experiência sobre a prática de sala de aula
Caminho para amenizar ou resolver os problemas enfrentados pelo estagiário

Entrevista do estagiário	<p>Permite a aproximação do orientador com o tutor</p> <p>Não caracteriza o estágio como um processo invasivo em que o orientador desempenha o papel de fiscalizador do estagiário, assistindo às suas aulas no fundo da sala</p> <p>Evita constrangimentos para o estagiários, na medida em que as questões relativas ao desenvolvimento das aulas são discutidas em um momento destinado a isso</p> <p>Eu tenho colegas que têm professor que vai na sala de aula, fica constrangendo ele lá, interrompem ele no período de aula, corrige o aluno, interferem diretamente, usam um método bem invasivo. Outros professores que não dão simplesmente a mínima, tu tá totalmente solto, tu pode fazer o que tu quiser.</p> <p>(Entrev Estag GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Em função da dinâmica de funcionamento, permite ao orientador acompanhar e ter conhecimento sobre os estágios de todos os seus orientandos, dado que em muitas ocasiões as turmas de estágio são grandes</p> <p>Eu achei bem interessante, porque tem uma proximidade muito grande do professor do ensino superior com o professor do ensino médio, de forma que na escola não tem como o professor, o professor Eduardo, por exemplo, tá em todas as escolas nos horários de aula lá, pra supervisionar se os alunos tão fazendo isso ou aquilo</p> <p>(Entrev Estag GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Proporciona o contato direto do tutor com o orientador, isto é, não como os estagiários forjarem informações sobre seus estágios, como ocorre em alguns casos</p> <p>Quem vai estar muito próximo do aluno é o professor do ensino médio, então ele tem que ter um canal direto com esse professor, ele tem que conversar de forma que o professor do ensino médio não vai... A ponte não vai ser o aluno, o aluno diz o que quer para o professor aqui da universidade. “Ah, tá acontecendo assim”, Para o do ensino médio “Ah, a coisa acontece dessa forma, não precisa tudo isso”. E aí tu tem uma visão mais próxima do que realmente tá ocorrendo na escola, se não vira uma fantasia.</p> <p>(Entrev Estag GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Muito trabalho em relação ao preenchimento dos instrumentos propostos</p> <p>A tutoria mudou a visão do tutor em relação ao trabalho com estagiários</p> <p>Proporciona interação e segurança</p> <p>Possibilidade a tomada de consciência em relação ao respeito e a possibilidade de aprendizagem com pessoas mais experientes</p> <p>A troca de experiência com o professor nas reuniões do GT enriquece o trabalho dos estagiários</p> <p>Tutoria: proposta positiva para o desenvolvimento do EC na medida em que procura aproximar estagiários e professores de EEB</p> <p>Possibilidade de sanar dúvidas do estagiário, sobretudo, em relação à gestão de classe</p> <p>O horário fixo para encontros entre tutor e estagiário proporciona segurança para os estagiários, os quais sabem que há um horário previsto para conversar com o professor</p> <p>Oportunidade para aproximar/trocar as atividades que os estagiários desenvolvem na universidade com as atividades desenvolvidas pelos professores nas escolas</p> <p>Oportunidade para aprender gerenciar uma classe</p>
--------------------------	---

Oportunidade de esclarecimento sobre as questões relativas à escola: contexto da escola e dos alunos) e sugestões de como agir dentro do reerido contexto

A professora não acompanhou efetivamente a estagiária, mesmo assim a estagiária acredita que pôde trocar alguma experiência, sobretudo, no que diz respeito à metodologia de ensino (estagiária acha que levou atividades que podem ser usadas pela professora)

Acredita que motivou um pouco a professora a realizar atividades diferentes (fazer mais trabalhos em grupo com os alunos)

A estagiária acha que aprendeu questões referentes à gestão de classe: como conduzir a turma em dia de avaliação, por exemplo.

Proporciona o contato com o cotidiano da escola, sito é, algo que a universidade não pode proporcionar

Oportunizou uma maior interação da estagiária com os alunos e com a escola

O acompanhamento conjunto da tutora e da orientadora superou as expectativas em relação ao desempenho da estagiária

Pode discutir questões de conteúdo, de como conduzir a aula

Proporcionou à estagiária a aprendizagem de algumas condutas, tais como: como entrar em uma sala de aula, com se comportar frente ao aluno, como organizar, preparar a aula, em que momento se pode brincar, em que momento é necessário seriedade, qual é o melhor jeito para os alunos aprenderem, o que se pode fazer para eles aprendam mais

Oportunidade de discutir aspectos da profissão escolhida pela estagiária com alguém com experiência nisso

Possibilidade de ser recebida por alguém na escola, de trocar experiências e idéias com a tutora e certeza de não estar sozinha na hora enfrentar e resolver problemas na escola

Poder colaborar com a tutora no sentido de também dar sugestões para os problemas enfrentados

Oportunidade para conhecer uma experiência de desenvolvimento de EC diferente das comumente utilizadas pela maioria dos docentes orientadores de EC para poder, posteriormente, estabelecer comparações, fazer avaliações, etc.

Oportunidade para ir melhor preparado para a sala de aula no caso de possíveis questionamentos ou comportamentos/atitudes dos alunos

Oportunidade de aprender com um professor experiente, de pode ir preparado para a sala de aula, inclusive para possíveis imprevistos

ele é tri experiente, entendeu, então teve muitas coisas que eu levei para ele, em função de atividade, que ele já me apontou assim, toma cuidado que isso aqui pode não funcionar assim , o pessoal vai fazer esse tipo de pergunta em aula, eles vão levantar essas questões , então toda essa experiência ele acabou me passando, entendeu, através daquela atividade que tava programada, por exemplo, como é que, pela experiência dele, como é que os alunos iam recebendo aquela atividade, para mim ir indo já com uma outra versão já, para ir remodelando ela para a realidade dos alunos, entendeu, acho que a experiência dele assim, contou bastante,
(Entrev Estag GTDACEC EnsFis03)

Maior contato com a realidade

Oportunidade para fornecer subsídios didáticos para o tutor diferentes dos comumente utilizados por ele

Poder mostrar para o tutor que é possível fazer um trabalho diferente e positivo com estagiários

Instrumentos do GTDACEC obrigam que os encontros T-E aconteçam, entretanto, é mais desgastante que as formas tradicionais de acompanhamento de EC

Possibilitou a interação do estagiário com uma professora em serviço, a qual situou o estagiário no contexto escolar de forma que ele pudesse se sentir como um “professor”

	<p>o outro professor via o estágio de uma maneira que eu nem sei se é a maneira tradicional, ele ia comigo na escola, ficava lá com ele na escola, os professores não falavam comigo lá dentro, eu tinha contato com ele, que me levava lá e com a supervisora da escola, quer dizer, eu nunca tive contato real com a escola, que era o objetivo do primeiro semestre de estágio, no segundo semestre eu fui para a mesma escola, só que com o prof. Eduardo é o seguinte, ele disse vai lá na escola, fala com a mulher, levei uma carta de apresentação, ele marcou uma reunião lá, depois disso, quem me acompanhou dentro da escola foi a professora Sandra, que no caso eu fiz o meu estágio 2, bom daí eu era o estagiário da professora Sandra na escola né, quando eu comecei a perceber a diferença no tratamento dentro da escola em relação a mim, isso ai me motivou também a continuar o estágio (Entrev Estag GTDACEC EnsFis06) Proporciona mais autonomia ao estagiário no sentido de ter de preparar as atividades, mostrá-las para o tutor, discuti-las e estar preparado para interagir com ele</p>
<p>Parecer do tutor</p>	<p>Possibilidade de inserção do estagiário no campo escolar Contato com os problemas do cotidiano de uma escola e com as possíveis formas de resolvê-los Possibilidade de troca de experiências em relação ao uso de novas metodologias de ensino as reuniões do grupo de trabalho, isto vem a contribuir para que o estagiário se sinta entrosado no ambiente escolar, tornando possível a convivência com problemas do dia a dia de uma escola e como solucioná-los, é o momento de trocas de experiências e comentários de maneiras diferentes de abordagens de novos temas. O ponto positivo é a boa preparação do estagiário que é um fator muito importante na realização do estágio. (Parecer do tutor GTDACEC EnsFis04) Possibilidade de solução para os problemas em relação a não aceitação de estagiários nas escolas Mecanismo que proporciona um espaço para discussão da aulas dadas e a serem dadas pelo estagiário e para buscar a solução dos problemas enfrentados Possibilidade para o desenvolvimento satisfatório do estágio no que diz respeito à escola: estagiário acompanhou todo o processo escolar da turma (conselho de classe, elaboração de avaliações, resultados das avaliações, planejamento de aula, replanejamento em função de mudança de calendário da escola ou para estimular os alunos, etc) Tutora considera importante sua participação no desenvolvimento do EC Sente-se contente em ter alguém (estagiária) para trocar experiência e buscar soluções para os problemas comumente enfrentados A tutora considerou o mecanismo da tutoria importante uma vez que o professor titular da turma deve ter uma participação efetiva junto ao estagiário Possibilidade de reflexão, estudo e troca de experiência com o estagiário Oportunidade para expor idéias, ouvir, acrescentar na sua prática sugestões metodológicas Oportunidade de aprender novas metodologias de ensino Possibilita a integração entre o professor e o estagiário para troca de experiência e para o diálogo sobre questões referentes aos alunos Oportunidade para o estagiário sanar dúvidas com o professor Proporcionou um espaço para a busca de soluções para os problemas enfrentados pela estagiária</p>

	<p>Tutora tem podido fazer sugestões em relação à condução das aulas da estagiária</p> <p>Tutora tem podido perceber as dificuldades da primeira experiência profissional de um professor em formação</p>
Entrevista do tutor	<p>Proporciona o contato da escola com a universidade e garante o acompanhamento do orientador</p> <p>Superou as expectativas e as inseguranças do tutor em relação a estagiários</p> <p>Permitiu o engajamento/acompanhamento do tutor no desenvolvimento do estágio e a possibilidade de interação não só com o estagiário, como também com orientador</p> <p>Permitiu mostrar aos demais colegas que é possível fazer um bom trabalho com estagiários</p> <p>E foi uma das maneiras que a gente trabalhou aqui na escola, também, mostrando que era possível trabalhar com estagiário, né? E que o estagiário não simplesmente não chegava e ficava solto na escola, né? Como o pessoal tinha esse receio.</p> <p>(Entrev. tutor GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Novas experiências para o tutor</p> <p>Espaço para discussão dos sistemas de avaliação, da maneira, do procedimento que o estagiário adotaria em sala de aula</p> <p>Possibilidade de interação e troca de experiência e/ou aprendizagem com o orientador na medida em que o mesmo questionava sobre os problemas, tentava fazer com que todos buscassem soluções para os problemas enfrentados</p> <p>E vi assim, como positivo, né? A questão de a gente estar sempre discutindo os sistemas de avaliação, a maneira, o procedimento que ele adotaria em sala de aula, né? Nos grupos e nas discussões dentro do grupo de tutoria o Professor Eduardo sempre, de alguma maneira, questionando, né? E fazendo com que a gente procurasse ter soluções positivas</p> <p>(Entrev. tutor GTDACEC EnsFis04)</p> <p>O regimento e a estrutura das reuniões permitiu o registro dos acontecimentos logo que eles ocorreram, isto é, não houve perda de informações como normalmente ocorre quando se deixa para registrar os acontecimentos apenas no final do estágio</p> <p>Solução para o preconceito que alguns professores têm em receber estagiários</p> <p>que se toda vez que o estagiário viesse numa escola pra tentar um estágio, ele fizesse uma proposta como essa de tutoria. A situação seria bem diferente em relação ao preconceito que o pessoal tem com o estagiário, né?</p> <p>(Entrev. tutor GTDACEC EnsFis04)</p> <p>Solução para a insegurança em relação ao desempenho do estagiário em sala de aula</p> <p>As discussões não acrescentaram nada de importante para a tutora</p> <p>Experiência diferente que pode acrescentar algo para o professor que participa</p> <p>A tutora pode contribuir com o estagiário, especialmente, em relação à metodologia de ensino</p> <p>É uma possibilidade de aprendizagem para o professor</p> <p>A professora não entendeu a dinâmica da tutoria, pensava que toda a avaliação e acompanhamento do EC deveria ser feito pela orientadora</p> <p>Pensou que sua participação era só no sentido de verificar se estava ocorrendo tudo bem em relação ao comportamento dos alunos, transmissão do conteúdo, aceitação da estagiária pelos alunos</p> <p>Permitiu que a estagiária estivesse sempre em contato com a tutora sanando dúvidas, discutindo metodologia de ensino</p> <p>Oportunidade para participar de um projeto da universidade, a qual sempre tem algo novo para oferecer</p>

Oportunidade para tomar conhecimento sobre o que esta sendo feito na universidade em termos de ensino
Oportunidade para aprender alguma coisa nova
O acompanhamento através da tutoria permite que o estagiário se sinta melhor dentro da escola, não fuja da filosofia da escola e faça um bom trabalho de forma que o professor possa continuar o trabalho mais tarde (depois da saída do estagiário) sem maiores problemas
Permite que o tutor controle o estagiário no sentido de verificar se está ou não trabalhando o conteúdo
Permite que o estagiário se aproxime de questões metodológicas: como desenvolver o trabalho na escola, por exemplo
Certeza de que o orientador vai participar do desenvolvimento do EC do estagiário
Permitiu a tomada de decisões em conjunto sem constrangimentos para nenhuma das partes
Oportunidade para expor a realidade da escola e confrontá-la com a realidade e as expectativas criadas pelos futuros professores ao longo da formação inicial da universidade
Possibilidade de aprender coisa novas, de pode ajudar o estagiário, de receber um estagiário com mais segurança
Possibilidade de discutir questões relativas à gestão de classe
Oportunidade de acompanhar todo o trabalho do estagiário
eu to substituindo um novo professor agora né, e tem estagiário que eu ainda não conheço, não converso, não sento com ele assim, ainda em função da adaptação, mas é um processo bem diferente, ele tá sozinho em sala de aula, não tenho noção... Daí eu percebo que quando eu estava com a Andréia eu tava segura, que eu sabia o que tava fazendo né...
(Entrev Tutor GDACEC EnsFis01)
Oportunizou um crescimento para a estagiária na medida em que ela pôde conviver bastante com a tutora, a qual lhe transmitiu informações sobre como se relacionar melhor com os alunos e como conduzir os problemas relacionados a eles
Possibilitou a reflexão sobre o trabalho desenvolvido pela tutora ao longo da carreira, promovendo uma revisão de alguns conceitos e a percepção da importância de alguns procedimentos como maior organização, reorganização de alguns aspectos da área disciplinar, necessidade de mais estudo, de nova metodologias de ensino
V: É, eu aprendi sim, porque a gente revê alguns conceitos que a gente tem, tem que organizar mais às vezes, tem que voltar e reorganizar a disciplina da gente, porque às vezes a gente já tá, dez, doze anos de magistério, vinte e quando tu vê já entra no ritmo e esquece, então isso fez com que a gente estudasse, procurasse algumas alternativas novas, assim, algum tipo de atividade diferenciada, isso contribuiu...
(Entrev Tutor GDACEC EnsFis01)
Segurança para receber estagiários
Possibilidade de participar de um projeto de um docente universitário
Possibilidade de trabalhar com um novo tipo de metodologia de ensino
Oportunidade para aumentar o grau de motivação dos professores (estagiários motivam os professores a desenvolver novas atividades/metodologias)
O dinamismo de que a gente as vezes vai perdendo com o tempo, então é e aí... “Não, professora, vamos fazer assim ó, vamos tentar um experimento na sala de aula”. “IH, Jairo, tu vai perder teu tempo, tu vai pegar água no deserto”, né? E daí a gente fazer e vê

que dá certo, né? Então essas coisas que eu acho que foram muito positivas. Foi um trabalho muito bom, muito positivo, muito bom.

(Entrev tutor GDACEC EnsFis02)

Possibilidade para aprender coisas novas com alguém que vem da universidade (no caso o estagiário)

Possibilidade de utilizar o material do estagiário e discuti-lo previamente

Experiência nova

Possibilidade de evolução e aperfeiçoamento para quem está há bastante tempo em serviço

Possibilidade de contato permanente com as novidades da universidade, inclusive, com a própria evolução do EC

Espaço para que o estagiário aprenda sobre o funcionamento da escola, sobre como agir na sala de aula

o meu estágio na universidade foram 16 horas, eu tive 16 horas frente ao aluno só isso, eu lembro que eu fui nomeado professor, e na minha primeira, como professor mesmo, não como estagiário, não sabia muita coisa não, não sabia porque eu não sabia mesmo, eu não tive experiência, eu não tive treinamento e eu acho que para quem vai ser professor, vai estar frente ao aluno, tem que ter um treinamento,... ele tem que conhecer o aluno que ele vai trabalhar, e a única maneira que tem de conhecer o aluno e a diversidade dentro de uma escola é sendo efetivo dentro da escola,... O professor tem que aprender na escola mesmo.

(Entrev tutor GTDACEC EnsFis03)

Possibilidade para pensar em outros métodos de ensino, para ver outra pessoa dando aula (estagiário)

Poder levar coisas novas para os alunos (no caso o tutor)

Possibilidade de ver que há outras maneiras de se trabalhar em sala de aula, sobretudo, em relação para motivar mais os alunos, algumas maneiras inclusive melhor que as comumente utilizadas

ele conseguiu trazer de volta alguns alunos que já tinham praticamente desistido de serem aprovados, infelizmente, com a minha maneira que eu estava dando aula, e o Luiz, ele conseguiu trazer de volta esse aluno, conseguiu que ele tivesse bom rendimento

(Entrev tutor GTDACEC EnsFis03)

Oportunidade para ver a importância de se planejar a aula, de se ter uma programação prévia daquilo que se pretende trabalhar

Permite uma aproximação com o orientador docente universitário

Permite ajudar o estagiário

trabalhar junto

Oportunidade para contribuir com o trabalho do estagiário

Poder discutir o que ela vai trabalhar

Aí tinha coisa que também ele fazia e depois eu ensinava pra ele, viu, como isso foi pesado, foi forte... porque se o estagiário vem com tudo pronto e não tem aquela discussão antes aí fica complicado, né? Porque a gente conhece mais a turma do que eles, como o desempenho, como o eles estão, como eles estão indo. Isso eu acho importante o Eduardo deixa isso bem claro...

(Entrev Tutor GTDACEC EnsFis05)

Tranquilidade para receber um estagiário

eu fiquei bem mais tranqüila em trabalhar com os estagiários, também. E eu acho bem melhor trabalhar assim do que os anos

anteriores. Só comigo e não tinha ninguém auxiliando eles, então, pra mim, essa parte foi bem melhor de ajudar o estagiário sabendo que tem um lá que tá sempre observando e conversando e perguntando sobre o trabalho.

(Entrev Tutor GTDACEC EnsFis05)

Possibilidade para o tutor avaliar seu próprio trabalho

dentro desse trabalho de tutoria eu aprendi, assim, a avaliar o meu trabalho, porque no momento que tu observa uma pessoa aí tu vê o que ela está fazendo e tu pensa no que tu faz também, aí tu começa a te avaliar,

Eu podia ter dito isso e não disse. Olha, ele comentou uma coisa que eu achei interessante. Ele poderia ter dito isso, eu falei na outra turma e foi legal. Então isso a gente começa a fazer.

(Entrev Tutor GTDACEC EnsFis05)

Possibilidade de ter contato com as propostas de ensino da universidade

Permitiu que o estagiário ficasse mais tempo dentro da escola, isto é, acompanhasse uma turma durante um tempo maior que o de costume **o estágio passou de três meses para seis meses, que o estagiário acompanha o aluno por mais tempo, não um período assim, que eles acham que é um período, então não, é meio ano que eles tem responsabilidade de ajudar o professor a ensinar vocês e eles de ensinar vocês, e nos de ajudar eles, todo mundo se ajudar, então ficou assim, uma coisa mais seria, pro aluno, pro estagiário e pro professor eh...**

(Entrev Tutor GTADCEC EnsFis06)

Muitos instrumentos para preencher

acabava sendo pior do que um planejamento demorava muito mais tempo para fazer relatório do que para planejar, nós perdia menos tempo planejando, discutindo aula e conteúdo tudo e tudo, do que aquela papelada toda, isso cansou, ai até afastou um pouco a possibilidade de pegar estagiário esse ano, como eu estou com outros compromissos eu não quero porque eu sei que vou perder, perder não gastar um tempo enorme em função da burocracia, isso tem que ser simplificado.

(Entrev Tutor GTDACEC EnsFis06)

Proporcionou uma oportunidade para que a professora pudesse discutir questões de sua área disciplinar com alguém

Pôde transmitir aspectos genuinamente encontrados no ambiente escolar

E: Eu acho que ensinei assim ó... Muitas coisas que vem do dia a dia, que a gente aprendeu, que eu aprendi com a prática, que selecionar melhor os conteúdos, digamos a prioridade, quais são os mais importantes, pensar muito bem a ordem,...

(Entrev Tutor GTDACEC EnsFis06)

Parecer do Orientador

Inicialmente a tutoria proporcionou somente a discussão de aspectos relacionados à gestão de classe, metodologia, instrumentos de avaliação

Gradualmente a tutoria fez com a tutora também percebesse a necessidade de ajudar a estagiária no sentido de buscar soluções conjuntas para as dificuldades encontradas

Evolução em termos de acompanhamento da tutora junto à estagiária

Permitiu a troca de experiência: discussão sobre planejamentos A tutora fez sugestões bem como se preocupou em ajudar a estagiária nas questões relativas à gestão de classe Oportunizou que a estagiária tomasse conhecimento sobre o desenvolvimento do conselho de classe: o que fazer, que informações levar Proporcionou que a tutora tivesse conhecimento sobre as atividades desenvolvidas pela estagiária bem como sugerisse encaminhamentos para os problemas enfrentados
